

TAMIRES BARCELLOS

A Redenção do

Rei

Duologia O Rei

Eis aqui o seu Rei, submetido ao seu amor, à espera da Redenção



A Redenção do Rei

*Eis aqui o seu Rei,
submetido ao seu amor, à
espera da Redenção.*

Copyright © 2016 Tamires
Barcellos

Capa: Tamires Barcellos
Revisão: Valéria Avelar
Diagramação Digital: Tamires
Barcellos

Esta é uma obra de ficção. Seu
intuito é entreter as pessoas.
Nomes, personagens, lugares e
acontecimentos descritos são
produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com nomes,
datas e acontecimentos reais é mera
coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova
Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento
e/ou a reprodução de qualquer
parte dessa obra, através de
quaisquer meios — tangível ou
intangível — sem o consentimento
escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sinopse

O que o Rei Dominick Andrigheto Domaschesky tanto temia, aconteceu. A mulher que amava havia descoberto toda a verdade que ele escondia e seu casamento estava prestes a ser destruído.

Mas ele a amava. A amava mais do que um dia poderia imaginar e iria lutar com todas as suas forças para reverter aquela situação. Sabia que ela estava arrasada, magoada e o odiava naquele momento, mas ele

era mais forte e muito mais teimoso do que qualquer sentimento contrário ao seu amor.

Daquela vez, ele não iria passar por cima de coisas certas para ter o que queria. Ele iria passar por cima de si próprio, passar por cima de seu jeito arrogante, de sua ignorância, de seu caráter e viraria um outro homem.

Um Dominick perfeito e pronto para ser redimido.

Que lutaria pelo amor da sua vida.

Prólogo

Por Giorgio de Piel – 27 de outubro de 2015

Ducentésima Nonagésima
Primeira anotação.

Um novo ciclo se iniciou.

Dominick errou, tropeçou e agora, está no chão. Seria correto um homem que nunca teve carinho, amor e proteção, sofrer tanto quando justamente começou a amar pela primeira vez em sua

vida?

Talvez não fosse justo.

Mas, como tanto falei, recebemos as consequências de nossas escolhas e ela pode tardar, mas sempre virá. As consequências chegaram para Dominick. Ele teve a oportunidade de mudar tudo enquanto estava em seus dias felizes, mas optou por continuar na mentira.

Agora suas mentiras foram jogadas por terra e a verdade está cobrando seu preço.

E sua amada, com o gosto amargo de ser enganada ardendo em sua boca, não acredita em uma

forma de perdoá-lo. Está magoada, arrasada, devastada e se sente preparada para tudo.

Não consigo prever um final, mas sei como tudo vai se encaminhar. Muita dor os espera e só me resta torcer para que a redenção chegue para ambos.

Que Dominick consiga ser perdoado.

E que Kiara consiga o perdoar.

Capítulo 1 – Dominick

*Quando olho em seus olhos
É como observar o céu de noite
Ou um belo amanhecer*

*Não desistirei de nós
Mesmo que os céus fiquem
violentos
Estou lhe dando todo o meu
amor.*

I Won't Give Up. (Jason Mraz)

10 de abril de 2015 – Moscou,
Rússia

Terminei de colocar minhas abotoaduras de ouro e me olhei no espelho, passando a mão de leve pelo meu cabelo. Estava há dias na Rússia e finalmente, havia chegado o grande dia. Segundo Dimir, aquela era a noite em que eu voltaria para o hotel convicto de que tinha a Rainha perfeita para levar a Orleandy.

Esperava que ele estivesse certo.

Coloquei meu relógio, ajeitei o terno e sai do quarto, encontro Dimir no corredor vazio. Parou de andar ao me ver e juntos, fomos em

direção ao elevador. Ele era meu melhor amigo e confiava nele, mas não estava confortável com aquela situação de escolher uma mulher para me casar.

Era o cúmulo. Eu, que sempre tive a convicção de que seria um homem livre, de que jamais cairia de amores por uma mulher, jamais ficaria como meu pai, um louco de amores por uma mulher, agora me via obrigado a me casar.

Mas não tinha muito o que fazer. Talvez fosse realmente bom ter uma mulher ao meu lado, seria ótimo para minha imagem e para imagem de Orleandy.

Percebi que aquele era o primeiro sacrifício que eu fazia pelo meu país.

— Ansioso? — Dimir perguntou, virando-se para mim.

— Entediado. Não aguento mais ficar aqui.

— Pare de reclamar. Deveria estar agradecendo.

— Por estar prestes a ser amarrado a uma mulher estranha apenas para satisfazer o ego de Orleandy?

— Você está com um humor horrível! — Falou e eu revirei os olhos, cansado.

Descemos direto no

estacionamento privado do hotel e entramos no carro que nos levaria a *Black House*. Dimir já havia me explicado como eram as coisas, mas fiquei impressionado com a estrutura do lugar quando o carro parou em frente a grandes portões negros de ferro.

Depois de sermos identificados e liberados, entramos e olhei ao redor, sério, mas curioso. O caminho pavimentado nos levava a uma imponente mansão ao fundo, com estrutura em pedras e arquitetura totalmente pontiagudas. Para quem não conhecia, aquela era apenas uma propriedade privada de

um homem muito rico.

Para nós, bilionários imersos em um mundo negro que poucas pessoas tinham o privilégio de conhecer, aquela mansão abrigava a compra e venda de mulheres. Devo confessar que quando Dimir me contou o que tinha em mente, pensei duas vezes em ir até ali. Nunca precisei pagar uma prostituta para me satisfazer, então, por que diabos eu compraria uma mulher para me casar?

Mas, então, motivos fortes me fizeram enxergar que aquela era a melhor opção que eu tinha.

Eu não iria apenas comprar uma

mulher.

Eu iria comprar uma mulher que tinha a mente em branco, para que eu pudesse moldar da forma que eu quisesse. Melhor do que ter uma mulher submissa, que estava disposta a fazer todas as minhas vontades, era ter uma mulher totalmente dependente. Porque é isso que ela seria, totalmente dependente de mim e das minhas vontades, faria o que eu mandasse e estaria sempre disposta a me servir.

Eu não poderia escolher uma esposa melhor.

No hall, um homem vestido em um terno azul escuro e usando luvas

brancas, começou a andar na nossa frente, indicando o caminho. A decoração era luxuosa e objetiva, nada enfeitado demais ou simples demais. Havia muito objeto em ouro, quadros raros e caros nas paredes e móveis de madeira pura.

Depois de andarmos por um imenso corredor, o homem de luvas brancas, cujo uma plaquinha em seu peito, estava escrito seu nome, Harry, parou em frente a uma porta e deu dois toques, abrindo-a em seguida. Um escritório se revelou para nós e três homens se reuniam ali, dois deles tomando uísque e fumando charuto.

— Senhores. — Apontou e Dimir entrou antes de mim, familiarizado com o lugar.

Entrei em seguida e a porta se fechou atrás de nós. O homem barrigudo atrás da mesa acenou para nós com o charuto entre os dedos e os dois da frente se levantaram, apertando nossas mãos.

— É um prazer revê-lo, Dimir. — Falou com um forte sotaque russo, depois de repousar seu charuto no cinzeiro.

— Igualmente, Pavlo. — Dimir respondeu, sorrindo de leve. — Este é meu primo, Dominick Andrigheto Domaschesky, futuro

Rei de Orleandy. Dominick, esse é Pavlo, sócio e cientista da *Black House*.

— É um prazer conhecê-lo, senhor Domachescky. Quando Dimir comunicou que o senhor o acompanharia dessa vez e que está em busca da mulher perfeita, ficamos animados.

Apenas assenti, olhando para o homem ao seu lado. Ele sorriu, parecendo deslocado e estendeu a mão. Apertei.

— Me chamo Lorenzo. É um prazer conhecê-lo, senhor.

— E eu sou Orel. Orel Black. — Disse o que estava atrás da mesa,

arqueando sua grossa sobancelha branca. — Dono desse lugar. Por favor, sentem-se, gosto que meus convidados fiquem à vontade. Harry, sirva-os uma dose de uísque. — Seu olhar não saiu de mim e, por fim, ele sorriu. — Não tem língua, senhor Domaschesky?

Me sentei em uma poltrona ao lado de Dimir, observando Pavlo e Lorenzo se sentarem em seguida. Harry trabalhava em um bar no canto do escritório e Orel continuava me observando, dessa vez com o charuto entre os lábios.

— Gosto de observar tudo a minha volta, antes de falar algo.

— Eu gosto disso, gosto de homens observadores, que pouco falam, mas que muito, pensam. Por isso contratei Pavlo e Lorenzo para trabalhar comigo, são meus homens de confiança.

— É um prazer servir ao senhor, Mestre Black.

— Faço das palavras de Pavlo, as minhas, Mestre.

Orel assentiu e pousou o charuto no cinzeiro, voltando seu olhar para mim.

— Tudo na *Black House* gira em torno disso, senhor Domaschesky: confiança. E sigilo. Tudo que é feito aqui, fica aqui. Por isso temos

essa necessidade de conversar com cada amigo que chega a nossa casa, pois é isso que todos vocês são para nós, amigos. — Fez uma pausa e sua sobrancelha voltou a se arquear. — Esse lugar foi criado para suprir desejos como os do senhor, de encontrar uma mulher perfeita, para fazer o que quiser. A partir do momento em que o senhor entra aqui, estamos dispostos a suprir todas as expectativas.

— Exatamente. — Pavlo disse, sorrindo. — Por isso criou-se, desde o princípio, a necessidade de moldar cada mulher para o seu dono. É aí que eu entro. A partir do

momento em que o senhor entrar na sala escura, tenha a certeza de que, cada mulher que senhor ver, tem sua mente apagada. Por mim. Eu detenho a fórmula do esquecimento, eu tenho o poder de iniciar a mulher que o senhor quer criar.

— Gostaria de saber mais detalhes sobre isso. — Murmurei, pegando o copo de uísque em cima da bandeja que Harry trazia. — A “fórmula do esquecimento”.

— É simples. Sou formado em Química, mas sempre quis ir além. Sempre achei que poderia criar um submundo usando fórmulas, inventos, substâncias e foi isso que

fiz. Criei uma fórmula, um líquido sem cor, sem gosto e sem cheiro, que, aplicado na área da nuca, é capaz de chegar as amídalas, onde se encontram as memórias declarativas, que são responsáveis por toda a parte sentimental e emocional de uma pessoa. Essa fórmula faz com que a amígdala pare de funcionar por dez minutos, e quando volta, toda a memória da pessoa já está totalmente apagada.

— E tem chances de a memória voltar?

— Não. Uma vez que a amígdala é desativada, ela não é capaz de voltar atrás e buscar informações

antigas.

— Incrível. — Murmurei, realmente impressionado.

— Estou cercado por profissionais altamente competentes, senhor Domaschesky.

— Não tenho dúvidas, Orel.

— Eu sou responsável por cuidar de toda a documentação, armazenar informação. — Lorenzo disse, chamando minha atenção. — E fui eu quem trouxe a principal mulher dessa noite.

— Uma joia rara. — Orel murmurou e vi Pavlo assenti, concordando. — Uma beleza diferente de tudo o que já vi e olha

que só lidamos com as mulheres mais bonitas, senhor Domaschesky.

— Como é ela?

— Se chama Kiara. Kiara Rose Neumman. É uma mulher dócil, amorosa, tem o cabelo cor de avelã, olhos azuis e é linda, linda de uma forma que eu tenho certeza que o senhor nunca viu. — Lorenzo sorriu e eu o olhei sem entender. Por um momento vi um sentimento em seus olhos, *carinho*.

— E é virgem. — Pavlo disse, como se não acreditasse. — Sabe o quão difícil é achar uma mulher de vinte anos e virgem? Como Orel disse, é realmente uma joia rara.

— Quer uma mulher para se casar, não é?

Assenti, olhando para Orel.

— Ela é a mulher perfeita, eu tenho certeza.

— No leilão de hoje, o mestre de cerimônias começará com o lance de cem milhões de dólares. Normalmente começamos com trinta milhões, mas Kiara é especial. Se eu fosse o senhor, ficava atento, pois nossos principais amigos não costumam deixar passar uma mulher assim.

— Quero deixar claro que o fato de ela ser virgem não enche os meus olhos. — Falei, convicto. —

E que só a levarei se ela realmente me interessar.

— Tenho certeza que vai, senhor Domaschescky. Kiara é capaz de encantar e fascinar qualquer pessoa.

— Ela é alguma coisa sua?

Ele arregalou um pouco os olhos e engoliu em seco, negando. Óbvio que era algo dele, e gostei menos dele por conta disso. Eu não era um homem de grandes sentimentos, mas sabia que seria incapaz de vender qualquer pessoa da minha família. Já aquele homem na minha frente, com certeza não pensava como eu.

— Não, senhor. Ela não é nada

minha.

— Bem, faltam apenas dez minutos para o começo do leilão. Espero que goste, Dominick e sintasse à vontade. — Orel disse. — Harry, acompanhe-os até o salão.

Nos acomodamos dentro de uma sala pouco iluminada e privada. Um vidro estava a nossa frente, onde era possível que assistíssemos a todo o leilão, mas que o mestre de cerimônia e a mulher que fosse leiloada não nos visse. Até aquele momento, tirando o fato da “fórmula do esquecimento”, era

daquilo que eu havia gostado mais. A descrição.

Nenhum cliente via o outro, tudo era de modo sigiloso, cada comprador ficava em uma sala, que comportava até três pessoas. Dimir estava ao meu lado, tomando seu uísque aos poucos, relaxado. Apesar de nunca ter comprado uma mulher, havia me dito que acompanhava amigos e que era sexy ver uma mulher drogada se contorcendo sobre a poltrona vermelha que ficava no centro do palco.

Sabia que não era melhor do que ninguém, mas tinha plena

consciência de que, a mulher que fosse comigo, seria extremamente sortuda. Iria morar em um palácio e se tornaria a Rainha de toda uma nação, enquanto as outras teriam destinos diferentes e certamente, macabros. Pois, era claro demais para mim, que os homens que iam ali gastar milhões de dólares com uma mulher, não o fazia apenas para ter uma esposa ao seu lado.

— Boa noite, senhores. — Um homem de terno disse no centro do palco, o som de sua voz se propagou por toda a sala. — Daremos início a mais um leilão de lindas joias esta noite...

— Joias? — Perguntei, arqueando uma sobrancelha para Dimir.

— Cafona, eu sei. Mas eles não perdem essa mania de chamar as mulheres de “joias”, talvez seja para romantizar a coisa.

— Romantizar um leilão de mulheres? — Ri sem humor, revirando os olhos. Que ideia patética.

— Vai entender. — Dimir deu de ombros, bebendo.

O mestre de cerimônia falou algo sobre o leilão estar especial e que havia uma “joia rara” que entraria no meio leilão, para

surpreender a todos. Logo o nome dela me veio à cabeça.

Kiara.

Bebi mais um gole de meu uísque e fiquei indignado ao me pegar pensando em como ela seria. Se seria realmente bonita como haviam descrito. Talvez ela não fosse aquilo, na verdade, talvez ela não fosse nada, apenas mais um corpo que veria naquela noite.

A primeira mulher que entrou era extremamente loira e magra. Seu nome era Francesca. Foi colocada sentada na poltrona e eu não conseguia entender que tipo de droga era aquela que eles injetaram

nela, que a fazia se contorcer como se estivesse tendo um orgasmo. O mais impressionante, era perceber que aquilo era tudo, menos sexy. Na verdade, estava longe de ser sexy.

Seu lance começou com trinta milhões. Fiquei me perguntando quem seria o louco de dar trinta milhões em uma mulher tão sem graça, mas, para meu espanto, ela foi vendida por sessenta milhões. Não sei se ficava com pena do destino dela, ou do dinheiro que o comprador tinha gasto.

A próxima era uma ruiva legítima, chamada Brione. Era linda, tinha de admitir. Como tinha

uma visão privilegiada, pude ver que tinha os olhos verdes, a pele clara e também se remexia na poltrona como Francesca. Entretanto, por mais que fosse linda, não havia me cativado. E eu só sairia dali com a mulher que me cativasse.

Brione foi vendida por noventa milhões.

Em seguida, veio Ashanti. Uma negra também linda, com tudo no lugar, o cabelo encaracolado até a cintura. Percebi que o mestre de cerimônias falava e falava sobre vários atributos que todas elas tinham, mesmo sabendo que aquilo

não influenciaria em nada em nossa escolha.

Ashanti também passou por mim e eu já estava ficando puto. Achei que seria algo rápido e fácil, mas percebi que, ou eu era exigente demais, ou nenhuma daquelas mulheres tinham algo de diferente.

Vendida por noventa e cinco milhões de dólares, Ashanti foi retirada do palco e a luz foi focada em cima do mestre de cerimônia, que tinha um sorriso irritante no rosto.

— Senhores, como de praxe, a joia mais importante da noite estará ali, naquela poltrona, dentre alguns

minutos e começarei os lances. Antes, me deem a oportunidade de falar sobre ela. — Pude ver os olhos dele brilharem, como se ela realmente fosse coisa de outro mundo. Já estava começando a me perguntar qual seria o problema de todos eles. — Seu nome é Kiara. E, como o nome, ela também é linda, mas não apenas linda. Kiara é dona de um lindo par de olhos azuis e cabelo avelã, tem um sorriso encantador e um corpo que chamaria atenção até mesmo de um cego. — Ele riu e eu não achei a mínima graça. Na verdade, estava entediado. — Mas, acima de todos

esses atributos, Kiara tem algo que as demais não têm. Kiara é intocável, virgem.

Ainda me perguntava no que um hímen influenciava em uma compra, quando o mestre de cerimônia deu um passo para o lado e disse:

— Aproveitem a apresentação sem moderação.

Tudo ficou escuro durante vários segundos, até que, finalmente, uma luz branca se acendeu sobre a poltrona e lá estava ela. Primeiramente, não vi nada de mais. A tal Kiara estava com a cabeça para trás, braços apoiados no sofá e pernas cruzadas.

Então, virou a cabeça para frente.

E eu senti meu coração dar um pulo no peito.

Ela era linda. Ainda mais linda do que haviam descrito para mim. Era óbvio que estava drogada, se contorcia sobre a enorme poltrona, mas nada tirava a sua beleza, a forma como seus olhos azuis se conectou com a plateia, olhando sem ver.

Até que ela me encarou. Mesmo por trás do vidro que a impedia de ver qualquer pessoa, eu senti seu olhar no meu.

Não entendi o que aconteceu,

mas foi forte e rápido, me atingiu de uma forma que me deixou paralisado. Sem poder tirar os olhos dela, apertei o botão ao meu lado. Dimir me encarou e eu falei, ainda a olhando:

— É ela.

— Tem certeza?

— Nunca estive tão certo de algo em toda a minha vida. — Murmurei, engolindo em seco, constatando o quão linda ela era. — Ela tem que ser minha.

— Então, ela será sua. — Ele sorriu e se encostou na poltrona, como se estivesse assistindo a um show.

— Os lances começam com cem milhões de dólares...

— Cento e dez milhões. — Falei, pressionando o botão que ativava o microfone da sala, como fui instruído.

— Cento e dez milhões para o cavalheiro da sala preta. Mais algum lance? Ah, sim, cento e vinte e cinco milhões para o cavalheiro da sala verde.

— Cento e cinquenta! — Falei, ficando irritado.

Eles não viam que ela seria minha? Filhos da puta!

— Cento e cinquenta milhões para o cavalheiro da sala preta.

Cento e sessenta milhões para o cavalheiro da sala azul.

Pensei em mais um lance, mas ele continuou falando:

— Cento e setenta e cinco milhões para o cavalheiro da sala verde...

Muita concorrência para pouca paciência. Com raiva, quase soquei o botão e fale:

— Duzentos e cinquenta milhões!

Dimir cuspiu o uísque que bebia e me olhou, horrorizado. O mestre de cerimônias ficou calado, boquiaberto e tudo entrou em silêncio profundo, enquanto Kiara

continuava lá, linda, se contorcendo no sofá. Quando ela fosse minha, não iria se expor daquela maneira para ninguém, só para mim!

— Uau... Bem, duzentos e cinquenta milhões para o cavalheiro da sala preta. Mais algum lance? — Ele esperou durante alguns segundos e eu quase sai da sala, apenas para tirar Kiara dali nos meus braços e gritar para todos que havia acabado. A mulher era minha, porra! — Então, dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três! Kiara foi vendida por duzentos e cinquenta milhões para o senhor da sala preta. Ótimo investimento,

senhor.

Me recostei na poltrona, satisfeito, tomando um gole do meu uísque. Quase sorria. Quase.

— Você ficou maluco?

— Por quê?

— Ficou maluco, porra?

— Dimir... — Murmurei, sabendo que, depois daquela compra, nada mais me faria ficar irritado.

— Duzentos e cinquenta milhões? Porra, Dominick, você está louco? Vai desviar tudo isso de Orleandy? É muito dinheiro!

— Não! Não sou tão idiota assim. — Murmurei, olhando para

ele. Kiara já havia saído da sala.
— Eu tenho cem milhões no banco e mais cem milhões em ações. Desviarei apenas cinquenta.

— Como tem esse dinheiro todo?

— Vendi algumas propriedades que eram do meu pai e foi passado para o meu nome. Também tenho a herança da minha mãe. Dinheiro não é problema, Dimir.

— Mas ainda assim, Dominick... É muito dinheiro. O que essa garota fez com você?

— Nada, ela não fez nada. Eu só não meço esforços para ter aquilo que eu quero. — Falei, sorrindo

daquela vez e terminando minha bebida. — Vamos embora.

Dimir soltou um suspiro ao meu lado e saímos da sala, vendo que Harry ainda estava parado do lado de fora da porta, como se fosse uma estátua. Enquanto caminhávamos, percebi que cada porta tinha um homem com o mesmo uniforme, como se fossem mordomos. E todos eles, sem exceção, tinham uma plaquinha escrito “Harry”. Cheguei à conclusão de que tentar entender aquele lugar não me levaria a nada.

Quando saímos do corredor que nos levava ao salão, Orel, Plavo e Lorenzo, apareceram. Todos

sorriam.

— Senhor Domaschesky, estou tão contente com a sua compra! Sabia que não resistiria aos encantos de nossa joia rara! — Orel disse, apertando minha mão.

— Fico contente que não tenha se enganado, Orel.

— Eu fico ainda mais contente.

— Amanhã terminamos as negociações e Kiara será totalmente sua. — Plavo disse, apertando minha mão em seguida. — Lorenzo, acompanhe-o até a porta, tudo bem?

Me despedi de todos e segui Lorenzo com Dimir ao meu lado. Quando chegamos à porta do hall,

Lorenzo se virou para mim e pediu para falar comigo, a sós. Dimir assentiu e se afastou, indo em direção ao carro. Estava pensando que tipo de assunto ele teria para tratar comigo, quando começou a falar:

— Eu tenho algo a ver com Kiara. — Murmurou, olhando em meus olhos. — Ou melhor, tinha. A partir de agora, ela é toda do senhor e estou supercontente com isso, pois sei que ela não será estuprada, maltratada ou morta, o que acontece com muitas meninas que saem daqui.

— O que ela era sua?

— Isso não importa.

— Então... Onde quer chegar?

Ele suspirou.

— Kiara sofria muito, a mãe a maltratava e teve uma vida muito difícil. — Falou, engolindo em seco. — Só quero fazer um pedido: cuide dela. Kiara é uma mulher maravilhosa, o senhor vai enxergar isso rapidamente quando começar a conviver com ela. Então, não a deixe sofrer, ela merece ser feliz.

— Ela vai se casar comigo e será a Rainha de Orleandy. Com certeza, ela será feliz.

— E eu creio nisso. — Sorriu e estendeu a mão. — Obrigado.

— Pelo o quê?

— Por tê-la salvado.

Ela estava ao meu lado, adormecida e protegida no banco do meu jatinho. Era ainda mais linda de perto, mesmo sedada e de olhos fechados. Aproveitando que Dimir estava dormindo do outro lado, passei a mão pelo seu cabelo, adorando a textura e a cor.

O que estava acontecendo comigo? Nunca me apeguei a detalhes e agora... Agora eu observava tudo, até mesmo a forma como seu peito subia e descia com

a sua respiração. Ela tinha cheiro de flores e mesmo vestida em calça jeans e blusa, algo normal demais para mim, estava linda.

Tirei a mão dela e me virei para o outro lado, encarando a escuridão pela janela. *Merda!* Não quero mais olhá-la. Ela é só uma mulher comum, apesar de ser linda, mas ela seria só mais uma. Seria minha esposa, mas seria apenas *mais uma*.

Soltei um suspiro.

Por que eu sentia que, falando aquilo para mim mesmo, eu estava apenas me enganando?

**27 de outubro de 2015 –
Orleandy.**

— Porque eu estava me enganando. — Murmurei para mim mesmo, me lembrando que, a última vez a havia observado dormindo assim, tinha sido na noite em que embarcamos da Rússia para Orleandy.

Havia entrado escondido no quarto do hospital. Kiara não queria minha companhia enquanto estava acordada, mas, dormindo, ela não poderia fazer nada. E eu aproveitei aquele momento para vê-la. Estava com os olhos inchados,

havia chorado, mas ainda estava linda, dormindo com uma mão na barriga.

— Eu me enganei por um tempo, Kiara. Achei que não amava você. Na verdade, eu achei que eu era incapaz de amar alguém. — Falei, repousando minha mão em sua barriga, sem entender como e nem porque aquilo me deixava tão emotivo. — Mas eu amo você. Eu amo você com todo o meu coração e vou fazer de tudo para que você me perdoe. Serei um novo homem, meu amor. Serei alguém digno de ter você e seu amor. E prometo ser o marido e o pai que você sempre

sonhou que eu fosse.

Quis beijar seus lábios, mas sabia que, se o fizesse, ela acordaria. Por isso, olhei para sua barriga, querendo enxergar aquele bebê de pernas cruzadas e chupando dedo que apareceu na tela naquela tarde. Com cuidado, me aproximei mais:

— Prometo que vou deixar de ser esse idiota que você ouviu hoje de manhã. — Murmurei para a barriga. — Falei muita besteira, não é? Eu sei, eu sei que eu disse, mas nunca quis seu mal, eu só... Eu só fui além do que poderia ter ido. No começo, eu te queria muito.

Depois, eu não te queria tanto assim. Agora, eu quero tanto você que meu peito chega a doer. Provavelmente, sua mãe me manterá afastado de você, mas saiba, bebê... Meu bebê. — Sorri, sentindo uma lágrima rolar pelo meu rosto. — Você entrou no meu coração hoje e não sairá mais. Espero que um dia me perdoe também.

Então, com o coração batendo forte, eu beijei sua barriga. E beijei de novo e mais uma vez, com cuidado.

— Eu te amo, meu bebê.

Capítulo 2 – Kiara

*“Eu gostaria de acreditar em
você, então, eu estaria bem
Mas agora tudo o que você me
disse não se encaixa
Com o que eu sinto por dentro
Amar você foi fácil uma vez
Mas agora minhas suspeitas de
você se multiplicaram
Tudo isso porque você mentiu.
Resentment (Beyoncé)*

Olhei todo o quarto do hospital

enquanto arrumava o meu vestido. Finalmente iria embora depois de ficar dois dias presa ali em observação. Não aguentava mais aquele cheiro acético de hospital, o soro na minha veia e principalmente, ser obrigada a ter a companhia de Dominick durante vinte e quatro horas.

Se fosse em uma outra época, eu adoraria tê-lo ao meu lado durante tanto tempo. Mas agora, a única coisa que queria dele era distância. Ele me machucava, a simples menção de seu nome fazia meu coração se contrair em dor e vê-lo só piorava a situação. Tudo dentro

de mim se rebulia, sentimentos conturbados que me faziam mal. E eu sabia que aquilo só pioraria.

Queria ir embora. Pegar minhas coisas, as coisinhas que havia comprado para meu bebê e sumir de Orleandy. Queria ir para a Inglaterra, ir atrás de minha mãe, abraçá-la e pedir perdão por eu ter sido uma filha tão estúpida. O que todos eles estariam pensando de mim? O mundo todo sabia que eu era a Rainha de Orleandy, meus vizinhos que me conheciam desde criança, colegas da escolinha de balé onde dava aula, Lorenzo, todos eles deviam estar pensando que eu

era uma filha ingrata, que havia deixado a mãe para trás, que agora estava rica e não fazia questão de cuidar da sua própria mãe.

Mas, não! Aquela não era eu! Eu amava minha mãe acima de todas as coisas, jamais a deixaria para trás, jamais ignoraria a mulher que havia me colocado no mundo, que havia lutado com todas as forças para cuidar de mim e me sustentar.

Passei a mão pelo meu cabelo me sentindo perdida e sozinha. Já não aguentava mais chorar, sabia que todo aquele sentimento ruim não faria bem ao bebê, mas não conseguia me conter. Toda aquela

situação estava acabando comigo, como se tivessem me arrancado o coração e agora estivessem pisando nele.

Na verdade, apenas Dominick estava pisando nele, massacrando meu coração sem dó alguma com toda a sua mentira.

— Kiara?

Era como uma abelha sendo atraída pelo mel. Eu pensava em Dominick e ele aparecia. Estava lindo como sempre, com um terno azul escuro bem cortado, cabelo penteado e a barba bem aparada. Mas seus gestos, seu olhar, me mostrava que ele não sabia muito o

que fazer ou como agir.

— O médico já te liberou. Vamos para casa? O carro está nos esperando no estacionamento, pode ficar tranquila que nenhum repórter idiota nos verá sair.

Apenas assenti e passei por ele, dando de cara com Dallah e Dimir do lado de fora. Por um momento não consegui me mexer e nem sair do lugar. Ficar dois dias no hospital me deu tempo para pensar em muitas coisas, principalmente para enxergar o quão falsa Dallah havia sido comigo. Ela sabia de tudo. Ela sabia de cada mísero detalhe daquela história sórdida, de tudo o

que haviam feito comigo e não havia me falado nada. Ficou todos aqueles meses ao meu lado, fingindo ser minha amiga, quando na verdade, era tão mentirosa quanto Dominick.

Sobre Dimir eu não me surpreendi. Ele e Dominick eram como irmãos siameses, o que um fazia o outro sabia, era óbvio para mim que sabia de tudo. Mas eu gostava muito dele e foi isso que me machucou ainda mais. Eu gostava de todos eles, mas nenhum deles pensaram duas vezes antes de me apunhalar pelas costas.

— Kiara, está sentindo alguma

coisa? — Dominick murmurou no meu ouvido, tocando meus ombros com as mãos.

Seu toque me despertou e eu me desvencilhei rápido, passando por todos eles sem olhar para trás. Ouvi passos apressados atrás de mim, até que Dominick me alcançou e começou a andar ao meu lado. Senti que estava se controlando para não me tocar. Ele sabia que se o fizesse eu esqueceria as boas maneiras e faria um escândalo naquele hospital.

Vi o médico vir em minha direção. Estava sorridente, apesar de já ter percebido que o clima

entre Dominick e eu estava longe de ser amigável.

— Rainha, fico feliz que esteja indo embora. Se cuide, certo? Não quero vê-la por aqui até o dia de dar à luz ao bebê de vocês.

— Eu vou cuidar muito bem dela. — Dominick falou, se aproveitando da situação para colocar meu cabelo para trás. Não me mexi. — Obrigado pelo cuidado com a minha esposa e meu filho, doutor.

— Não há o que agradecer, Vossa Majestade, é o meu trabalho. — Disse, olhando no relógio. — Falando em trabalho, preciso ver

um paciente. Passem bem.

Sorriu mais uma vez e se despediu de todos com um aceno antes de sumir das nossas vistas. Voltei a andar e fui em direção ao elevador onde Wayne, o chefe da segurança do palácio, estava parado. Entrei rapidamente na caixa de aço e vi Dominick entrando logo atrás de mim, parando ao meu lado. Dimir e Dallah entraram logo depois, sendo seguidos por Wayne. Foram os piores segundos da minha vida, me senti claustrofóbica ali dentro e não precisei de dois segundos para saber que não conseguiria ir até o palácio no

mesmo lugar que todos eles.

Não se eu não quisesse voltar para o hospital por estar sufocada e com o coração acelerado.

— Eu quero ir sozinha no carro.

— Falei alto para ninguém em específico.

Vi todos se virarem e olhar para mim como se eu fosse uma aberração.

— O quê? — Dominick perguntou, desacreditado.

— Quero ir sozinha no carro. Está surdo?

— Você não vai sozinha, acabou de sair do hospital, precisa ser acompanhada de perto, Kiara. —

Dominick disse com o olhar irritado.

— Eu vou com ela, Dominick, não se preocupe. — Dallah disse e eu senti vontade de rir.

Era só o que me faltava. Me livrar de Dominick para aturar Dallah. Será que ninguém percebia que eu estava saturada de todos eles?

— Eu não quero a sua companhia. Na verdade, não quero a companhia de nenhum de vocês. Eu vou no outro carro com os seguranças.

— Kiara, por favor, pare com isso. — Dominick murmurou, me

olhando. Senti o peso da dor e da culpa em cada palavra.

— Você que deveria ter parado antes mesmo de ter pensado em começar. — Falei, vendo a porta do elevador se abrir.

Wayne saiu na frente e eu passei por todos eles, seguindo-o. Óbvio que segundos depois Dominick estava ao meu lado. Parecia um menino perdido, sem saber o que fazer e eu me xinguei por sentir pena. Por que eu tinha que amá-lo tanto? Por que tinha que ser uma boba e sentir pena de um olhar, de um toque, do som da sua voz?

Porque eu era uma idiota,

simplesmente.

— Você realmente quer ir sozinha? — Perguntou ao meu lado, olhando para mim enquanto caminhávamos.

Não. Na verdade, eu só queria que ele tirasse aquela dor de dentro de mim, toda aquela decepção. Queria que mudasse aquela situação em que nos encontrávamos, queria que voltássemos a ser um casal feliz e principalmente, que amasse a criança que eu carregava no ventre. Queria que tudo fosse perfeito, mas não tinha como. Na realidade, não tinha saída para nós dois.

— Sim, eu quero.

— Me deixe ir com você, Kiara. Dimir e Dallah vão no outro carro, será apenas nós dois e eu prometo não falar nada.

— Será que não percebe que não é apenas Dallah e Dimir que me incomodam? Você também me incomoda, você me faz mal, Dominick. Eu quero distância de você!

Ele ofegou baixinho e novamente eu me arrependi e senti pena. Queria machucá-lo, queria falar coisas que faria sua alma doer assim como a minha doía, mas assim que o fazia, me arrependia.

Porque aquela que queria causar dor não era eu. Era uma parte minha que queria se vingar, que me dominava na hora da fúria, mas que deixava resquícios da Kiara que o amava quando se acalmava.

Pensei em me desculpar, mas percebi que, mesmo arrependida, era aquilo que Dominick merecia. Quem deveria desculpar algo ali era eu e não ele.

— Tudo bem, Kiara. — Murmurou baixinho, deixando explícito em seu olhar toda a dor que carregava. — Mas Wayne estará no carro e qualquer coisa que você sentir, fale com ele.

Assenti e paramos em frente aos três carros que nos levaria ao palácio. Wayne, que havia ouvido toda a conversa, abriu a porta do carro do meio para mim. Entrei sem olhar para nenhum deles e quando a porta do carro foi fechada, pude finalmente soltar o ar que estava preso em meus pulmões. Estava sozinha, mas isso não fez com que a dor diminuísse, pelo contrário, ela aumentou e logo a represa de lágrimas que eu tentava conter, estourou.

Percebi que minha vida iria se resumir naquilo, tratar Dominick mal, ignorá-lo e, quando estivesse

sozinha, choraria por conta de toda aquela situação.

Não! Não podia ficar vivendo daquela forma! Eu tinha uma mãe que estava abandonada com o cara que era o meu namorado e eu estava ali, vivendo uma vida de luxos, rica e sendo Rainha de um país. Não ia apenas ficar me martirizando pela minha situação. Iria pensar, iria me separar de Dominick e ir embora, iria ver minha mãe novamente e pedir perdão por ter ficado tanto tempo longe.

Iria pedir desculpas a Lorenzo por tê-lo abandonado, por mais que a culpa não fosse minha. Talvez

fosse difícil para ele acreditar em mim, na verdade que eu contaria, eu o entenderia. No fim das contas, até mesmo eu, quando parava e pensava, via o quanto aquilo tudo era surreal. Surreal, mas havia acontecido comigo. Fui comprada como uma mercadoria. Saber que meu corpo tinha um valor estimado em dólares, me deixava enojada.

Limpei minhas lágrimas e respirei fundo, vendo finalmente os portões do castelo. Por meses, aquele lugar foi o meu lar. Eu aprendi a amar aquele lugar, aquele país, as pessoas que viviam ali, pensava que tudo aquilo realmente

era meu para cuidar. Mas não era. Nada era meu, apenas o meu filho que parecia dormir tranquilamente na minha barriga.

Assim que o carro parou em frente à entrada principal do palácio, sai sem esperar por ninguém e entrei no hall. Anna, Andy, Thomas e Norah, que estava com Arthur no colo, nos esperavam e sorriram ao me ver. Por um momento, olhei para eles como se fossem meus inimigos. Como poderia confiar? Talvez eles também soubessem de tudo. Mas assim que vi o sorriso de alívio de todos, até mesmo de Thomas que

nunca falava e nunca sorria, percebi que eles eram tão inocentes quanto eu.

— Tia Kiara! — Arthur gritou, se contorcendo para sair do colo de Norah, que o liberou. Ele veio correndo e eu abaixei, abraçando-o com força. — Eu pensei que você ia morrer! — Disse, desesperado e senti suas lágrimas molhando meu ombro. — Eu não queria que você e o neném passassem mal, foi por que eu corri muito e fiz muito barulho? Eu prometo... Prometo me comportar. — Soluçava e eu senti vontade de chorar tendo aquele menininho maravilhoso nos meus

braços.

— Não, meu amor, a culpa não foi sua. — Peguei seu rostinho em minhas mãos e limpei suas lágrimas, observando seus enormes olhos azuis.

— Não?

— Não, tire isso da sua cabecinha. E eu não vou morrer, ouviu?

— E nem vai deixar a gente?

— Quem falou isso?

— Eu ouvi a Norah e a Anna falando na cozinha. — Sussurrou para mim, ainda soluçando. Saber que ele me amava fez a dor em meu coração se acalmar.

— Eu não vou embora. Não vou deixar vocês. — Murmurei para ele, mesmo sem saber se aquilo era realmente verdade ou mentira.

— Tá bom, tia Kiara, eu quero você aqui para sempre! — Disse e me abraçou. — E eu vou cuidar do bebê, vou pegar o bebê no colo e a gente vai brincar de espião juntos.

— Com certeza, meu querido. Estou louca para vê-los correndo pelo castelo. — Falei, sorrindo pela primeira vez naquele dia.

— Tudo bem, Arthur, agora a tia Kiara precisa descansar. — Ouvi Dominick falando atrás de mim e senti um calafrio passar pelo meu

corpo. A forma como ele mexia comigo chegava a ser ridículo.

Arthur assentiu e deu um beijo em meu rosto antes de se afastar e correr para Dallah, que estava quase ao meu lado. Me levantei e fui em direção a Norah, abraçando-a. Ela pareceu surpresa, mas sorriu e retribuiu meu abraço, depois abracei Anna, Andy e até mesmo Thomas, que pareceu ainda mais surpreso e sem graça. Ouvi de todos eles que estavam felizes por eu estar bem. Em seguida, pediram licença e saíram, falando que terminariam de fazer o almoço.

Me virei para trás a tempo de

ver Dimir e Dallah saindo com Arthur. Dallah me olhava com os olhos tristes, como se me pedisse perdão e eu quase ri. Na hora de me enganar, ninguém pareceu culpado. Agora, queriam perdão? Queria saber o que se passava na cabeça deles.

— Vamos para o quarto, Kiara, você não pode se cansar muito. — Dominick falou, parecendo não saber como falar comigo. Percebi que estava mais receoso do que no hospital.

— Eu não vou ficar no mesmo quarto que você.

— Eu sei. — Murmurou. — Sei

que quer distância de mim, por isso, quero que fique no meu quarto e eu vou para o quarto de hóspedes.

— Não. Eu quero ir para o andar da sua mãe.

— Para o seu andar? Por quê?

— Meu não. Da sua mãe. Nada aqui é meu, nem mesmo orleandesa eu sou. — Dei de ombros.

— Kiara, por favor... — Ele se aproximou e eu dei dois passos para trás. Distância. Eu precisava de distância.

— Dominick, eu não quero discutir...

— Nem eu. Mas, por favor, você precisa me entender! Essa situação

está me matando! Cada maldito segundo que eu fico longe de você está acabando comigo!

— Por que não me contou a verdade?

— Você iria me deixar.

— E por que acha que eu vou ficar com você agora?

— Eu sei que errei, Kiara. Tanto sei que tentei esconder isso de você. — Falou e se aproximou novamente. Dessa vez, me senti fraca demais para recuar. — Eu era um homem quando...

— Me comprou. — Conclui, por mais que aquelas palavras doessem em mim.

— Sim. — Sussurrou, sem tirar os olhos dos meus. — Mas você me ensinou a ser um homem melhor. Eu te amo, Kiara. Eu faria qualquer coisa para ter você ao meu lado novamente, faria qualquer coisa para tirar essa mágoa do seu coração. Eu só preciso de uma chance, uma única chance para que eu possa te provar que serei um homem melhor. Serei um marido melhor para você e um pai melhor para o nosso filho.

— Agora você se preocupa com esse feto de 22 semanas?

Ele engoliu em seco e olhou para mim barriga. Sem dizer nada,

pousou as duas mãos sobre o meu ventre e eu quase ofeguei. Sempre quis sentir aquele toque, o toque de suas mãos grandes e quentes em minha barriga, mas ele nunca o fez. Por que resolveu fazer justamente no momento em que não queria mais seu toque em mim? Por que me fazia sofrer daquela forma?

— Você nunca vai conseguir imaginar o desespero que senti quando soube que poderíamos perdê-lo.

— Espera... Você não quer que eu acredite que começou a amar o meu filho de um dia para o outro, não é?

— Nosso filho... É nosso...

— Não! É meu e apenas meu! —

Falei, tirando suas mãos de minha barriga. — Você quis essa criança para me manter presa e não com o intuito de ser pai, de amá-la! No final das contas, Dominick, você seria para o meu filho o mesmo que o seu pai foi para você, um homem distante, frio, que nunca amou o próprio filho. Pode ter certeza que meu bebê não precisa disso.

Irritada, dei as costas a ele e fui em direção ao elevador. Senti seus passos atrás de mim e fiquei surpresa por estar calado, por não ter tentado continuar a conversa.

Quando o elevador chegou eu entrei e ele entrou junto.

— Quero mudar a senha de acesso ao andar da sua mãe.

— Por quê?

— Porque não quero você lá.

Vi seu maxilar se apertar e ele colocou um código no elevador, fazendo uma luz verde aparece na tela de led.

— Coloque a senha nova.

Observei ele olhar para o outro lado e eu pensei em algum número que nunca passaria pela cabeça dele. Então, lembrei do aniversário da minha mãe. Dia seis de julho. Digitei os quatro números

rapidamente, constatando que ela já havia feito aniversário e eu nem mesmo estive lá com ela. Meus olhos se encheram de lágrimas que consegui reprimir, enquanto via a tela de led piscar quatro vezes com a luz verde.

— A nova senha já está definida.

— Dominick murmurou, virando-se para mim.

Ficou em silêncio, enquanto o elevador começava a subir. Pensei que não falaria mais nada, até ouvir sua voz novamente:

— Eu sei quanto o dói não ter um pai. Pode ter certeza, Kiara, que vou me esforçar com todas as

forças para não ser para o meu filho, o que meu pai foi para mim. Talvez eu seja o pior homem do mundo porque te comprei em um leilão de mulheres ou porque te engravidei com o intuito de tê-la ao meu lado para sempre, mas eu não vou fazer meu filho sofrer da mesma forma que o meu pai me fez sofrer. Eu vou me esforçar, vou amar ainda mais essa criança e ser para ela o pai que o meu pai não foi para mim.

O elevador chegou ao andar e senti meu coração bater mais forte, a dor se intensificando. Naquele momento eu já não poderia mais

dizer o que doía mais em mim. O fato de eu estar sofrendo ou de ele também estar sofrendo. Queria poder me virar para ele e dizer que para esquecer tudo, dizer que estava tudo bem e que deveríamos voltar a ser o casal que sempre fomos, mas não conseguia. Havia uma ferida aberta em meu coração, uma decepção que me massacrava e que não podia ser simplesmente ignorada.

— Tenho certeza que não vai querer almoçar conosco, então, vou pedir para Thomas trazer seu almoço. Ele é extremamente confiável, se passar a senha do

andar para ele, tenha certeza que ele não contará a ninguém, nem mesmo para mim. — Me virei para ele e vi que estava magoado demais com o que eu havia dito lá embaixo. Conseguia ver em seus olhos e na expressão dura do seu rosto. Senti novamente vontade de pedir desculpas.

Apenas assenti e sai do elevador, encontrado o silêncio daquele andar. Olhei para ele uma última vez e me espantei com seus olhos cheios de lágrimas. Nunca o havia visto chorar. Quase joguei tudo para o alto apenas para pegá-lo em meus braços e tirar aquela

dor dele.

— Dominick...

— Eu te amo. — Murmurou e apertou o botão do elevador. — Eu te amo com tudo de mim, Kiara.

As lágrimas molharam o seu rosto e um nó se instalou na minha garganta, vendo a porta do elevador se fechar e afastá-lo de mim. Não consegui pensar muito bem, a dor me deixava sufocada. Andei pelo extenso corredor e entrei na sala onde ficava a biblioteca. Me deitei no sofá que tinha ali e chorei, sentindo meu coração se partir em milhares de pedacinhos.

Queria esquecer aquela dor.

Queria mudar aquela situação.

Queria tirar a imagem de
Dominick chorando da minha
mente.

Capítulo 3 – Dominick

“Eu passaria fome

Eu me machucaria

*Eu iria me arrastando avenida
abaixo*

*Não, não há nada que eu não
faria*

*Para fazer você sentir o meu
amor”*

Make You Feel My Love (Adele)

Olhei para minha cama que, assim como o meu quarto, um dia já fora toda negra. Kiara chegou e mudou tudo. Mudou cada pequeno

detalhe, desde a decoração masculina do meu quarto, colocando flores que colhia nos jardins e mudando a colcha escura para uma colcha clara, até o meu coração.

Mas, estranhamente, por mais que tudo estivesse mais colorido do lado de fora, dentro de mim tudo ainda estava escuro. Me sentia um estúpido por não conseguir controlar as emoções, mas percebi que ser forte a cada minuto estava me matando. Por isso, apenas me deitei na cama e puxei travesseiro dela para perto de mim. Seu cheiro me acalmou e deixei que as

lágrimas se esvaíssem e tirassem de dentro de mim a dor que eu estava sentindo.

Mesmo sabendo que apenas Kiara conseguiria curar a ferida aberta dentro do meu peito.

Nunca havia me sentido daquela forma, como se uma parte uma parte de mim estivesse em um outro lugar, longe. Deitado naquela cama havia a casca do Dominick, talvez o homem que sempre fui durante toda a minha vida, oco, sem emoção, sem sentimento. Kiara havia me transformado.

Eu sabia que estava diferente, sabia que ela me fazia ser diferente,

mas só naquele momento eu consegui entender a dimensão de tudo aquilo. Era mais do que eu poderia prever, mais do que eu poderia pensar. Ela me salvou de uma vida vazia e me jogou em um poço de emoções que eu não sabia administrar. Agora, eu estava na vida vazia novamente porque o meu poço de emoções estava com ela. Ela era a minha mentora, minha fonte de amor, carinho e compreensão.

Sem ela, eu não tinha mais nada.

O barulho na porta do meu quarto me despertou. Abri meus olhos devagar, pronto para expulsar

quem havia entrado ali sem nem bater na porta, mas quando senti seu cheiro forte, senti meu coração pular. Kiara estava ali. Eu podia sentir.

Demorou apenas alguns segundos para que ela tomasse meu campo de visão. Ela parou abruptamente ao me ver, as mãos ao lado do corpo e os olhos vermelhos.

— Me desculpe, eu... Eu achei que você estaria lá embaixo, almoçando com os outros.

— Está tudo bem, Kiara. — Murmurei, me levantando da cama e limpando aquelas lágrimas que

me faziam parecer um idiota. — Você pode entrar aqui a qualquer momento, sempre que quiser.

— Eu só queria pegar algumas roupas minhas e... — Ela limpou a garganta e colocou uma mecha do cabelo para trás. Senti vontade de tocar naquelas mechas que eu tanto amava. — Aproveitando que você está aqui, eu gostaria de saber se... Se posso transformar o ateliê da sua mãe em um quarto.

— Claro, com certeza. Eu vou ligar para Joshua e ele vai providenciar tudo o mais rápido possível.

— Quem é Joshua?

— O decorador do palácio. Ele sempre toma conta de cada cômodo que tem que ser mudado ou reformado.

— Ah... Tudo bem.

Ela me olhou por um momento, como se não soubesse como se portar na minha presença, mas logo soltou um suspiro e passou por mim, entrando no closet. Milhares de possibilidades passaram por minha cabeça. Eu precisava manter um diálogo com ela, precisava aproveitar aquele momento em que estávamos juntos, sem ninguém por perto.

Pensei rápido e me lembrei de

um assunto delicado demais, mas que eu precisava falar com ela o quanto antes. Talvez não fosse o tipo de assunto ideal para se tratar naquele momento, mas eu precisava falar com ela de alguma maneira. Com o coração acelerado, entrei no closet e fechei a porta atrás de mim. Kiara estava de costas, mexendo na sua gaveta de lingerie e parou no momento em que sentiu minha presença.

— Kiara...

— Dominick, não, por favor. — Murmurou, ainda de costas. — Não se aproveita da situação. Eu só quero pegar minhas roupas e ir

embora.

— Mas o assunto que tenho para falar com você é sério. Vai além de nós dois, da nossa mágoa... E interessa muito a você.

— Não consigo imaginar que assunto é esse que interessa tanto a mim. — Falou, fria, voltando a pegar algumas peças.

Suspirei e segurei minha vontade abraçá-la por trás, de enfiar meu rosto em seu cabelo e sentir seu aroma. Minhas mãos coçavam para tocá-la, para acariciar sua pele, sua barriga. Queria beijá-la, queria fazer amor com ela até que nossas mágoas estivessem curadas, mas

sabia que não podia.

E o *não poder* estava me matando.

— No dia em que você se lembrou de tudo... — Comecei, vendo como havia ficado ainda mais tensa. — Você havia me dito que tinha um namorado. Lorenzo, não é?

— Sim. Lorenzo era meu namorado e morava comigo.

— Lorenzo... — Murmurei, sentindo o nome passar por minha língua com um gosto amargo. Se o visse na minha frente, acabaria com a raça dele. — Quando eu fui a Rússia com o Dimir, para comprá-

la — Fiz uma pausa, aquela palavra se tornando mais pesada a cada vez que eu tinha que falá-la. —, além do dono da casa e seu sócio, havia um outro homem lá. Ele tomava conta de toda a documentação e...

— E o que eu tenho a ver com isso, Dominick? — Falou, virando-se para mim de repente. — Eu quero saber de todos os detalhes, mas não agora. Você não tem ideia do quanto essa história me machuca!

— Eu sei o quanto tudo isso te machuca, Kiara, mas você precisa me ouvir!

Ela parou o que estava fazendo e

me encarou. Ter seus olhos dentro dos meus quase me fez perder o fôlego.

— Esse homem que tomava conta da documentação se chama Lorenzo. — Ela franziu o cenho, como se não entendesse onde eu queria chegar. — E foi ele quem a levou para lá, para Rússia, para ser leiloadada como a principal atração da noite porque você era virgem.

— Como?

— Ele fez um monte de elogios a você. Me disse que eu precisava comprá-la porque você era linda, dócil, apaixonante. Quando ele me disse tudo isso eu logo percebi que

ele já te conhecia, que você era alguma coisa dele. Ele negou, mas depois que te comprei, ele veio falar comigo a sós e confessou que tinha sim algo a ver com você, não me disse qual era o tipo de ligação, mas disse que estava aliviado por ter sido eu a comprá-la e não qualquer outro homem, que poderia maltratá-la, fazer de você uma escrava ou matá-la.

Ela ofegou e eu aproveitei o momento para me aproximar dela e tocar em seu rosto, seus olhos arregalados em descrença para mim.

— Está entendendo onde quero

chegar? Foi ele, Kiara. Foi Lorenzo, o seu namorado, que te levou para aquele lugar, para ser vendida. Eu não sei o motivo, na verdade, não consigo nem imaginar qual o motivo que esse imbecil teve para vender uma mulher tão maravilhosa como você, mas ele o fez!

— Não! — Se afastou de mim e andou pelo closet. Quando parou, ela me olhou com fúria. — Você está inventando isso! Claro que está, para me jogar contra Lorenzo. Mas por quê? Por que quer me manipular dessa forma?

— O quê? Kiara, claro que não!

Para que eu inventaria isso?

— Não sei! Você foi capaz de inventar uma vida para mim, então, eu não me surpreenderia se você inventasse algo tão absurdo quanto isso.

— Kiara, pelo amor de Deus, olha para mim! — Gritei, pegando seu rosto e obrigando-a a me olhar. — Olha dentro dos meus olhos, porra! Eu jamais inventaria algo como isso, eu não teria motivo algum!

— Teria sim! Eu posso muito bem largar você para ficar com Lorenzo. Você está com medo!

Ainda olhando dentro dos seus

olhos, eu ri. Eu realmente ri, jogando minha cabeça para trás. Kiara se moveu, tentou tirar minhas mãos de seu rosto, mas fui mais rápido e a peguei pela nuca, encostando seu corpo no meu. Não precisei de uma única palavra, apenas descii meu rosto e coleii meus lábios nos dela, beijando-a.

Ela relutou, grunhiu, tentou me empurrar, mas eu era mais forte e impressei seu corpo na parede, tomando sua língua na minha até tê-la mansa, me beijando de volta. Gemi, sem controle, provando-a pela primeira vez em três dias. Três malditos dias longe da minha

mulher. Estava alucinado, meu pau ficou duro em segundos, seu gosto penetrando meus neurônios, me enchendo, me entorpecendo.

Com a mão livre passei por seu corpo, tocando seu pescoço, seus seios maiores por conta da gravidez, a lateral do seu ventre até chegar na barra do seu vestido. Passei a mão aberta por sua coxa e levantei o vestido até chegar a lateral da sua calcinha, enrolando-a em meu dedo. Mordi seu lábio inferior e descí a língua por seu queixo, sua garganta e subi até chegar em seu ouvido, onde murmurei, rouco:

— Você nunca vai me largar para ficar com Lorenzo ou qualquer outro homem, Kiara. Porque você é minha, Anjo, é minha para cuidar, para proteger, para amar... É minha e apenas minha.

— Dominick... — Ela gemeu quando toquei em seu clitóris. Sorri ao sentir o quanto ela estava molhada. — Eu não quero...

— Quer, claro que quer. Você está molhadinha, querida. — Sussurrei, mordendo o lóbulo da sua orelha.

— Não... — Ela suspirou e quando rocei em seu clitóris com mais força, ela gritou. — Não!

Dominick, por favor... Eu não quero!

Parei.

Sua voz, seu desespero me travou. Tirei minha mão de sua calcinha, movi minha mão de sua nuca para o seu rosto e ignorei meu pau que pulsava, que clamava pela boceta dela. Pela boceta da minha mulher, a qual ele pertencia. Quando abri meus olhos e movi meu rosto para olhá-la, vi como Kiara estava ofegante, de olhos fechados, lágrimas molhando seu rosto.

Me senti um estúpido, um idiota sem controle e beijei seu rosto,

suas lágrimas, tentando me redimir. Eu tinha que aprender! Tinha que aprender a me controlar, a parar de magoá-la!

— Me perdoe... Anjo, meu amor, me perdoe, eu sou um estúpido... Eu... — Parei, sem saber o que dizer. Apenas continuei a beijá-la, a passar meus lábios abertos por suas pálpebras imóveis, por seus lábios, meu nariz pelo seu rosto, sentindo seu cheiro. — Eu te amo tanto, Kiara, eu sinto muito...

— Eu também sinto muito, Dom, eu sinto tanto... — Ela murmurou, sua voz baixinha pelo choro.

— Não mais do que eu. Eu

estraguei tudo, estraguei toda a nossa vida, a nossa história. Mas eu quero uma chance, Kiara, uma chance para reconstruí-la.

— Eu ainda estou aqui. — Ela abriu olhos para mim, seus lindos olhos azuis nos meus. — Eu pensei em ir embora tantas vezes, mas eu estou aqui. Se eu ainda estou aqui, é porque você tem essa chance. Eu sou incapaz de ir embora, incapaz de... De deixá-lo. Porque eu te amo tanto, Dominick, eu amo cada parte de você. A parte que é dominante, a parte solitária, a parte em que você é apenas um menino perdido. — Ela encostou a mão em meu rosto e

eu fechei meus olhos, sentindo as malditas lágrimas escaparem por meus olhos. — Amo a parte que me faz ofegar de prazer, a parte que é arrogante. Eu... Eu amo até mesmo a parte em que me comprou em um leilão, a parte que está massacrando o meu coração agora. Eu te amo. Eu apenas te amo.

Um soluço escapou por minha garganta e encostei minha testa na dela. Percebi que estava chorando mais naquele dia do que havia chorado durante toda a minha vida, mas não me importei. Eu faria tudo por Kiara. Eu mataria por ela, eu roubaria por ela... Eu *choraria* por

ela. Eu seria o que ela quisesse que eu fosse.

— Eu marquei uma viagem para nós dois. — Sussurrei, abrindo meus olhos para ver os seus, que estavam arregalados.

— Viagem?

— Sim. Para Londres. — Senti quando ela prendeu a respiração. — Nós vamos atrás da sua mãe, Anjo. Nós vamos até ela e vamos trazê-la para cá.

— Oh meu Deus. — Ela ofegou e mais lágrimas escaparam de seus olhos. — Isso é verdade? Dominick...

— Eu jamais brincaria com algo

tão sério.

— Obrigada! Domincik, obrigada, eu sinto tanto a falta dela, eu... Eu quero tanto vê-la.

— Eu sei disso, eu consegui enxergar isso nos seus olhos no momento em que você se lembrou de tudo. — Murmurei, limpando suas lágrimas. — Lorenzo me disse que ela maltratava você, que ela te batia... Mas você disse que não e eu acredito em você. Embarcamos em dois dias.

— Não, ela nunca fez nada disso comigo, minha mãe sempre foi a mulher mais doce que eu já conheci. — Ela falou e desviou os

olhos dos meus. — Eu não consigo entender, não consigo... Por que ele fez isso comigo?

— Você quer descobrir o porquê?

Kiara voltou a me olhar e ficou alguns segundos em silêncio. Eu estava adorando aquilo, tê-la tão perto de mim, ter a liberdade de tocar em seu rosto, de vê-la tão perto, de senti seu cheiro e seu corpo. Seu ventre encostado em mim, estávamos ligados.

— Quero.

— Tem certeza?

— Sim.

— Então, nós vamos descobrir.

— Murmurei, colocando uma mecha do seu cabelo para trás. — Vou usar todo o poder que tenho para descobrir isso, Kiara. Para ir atrás dele e fazê-lo confessar o porquê de ter te colocado à venda.

— Você se arrepende de ter me comprado? — Ela perguntou, baixinho, como se estivesse com medo da resposta.

— Não. — Falei, vendo ela se mover, incomoda. — Não me arrependo, primeiro porque você é a pessoa mais importante da minha vida, eu jamais iria me arrepender de ter você ao meu lado. Segundo, porque sei que se eu não tivesse a

comprado, outro compraria. E eu não consigo sequer suportar a ideia do que poderia ter acontecido com você.

Ela assentiu e tirou a mão do meu rosto, me empurrando de leve pelos ombros. Vi em seus olhos que ela sabia que eu estava certo, mas mesmo assim, tudo aquilo ainda a magoava. Respeitando seu espaço, me afastei com o coração doendo e a vi se virar de costas para ir em direção a uma outra gaveta. Sabia que tínhamos ido além hoje, ela havia me deixado tocar nela, abraçá-la, beijá-la, acariciá-la.

Ali eu me permiti ter

esperanças. Ela havia me dito com todas as letras que estava me dando uma segunda chance e eu iria me agarrar a essa chance e a teria de volta para mim, nem que eu tivesse que do céu ao inferno para isso.

— Eu vou deixá-la sozinha para arrumar suas coisas. Vou ligar para Joshua agora mesmo para providenciar seu quarto lá em cima.

— Tudo bem. — Ela murmurou e não foi fria como estava sendo mais cedo. Ela foi apenas... Ela mesma.

Sorri de leve e impedi meu impulso de ir até ela e beijar seu cabelo. Mas, segundos depois,

mandei tudo ir se foder a abracei por trás, minhas mãos em seu ventre, meu rosto em seu cabelo. Senti seu corpo tenso e sorri ainda mais quando senti aquela ondulação na minha mão. Poderia parecer idiota, talvez eu fosse um idiota, mas percebi que amava aquilo. Amava aquela movimentação lá dentro dela, que reverberava em ondas na palma da minha mão.

— Eu amo quando ele se mexe. Ou ela... Ainda não sabemos. — Sussurrei e beijei seu cabelo seguidas vezes, antes de ter coragem de me afastar. — Eu te amo, Kiara. Te amo demais.

Prolonguei ao máximo possível aquela carícia, mas sabia que estava quase ultrapassando um limite, então, a deixei.

Quando sai do quarto, me senti um outro Dominick. Um Dominick mais leve, cheio de esperanças, cheio de amor. Um Dominick pronto para batalha.

Capítulo 4 – Kiara

*“Eu não sei por que estou com
medo*

*Eu já estive aqui antes
Cada sentimento, cada palavra
Já imaginei isso tudo”
One And Only (Adele)*

— Você tem que ser forte e parar de ser tão emotiva! — Murmurei para mim mesma, no espelho, minutos antes de sair do palácio. — Não se deixe levar por palavras bonitinhas, não se deixe levar pelo amor em seu coração... Por favor...

Suspirei, passando a mão pela minha barriga, arrependida de ter me deixado levar por um momento emotivo como o de ontem. Ficar perto de Dominick me causava emoções extremas. Ou eu ficava com raiva dele e do mundo ou sentia o amor martelar em meu peito, implorando para esquecer de tudo e me enroscar em seus braços.

E, em ambos os casos, a dor vinha junto, intensamente.

Como eu poderia lidar com aquilo? Como poderia aguentar ser tão massacrada por sentimentos e, como se não bastasse tudo isso, ainda sentir a necessidade de ser

amparada pela pessoa que estava me causando tudo aquilo?

Estava confusa. Tinha dentro de mim a certeza de que a dor que sentia era mais forte do que tudo, mas, ao mesmo tempo, não tinha certeza de nada. Por que, se a dor era realmente maior, por que diabos o meu coração me impelia a ir de encontro a Dominick? Era uma briga intensa, onde meus sentimentos me pediam para parar e analisar tudo e a minha razão me obrigava a ser apenas racional e enxergar o que estava na minha frente.

Que Dominick era um traidor.

Que ele havia me comprado em um leilão de mulheres sem pensar nas consequências, sem pensar que eu tinha uma vida antes de estar ali, sem pensar na monstruosidade de seu ato. Que ele havia falado coisas sobre o nosso filho que havia me quebrado.

Mas ainda assim, eu estava ali. Havia pensado em ir embora, faria um escândalo se fosse necessário para me ver longe de Dominick, mas eu não tinha coragem. Porque a dor de não o ver nunca mais, de não o ter ao meu lado, por mais que eu me mantivesse afastada, era pior do que a dor que ele estava me

causando. Talvez eu fosse fraca, na verdade, estava começando a achar que eu realmente era, mas não suportaria ficar longe dele.

Ficar longe de Dominick me doía a alma.

Estar em Orleandy, morando sob o mesmo teto que ele, era a minha forma de segunda chance. Eu conseguia enxergar nos olhos de Dominick a dor que ele estava sentindo, conseguia ver que ele se sentia até mesmo inseguro ao falar comigo, ele não sabia como agir e isso me fazia ficar indecisa. Isso me fazia acreditar que talvez eu conseguisse perdoá-lo.

Talvez ele curasse a dor em eu coração.

— Vossa Majestade?

A voz de Thomas me tirou do transe em que estava e sai do banheiro, encontrando-o na porta do que, agora, era o meu quarto. Em um dia Joshua transformou o ateliê da antiga Rainha em um quarto incrível.

— Sim, Thomas.

— O Rei já está a sua espera no hall do palácio. Sua bagagem já está no carro.

— Obrigada, Thomas, já estou descendo.

Ele assentiu e saiu do quarto,

fechando a porta atrás de si. Olhei para os jardins pela sacada do meu quarto e soltei um suspiro nervoso. Em algumas horas, eu veria minha mãe novamente. Aquilo fez meu coração saltar de alegria e compaixão por Dominick, ele estava me levando de volta para minha mãe sem que eu ao menos houvesse lhe pedido.

Saber que ele estava atento a tudo sobre mim tirou o meu fôlego e fez meu amor por ele crescer ainda mais, mesmo em meio a dor.

Apertei o cinto em volta da minha cintura e observei pela janela do jatinho Dominick conversando com o piloto. Eles trocaram poucas palavras e, minutos depois, entraram juntos na aeronave.

Uma comissária de bordo estava no canto e acompanhou Dominick até a poltrona ao meu lado. Murmurou algo sobre chamá-la se precisássemos de alguma coisa e logo se afastou, sentando-se na frente e colocando seu cinto. Dominick olhou para mim e eu tremi, nervosa.

Não conseguiria passar quase

cinco horas de voo ao seu lado. Meu coração pulava mais forte só de pensar.

— Por favor, Dominick, eu gostaria de ficar sozinha. — Murmurei, desviando meu olhar do dele.

— Por quê? — Ele suspirou e se abaixou perto de mim. — Kiara, por favor, não faça isso, eu...

— Dominick, não torne isso mais difícil para mim.

— Você disse que me daria uma segunda chance.

— Eu estou dando. — Falei, engolindo em seco. — Mas ainda estou muito magoada, eu apenas

preciso ficar sozinha e colocar minhas ideias no lugar, preciso pensar.

— Eu não vou falar nada, eu prometo.

— Dominick, por favor...

— Tudo bem. — Murmurou, parecendo inconsolado.

Seja forte, Kiara, seja forte...

— Eu entendo você, entendo perfeitamente, eu só... Essa distância está me matando. Mas vou fazer isso, vou me sentar ali do outro lado, qualquer coisa, por favor, me chame.

Assenti, virando meu rosto para janela para não vê-lo sair do meu

lado. Aquela dor idiota estava me consumindo novamente, a distância também me matava, me entorpecia, mas não conseguia fazer de outra forma. Eu precisava ficar longe para me manter lúcida, sentia que ficar perto demais dele me faria cair em tentação.

E eu não podia. Não podia me deixar levar tão facilmente. Meu corpo precisava do dele, mas meu coração precisava perdoá-lo antes. E a dor era forte demais para perdoá-lo.

Alguns minutos depois o piloto emitiu um aviso para apertarmos o cinto. Senti meu coração acelerar

quando o avião começou a andar rápido na pista e, por fim, começou a subir.

Quando chegamos no céu, me permitir pensar em Lorenzo. O que Dominick havia falado não saía da minha cabeça, não sabia se deveria ou não acreditar. Minhas lembranças eram fartas, mas paravam quando me inscrevi para o Bolshoi. Nada depois disso vinha a minha mente, apenas eu acordando no palácio. Não conseguia me lembrar de algo que incriminasse Lorenzo, algo que me fizesse levar a crer que ele realmente havia me sequestrado e levado para um

leilão de mulheres.

Mas conseguia me lembrar exatamente que tinha sido ele que havia me falado sobre o concurso. Ele havia, também, me levado até o lugar onde eram feitas as inscrições. A lembrança me trouxe calafrios. Não conseguia entender o porquê de ele ter feito isso comigo, não sabia se deveria acreditar, primeiramente, que ele havia feito isso comigo. Éramos amigos desde a nossa infância, depois viramos namorados, ele morava comigo, era carinhoso comigo e com minha mãe.

Então, por quê? Por que havia

me vendido em um leilão? Por que havia mentido para Dominick sobre minha mãe?

Olhei para Dominick que tinha o olhar atento em mim. Ele parecia contido, a dor brilhava em seus olhos e ali minhas dúvidas acabaram. Ele não havia mentido, Lorenzo realmente havia me vendido em um leilão. Dominick não tinha o porquê de mentir para mim sobre aquilo e o modo como me olhava, com toda aquela dor, me levou a crer que a última coisa que ele faria naquele momento, era pensar em uma mentira para me contar.

Não quando eu já sabia de tudo.

Ele havia me prometido que iria descobrir o motivo de Lorenzo ter me vendido e eu acreditei nele. Não estava me manipulando como antes, ele estava sendo sincero, eu conseguia ver em seus olhos, no modo como falava comigo. E eu estava louca para descobrir o motivo de Lorenzo ter feito algo tão cruel comigo.

Porque eu sabia, eu tinha consciência de que eu havia tido muita sorte. Dominick me comprou, fez de mim uma Rainha, me deu uma vida de luxo, me deu amor. Mas eu poderia ter sido comprada

por um homem sádico, que faria de mim uma escrava, que me mataria.

A ação de Dominick foi errada, mas saber que ele não tinha a intenção de maltratar a mulher que iria comprar, fez meu coração se acalmar um pouco. Cada dia mais eu conseguia compreender melhor aquela história. Eu precisava deixar a dor e a decepção de lado por um momento e olhar tudo com os olhos da razão. Precisava entender que a ação de Dominick foi sim monstruosa, mas que, em nenhum momento, ele foi ruim para mim.

Com isso em mente, tirei meus olhos dos dele e voltei a mirar o

céu. Uma estranha sensação de paz se apossou de mim e eu sorri de leve ao sentir aquele movimento gostoso em minha barriga. Eu iria descobrir o que havia acontecido comigo, eu iria descobrir sobre exatamente tudo.

E faria cada um dos culpados pagar. Mesmo que um dos culpados morasse em meu coração.

— Kiara? Querida, chegamos.

Abri os olhos e encontrei Dominick me olhando atentamente. Quando olhei ao redor, vi pela

janela que já havíamos pousado, o céu nublado de Londres brindando a nossa chegada.

Aceitei a mão que Dominick estendia para mim e sai da cadeira, segurando a bolsa que havia trazido comigo. Saímos da aeronave e acenei de leve para a comissária e o piloto, que sorriam para nós. Wayne e um outro segurança nos levaram até um carro preto que estava ali perto.

Quando nos sentamos, pensei em tirar minha mão das mãos de Dominick, mas ele a segurou com mais força, olhando para mim.

— A Rainha nos ofereceu

estadia no Palácio de Buckingman, mas achei melhor recusar e irmos para casa que eu tenho aqui em Londres. Precisamos de privacidade.

— A Rainha? — Perguntei, subitamente chocada.

Nunca havia visto a Rainha pessoalmente, apenas pela televisão. Saber que ela queria a nossa presença no Palácio me deixou comovida.

— Sim. Anjo, não se esqueça que, agora, você está no mesmo patamar que o dela. Ela é Rainha da Inglaterra e você é a Rainha de Orleandy. — Ele sorriu de lado

para mim e o meu coração falhou uma batida.

Assenti e engoli em seco, tirando minha mão da dele. Daquela vez Dominick não forçou e olhei para ele.

— Vamos ver a minha mãe agora?

— Eu pensei em passarmos em casa primeiro. Você precisa descansar e se alimentar, Kiara.

— Eu quero muito vê-la... Por favor.

Ele me olhou como se analisasse minha proposta e segundos depois, se virou para Wayne que havia acabado de se sentar ao volante.

— Vamos para a vila onde Kiara morava.

Meu coração acelerou, enquanto Wayne assentiu e começou a colocar o carro em movimento. Senti vontade sorrir enquanto via Londres aparecer pela janela, uma sensação familiar tomando conta do meu peito. Olhei para tudo com fome, guardando cada detalhe da minha mente, até que o centro ficou para trás.

Encostei minha cabeça no banco do carro e fechei os meus olhos. Queria pensar no que diria ao ver minha mãe, no que todos poderiam pensar de mim. Não seriam

saudosos, eu tinha certeza. Conhecia a todos os meus vizinhos, adorava-os e eles também me adoravam, mas deveriam me odiar agora.

Deveriam pensar que eu deixei minha mãe para trás, que eu menti, que havia virado uma Rainha e uma mulher rica e me esqueci dela.

Quando o carro parou e eu abri os olhos, foi como se tivesse sido transportada para uma outra época. Era tudo exatamente como eu me lembrava. As casas pequenas uma do lado da outra, cada uma pintada de uma cor. As flores da Sra. Roberts ainda estavam na janela do

seu quarto, o carro antigo do Sr. Wosh ainda estava parado em sua porta. E minha casinha. Minha linda casinha pintada de rosa ainda estava lá, tão simples, mas ao mesmo tempo tão aconchegante.

Dominick abriu a porta para mim e peguei em sua mão para descer. Estava tudo calmo como sempre naquele fim de tarde. Os seguranças saíram do carro de trás que nos seguia e entraram, olhando tudo antes de nos deixar passar. Quase falei para saírem da frente, que aquele era meu lugar e não havia perigo algum, mas me contive só segui em frente quando

Dominick apertou minha mão e andou ao meu lado.

A primeira pessoa que saiu de sua casa foi a Sra. Roberts. Ela olhou atentamente para todos, até que seu olhar parou em mim. Me fitou de cima a baixo, focou em minha barriga, na minha mão entrelaçada a de Dominick e quando voltou a me olhar nos olhos, colocou a mão no coração. Senti vontade de chorar, meu peito se apertando com saudades daquela senhora que sempre me dava flores para enfeitar o quarto da minha mãe.

— Oh meu Deus! — Ela gritou.

Em seguida, todos saíram de suas casas. Sr. Wolsh com a netinha Lilith que segurava sua mão, Sra. Ellie com seu cachorrinho, Sra. Amy com os dois filhos, que haviam crescido muito nos meses em que fiquei longe.

Por fim, a Sra. Brighton saiu de sua casa empurrando uma cadeira de rodas. Senti meu coração falhar algumas batidas quando a vi. Minha mãe. Ela estava mais magra, vestida em um vestido simples com estampa de rosas, o cabelo preso em um coque. Olhou para todos com curiosidade, mas não focou os olhos em ninguém, nem em mim.

Ela não se lembrava mais de mim.

— Mãe... — Murmurei, sentindo as lágrimas molharem meu rosto.

Tentei me aproximar, mas Dominick segurou minha mão e sussurrou em meu ouvido para ter calma. A vila estava em silêncio e todos me observavam.

— O que está fazendo aqui? — Sra. Brighton perguntou, sem se aproximar.

O que eu pensava se concretizou. Todos me odiavam. Eu via em seus olhos.

— Eu... Eu vim..

— Nós viemos buscar a mãe de

Kiara. — Dominick disse, ativo, olhando para todos.

— Como?

— A senhora ouviu, viemos buscar a mãe de Kiara.

Silêncio tomou conta de tudo novamente. Senti meu coração ficar ainda mais apertado.

— Você largou a sua mãe, mentiu para todos nós dizendo que iria para um concurso de balé. Se casou com o Rei de Orleandy e agora, depois de meses, vem atrás da sua mãe? Qual é o seu problema, garota? Esqueceu de sua mãe quando ficou rica e agora vem atrás dela, como se nada tivesse

acontecido?

— Respeito ao falar com a Rainha! — Wayne disse, olhando severamente para Sra. Brighton.

— Rainha? Ah, pelo amor de Deus, eu vi essa garota crescer! E, infelizmente, vi a interesseira que ela se tornou.

— O quê? Não... — Me soltei de Dominick e me aproximei alguns passos, apenas para senti-lo tomar a minha cintura e me segurar no lugar. — Não é nada disso, eu não sou uma interesseira, eu...

— Não nos importa! — Sra. Roberts disse, colocando as mãos na cintura. — Pode voltar para

Orleandy, porque nós e principalmente Emily, não precisamos de você aqui!

Ofeguei, meus olhos nublados pelas lágrimas. Quis falar mais, quis gritar, mas a dor de ver minha mãe e não poder tocá-la, não poder abraçá-la, me impossibilitou. Em segundos, todos se viraram de costas para mim e entraram e suas casas, batendo as portas. Todos me odiavam.

E estavam afastando ainda mais a minha mãe de mim.

— Acalme-se, nós sabíamos que não seria fácil. — Dominick murmurou, entrando na minha frente

e tomando meu rosto. — Vamos embora, você não pode passar por todo esse estresse. Amanhã nós voltamos e vamos conversar com eles com mais calma.

— Eles estão me odiando, não vão me deixar vê-la.

— Vão sim! Nós vamos falar com eles e vamos embora com a sua mãe. Eu prometo Kiara, eu dou a minha palavra a você.

Assenti, confiando nele. Confiando no homem que havia pisado no meu coração.

Confiando no homem que eu amava.

Capítulo 5 – Dominick

*“E se você me machucar
Mas está tudo bem, querida
Apenas as palavras sangram
Dentro destas páginas, apenas
me abraça
E eu nunca te deixarei ir”
Photograph (Ed Sheeran)*

— Kiara... — Murmurei. Não sabia mais o que falar ou fazer para fazê-la parar de chorar.

Ela pareceu não me ouvir e se sentou no sofá, tampando o rosto com as mãos. Sem conseguir me

conter, fui até ela e me ajoelhei a sua frente. Coloquei minhas mãos em seus joelhos e acariciei a pele exposta, olhando para ela, desejando que ela olhasse para mim, que falasse alguma coisa, qualquer coisa para que eu soubesse que ela estava melhor.

— Tire as mãos de mim, Dominick! — Falou, de repente, levantando o rosto. Mesmo com os olhos cheios de lágrimas eu pude ver a sua raiva. Sua raiva sendo dirigida a mim. — Não se aproveite da situação!

— Me aproveitar? Kiara, eu só quero te consolar, só quero que

pare de chorar.

— Me consolar? Ah, por favor, você ao menos sabe o que é isso!

— Gritou, me empurrando e se levantando. Continuei no lugar onde eu estava, chocado demais com sua explosão. — Você não é do tipo de homem que consola. Você é do tipo de homem que causa dor.

Me virei para ela e me levantei, a encarando. Estava vermelha, seu peito subia e descia, ofegante, mas ainda chorava. Seu queixo tremia.

— Para! Para de fingir que é bonzinho, que se importa, para com isso!

— Para com isso você! —

Gritei, explodindo. — Para de agir feito louca! Porra, eu estou fazendo de tudo, Kiara, de tudo para mudar essa situação! A nossa situação e o que você está fazendo? Descontando em mim o que os vizinhos da sua mãe fizeram com você!

— Ah, pelo amor de Deus! Você não tem ideia do que estou sentindo, até porque, você nunca teve uma mãe! Não sabe o que é esse amor que nos envolve, que envolve mãe e filho!

Olhei para ela sentindo meu coração falhar uma batida. Eu sabia sim o que era a dor, carreguei o

peso durante toda a minha vida. A cada aniversário eu dividia a experiência de fazer um novo ano, com a consciência de que, ao mesmo tempo, minha mãe fazia mais um ano de morta.

Já estava acostumado com aquilo, em viver sem minha mãe e, principalmente, com a culpa de que eu a havia matado. Mas ouvir aquele tipo de coisa da boca da mulher que eu amava, da mulher que eu aprendi a amar mais do que tudo, acabou comigo. Foi como se tivessem pisado no meu coração.

Vi o momento em que Kiara arregalou os olhos e abriu a boca,

ofegando. Talvez se arrependendo do que havia dito, mas já era tarde demais.

— Dominick, eu não...

— Tudo bem, Kiara.

— Não, por favor, eu não...

— Eu já entendi. — Murmurei, soando mais rude do que pretendia. — No segundo andar tem cinco quartos, escolha qualquer um deles, vou pedir para Wayne levar sua mala daqui a pouco.

Não olhei para ela quando me afastei com a intensão de ir ao meu escritório. Mas sua mão em meu braço me segurou. Ela me apertou e parou na minha frente, olhando em

meus olhos.

— Por favor, por favor, eu não quis dizer aquilo...

— Não importa. No final, você tem razão. Eu não faço ideia do que é ter uma mãe ou do que é ter o amor de uma mãe. Você não disse nenhuma mentira.

— Eu fui uma idiota. Eu descontei em você toda a minha raiva, toda a minha frustração, eu sinto muito. Eu disse tudo aquilo da boca para fora, o que aconteceu com a sua mãe...

— Minha mãe decidiu que me deixar viver era melhor. Ela deu a vida dela pela minha, mas sabe a

que conclusão eu cheguei desde o dia em que eu fui capaz de entender isso? — Murmurei, olhando em seus olhos. — De que era melhor eu ter morrido e ela ficado. Ela fez muita falta ao meu pai, a Orleandy, a tudo. E eu? Eu não acrescentei em nada a vida de ninguém, a não ser para trazer sentimentos ruins. Raiva e ódio ao meu pai, indiferença do que restou da minha família e dor a você. No final das contas, eu fui desnecessário. E vou continuar sendo pelo resto da minha vida.

Passei por ela sem dar chances para que falasse mais alguma coisa. Estava magoado, por mais que ela

tivesse falado a verdade, qualquer coisa sobre a minha mãe era capaz de mexer comigo e ela tocou justamente na ferida que estava aberta há trinta anos. Se queria realmente me machucar, fez um trabalho daquela vez.

Entrei em meu escritório e enchi um copo com uísque. Tomei um gole enquanto me sentava na poltrona e observei a janela a minha frente, o céu escurecendo aos poucos. Assim como o coração, que estava com esperanças de que tudo poderia se acertar, mas que agora percebia que o estrago era maior do que eu havia pensado. O que eu fiz

estava transformando Kiara em uma pessoa que gostava de ferir.

Eu só não sabia o que fazer para mudar aquela situação.

Kiara

Observei a porta de madeira se fechar com força atrás de Dominick e abracei minha barriga, me sentindo verdadeiramente culpada desde o dia em que havia descoberto tudo.

O que estava acontecendo comigo?

Pensei em ir até lá e fazer com que acreditasse em mim, fazer com

que ele visse que eu não falei aquilo de propósito, que eu havia dito sem pensar. Mas como faria isso se nem mesmo eu acreditava em mim mesma? Eu queria realmente machucá-lo, fazer com que sentisse a dor que eu estava sentindo, eu queria aquilo. E não medi palavras até ver a dor em seus olhos e perceber que sua dor era minha dor.

Estava tão arrependida. Falar da mãe de Dominick foi um erro grande demais. Ali eu deixei a amargura tomar conta de mim e feri Dominick sem pensar nas consequências.

Engoli a minha vontade de chorar e correr atrás dele. O conhecia e sabia que ele queria ficar sozinho, por isso, fui em direção a escada percebendo pela primeira vez a decoração do lugar. Não era como Orleandy, com a decoração clássica e móveis centenários. Aquela mansão que Dominick chamava de casa era moderna. A sala era bonita, o piso de cerâmica preto brilhava, o sofá era cinza. A escada era de madeira e o corredor também tinha piso corrido de madeira, o teto alto, as paredes simples pintadas de branco.

Olhei tudo rapidamente e vi uma outra escada no final do corredor. Se seguisse a tradição do palácio, aquele terceiro andar deveria levar ao quarto de Dominick. Pensar nele me deixou ainda mais para baixo e com esse sentimento apunhalando meu coração. Entrei no último quarto do corredor. Minutos depois Wayne entrou com minhas malas e informou que o jantar seria servido em uma hora.

Peguei uma roupa confortável e fui em direção ao banheiro. Olhar para todos os azulejos claros me fez soltar um suspiro. Sentia falta do quarto escuro de Dominick, até

mesmo daquele seu banheiro negro eu sentia falta. Sentia falta de tudo. De seu abraço, seu cheiro, seu corpo no meu, a forma como fazíamos amor. Só de pensar sentia meu coração apertar.

Era como uma necessidade. Necessidade de estar perto, mesmo estando insuportavelmente magoada. Mas eu teria de ser forte! Mesmo magoando Dominick e querendo consolá-lo, eu precisava me lembrar de tudo o que estava acontecendo comigo, precisava me agarrar ao sentimento de traição para não esquecer o que ele havia me feito.

Sai do banho e me sequei. Me vesti e penteei o cabelo, lembrando da minha mãe. Mais dor me assolou e me perguntei se eu conseguiria suportar mais daquilo. Perceber que minha vida havia sido apenas um conto de fadas estava cobrando seu preço. Um preço alto. Um preço de dor e eu tinha que fazer os culpados pagarem por aquilo, mesmo que aquilo me machucasse.

Sai do banheiro e peguei meu celular na bolsa. Quase não usava aquilo, as únicas pessoas que me ligavam eram Dominick e Dallah, quando não estavam no castelo. Pensei que estaria descarregado,

mas ainda havia um pouco de bateria e entrei na internet, pesquisando o que eu queria.

Queria saber mais sobre o tráfico de mulheres. Queria arrumar uma forma de poder acabar com aquilo, de poder salvar as mulheres de um crime tão bárbaro. A cada link que eu entrava, mais horrorizada eu ficava ao saber que aquele tipo de crime financiava outros, como tráficos de drogas, de órgãos e até mesmo de crianças.

Um nó se formou na minha garganta e agarrei minha barriga, fechando os olhos. Por que havia tanta maldade naquele mundo? Por

que diabos tinham de fazer algo como aquilo? Sequestrar pessoas?

Uma batida na porta do meu quarto me fez abrir os olhos. Por um momento, pensei que Dominick entraria ali, até mesmo desejei aquilo, mas logo a figura de uma moça com roupa de empregada apareceu na porta. Ela segurava uma bandeja.

— Com licença, Vossa Majestade. Rei Dominick ordenou que trouxesse seu jantar no quarto, tendo em vista que ele não está com fome e que não irá jantar agora.

— Tudo bem. — Murmurei, vendo-a colocar a bandeja em cima

da mesa e arrumar o prato e os talheres. — Qual o seu nome?

— Mary, Vossa Majestade.

— Mary, por favor, você poderia pedir a Dominick para que ele se juntasse a mim no jantar aqui no quarto?

— Claro, farei isso assim que eu retornar ao primeiro andar.

Ela terminou de arrumar a mesa e me deu um pequeno sorriso antes de sair.

Esperei.

Esperei pelo o que pareceu uma eternidade, enquanto olhava para o prato a minha frente, colorido com uma salada que fazia parte da minha

dieta de gestante. Saber que Dominick havia se preocupado em passar isso para os empregados me tocou e mais uma vez, me fez sentir culpada.

Novamente houve batidas na porta e meu coração se acelerou, apenas para se encher de decepção quando vi Mary novamente.

— Com licença, Vossa Majestade, o Rei Dominick ordenou que eu lhe avisasse que ele está ocupado com alguns documentos e que não poderá subir para acompanhar a senhora no jantar. — Ela disse, sem graça. Senti vontade chorar. — Sinto

muito.

— Tudo bem, obrigada, Mary.

Ela assentiu e saiu, me deixando sozinha. Comi sem sentir o gosto da comida, me forçando a me alimentar por conta do meu filho que parecia dormir em minha barriga. Algumas lágrimas salpicaram em meus olhos, mas me obriguei a ser forte. Conhecia Dominick, sabia o gênio que ele tinha e só sendo muito ingênua para pensar que ele deixaria seu orgulho e sua dor de lado e se juntaria a mim.

Terminei a refeição e fui em direção ao banheiro. Escovei os

dentes e me olhei no espelho, observando o quão cansada eu parecia. Quando sai do banheiro quase gritei ao ver Dominick ali, em pé, no meio do quarto com as mãos no bolso da calça.

— Queria ver se estava bem instalada e se precisa de alguma coisa.

Vamos lá, Kiara. Você precisa ser forte e não estúpida ao ponto de negligenciar a besteira que falou hoje.

— Sim, eu preciso de algo. — Murmurei, me aproximando até parar na frente dele. — Preciso que me perdoe pelo que fiz hoje. Por

tudo o que falei.

— Você realmente se arrepende?

— Sim! Eu queria te magoar, Dominick, por isso falei aquelas coisas. Mas não posso suportar o fato de que eu lhe causei dor. Me machuca ainda mais.

Ele ficou calado e fechou a distância entre nós. Passou a ponta dos dedos pelo meu rosto e eu lutei para ficar de olhos abertos, olhando para ele.

— É dessa forma que eu me sinto. É com essa dor que eu convivo diariamente, Kiara, a dor de ter magoado você. Sufoca, não é? É um peso enorme no coração,

não é mesmo? — Seu tom não era de deboche, seu tom era magoado, sofrido.

— Sim, me mata por dentro.

Ele assentiu e fechou os olhos, abrindo-o segundos depois para me fitar.

— Eu não tenho o que te perdoar. O que eu fiz precisa de perdão, Kiara, mas tudo o que você falou, não. Eu te desculpo, se isso a faz sentir melhor, mas não tem necessidade de perdão. Eu sou o único que precisa ser perdoado, mas tenho a consciência de que o que eu fiz foi muito grave para ser perdoado de uma hora para outra.

Eu vou ser paciente e provar para você que sou digno do seu perdão e do seu amor.

Quando ele terminou eu tinha lágrimas nos olhos. Queria tanto acreditar nele, na verdade, eu já acreditava. Mesmo magoada, mesmo que, em momentos de raiva, eu dissesse que jamais iria perdoá-lo, estava começando a me apegar ao fato de vê-lo daquela forma, obstinado, focado em ser perdoado, em me ter novamente.

Com os olhos fechados novamente, Dominick se aproximou. Por um momento, pensei que me beijaria na boca,

mas seus lábios migraram para cima e se encostaram na minha testa, beijando-me ali por segundos que eu queria que fossem intermináveis. Ficar longe dele estava me custando um preço caro demais, o preço de ficar longe dos seus carinhos, dos seus abraços, de seus beijos, de seu corpo junto ao meu.

Quase lamentei em voz alta quando ele se afastou de mim. Vi em seus olhos a mesma necessidade que haviam nos meus, a necessidade de ficar, de continuar em meus braços, de nunca mais me largar.

— O meu quarto fica no terceiro andar, mas vou me instalar no quarto ao lado do seu. Se precisar de alguma coisa, de qualquer coisa, é só bater na porta, tudo bem?

Assenti. Se eu abrisse a boca falaria para ele ficar e não para concordar com algo. Dominick balançou a cabeça e se afastou, mas parou quando tocou na maçaneta da porta.

— Eu te amo, Kiara. Te amo com tudo de mim.

Eu também te amo, Dom. Te amo com todo o meu coração.

Voltar a vila fez o meu coração ficar ainda mais apertado. Era de manhã e o sol brilhava fraco naquele dia, enquanto o carro parava no começo da rua pequena e estreita. Novamente os seguranças saíram primeiro e rondaram tudo. Senti a mão de Dominick apertar a minha.

— Dessa vez eu vou entrar primeiro e conversar com a Sra. Brighton, tudo bem? Não quero que fique nervosa como antes, isso não faz bem ao bebê.

Pensei em discordar, mas ele beijou minha testa e saiu segundos

depois, sem me dar chance falar alguma coisa. Vi como andava na frente dos seguranças, seu porte elegante no terno, sua bunda bem acomodada na calça... Balancei a cabeça e Wayne olhou para mim pelo retrovisor. Sorri de leve, constrangida com meus pensamentos. A falta de Dominick estava começando a me afetar, mas eu era forte e passaria por cima daquilo.

Os segundos se arrastavam enquanto ele não voltava. Já não aguentava mais ficar dentro daquele carro, torcia meus dedos, nervosa. E se a Sra. Brighton fosse

irredutível novamente? E se não me deixasse ver minha mãe de novo? Fiquei subitamente enjoada com esse pensamento. Precisava vê-la, precisava levá-la comigo para Orleandy.

Vi Dominick voltando e não aguentei esperar dentro do carro, apenas abri a porta e sai correndo em sua direção, vendo Wayne sair correndo atrás de mim. Dominick sorriu de leve e parou de andar quando o alcancei, suas mãos pegando as minhas.

— E então? Falou com ela?

— Sim. Vamos ver sua mãe, Anjo.

Um sorriso tal grande se abriu no meu rosto que pensei que ele seria dividido ao meio. Agarrei sua mão com força vendo seu sorriso feliz para mim, seus olhos brilhando feliz pela minha felicidade. Andamos juntos até a casa amarela da Sra. Brighton e meu coração se acelerou ao vê-la na porta, séria, nos avaliando.

Nos deixou entrar e vi que tudo se parecia como antes. Seu sofá vermelho na sala, a mesa de centro de vidro, a estante de madeira com a televisão. Olhei em volta, procurando por minha mãe, mas não a encontrei em lugar algum.

— Ela está no quarto, ouvindo música. Gosta de fazer isso nesse horário. Por favor, sentem-se. — Falou, um pouco fria, sentando-se na poltrona a nossa frente.

— Eu quero muito vê-la, por favor...

— Seu marido me disse que vocês têm uma explicação para tudo o que aconteceu. Então, primeiro me conte o que houve e depois eu trago Emily para sala.

Pensei em retrucar, mas Dominick apertou minha mão e me puxou para sentar ao seu lado, seus olhos nos meus. Não sabia que tipo de explicação era aquela, mas tive

uma ponta de esperança de que ele iria contar a verdade. Isso o faria subir em alguns graus no meu conceito.

— Estou esperando. — Sra. Brighton alertou. — Kiara, você saiu dessa vila falando que iria fazer um teste para o Bolshoi. Então, você sumiu e depois apareceu nos jornais como a noiva do Rei de Orleandy. Consegue imaginar como todos nós ficamos por aqui? Estávamos desesperados achando que algo sério havia acontecido com você. Que você tinha sido sequestrada ou até mesmo morta. Ficamos em choque

com o seu rosto em todos os jornais e noticiários.

— Eu sei, eu imagino como deve ter sido a reação de vocês, mas...

— A senhora estava certa em sua suposição. Kiara foi realmente sequestrada. — Dominick disse, me interrompendo.

— Como?

— Sim. Esse teste para o Bolshoi era uma cilada e sequestraram Kiara. A levaram para Orleandy, mas Kiara conseguiu fugir do cativeiro. Ela estava correndo pela estrada quando meu motorista a atropelou.

— Oh meu Deus! — Sra.

Brighton murmurou, subitamente chocada.

Eu também estava chocada. E mais uma vez vendo a capacidade que Dominick tinha de mentir tão bem.

— A levamos para o hospital, mas a pancada em sua cabeça foi forte demais e ela perdeu a memória. Não poderia deixá-la sozinha e a levei para o meu palácio e, bem, nos apaixonamos. — Ele sorriu, levando minhas mãos aos seus lábios. — Eu não poderia deixá-la escapar e nos casamos. No começo do mês a memória de Kiara começou a voltar gradativamente e

assim que ela se lembrou de tudo por completo, viemos para Londres, para que ela pudesse encontrar sua mãe e levá-la para nossa casa.

O silêncio durou por alguns segundos até Sra. Brighton suspirar, seus olhos se enchendo de lágrimas.

— Ah, Kiara, eu sinto muito! Pensei tão mal de você, aliás, todos nós pensamos e na verdade você havia sido sequestrada e estava sem memória... Eu sinto muito, estou tão envergonhada.

— Não, por favor, não fique assim, Sra. Brighton, eu entendo. Eu vim sabendo que estariam pensando

mal de mim. No final de tudo, eu tenho apenas que agradecer, pois a senhora ficou com a minha mãe durante todos esses meses.

— Sim, eu fiquei. Não sei se você se lembra, mas Lorenzo foi transferido para trabalhar na Rússia como professor de piano...

— Rússia? — Perguntei sem conseguir me conter.

— Sim... Não se lembra? Alguns dias antes de você fazer o teste, ele foi para Rússia assinar o contrato com a escola de piano. Vocês estavam tal felizes, porque pensaram que ficariam separados, que só você iria para Rússia e ele e

sua mãe ficariam... Ah, querida, pelo o que vejo, sua memória ainda está falhando um pouco.

— Sim, mas... Ele não voltou? Nem para ver minha mãe?

— Sim, ele voltou quando avisamos que você havia desaparecido, mas logo teve de voltar. Mas ele manda uma quantia todo o mês para as despesas da sua mãe, ele compra os remédios dela e liga uma vez por semana para saber como ela está.

— Ele liga? — Dominick perguntou ao meu lado.

— Sim, liga do celular dele.

— A senhora se importaria de

me dar o número dele? —
Perguntei, meu coração acelerado.

Estava mais do que claro para mim que o que Dominick havia me dito era verdade. Ele havia me levado para Rússia! Ele havia me colocado à venda!

— Claro que não. Será ótimo se vocês conversassem. Sei que não vão voltar, eu vejo em seus olhos quanto ama seu marido, mas se pudesse explicar a ele tudo que aconteceu, seria melhor.

— Ele também acha que Kiara é uma interesseira?

Sra. Brighton se encolheu com o tom frio de Dominick e eu apertei

sua mão, querendo lembrá-lo que a mulher não tinha culpa de nada.

— Todos nós pensamos, mas agora está tudo esclarecido para mim e logo esclarecerei aos outros também. — Falou, sorrindo no final. — Por favor, Kiara, sua mãe está no meu quarto, no final do corredor.

Assenti e me levantei. Dominick se levantou junto, pensei que iria comigo, mas apenas beijou minha testa e me deu força com o olhar. Sem dizer nada, fui em direção ao corredor, ouvindo a música ficar alta quando cheguei em frente a porta do quarto de Sra. Brighton.

Minha mãe estava sentada em frente à janela, tomando o sol da manhã.

Entrei devagar e me ajoelhei em frente a ela, vendo-a de olhos fechados. Toquei de leve em suas mãos e ela me olhou por um tempo, me analisando, pesquisando em sua mente quem eu era.

— Mãe... — Murmurei, emocionada, lágrimas molhando meu rosto.

— Por que está chorando? Uma moça bonita assim não pode chorar. — Ela falou, levando as mãos magrinhas ao meu rosto e secando minhas lágrimas.

Ela sempre falava aquilo para

mim quando eu chorava e secava minhas lágrimas. Me segurei para não chorar mais.

— Eu sou a Kiara, sua filha... Se lembra de mim?

Ela franziu o cenho e seus olhos se iluminaram, um sorriso se abriu em seu rosto.

— Ah, minha Kiara... Eu tenho uma filha chamada Kiara e ela é linda, uma linda bailarina... Você a conhece?

— Sou eu, mãe. Eu sou a Kiara. E vou te levar para casa.

Ela sorriu ainda mais e fechou os olhos, ouvindo a música, voltando para seu pequeno mundo.

Me levantei e dei um beijo em seu rosto, antes de pegar sua cadeira e levá-la para fora do quarto. Encontrei com Dominick no meio do corredor e ouvi um suspiro da minha mãe.

— Que menino alto e bonito. — Falou e Dominick a olhou. — Você sabia que eu tenho uma filha linda que é bailarina? Ela se apaixonaria se visse você. E você se apaixonaria se a visse.

Pensei que Dominick iria ignorá-la, mas, para minha surpresa, ele se ajoelhou na frente dela e sorriu. Sorriu de verdade ao pegar as mãos da minha mãe.

— Eu já sou apaixonado por ela.

— Por quem? — Minha mãe perguntou, já esquecida do que havia falado.

— Pela sua linda bailarina. — Ele me olhou, sorrindo. Eu estava tão feliz que não pude deixar de sorrir também. — Eu a amo com tudo de mim.

Minha mãe suspirou e balançou a cabeça.

— Esses jovens... — Murmurou e Dominick apertou a mão dela antes de se levantar e vir para o meu lado.

— Eu peguei o número de Lorenzo com a Sra. Brighton. Mas

não devemos ligar agora, eu vou falar com Frank primeiro.

— Quem é Frank?

— Um amigo meu. Ele é detetive e já está atrás de Lorenzo.

Assenti e fomos juntos para sala, onde Sra. Brighton nos aguardava com uma bolsa em mãos.

— Seu marido me informou que não vão precisar da roupa de Emily, que comprarão tudo novo para ela em Orleandy, mas mesmo assim coloquei duas mudas de roupa aqui nessa bolsa, junto com os documentos dela e os remédios. Também anotei o horário de cada remédio.

Sorri e fui até ela, abraçando-a. Sra. Brighton me abraçou também, tomando cuidado com minha barriga.

— Muito obrigada por tudo o que fez por minha mãe. Jamais poderei agradecer o suficiente.

— Foi um prazer ficar com Emily, ela me fez muita companhia. — Se afastou e tocou em minha barriga, moldando-a com o vestido. Era uma senhora experiente e olhou-a com cuidado. — Esse formato de barriga não me engana. Já sabe o sexo?

— Ainda não. — Dominick respondeu por mim, atento.

— Pois eu sei. Olha essa barriga redondinha. É uma menina, tenho certeza!

— Menina? — Perguntei, sentindo meu coração bater forte.

— Sim, pode pintar o quarto de rosa. — Ela sorriu e me olhou. — Você está linda grávida e tenho certeza que será uma mãe excepcional.

— Obrigada. — Murmurei, feliz.

Nos despedimos e fomos até o quarto. Olhei uma última vez para a casa rosa, onde passei minha infância e sorri, feliz por estar com a minha mãe novamente. Wayne

colocou minha mãe no carro e me sentei no meio, ao seu lado. Dominick se acomodou ao meu lado e me olhou:

— Uma menina... Será que devemos acreditar?

— Bem, ela é mãe de cinco filhos e já tem netos... É uma senhora muito experiente.

— Então, é uma menina. Uma pequena Kiara... — E parou e depois continuou: — Não sei ser pai de menina!

— Você realmente quer ser pai, Dominick?

— Como?

— No começo essa criança

servia apenas para me prender a você... Realmente quer ser pai dela?

— Quero. Realmente quero ser pai dela e ser o seu marido, Kiara. Quero vocês ao meu lado.

— Então me faça acreditar. Me faça acreditar em você de novo, Dominick, por favor. — Murmurei, apertando sua mão.

Ele assentiu e levou minha mão aos lábios, beijando-a.

— Sim. Nem que seja a última coisa que eu faça na minha vida.

Sorri de leve para ele e segurei a mão da minha mãe ao meu lado, vendo como ela olhava para tudo

com uma curiosidade redobrada. Agora eu estava parcialmente em paz. Minha mãe estava ao meu lado.

Faltava apenas pegar Lorenzo. E eu sentia que esse dia estava próximo.

Capítulo 6 – Dominick

*“E o seu olhar me dá esperança
para acreditar*

*Então, por você, baby, eu vou
mudar o meu jeito eu vou*

Ganhar coragem

Não tenho nada a perder

Menina, para dizer a verdade

Sempre foi você

Eu só penso em você.

All About You (Bruno Mars)

Observei a forma como Kiara cuidava de sua mãe durante todo o

voo. Minha infância sempre foi muito solitária, por mais que houvesse tido a presença de Anna e Norah na minha vida, cuidando de mim, nunca havia visto realmente a relação entre mãe e filho. Dimir era meu primo e melhor amigo, mas tia Elizabeth nunca havia sido uma mãe muito amorosa e sempre que eu a via, ela estava ocupada demais com suas amigas para dar uma real atenção ao filho e me fazer ver como era a relação entre eles.

Mas, agora, eu estava deslumbrado. Novamente deslumbrado por aquela mulher que detinha o poder de mexer comigo e

todas as minhas emoções, de me fazer mudar toda a minha linha de raciocínio. Era emocionante ver o amor nos olhos de Kiara, ver a paciência que ela tinha quando sua mãe nem se lembrava da sua existência. A forma como ela segurava sua mão, como colocou o canudo na boca dela para que pudesse beber suco.

Nunca imaginei que pudesse existir tal cumplicidade e afeto. Mas não me espantei, não vindo de Kiara, aquela mulher que era um poço infinito de bondade e compreensão. Eu sabia que ela tinha todos os motivos do mundo

para me odiar, para me escorraçar de sua vida, mas ainda assim ela estava ali, ao meu lado. Mesmo distante, mesmo dormindo longe de mim, mesmo me ignorando ou tratando mal, ela ainda estava ao meu lado.

Porque ela me amava. Seu amor era maior do que o seu ódio, maior do que a sua mágoa e era nele que eu me agarrava. No seu amor que havia me ensinado a amar, que havia me ensinado a ser uma pessoa razoavelmente melhor, uma pessoa que estava andando e melhorando a cada momento.

Eu sabia que o Dominick que a

havia comprado não era o mesmo Dominick de agora, que observava sua esposa dormindo segurando a mão de sua mãe, que também estava adormecida. Eu havia mudado muito. Boa parte da minha arrogância, do meu egoísmo, havia se esvaído. E tudo isso era por conta dela, de Kiara, que havia se instalado dentro do meu peito e mudado tudo o que eu conhecia. Havia literalmente me tirado da minha zona de conforto e eu agradecia por isso.

Me senti mais confortável na poltrona, vendo em meu relógio que faltavam apenas duas horas para

pousarmos no Aeroporto Internacional de Orleandy. Voltei a pegar meu livro dentro da minha mala de mão e ri de mim mesmo ao ver o título.

“O que esperar quando você está esperando”.

Poderia facilmente ser uma piada, mas não era. Eu, Dominick Andrigheto Domaschescky, tinha um livro sobre gravidez e pais de primeira viagem nas mãos. Mas era o dever do homem, não? Não tínhamos o bebê em nossa barriga, então, saber o que acontecia no corpo da mulher o mínimo que poderíamos fazer.

Só esperava que aquilo me ajudasse a ser um bom pai de menina.

Ainda me sentia muito culpado por tudo o que eu havia dito sobre o bebê no dia em que Kiara descobriu tudo. Parecia que havia acontecido há um bom tempo, já que eu já havia mudado minha forma de pensar, mas não. Havia acontecido há apenas duas semanas e ainda assim, eu tinha deixado de ser um homem que não se importava muito com a criança dentro da minha esposa, para ser o homem *pai*.

Não apenas um homem *pai*, mas

um homem *pai* que que estava enfiado em um livro sobre gestação e bebês e que estava ficando encantado com aquele tema. Não sabia que poderia gostar tanto daquilo.

Balancei minha cabeça, rindo de leve e voltei ao livro. Kiara estava perto de fazer seis meses de gestação e eu tinha que correr.

Tinha que acabar o capítulo que falava sobre o quinto mês antes que ela chegasse ao sexto mês e eu ficasse atrasado.

E tinha que comprar um livro para aprender a ser pai de menina.

Eu queria realmente ser um

ótimo pai de menina.

Kiara

Avistar o palácio pela janela de vidro do carro me deu uma estranha sensação de paz. Era como se tudo, agora, estivesse em seu lugar. Percebi que o que senti quando visitei a vila foi apenas saudade e nostalgia e aqui, dentro desse palácio que havia se tornado meu mundo particular durante todos aqueles meses, era realmente a minha casa.

E agora que minha mãe estava ao meu lado, tudo estava completo.

Dominick a tirou do carro gentilmente e a colocou em sua cadeira de rodas, me ajudando a sair do carro logo em seguida. Estava cansada demais, aquela viagem corrida estava cobrando o seu preço em meu corpo de grávida, mas, mesmo assim, eu estava feliz. Por mais que ainda houvesse uma mágoa grande em meu coração, eu estava verdadeiramente feliz depois de toda a tristeza em que me afundei desde que havia descoberto a verdade.

— Que lugar é esse?

— Essa é sua nova casa, mãe.

— Falei ao seu lado, tocando em seu ombro.

— Meu Deus, Johnson comprou essa casa enorme? Ele ficou doido de vez, só pode!

— Quem é Johnson? — Dominick perguntou, me olhando.

— Meu pai. Ele morreu quando eu era criança. — Murmurei para ele, antes de me inclinar e falar com a minha mãe. — Não, mamãe, essa é a casa do meu marido, onde nós vamos morar agora.

— Seu marido? — Ela me olhou e sorriu. — Mas eu não me lembro do seu casamento.

Senti vontade de chorar, minha

garganta realmente se apertou. Ela jamais se lembraria, pois nem esteve lá. Dominick se abaixa na frente dela e sorriu de leve. Ele estava muito sorridente para minha mãe e aquilo me alegrou um pouco.

— É só pensar na noiva mais bonita do mundo, Kiara era a noiva mais bonita no mundo todo.

Minha mãe sorriu, alegre e colocou a mão no rosto de Dominick. Percebi que ele ficou tenso e até um pouco surpreso, mas não recuou.

— Você é um homem tão doce. Minha filha amaria você, ela gosta de homens dóceis e bonitos.

— É mesmo? — Dominick perguntou, me olhando. Senti meu rosto esquentar.

— Vamos entrar? Estou morrendo de sede. — Murmurei, vendo Dominick se levantar e me ajudar a empurrar a cadeira da minha mãe.

Fomos para a lateral da escada e subimos pela rampa. Senti quando Dominick, com a mão livre, colocou meu cabelo para trás da orelha e sussurrou ali, me causando arrepios:

— Prometo ser o homem mais doce do mundo para você, Anjo.

Queria falar para ele que eu

gostava dele do jeito que ele era, mas me calei e me xinguei.

Ser forte! Seja forte!

Me lembrei e segui em frente, sem olhar para ele. Assim que entramos no hall, os empregados estavam alinhados próximo a porta, Dallah, Dimir e Arthur estavam ao lado oposto deles e Arthur foi o primeiro a vir correndo. Primeiro ele abraçou Dominick, que se abaixou para pegá-lo no colo. Depois veio até mim e me abraçou pelas pernas, sua cabeça se escondendo embaixo da minha barriga.

— Senti saudades, tia Kiara.

Me abaixei para ficar na altura dele e estalei um beijo em seu rosto, vendo seu sorriso feliz de menino.

— Eu também senti saudades de você, querido.

Ele olhou para minha mãe com curiosidade, que olhava para ele da mesma forma.

— Oi. — Falou para ela. — Eu sou o Arthur, eu sou filho do meu pai Dimir e da minha mãe Dallah, sou sobrinho do tio Nick e da tia Kiara e sou primo do bebê que a tia Kiara está esperando. A senhora sabia que tem um bebê dentro da barriga dela? Eu não sei como ele

foi parar lá! É tipo mágica, né?

Minha mãe sorriu para ele e assentiu, mas eu sabia que em breve ela não se lembraria de uma única palavra do que ele havia dito. Isso fez meu coração se apertar, mas a emoção de tê-la ali era maior.

— A senhora tem os olhos da tia Kiara. Muito azuis!

— Sim, querido. Ela se chama Emily e é minha mãe.

— Sua mãe? — Ele franziu o cenho e depois riu. — Isso é muito legal! Mãe, vem ver a mãe da tia Kiara. Ela tem os olhos azuis!

Dallah se aproximou e sorriu sem graça para mim ao pegar

Arthur no colo. Eu também não sabia como me portar, a raiva que eu sentia por ela estava dando lugar a uma mágoa profunda. Ela havia se tornado a minha melhor amiga e ainda assim, havia escondido toda aquela história de mim. Não sabia se poderia perdoá-la ou se conseguiria voltar a confiar nela.

— É um prazer conhecê-la, senhora Emily. Eu sou Dallah.

— E eu sou Dimir. — Falou, abraçando a cintura de Dallah com um braço. — É um prazer conhecê-la.

Minha mãe voltou a assentir, sorrindo. Ela não sabia se olhava

para eles ou para toda a casa, seus olhos alcançando tudo o que ela poderia ver.

— Eu vou levá-las ao quarto andar. Thomas, está tudo preparado?

— Perfeitamente, Vossa Majestade.

Dominick assentiu e colocou a mão nas minhas costas. Empurrámos a cadeira da minha mãe até o elevador e eu coloquei o código. Em apenas alguns minutos estávamos no andar que era da sua mãe.

— Enquanto viajávamos eu pedi para que Joshua transformasse a

sala de pintura da minha mãe em um quarto para sua mãe. Ele reformou tudo durante esses três dias que estivemos em Londres e deixou o quarto em perfeitas condições para ela, com o banheiro e os móveis adaptados para cadeirante. Eu espero que você goste.

Olhei para ele, surpresa, enquanto via-o abrir a porta do que agora era o quarto de minha mãe. Um “nossa” saiu da minha boca quando olhei tudo ao redor. O quarto era lindo, pintado em tons claros, havia uma pequena sala assim que entrávamos e a ao lado esquerdo tinha uma grande cama,

como a de um casal normal, porém era mais baixa e ela se inclinava, como uma cama de hospital.

Minha mãe tinha os olhos arregalados, mas logo depois sorriu e empurrou a cadeira com certa dificuldade.

— Isso tudo é para mim? — Perguntou, olhando para nós dois.

— Sim, mãe. É para a senhora.

— É tão lindo... — Murmurou, olhando em volta.

Me virei para Dominick e sorri para ele, emocionada.

— Você pensou em tudo... Obrigada.

— Não precisa agradecer, era o

mínimo que eu podia fazer depois de tudo o que te causei. Além de me sentir culpado por toda a dor e decepção que você está carregando, me sinto culpado por ter mantido você afastada da sua mãe.

— Isso não foi culpa sua, Dominick.

— Foi minha culpa. Por mais que Lorenzo houvesse mentido para mim, eu tinha todos os meios de investigar para saber se o que ele havia dito era verdade ou não, mas eu não o fiz, porque fui egoísta. Eu queria ter você só para mim, Kiara, não ligava para o resto do mundo... No entanto, estou vendo que não é

assim. Eu não tinha o direito de te manter afastada da sua mãe e eu errei nisso também.

Assenti, entendendo-o. Mas ainda assim, não o culpava. Pelo menos não daquilo. A culpa era toda e exclusiva de Lorenzo. Dominick errou ao me comprar e mentir, mas Lorenzo errou muito mais ao me colocar à venda. Ele me conhecia desde pequena, eu o amava naquela época e ele também me amava, era como o namorado perfeito, por mais que passássemos dificuldades. E, de repente, ele me colocou para ser vendida em um leilão de mulheres.

Não conseguia entender o porquê de ele ter feito aquilo. Mas eu iria descobrir.

— Eu vou deixá-la sozinha com sua mãe. Wayne já trouxe a mala de vocês e mais tarde Andy virá arrumar as roupas no closet. Sei que sua mãe não tem roupa suficiente para essa semana, mas descanse por hoje e vá amanhã as compras, tudo bem?

Mandão. Se ele não mandasse em algo, não seria o Dominick que eu conhecia.

— Tudo bem. — Acatei, até porque, compras era algo que eu realmente dispensava naquela

tarde.

— Eu contatei uma agência de enfermeiras e amanhã virá duas aqui, para que você possa escolher. Sua mãe precisa de um cuidado especial e por mais que você esteja ao lado dela durante todo o momento, ela precisa de um profissional qualificado ao lado dela.

Assenti novamente, surpresa. Ele olhou no relógio e suspirou.

— Está muito tarde para que vocês possam almoçar, então, pedirei para Anna fazer um lanche leve e Thomas trará, certo?

— Sim, senhor. — Murmurei,

divertida.

Era engraçado vê-lo em *modus operandi*, todo sério e compenetrando, apenas ditando ordens. Por um momento me esqueci de todo peso que vinha carregando naquelas semanas e me permitir relaxar um pouco. Dominick elevou uma sobrancelha e sorriu de lado.

— Estou lhe divertindo, Rainha Kiara?

— Talvez um pouco.

Ele se aproximou de mim e tocou em meu rosto de leve. Pensei em me afastar, quase o fiz, mas seus olhos me prenderam no lugar.

— Fico feliz que eu ainda tenha o poder de te fazer sorrir. Fazê-la feliz é meu objetivo de vida, Kiara.

Antes que eu pudesse falar algo, ele beijou minha testa com carinho e sussurrou ainda na minha pele:

— Eu te amo com tudo de mim.

E se afastou, saindo do quarto da minha mãe sem olhar para trás.

— Ele é tão romântico! —
Minha mãe suspirou atrás de mim.

Me virei para ela e sorri. Por um momento, havia me esquecido de que ela estava ali. Mas ela estava. Estava bem ao meu lado e nada a faria se afastar novamente.

Um chute bem acentuado na minha barriga me fez despertar. O quarto estava escuro, apenas a luz do abajur iluminava um pouco ao meu lado. O relógio na mesinha de cabeceira indicava que eram três e meia da manhã e percebi que eu estava com fome.

Com muita fome.

— Jura, filha? — Murmurei, olhando para minha barriga.

Me levantei e fui em direção a porta. O corredor estava iluminado e dei uma olhada no quarto da minha mãe, vendo-a dormindo

tranquila, antes de ir em direção ao elevador. Quando cheguei a cozinha, ascendi a luz e fui em direção a geladeira. Nada me atraía, nem mesmo a sobremesa de chocolate que era o marco de Norah.

Olhei para o congelador e sorri, de repente, sabendo exatamente o que eu queria. Mas me decepcionei quando abri o congelador e não achei. Eu queria sorvete. Não qualquer sorvete, mas sorvete de morango com muito mel em cima. Quase chorei de frustração.

Era desejo, um desejo forte demais e me vi caminhando de

volta para o elevador. Só parei para pensar no que eu estava fazendo quando abri a porta do quarto de Dominick e seu cheiro invadiu minhas narinas. Respirei fundo e me perguntei se era certo o que eu estava fazendo, mas minha boca ainda estava cheia d'água, apenas pensando no sabor do morango com mel escorregando pela minha língua.

Entrei no quarto e fui em direção a cama, mas parei com a cena que vi. Dominick estava vestindo apenas uma cueca branca, encostado nos travesseiros. Havia um livro em seu peito e ele

cochilava, parecia que havia dormido no meio da leitura. Engoli em seco, sem saber o que fazer. Mas logo o desejo veio forte e fui até a cama, sentando ao seu lado, o calor da sua pele perto da minha.

Qual não foi o meu espanto quando vi a capa do livro em seu peito. Não prestei atenção no nome, apenas na mulher grávida na capa e meu coração bateu mais forte. Um sorriso de surpresa se abriu em meu rosto. Fui tirar o livro devagar do seu peito, mas seu sono era leve e acordou assustado, segurando minha mão. Seus olhos pararam sobre os meus e eu preendi minha

respiração, sem saber o que fazer.

— Kiara... — Murmurou com a voz rouca, se sentando de repente.

— Aconteceu alguma coisa?

O livro caiu em seu colo e meu olhar o seguiu. Passei por sua barriga trincada, os músculos tensos, sua cueca, o volume natural que havia ali. Senti minha calcinha ficar molhada e quase ofeguei.

— Kiara. — Dominick falou, tocando em meu queixo. — O que houve?

—

E estou com desejo de comer sorvete

— Falei em uma única respiração, meu peito subindo e descendo como

se eu tivesse corrido uma maratona.

— O quê? — Perguntou e sorriu.

O desgraçado sorriu. Ele sabia exatamente o que causava em mim. Apertei meus olhos para ele e me levantei, sentindo a culpa ir embora. Ele não queria ser pai? Pois agora iria ser com todas as letras!

— Eu estou com desejo. — Falei, devagar daquela vez. Seu sorriso aumentou e olhou para o meu corpo coberto apenas pela pequena camisola de seda, a única que ainda me servia.

— Desejo, Anjo? — Ele se levantou e eu quase vacilei.

Seja forte... Seja forte!

— Sim. Desejo. Desejo de comer sorvete de morango com mel, mas não tem sorvete de morango aqui!

Dominick parou no meio do quarto, seu sorriso diminuiu gradativamente. Eu quase ri quando vi sua expressão incrédula.

— Como?

— Você ouviu. Eu quero sorvete de morango e não tem sorvete de morango. Eu estou com desejo e você é o pai. A ordem natural das coisas é que você se arrume e saia para comprar o sorvete para mim.

— Kiara... São quase quatro

horas da manhã.

— Existem mercados vinte e quatro horas!

— Pelo amor de Deus, você realmente quer que eu saia a essa hora para comprar a porra de um sorvete?

Olhei para ele com raiva e me aproximei até parar a centímetros de seu rosto colar com o meu.

— Você disse que queria ser pai! Então haja como um pai e vá comprar o sorvete para mim, é isso que a sua filha quer agora e não podemos passar vontade!

Dominick bufou e foi em direção ao closet. Ele falava alguma coisa

sobre outro tipo de desejo, mas saiu calado e vestido de lá.

— Eu vou trazer o maior pote de sorvete de morango que eu encontrar e eu juro que se você não comer tudo, eu vou surrar essa sua bunda até ficar tão vermelha quanto a porra de um morango maduro!

Ele saiu do quarto sem me dar chance de respostas e eu sorri. Sorri e me sentei na cama, pegando o livro que ele estava lendo. “*O que esperar quando você está esperando*” era o nome e eu comecei a folhear, achando superinteressante. Não tinha pensado em comprar um livro,

apenas cada roupinha que eu via, o sapatinho, ou pensar em algo para a decoração do quarto.

Foi uma boa distração o livro, até que eu ouvi a porta sendo aberta. Olhei para o relógio e vi que já eram quase cinco da manhã, pela janela dava para ver que já clareava lá fora. Dominick entrou com um pote gigante de sorvete, uma colher e um pote de mel. Eu quase chorei e sorri quando ele colocou tudo em cima da mesa que havia no quarto.

Fui em sua direção e vi quando ele abriu o pote e colocou o mel em cima, parecia um fio de ouro

descendo e molhando todo o sorvete e eu quase derreti. Quando terminou, ele pegou o sorvete com a colher e levou até a minha boca.

— Coma.

Estava sério demais, as sobrancelhas contraídas e obedeci, porque realmente estava louca para comer aquilo. Abri a boca e gemi quando senti o gosto do sorvete e do mel, ambos combinando tão bem que lágrimas encheram os meus olhos.

— Ah meu Deus, isso é muito bom... — Murmurei, fechando minha boca sobre a segunda colher que ele me ofereceu.

Sua expressão desanuviou e um sorriso brincou em seus lábios, enquanto olhava para mim.

— Se você dissesse que está ruim, eu ia realmente ficar puto.

— Você já está puto. — Falei, comendo a terceira colherada que ele me oferecia.

Ser alimentada por Dominick era uma novidade que eu estava gostando. Era um momento íntimo entre nós.

— Não. Eu estava puto quando sai daqui. Na verdade, fiquei puto quando vi que seu desejo não era por mim ou por sexo e sim por uma porra de sorvete de morango com

mel. — Revirou os olhos e eu ri, chamando sua atenção. — O que é tão engraçado?

— Você.

— Eu?

Assenti, voltando a comer.

— Parece que estou te divertindo além da conta, senhora Domaschesky.

— Acho que está adquirindo um novo dom... Rei Dom. — Murmurei, passando a língua pelos lábios.

De repente, a atmosfera do quarto mudou. Passou de divertida a sensual em questão de segundos. Dominick me olhou de cima a baixo

e eu ofeguei baixinho, engolindo em seco, o gosto do morango ainda na minha boca. Meus mamilos estavam mais sensíveis e logo despontaram no pano de seda da camisola e eu olhei para baixo, mirando o sorvete.

— Kiara... — Dominick murmurou e se aproximou.

Vi quando deixou a colher em cima da mesa e senti a ponta dos seus dedos descerem pelo meu pescoço e chegarem ao meu colo.

Seja forte... Seja forte...

Qualquer pensamento que eu tinha sumiu da minha cabeça quando ele tocou o meu mamilo

com a ponta dos dedos. Gemi alto e sua boca cobriu a minha garganta, sugando a minha pele com força.

O desejo veio forte daquela vez e só uma pessoa poderia saciar.

Dominick.

Capítulo 7 – Dominick

*“Eu não quero que o sol brilhe,
eu quero fazer amor*

*Apenas essa mágica em meus
olhos e meu coração*

*Eu não sei o que fazer, não
consigo parar de amar você*

*Eu não vou parar de fazer amor
até o amanhecer”*

*Break Of Dawn (Michael
Jackson)*

— Eu quero você. — Murmurei
ainda no seu pescoço, sentindo seu
coração bater forte. — Quero tanto

você que chega a doer, Kiara.

Pensei que ela me afastaria, que me empurraria e começaria a falar um monte de coisas que faria meu coração doer e me sentir o merda, mas ela não o fez. Ela apenas suspirou, colocou a mão em meu rosto e o ergueu até que estivesse da altura do dela.

E me pegando totalmente de surpresa, colou os lábios nos meus.

Ela me beijou. Tomou a iniciativa, não o contrário. Apesar da surpresa, a beijei com tudo de mim, tocando o seu corpo, seu rosto, todos os lugares onde poderia alcançar. O desejo veio

forte, ferrenho dentro de mim, meu pau acordou e em minutos eu estava duro, pressionando minha ereção em sua barriga grande de grávida.

Grávida da minha menina.

Ainda estava com um pé atrás quando ela levou a mão a minha camisa e desabotoou o primeiro e o segundo botão. Mas em seguida, parou.

É agora. Ela vai me afastar, tenho certeza.

Mas não o fez. Ela colocou as mãos em ambos os lados da minha camisa e a puxou com força, os botões explodiram para lados desconexos e eu lutei comigo

mesmo para não deixar o meu queixo se encostar ao chão. Sem falar nada, Kiara tirou a camisa de mim e enfiou o dedo no pote de sorvete, sujando todo o meu peito antes de passar a língua e limpá-lo.

Gemi alto, o desejo me engolfando e me tirando o controle. Eu sabia, sabia que era questão de tempo até ela voltar a si e me chutar dali, por isso me controlei. Mas quando tocou no botão da minha calça e o desfez, eu soube que ela não me expulsaria.

Aquela era a mulher que esteve comigo durante aqueles meses perfeitos de casamento. Aquela que

me desejava, que me tocava, que tomava a iniciativa, que encarava todas as minhas brincadeiras e perversões.

Mesmo surpreso, a felicidade me tomou e me desfiz dos meus sapatos e meias, tirando minha calça com rapidez. Kiara lambeu os lábios e me fitou com luxúria.

— É isso que você quer? —
Perguntei, querendo me assegurar.

— Sim. — Respondeu, convicta.

Não precisei de mais nada.

Fui em sua direção e puxei a camisola para cima, tirando-a de seu corpo. Seus seios apareceram,

os mamilos pontudos e eu sorri, antes de me abaixar e enfiar minha cara em sua calcinha, seu cheiro tomando conta da porra dos meus sentidos. Tirei a peça de renda e seda e vislumbrei sua boceta linda, depilada. Depositei um beijo ali antes de me levantar e olhar para Kiara uma última vez, antes de colocá-la sentada sobre a mesa e beijá-la.

Sua língua se entrelaçou a minha e fui curvando seu corpo até que ela estava deitada em cima da mesa. Tomei cuidado com sua barriga e suguei seu lábio inferior, até que ela gemeu e se remexeu embaixo de

mim, totalmente excitada.

Sem tirar meus olhos dos dela, enfiei meus dedos no pote de sorvete e passei pelos seus mamilos, primeiro um, depois o outro. Seus olhos se arregalaram imediatamente.

— Oh meu Deus, Dom!

Ela gritou e eu suspirei, me afastando. Minha boca se encheu d'água. Seu corpo estendido sobre a mesa, as pernas abertas, a bocetinha brilhando, sua barriga linda de grávida e seus seios cobertos pelo sorvete. Era uma visão incrível de se admirar, eu realmente poderia ficar horas ali,

apenas olhando, se meu desejo não estivesse tão forte naquele momento.

Coloquei minhas mãos na mesa, ao lado de sua cabeça e me inclinei para baixo, tomando cuidado com sua barriga. Lambi desde a ponta do nariz, descendo por seus lábios entreabertos, seu queixo, pescoço, onde suguei e desci, passando a língua pelo vale entre seus seios, agora bem maiores por conta da gravidez. Quando cheguei ao mamilo, não me contive e suguei com força, tirando o excesso do sorvete. Kiara tremeu, chamou por mim e gemeu forte quando passei a

língua aberta sobre o mamilo extremamente molhado.

Estava duro, enorme, mais rosado do que o normal e me senti um filho da puta sortudo por estar ali, com a minha mulher. Fui para o outro mamilo e repeti o processo, dessa vez tocando no seio limpo e no mamilo, rodopiando de leve. Meu pau se retorceu dentro da cueca, tão duro e doido para meter que parecia que iria perfurar tudo a sua volta, mas me segurei e descí, beijando seu corpo, sua barriga, onde acariciei e a ouvi suspirar.

Quando cheguei a sua boceta, fiquei louco quando vi o quanto

estava molhada, brilhava, toda rosada.

— Amo essa boceta... —
Murmurei, minha voz saindo rouca por conta do desejo. — Amo a forma como os lábios estão gordinhos, como está brilhando, chamando por mim.. Kiara... Me pergunto como consegui ficar tanto tempo longe de você.

Havia viajado por duas semanas e, quando voltei, ela descobriu tudo, E desde então, mais duas semanas haviam se passado. Um mês. Um maldito mês inteiro longe dela, do seu corpo, do seu gosto.

Kiara se apoiou nos cotovelos

para me ver e eu olhei para ela, em seus lindos olhos azuis dopados pela lasciva. Sorri e deixei meu dedo médio percorrer seus lábios molhados de excitação.

— Eu vou te chupar, Anjo... Vou colocar o sorvete bem aqui. — Pressionei seu clitóris e ela ofegou. — E chupar seus lábios, lambe seu clitóris até gozar. E depois que você gozar, vou enfiar meu dedo em você e pressionar seu ponto G até ejacular para mim.

Seu peito subia e descia rapidamente. Me ergui e encostei meu nariz no dela, minha boca próxima a sua.

— Então, eu vou enfiar meu pau em você e te comer tanto, mas tanto, que você não conseguirá andar amanhã. E quando conseguir andar, cada passo que você der, vai lembrar que eu estive aqui dentro, te comendo. Reivindicando o que é meu por direito.

Ela assentiu, concordando com tudo o que eu disse. Sorri de lado antes de atacar sua boca, beijando-a com tudo de mim. Amava seus lábios, a textura da sua língua na minha. Estive tanto tempo afastando daquilo, sem poder ao menos tocá-la, que agora queria fazer tudo de uma vez. Ao mesmo tempo em que

queria beijá-la, queria chupá-la, sentir o gosto da sua pele, morder sua carne, estar dentro dela, fodendo-a, sentindo o calor da sua boceta no meu pau.

Mas sabia que eu não ia multiplicar meus membros apenas para satisfazer meu desejo insano, por isso, a empurrei gentilmente pelos ombros até tê-la deitada na mesa novamente e voltei para o meio de suas pernas. Enfiei dois dos meus dedos dentro do pote de sorvete ao meu lado e os pincelei em sua boceta, ouvindo-a gritar ao sentir o doce frio em um lugar tão íntimo e malditamente quente.

O cheiro de morango se misturou ao seu cheiro natural e minha boca se encheu d'água. Olhei uma última vez para minha obra-prima, antes de sugar os grandes e pequenos lábios juntos e inchados para dentro da minha boca. O gosto do sorvete misturado a sua excitação tomou conta das minhas papilas gustativas e gemi, rouco, me fartando e sugando sem pena. Soltei ouvindo o barulho da sucção, enquanto ia aos outros lábios e fazia o mesmo processo.

O quadril de Kiara se elevou com tanta força, que eu tive que segurar em sua cintura e apertar

para descer com cuidado para a mesa. Seus dedos se fincaram em meu couro cabeludo e sua voz tremeu quando minha língua recolheu o sorvete de toda a sua boceta, antes de rodopiar sobre seu clitóris inchado.

— Ah, Dom! Por favor...

Subi e desci minha língua rapidamente sobre o nervo, sem parar, observando como ele se movimentava da forma que eu queria. Circulei e suguei para dentro da minha boca, o corpo de Kiara tremeu com um choque violento de prazer e ela gritou, gozando para mim.

Recolhi seu gozo com a ponta da língua, seu corpo tremendo, suas pernas querendo se fechar. Só sai dali depois que seus tremores passaram e um suspiro foi ouvido. Me ergui e olhei para ela, seus olhos fechados, boca aberta, seus lindos seios subindo e descendo. Sorri e lambi meus lábios sujos, pegando-a de surpresa quando a penetrei com meu dedo e acomodei a primeira falange em seu ponto G, bem abaixo do osso púbico.

Kiara engoliu uma respiração e abriu os olhos chocados para mim, quando pressionei pela primeira vez. Suas pernas se abriram

rapidamente, senti sua boceta ficando molhada e comecei a pressionar seu ponto G sem dó, movendo meu dedo para frente para trás.

— Dominick... — Ela gemeu, espantada, segurando meu braço que sumia no vão entre suas pernas. — Meu Deus, Dominick...

— Eu sei, querida... — Murmurei, sentindo suas paredes vaginais prenderem meu dedo.

Seria rápido.

— Não... A minha bexiga... Ela vai explodir, meu Deus!

— O quê? — Perguntei, levando meu polegar ao seu clitóris.

Ela ofegou e jogou a cabeça para trás, suas pernas se apertando, o corpo tremendo. Balançou a cabeça, agitada, fincou as unhas em meus braços e eu sorri, olhando para baixo apenas esperando pelo espetáculo, sem deixar de mover meu dedo. Então, de repente, Kiara soltou um grito e explodiu.

Líquidos foram expelidos pela sua boceta, que prendia meu dedo em um aperto forte, constante. Continuei a pressionar, meter e acariciar seu clitóris até ela fechar as pernas com força e prender meu braço. Parei e voltei meu olhar para ela, seu rosto estava banhado em

lágrimas, sua boca aberta e olhos apertados. Estava descabelada, suada e seu corpo tremia.

Sorri e abracei sua cintura com a mão livre. Kiara se jogou em meus braços, encostando a cabeça em meu peitoral. Quando consegui tirar meu dedo de dentro dela, o lambi e ouvi sua risadinha. Eu estava duro como pedra, louco para me enfiar dentro dela, mas aproveitei aquele momento e a preendi em meus braços, descansei uma mão em seu cabelo e outra em seu rosto, que levantei para mim.

— Eu quero ir para cama. — Murmurou e eu senti meu coração

pular, com medo.

— Cama?

Ela voltou a rir e me olhou com aqueles olhos enormes e azuis.

— Para continuarmos... É muito desconfortável ficar nessa mesa dura.

— Ah... — Sorri também, aliviado e a levantei em meus braços. Andei até a cama e a deitei.

— Por um momento eu pensei que...

— Que eu fosse embora? Não... Não sou tão má assim. — Seu olhar percorreu o meu corpo e parou na minha cueca que mal continha minha ereção.

Meu sorriso se expandiu e eu

tirei minha cueca sobre seu olhar. Meu pau pareceu ficar ainda mais duro e Kiara se sentou na cama, os pés encostando o chão.

— Vem cá. — Me chamou com a voz baixinha. — Eu... Eu quero você.

— Você me quer? — Murmurei, indo em sua direção lentamente.

— Na minha boca.

Aprecei meu passo e fui em sua direção, parando perto da sua boca em questão de segundos. Kiara sorriu e olhou para o meu pau, antes de tocá-lo e colocá-lo na boca sem pensar duas vezes. Gemi rouco, tocando seu rosto e me enfiando em

sua boca até minha cabeça passar por sua garganta.

— Porra, porra!

Kiara acariciou minhas bolas e me deixou acomodado em sua garganta por segundos, até me deixar sair e acariciar apenas a glândula, recolhendo o líquido pré-semên. Eu estava há muito tempo sem meter, sem ao menos me masturbar e um arrepio percorreu meu corpo de repente, enquanto um jato do meu gozo inundava sua boca. Nem ao menos deu tempo de avisar. Kiara arregalou os olhos e quase, quase, se engasgou, mas me sugou firme enquanto eu gozava

com força em sua boca, rápido demais.

Ofeguei e Kiara deixou a glândula escapar por sua boca, engolindo o resto do meu sêmen. Seus olhos estavam em mim e meu pau continuava duro demais, como se eu não tivesse despejado na boca dela o acúmulo de um mês de sêmen.

— Desculpa. — Sussurrei, tocando em seu rosto e me abaixando para falar com ela. — Nem ao menos tive tempo de avisar, eu... Porra, eu estava tão duro, Kiara...

— Tudo bem. Vem aqui. — Me puxou para ela pelo meu braço. —

Eu quero você... Aqui. — E tocou a boceta com a mão livre.

Estávamos em sincronia. A saudade, o nosso amor, nosso desejo, tudo falava mais alto do que as coisas que nos mantiveram separados durante todo aquele tempo. Não tive que falar nada. Kiara se acomodou nos travesseiros e abriu as pernas para mim, enquanto eu me ajoelhei na cama e passei a cabeça do meu pau em seus lábios molhados e a penetrei devagar, sentindo o quanto estava apertada e quente por dentro.

Gemi, mas não tirei meus olhos dos dela, que se fecharam de

prazer. Me enfiei lentamente, mais e mais, até parar no fundo acolhedor de sua boceta. Meu peito parecia que ia explodir de tanta saudade, tanto amor, enquanto Kiara voltava a me olhar nos olhos.

— Eu te amo... — Murmurei, pairando sobre ela sem colocar meu peso ou encostar em sua barriga. — Eu te amo tanto, porra! Kiara... Estava com tantas saudades.

— Eu também te amo, Dominick... — Ofegou, passando a ponta dos dedos pelo meu rosto. — Te amo mais do que tudo.

Só então eu pude recuar e voltar

para dentro dela, me movendo lentamente até sua boceta aceitar meu tamanho. Ela se esticou, me acomodou e gemeu junto comigo quando acelerei, começando a meter.

Nunca tirei meus olhos dos dela. Estávamos fazendo amor. Contra todas as possibilidades, nós estávamos ali, sendo apenas um. Jamais poderia colocar em palavras tudo o que eu estava sentindo, mas tentei:

— *Amo como ama o amor. Não conheço nenhuma outra razão para amar senão amar. Que queres que te diga, além de que te amo, se*

o que quero dizer-te é que te amo?

Recitei Fernando Pessoa sem me intimidar, sem diminuir meu ritmo sobre seu corpo. Vi os olhos de Kiara se enchendo de lágrimas até transbordarem, suas mãos em meu rosto e um gemido escapando de seus lábios quando meu pau tocou certo em todos os seus nervos, minha pélvis roçando seu clitóris.

Ela não disse nada, mas não precisava. Seus olhos, suas lágrimas, seu corpo e o modo como se doava para mim, diziam tudo. Aquela mulher tinha o maior coração do mundo; caso contrário, não estaria comigo, agora, fazendo

amor. E era isso que alegrava meu coração.

Aumentei o ritmo sentindo o prazer me dominar. Gemi seu nome, rocei meus lábios em seu pescoço, seus seios, chupei seus mamilos e Kiara moeu o quadril contra o meu. Sentia a forma como me apertava, me consumia e sabia que ela estava quase lá. Quase gozando. Acelerei ainda mais, meti com tudo de mim e um arrepio gostoso passou pelo meu corpo.

Kiara gemeu e se contorceu. Olhei em seus olhos e ela no meu. Nossos corpos tremeram e, juntos, gozamos forte, gemendo o nome um

do outro. O prazer me consumia, senti vontade de fechar os olhos, de sugar sua pele, mas não o fiz, apenas moí meu quadril contra o dela, sentindo nosso gozo lá dentro do seu canal, quente, me acolhendo.

Quando seu corpo parou de tremer, parei dentro dela e toquei seu rosto com uma mão. Desci até parar em sua barriga, onde acariciei com carinho. Ela fechou os olhos e sorriu.

Sorriu.

E meu coração entrou em festa.

Sai de dentro dela e me acomodei ao seu lado. Ela veio até mim e deitou em meu peito, olhos

ainda fechados, sorriso no rosto. A
abraçei com força, beijei sua testa
suada, seu nariz, seus lábios, que
perdiam o sorriso lentamente. Ela
estava dormindo.

Dormindo em meus braços.

E eu era o homem mais feliz do
mundo naquele momento.

Capítulo 8 – Kiara

*“Eu estaria sorrindo se não
estivesse desesperada
Eu seria paciente se tivesse
tempo*

*Eu poderia parar e responder a
todas as suas perguntas
Assim que eu descobrir
Como posso sair do fim da
linha”*

Clown (Emeli Sandé)

Senti o raio de sol em meu rosto,
mas não tive coragem de abrir os
olhos. Sentia fome também, mas

estava tão confortável deitada no peito de Dominick que a única coisa que fiz foi suspirar.

Dominick!

Abri os olhos tão rápido que minha cabeça doeu, os raios de sol penetrando minhas córneas. Demorei alguns segundos para me adaptar e quase gritei ao me deparar com o rosto calmo e sereno de Dominick em meio ao sono. Havíamos transado. Havíamos dormido juntos!

Meu coração bateu forte revivendo a noite passada. Eu havia me entregado a ele de corpo e alma, como todas as outras vezes.

Naquele momento não houve mágoa, tristeza, lágrimas, não houve certo ou errado, houve apenas Dominick e eu, duas pessoas que se amavam e se desejavam.

Estava em paz nos seus braços, como se estivesse longe de tudo o que poderia me fazer mal, me trazer tristeza e revolta.

Mas por que ainda havia aquele peso em meu coração? Aquele aviso de que ele havia me machucado e que poderia machucar de novo? Era mais forte que eu. Ele havia quebrado a minha confiança, havia mentido, me enganado. Era

tão claro como água para mim que ele estava se esforçando, que ele havia mudado bastante, que queria ser um bom pai e um bom marido.

Mas suas ações ainda pesavam em meu peito e em minha consciência. Dominick estava arrependido por me magoar, mas não se arrependia de ter me comprado, de ter feito parte de algo tão sujo, tão baixo. Pensar que ele havia sido frio ao ponto de me comprar por milhões de dólares me dava nojo, até mesmo raiva.

Por que ele não conseguia enxergar que aquilo havia sido errado? Que era desumano comprar

mulheres como se fossem pedaços de carne? Por que ele não se arrependia? Tudo seria tão mais fácil se eu tivesse a certeza de que, se ele tivesse a chance de voltar atrás, faria tudo diferente. Arrumaria um jeito de acabar com aquela máfia e salvaria não só a mim, mas a todas aquelas mulheres que estavam naquela situação.

Percebi que Dominick ainda tinha muito a aprender. Sua criação fora errada, ele nunca teve senso do que era certo ou errado, nunca teve limites e sempre teve tudo o que sempre quis. E agora, estando aqui em sua cama, eu só estava dando de

bandeja para ele o que ele tanto queria: eu.

Decidida, sai de seu peito e me virei para levantar da cama. Seu cheiro estava por toda a parte, estava impregnado em mim e quase me fez ficar. Quase. Mas eu já havia fraquejado demais e precisava ser forte.

— Onde você vai?

Escutei sua voz rouca atrás de mim e parei, sentada na cama, olhando para a janela. O sol já estava alto e me perguntei por quanto tempo havíamos dormido.

— Vou para o meu quarto. —
Falei, sentindo suas mãos pousarem

em meus ombros.

— Espera, não precisa ir agora... — Sussurrou, passando a ponta dos dedos pelo meu pescoço, seu peito colado em minhas costas.

— Vamos tomar um banho primeiro.

— Dominick...

— Eu sei, sei que você já deve ter pensado em milhares de coisas, já deve ter tomado várias decisões. Eu entendo, Kiara. Mas, por favor, me deixa ficar ao menos mais um pouco ao seu lado, eu só quero te tocar, sentir seu cheiro, olhar em seus olhos... Por favor.

Me virei para ele e vi sua

expressão séria, a dor e o desejo vivos em seus olhos. Segurei suas mãos nas minhas e suspirei, cansada de tudo aquilo, precisando de um tempo sozinha para pensar.

— Dominick, eu não vou mentir. Essa noite foi maravilhosa para mim, eu me senti amada, me senti protegida, senti todo o prazer que só você é capaz de me dar.

— Então? Kiara, você foi feita para mim e eu fui feito para você. Por que prolongar todo esse sofrimento? Por que não ficamos juntos logo de uma vez? Eu prometo ir devagar, prometo te respeitar.

— Porque eu ainda estou

magoada, Dominick. Pensar no que você fez, pensar que você me comprou me dá raiva. Não é tão fácil assim perdoar algo como isso, você errou muito. Eu vejo que está se esforçando, eu sinto o quanto você já evoluiu, mas... Eu preciso de mais.

— Mais?

— Sim.

— Eu não entendo... O que significa “mais”?

— Eu preciso estar com o coração limpo de todos esses sentimentos controversos. Não adianta ficar ao seu lado, dormir ao seu lado, se ao me levantar, eu vou

me sentir assim. Sentir essa tristeza, essa mágoa que parece me espezinhar. Esse enjoo que se instala em meu estômago todas as vezes que eu lembro que você me comprou em um leilão.

— Mas eu não posso mudar isso, Kiara. Não posso mudar o passado.

— E se pudesse? Mudaria?

— Você já fez essa pergunta antes e já sabe a minha resposta. — Respondeu automaticamente, sério demais.

— Por que você não consegue enxergar que isso é tão errado? Que eles sequestram mulheres e...

— Eu não me importo com outras mulheres, Kiara, eu só me importo com você! — Gritou, de repente, se levantando da cama. — Por que você fica inventando desculpas? Por que não me perdoa logo? É tão simples! Porra, eu estou esperando tanto, eu já fiz tanta coisa e nada parece ser o suficiente para você! Agora só falta você falar que eu preciso salvar todas as mulheres do mundo ou acabar com a porra de uma máfia para que você volte para mim. Isso é absurdo!

— Seria realmente ótimo se você pudesse fazer isso! — Falei, com raiva também. Me levantei da

cama e passei por ele, indo até a minha camisola que estava jogada no chão. — Mas eu percebi que certas coisas nunca mudam.

— O que quer dizer?

— Você não consegue enxergar?

— Perguntei, terminando de me vestir. — Você não se importa com ninguém além de si mesmo, Dominick.

— O quê? Está ficando maluca, porra? Eu amo você e me importo com você!

— Não, você não se importa comigo. Você se importa com você e isso me inclui porque você gosta de mim. Mas tire os olhos da porra

do seu umbigo ao menos uma vez, Dominick! O mundo não gira em torno de você, ou em torno dos seus sentimentos. Por mais que você seja o Rei desse país, lá fora existem pessoas que sofrem, existem crianças que são mortas, mulheres que são sequestradas, estupradas, vendidas em um leilão como se fossem objetos. O que é você perante tudo isso? Você não é nada!

— E o que você quer que eu faça? — Perguntou, caminhando rápido até parar cara a cara comigo. — Que eu arrisque a minha vida para tentar salvar meia dúzia de pessoas que estão sofrendo no

mundo? O que eu ganho com isso? No que isso vai alterar na minha vida?

— Se ouviu? — Perguntei, sorrindo com incredulidade. — *Sua* vida, o que *você* ganha, no que isso vai alterar na *sua* vida. Você, você e você. E ainda vem me perguntar se eu sou maluca por constatar que você se importa e se preocupa apenas consigo mesmo?

— Ok. Então eu preciso ajudar os injustiçados do mundo para conseguir o seu perdão. — Ele balançou a cabeça e riu, se afastando. — Eu pensei que essa história se resumia a nós dois e ao

nosso amor. Mas você está misturando as coisas, Kiara. Se para você, eu só vou conseguir o seu perdão por tentar acabar com uma máfia ou por tentar ajudar alguém, então acho que nunca ficaremos juntos. Tentar se voltar contra a máfia é como dar um tiro no próprio pé, eu jamais conseguiria isso, mesmo se eu quisesse muito.

Engoli em seco, vendo seu olhar perverso dentro dos meus olhos. Havia voltado a ser o Dominick frio e distante que eu havia conhecido.

— E eu não quero. Foi por causa

da máfia que eu conheci você, talvez eu devesse agradecê-los e não acabar com eles.

— Então talvez você devesse ficar com eles e não comigo. Porque eu não suporto a ideia de ter ao meu lado um homem tão frio e desumano ao ponto de idolatrar algo tão cruel.

Não esperei para ouvir sua resposta. Sai de seu quarto deixando lá as minhas esperanças de que pudéssemos voltar a ser o que éramos antes. Aquilo nunca iria funcionar, não com ele sendo incapaz de enxergar o quanto aquilo era errado, o quanto era cruel.

— Tia Kiara, por que não desceu hoje para ficar com a gente? — Arthur perguntou, aparecendo na porta do meu quarto de repente. — Shiu, vou falar baixinho para não acordar a tia Emily. — Apontou para minha mãe adormecida na minha cama.

Olhei para ele e sequei umas lágrimas teimosas que não pararam de cair durante toda aquela tarde. Estava me xingando internamente por ser uma idiota que ousou ter esperanças. Talvez não houvesse

saída para Dominick e eu.

Arthur entrou no quarto e se sentou ao meu lado no banco que ficava próximo a janela. Me olhou atentamente, como se fosse um adulto.

— Por que está chorando? O tio Nick brigou com a senhora também?

— Também?

— Ele está muito nervoso hoje, brigando com todo mundo. — Murmurou, dando de ombros. — Por que vocês não namoram mais?

Sorri de leve e o puxei para os meus braços, colocando-o no meu colo. Ele sorriu para mim e tocou

minha barriga com um dedinho, esperando a resposta.

— Porque os adultos são muito complicados, querido. Acontecem várias coisas na vida dos adultos que nos fazem ficar tristes.

— Por isso que a senhora quase não sorri mais?

— Você me faz sorrir, Arthur. Você é um príncipe.

Ele riu e me olhou com aqueles grandes olhos azuis.

— Eu não quero ser adulto nunca. Ser adulto é muito chato. Vou ser criança para sempre e quero que o bebê seja criança para sempre também, tá bom?

— É uma menina, sabia?

— Uma menina? — Ele abriu a boquinha em um “o” perfeito e colocou a mão aberta na minha barriga. — Uma menina... Então ela não vai querer brincar de carrinho comigo?

— Vai sim, claro que sim.

— De espião também?

— Ela vai brincar de tudo com você, querido.

— Ah sim, então tá bom! — Tirou os olhos de minha barriga e me fitou, atento. — Tia, sabia que vou fazer aula de violão e de piano? E que a minha professora da escolinha me ensina a cantar

músicas em português?

— É mesmo?

— Sim! E aí, quando a neném nascer eu vou poder cantar para ela, não é? Ela vai gostar, né?

— Claro que vai, meu amor.

Ele sorriu todo satisfeito e saiu do meu colo. Me pegando de surpresa, pousou as duas mãos na minha barriga e deu um beijo, antes de se afastar totalmente.

— Eu vou descer agora para brincar, tá, tia Kiara? Não fica triste mais não, porque o tio Nick gosta muito de você. Ele disse para o meu papai que ele te ama. Isso é gostar muito, né?

Apenas assenti, impossibilitada de falar com a garganta presa em um nó.

— Então eu também te amo, tia Kiara.

— Ah, meu amor... Eu te amo mais.

Ele sorriu alegre para mim e saiu correndo até sumir das minhas vistas.

Voltei a olhar pela janela e vi Dominick de longe, entrando no carro junto com Dimir. Estava lindo, vestia um terno azul negro, o cabelo penteado, estava muito sério. Consegui conter minhas lágrimas ao ver o carro começar a

se movimentar até sumir de vista.

Por que tudo tinha que ser tão difícil? Por que ele tinha de ser daquele jeito tão frio, tão distante, tão imperturbável? Será que eu nunca iria conseguir mudá-lo? Um final feliz para nossa história parecia estar cada vez mais distante.

Respirei fundo e voltei a pensar em nossa conversa. Ele não moveria uma palha para acabar com toda aquela crueldade que acontecia ao nosso redor. Na verdade, ele até mesmo ajudaria a máfia se fosse preciso. Mas percebi que eu poderia fazer algo.

Me lembrei que Sra. Brighton havia dado a Dominick o número de Lorenzo. Lembro-me de tê-lo visto colocando o pedaço de papel dentro da gaveta do escritório assim que chegamos de Londres e isso me animou. Dei uma última olhada em minha mãe antes de sair do quarto e entrar no elevador, descendo até o primeiro andar.

Assim que as portas se abriram, fui em direção ao escritório e entrei sorrateiramente, sem fazer barulho. Torci fervorosamente para que o papel ainda estivesse no mesmo lugar e soltei um suspiro de alívio ao ver que sim, ainda estava ali. O

peguei e anotei o número no meu celular, jogando o papel ali novamente saindo do escritório.

Quando voltei ao andar da antiga Rainha, me fechei na sala de piano e disquei o número sem pensar duas vezes, ouvindo-o chamar. Meu coração batia forte no peito, retumbava em meus ouvidos, até que ouvi a voz forte de Lorenzo do outro lado da linha:

— Sim?

Respirei fundo e engoli em seco, apertando o telefone com força na minha mão.

— Olá, Lorenzo. Sou eu, Kiara.

— Kiara... — Ele respondeu

automaticamente, tranquilo demais.
— Estava esperando por sua
ligação.

Capítulo 9 – Kiara

*“E você vai se arrepender, mas
é tarde demais*

*Como posso confiar em você
novamente?”*

*You Lost Me (Christina
Aguilera)*

— Já estava esperando a minha
ligação?

Estava confusa, nervosa, meu
coração batia forte, mas me mantive
firme esperando que ele me
respondesse. Conseguia ouvir sua
respiração do outro lado da linha.

— Sim.

— Como assim?

— Sra. Brighton fez a gentileza de me contar que você havia aparecido. Que havia buscado Emily com seu lindo, educado e amoroso marido. — Falou e pude ouvir um tom melancólico em sua voz. — Eu sabia que isso ia acontecer.

— Isso o quê?

— Você e Dominick. Sabia que iriam se apaixonar. Na verdade, eu estava torcendo para isso, Kiara.

— Lorenzo, serei objetiva. — Falei, cortando-o sem paciência. Se eu queria levar aquilo adiante,

precisava ser forte. — Por que fez isso comigo?

Ele ficou em silêncio e eu esperei, olhando para a enorme parede de espelhos. Era como se eu estivesse sendo observada de perto, meu coração batia tão forte que senti minhas pernas tremerem. Me sentei no chão e acariciei minha barriga com a mão livre, respirando fundo.

— Responda, Lorenzo! Por que fez isso comigo? Por que me colocou em um leilão de mulheres para ser vendida como se eu fosse um objeto? Por que se meteu em algo tão sujo quanto isso? Eu quero

entender!

— Eu comecei a trabalhar nisso por acaso, Kiara. No começo eu era apenas o cara que tirava foto de meninas bonitas nas ruas e mandava para eles. Então, de repente, eu fui crescendo. Passei a ajudar nos sequestros, comecei a viajar para lá com as meninas, me envolvi com os grandes e logo estava colado nos chefões. Estava ganhando tanto dinheiro que não havia mais o que fazer com ele. Menti para você, falei que ia à Rússia por causa de um suposto trabalho, mas a verdade é que eu vinha para cá para ficar na cobertura que comprei e desfrutar

de todas as regalias que eu tinha.

— Nunca pensei que você pudesse ser tão frio.

— Kiara, no mundo em que vivemos as emoções atrapalham. O meu sonho era ficar rico, trazer você e sua mãe para Rússia, te fazer realmente entrar no Bolshoi e ter uma vida de rainha. Mas sabia que você jamais aceitaria quando soubesse no que eu trabalhava e eu não conseguiria esconder, você, com certeza, me perguntaria de onde estava vindo tanto dinheiro. Por isso eu decidi cortar os nossos laços. Inventei o concurso para que você anunciasse a todos que viria

para Rússia e te sequestrei.

— Você é doente. — Murmurei, enjoada. — E por que mentiu sobre a minha mãe? Por que inventou que ela me maltratava quando, na verdade, ela nunca fez isso comigo?

— Não sou doente, sou esperto. Kiara, eu cuidei de você. Durante todo o momento eu estive ao seu lado, eu não deixei ninguém tocar em você, eu mudei a dosagem da injeção para que você voltasse a se lembrar de tudo algum dia. Eu fiz questão de encher a sua bola para Dominick porque eu sabia que ele não iria te maltratar, como os clientes daqui fazem com as

garotas. Jamais te venderia para qualquer um. E sobre a sua mãe, eu inventei isso para tocar Dominick, para que ele te visse como uma garota frágil e, bem, comprasse você.

Eu quis rir. Aquilo era tão surreal que uma risada sem humor escapou por minha garganta. Era como se eu estivesse em um pesadelo, uma pegadinha, qualquer coisa, menos a realidade.

— Você cuidou de mim? Oh meu Deus, Lorenzo, eu deveria agradecer? Deveria ficar de joelho e beijar seus pés por ter apagado minha vida, me tirado de perto da

minha mãe, me colocado à venda? Só por que você fez questão de estar ao meu lado, dosar um remédio e me vender para Dominick? Que tipo de idiota você é?

— Do tipo que não se arrepende. Olha para sua vida agora, Kiara. Você é rica, Rainha de um país europeu, tem um marido bonito, que te ama. Você o ama também, está grávida e vive o que muitas mulheres matariam para viver. Não seja ingrata.

— Não seja ingrata? Isso é tudo o que tem para falar para mim?

— Não. Eu tenho mais coisas

para falar. — Disse, sério. — Você ama mesmo Dominick?

— Por que quer saber?

— Me responda, Kiara.

— Amo. Eu o amo com todo o meu coração. Como nunca amei alguém em toda a minha vida.

— Nossa, isso doeu.

— Não falei para te atingir, falei porque é a verdade. — Disse, fria e sincera.

— Eu tenho certeza que sim, mentira não faz parte da sua índole.

— Falou, fazendo uma pausa. — Eu te conheço, Kiara. Eu sei muito bem que tipos de ideias já passou pela sua mente, mas quero que pare

agora.

— O quê? — Perguntei sem entender.

— Nem pense em se meter conosco. Esqueça seu senso de justiça e preste atenção no que estou te falando. A máfia é perigosa, grandiosa e ela elimina qualquer um que ousa entrar no seu caminho. Se está pensando em fazer qualquer coisa para acabar conosco, desista agora. Isso não é brincadeira de criança.

Engoli em seco, assustada. Não havia pensado naquela possibilidade. De repente, a imagem de Dominick sem vida

apareceu na minha mente e meu coração se quebrou. Não poderia conviver com aquilo. Não poderia.

— Sei que estou em dívida com você e sei que nada do que eu fizer vai fazer com que acredite em mim, mas eu preciso que você entenda que, se alguém se mete no caminho da máfia, eles chutam como se fosse uma simples pedra no sapato. Eles matam sem pena, Kiara e a última coisa que eu quero é vê-la machucada por causa deles.

— Por que está me avisando? Você é um monstro, Lorenzo, não deveria mostrar piedade alguma.

— Estou avisando porque eu te

amo.

— Você o quê? — Ri, porque era única coisa que eu poderia fazer.

— Eu te amo, Kiara, eu fiz de tudo para te proteger, para proteger sua mãe. Além de não querer que você descobrisse sobre tudo o que eu fazia, eu também não queria que a máfia descobrisse sobre você e sua mãe. Se eu errasse, Kiara, se eu falhasse em apenas uma coisa, eles atingiriam vocês primeiro, depois a mim. Não poderia colocá-las em risco.

— São belas palavras, mas elas não causam efeito em mim. Quando

soube que você havia me levado para esse lugar, seu espaço dentro do meu coração ficou vazio. Você morreu para mim, Lorenzo e nada do que você fale ou do que você faça, mudará isso.

— Eu entendo. — Murmurou, parecendo cansado. — Mas parece que o fato de Dominick tê-la comprado não pesou tanto, afinal, você ainda está ao lado dele.

— Estou ao lado dele porque o amo. Porque conheço Dominick como ninguém jamais vai conhecer, porque tenho esperanças e sei que ele me ama de verdade.

— Você tem razão. É com ele

que você deve ficar, porque sei que ele é o único que vai proteger você. Ele realmente te ama, eu percebi que ele iria amá-la no momento em que ele a comprou. — Falou e parou. Pensei que havia desligado, mas ouvi sua voz novamente do outro lado da linha. — Por isso que imploro para que você não tente fazer nenhuma idiotice. Se ama mesmo Dominick, como você diz, não se meta com a máfia. Eles matariam Dominick sem pensar duas vezes.

Senti meu coração falhar uma batida com aquela possibilidade. Não. Não me envolveria com eles.

Entre salvar as mulheres e proteger o homem que eu amava, eu preferia proteger o homem que eu amava. Não era egoísmo, era preservação.

— Não farei nada.

— Vou confiar em você. Eu preciso desligar agora, mas, se puder, dê um beijo em Emily por mim. Eu a amo como se fosse minha mãe e nunca a desamparei.

— Pelo menos um resto de humanidade sobrou em você.

Ouvi sua risada no fundo e me mantive séria. Sentia nojo dele, verdadeiro asco.

— Você sabe ser amarga quando quer, *ma chère*. Adeus, Kiara.

— Adeus.

Desliguei.

Me encarei no espelho e vi o quanto eu estava pálida. A conversa com Lorenzo havia me deixado nervosa, agitada e assustada, mas percebi que eu precisava daquilo para ter um choque de realidade.

Que merda estava se passando em minha cabeça, quando resolvi que deveríamos enfrentar a máfia? Agora tudo parecia tão claro, eles poderiam nos matar, poderiam matar Dominick. Viver em um lugar onde ele não estivesse não era algo que eu pudesse suportar, isso e o meu amor por ele, era algo que me

mantinha naquele castelo. Não poderia viver sem Dominick, por mais magoada que eu estivesse.

Decidi que havia outros meios de alertar a população que o tráfico existia. Havia ONGs, campanhas, haviam milhares de coisas que poderíamos fazer, sem precisar atacar a máfia. Eu poderia me concentrar naquilo, até porque, eu era algo naquele país, não?

Estava na hora de colocar meu título de Rainha em prática.

Certa do que eu iria fazer, me levantei e sai da sala de piano, encontrando minha mãe e Dory, sua enfermeira, indo em direção ao

elevador. Apressei o passo até elas e entrei no elevador, cumprimentando a senhora de branco e minha mãe, que sorriu para mim. Quando descemos, fui com minha mãe até o jardim e fiquei ali, esperando pacientemente pelo retorno de Dominick.

Já estava quase anoitecendo quando Dory foi embora e Meredith, a enfermeira do plantão da noite, chegou. Decidimos que havia esfriado um pouco e entramos com a minha mãe, que estava

falante naquele dia e havia tido alguns flashes de memória que me deixou animada. Estávamos indo em direção ao elevador quando uma mão pegou a minha levemente. Quando me virei, vi a figura de Dallah ao meu lado. Ela parecia cansada.

— Kiara, eu... Posso conversar com você por um instante?

Olhei para ela e pesei meus sentimentos. Não havia mais a raiva que eu senti quando descobri tudo, havia apenas uma mágoa. Percebi que não adiantava adiar aquela conversa e que, querendo ou não, Dallah merecia ser ouvida. Eu já

havia ouvido Dominick várias vezes, por que não poderia ouvi-la?

Assenti e pedi para Meredith levasse minha mãe para cima. Quando a porta do elevador se fechou, Dallah e eu nos sentamos ali mesmo, na sala do antigo Rei. Fiquei quieta, esperando que ela começasse a falar.

— Eu sei o quão triste você está comigo, Kiara. E eu entendo, por mais doloroso que seja, eu entendo perfeitamente. — Murmurou, seus olhos cheios d'água me pegando de surpresa. — Eu soube sobre o leilão por acaso. Dominick e Dimir estavam cheios de segredinhos para

cima e para baixo e eu, ciumenta, logo pensei que Dimir poderia estar com alguma amante, então, ouvi a conversa deles atrás da porta do escritório. Fiquei tão chocada que, quando eles saíram, deram de cara comigo e souberam que eu havia escutado tudo.

Ela fungou e continuou.

— Eu fui totalmente contra. Falei que era algo absurdo, desumano, mas é óbvio que eles não me ouviram, eles nunca escutam e sempre fazem o que querem. Quando Dominick voltou com você, eu me senti na obrigação de cuidar de você. Me doía tanto

saber que você havia sido comprada, eu cheguei a duvidar da capacidade de Dominick amar alguém quando ele a trouxe para o castelo de uma forma tão fria. Eu queria contar tudo, eu realmente ia contar tudo, mas, de repente, você e Dominick estavam atracados aqui no escritório e eu percebi que você era diferente. Que você estava mexendo com ele de uma forma que eu nunca havia visto. Eu tive esperança em você.

“Foi tão bonito ver a forma como você e Dominick foram construindo essa relação. Eu fiquei tão contente, tão animada, que

percebi que contar tudo para você iria destruir o amor que vocês lutaram tanto para construir. Não cabia a mim, ou a Dimir, ou a ninguém nesse castelo contar a você, cabia a Dominick. Então, eu havia decidido que, se ele quisesse lhe contar, tudo bem, mas eu não faria nada porque vocês estavam felizes. Que tipo de idiota seria eu se acabasse com aquela felicidade toda? Foram dias maravilhosos, Dominick aprendeu tanta coisa com você, começou a ser mais gentil conosco, vivia sorrindo para cima e para baixo... Tudo estava perfeito”.

— Até que eu me lembrei e

descobri tudo. — Conclui.

— Sim. Você se tornou a minha melhor amiga, Kiara. Eu amo você como se fosse uma irmã e quando você descobriu tudo... Eu sabia que havia lhe perdido, porque você jamais aceitaria uma traição ao seu lado. Mas, por favor, entenda tudo o que eu acabei de falar. Eu sabia o que Dominick sabia, para todos nós, você havia sido maltratada na infância por uma mãe carrasca e isso me ajudou na decisão de não contar nada, porque você estava segura e feliz aqui, não precisava reviver tudo aquilo.

Suspirei e assenti. Eu a entendia.

Agora, mais calma, sem toda aquela raiva dentro de mim, eu entendia a sua posição. Ainda estava um pouco magoada, mas sabia que, com o tempo, tudo se encaixaria. No começo, havia pensando que Dallah era tão fria quanto Dominick e Dimir, mas, agora, eu conseguia enxergar que não, sua explicação abriu os meus olhos.

— Eu entendo, Dallah, entendo seu ponto de vista. — Murmurei e vi ela soltar o ar, limpando algumas lágrimas que haviam caído. — Eu ainda estou magoada, é tudo muito recente, mas a gente pode tentar, não é? Vamos voltar a nos falar, a

conversar... Ainda essa semana eu vou fazer compras para minha mãe e você pode vir comigo, se quiser, claro.

— Ah meu Deus, claro que sim! Claro que vou, com certeza. — Ela riu e me abraçou de repente, suspirando em meu ouvido. — Estou tão feliz que você não me odeia.

— No começo eu pensei que odiava... Mas, percebi que não era ódio. Era raiva, misturada a mágoa. Agora tudo vai se ajeitar. — Falei, retribuindo seu abraço.

— Se Deus quiser, vai sim. — Disse, se afastando quando

ouvimos passos rápidos em direção a sala.

Dominick entrou na sala meio segundo depois. Suas mãos estavam fechadas em punho, seu maxilar rígido e seus olhos pareciam duas bolas de fogo, tamanho a raiva que havia neles. Senti meu coração pular forte no peito, medo tomando conta de mim quando ele veio a passos rápidos na minha direção e tomou meu braço na sua mão com força, me fazendo levantar.

— Dominick! O que você...

— Cala a boca! — Gritou para mim e apertou meu braço com mais força, machucando-me. — Vamos

para o meu escritório agora, não quero ouvir a sua voz.

— Mas, Dominick, o que deu em você...

— Não se meta, Dallah. — Gritou, me arrastando para o escritório.

— Você está me machucando... — Choraminguei.

— Eu disse que não quero ouvir a sua voz!

Entramos no escritório e ele me largou com tanta força que eu cambaleei, dando passos para trás até parar na mesa de madeira. Fechou a porta em um baque e a trancou, virando-se para mim e

andando até parar centímetros do meu rosto. Senti vontade de em encolher.

Que merda estava acontecendo ali?

— Que porra você tinha na cabeça quando resolveu ligar para o seu ex?

— O quê? Como você...

— Como eu sei? Você realmente achou que poderia esconder isso de mim, porra! — Gritou no meu rosto e arregalei os olhos. Ele nunca, nunca havia estado tão bravo comigo. — Eu coloquei um detetive atrás dele, esqueceu? Sai daqui hoje depois que Frank me ligou,

falando que havia conseguido grampear o telefone de Lorenzo. Qual não foi a minha surpresa em chegar na casa dele e ouvir a voz da minha mulher conversando com aquele filho da puta!

— Dominick, eu...

— Eu disse que eu não quero ouvir a sua voz, porra! Será que você é tão burra que não consegue assimilar uma simples ordem?

Ofeguei, sentindo meu corpo tremer. Nunca pensei que sentiria medo de Dominick, por mais frio e arrogante que ele fosse, mas ali... Ele estava realmente fora de controle, as mãos agitadas, os olhos

arregalados e gritava tanto que não senti vontade de rebater, apenas assenti, os pelos da minha nuca eriçados de tanto pavor.

— Ligou para ele para quê? —
Falou mais baixo daquela vez, mas não menos cruel. Quando passou a ponta dos dedos pelo rosto, senti vontade de vomitar, o medo me deixando sem forças. — Estava com saudades dele? Queria ouvir sua voz mais uma vez? Pedir para que ele viesse te salvar do monstro?

Seus dedos desceram pela minha bochecha e pararam nos meus lábios que tremiam. Senti meus

olhos se encherem de lágrimas.

— Queria que ele te levasse de volta para aquele pardieiro onde vocês moravam, para voltar a viver aquela vidinha pacata e idiota? Formar uma família com ele? Talvez fazer com que ele assumisse a minha filha?

Seus olhos pararam nos meus, enquanto seus dedos desceram para o meu queixo.

— Queria que ele te fodesse, Kiara?

O pânico tomou conta de mim quando seus dedos rodearam meu pescoço. Não me enforcou, mas estava prestes a fazê-lo. Quis gritar,

quis empurrá-lo, arranhá-lo, mas o pavor me deixou quieta, meu coração batendo tão acelerado que temi sofrer uma síncope, minha cabeça doendo tanto que parecia que iria explodir a qualquer momento.

— Queria que ele enfiasse o pau em você? — Perguntou, raivoso, os dedos começando a fazer pressão em meu pescoço. — O que você queria, Kiara? O que queria, porra! Fala, agora, eu quero que você fale!

Não conseguia... Não conseguia falar, não conseguia respirar. Lágrimas molhavam o meu rosto, nublavam minha visão...

— Ah... Está chorando? Ah, meu Deus, ela está chorando! — Ele riu, cruel. Eu vi seu sorriso pela minha visão turva, seus dedos pressionaram ainda mais o meu pescoço. — Não chora, querida, não chora porque na hora de ligar para aquele filho da puta você estava bem atrevida. Só sabe fazer merda, Kiara! Porra! O que queria? Me diga, o que você queria ao falar com ele? — Gritou no meu rosto. — Eu quero ouvir a sua voz, porra!

Ele não rompia a passagem de ar, mas eu não conseguia respirar, minha garganta estava presa em um nó. Senti minhas pernas tremerem,

minha mente pareceu entrar em curto, meus olhos se reviraram.

— Kiara... — Sua voz... Não tinha mais raiva, sua voz estava... Longe... — Kiara, por favor, Kiara! Longe demais.

Foi como estar em queda livre, e eu só estava caindo e caindo, sua raiva gravada na minha mente, até que finalmente encontrei a escuridão.

Capítulo 10 – Dominick

“Não vá embora

*Veja, eu apenas não consigo
encontrar as palavras certas para
dizer*

*Eu tentei, mas toda a minha dor
fica no caminho*

*Diga-me o que eu tenho que
fazer para você ficar
Devo me ajoelhar e rezar?*

*Como eu posso parar de perder
você?*

*Como eu posso começar a
dizer?*

*Quando não há mais nada a
fazer, senão ir embora
Don't Walk Away (Michael
Jackson)*

— Fala comigo. — Sussurrei,
tocando em seu rosto, mantendo-a
amparada no meu braço. — Fala
comigo... Kiara, fala comigo!

Mas ela não se mexia! Ela não
se movia, ela não fazia nada!

— Dominick! Dominick, abra a
porra dessa porta! — Ouvi Dimir
gritar do lado de fora, esmurrando a
porta. — O que está acontecendo,
Dominick?

Olhei para Kiara, também

tentando saber o que havia acontecido. Eu não havia apertado o pescoço dela para asfixiá-la, eu não a havia machucado, eu... Sim, eu havia machucado a minha mulher. Havia feito ela desmaiar porque eu era um idiota covarde que nunca media as consequências dos meus atos.

Sem conseguir pensar em outra coisa, a peguei em meus braços e corri até a porta do escritório, destrancando-a. Assim que a abri, dei de cara com Dimir e Dallah atrás da porta e eles me olharam chocados.

— O que você fez? — Dallah

perguntou, parando na minha frente.
— Pelo amor de Deus, você a machucou?

— Eu... Eu não...

— Meu Deus, Dominick, você passou de todos os limites, porra!

— Dimir gritou e me senti uma criança sendo repreendida pelo pai.

— Vamos para o hospital, agora.

Apenas assenti e andei atrás dele, os empregados aparecendo correndo em nosso caminho, murmurando ao nosso redor. Ignorei e entrei no carro, Dimir tomando a direção. Kiara estava apagada em meus braços, meu coração cheio de pavor.

O que eu havia feito? O que diabos passou pela minha cabeça quando resolvi atacá-la daquela forma? Por que ela havia desmaiado?

Olhei para sua barriga e engoli em seco, tocando ali. Nada poderia acontecer, nada poderia acontecer...

Quando chegamos no hospital, uma equipe já estava nos esperando. Vi tudo em um flash, coloquei Kiara na maca, os enfermeiros tocaram nela, entraram no hospital e sumiram na emergência. Meu coração havia ido com ela e apenas a minha alma atormentada havia ficado.

A cena se repetia na minha mente, seu corpo trêmulo, seus olhos arregalados, seu rosto pálido, sua pele gelada. A forma como ofegava, como estava apavorada e eu não dando trégua, uma fúria tão forte dentro de mim, que parecia domar tudo, tirar o meu controle. E realmente havia tirado.

— Porra, Dominick! O que diabos aconteceu com você? Por que fez isso com Kiara? — Dallah perguntou parada na minha frente, com as mãos na cintura.

— Eu sei o porquê. — Dimir falou, olhando para mim. — Por que esse imbecil teimoso tirou

conclusões precipitadas, deixou os ciúmes cegá-lo, tomar conta de tudo. Porra, Dominick, quantas vezes eu te pedi para ter calma hoje? Quantas vezes? Por que não ficou na sala com Frank e eu e ouviu a ligação?

— Que ligação? — Dallah perguntou.

— Porque eu não suportei! Não suportei e ficar ali, sabendo o que ela iria dizer...

— E o que ela iria dizer, Dominick?

— Eu não sei! Na minha mente ela ia voltar com ele, ia falar que sentia saudades...

— Pois saiba que Kaira foi fria, tratou Lorenzo com desprezo e disse que amava você! Que tinha esperanças em você e na relação de vocês dois!

Olhei para ele, sentindo meu coração pular tão rápido quanto um cavalo.

— Ela disse isso?

— Sim, ela disse. Se você não tivesse sido tão idiota, tão estúpido, teria ouvido! E nada disso estaria acontecendo, porra! Kiara está grávida, o quanto você acha que ela pode aturar das suas merdas, sem causar algo ao bebê? Será que você não pensa?

— Eu não imaginei que tudo isso iria acontecer...

— Claro que não imaginou. Porque você não mede as consequências do que faz, Dominick. Você chega agindo do seu jeito, acabando com tudo. A forma como falou com Kiara... Meu Deus, eu pude ouvir os seus gritos do lado de fora do escritório e eu senti a dor por ela! Ela não merece isso! — Dallah gritou na minha cara, um dedo apontado para mim.

Não fiz nada, não poderia. Ela tinha razão, ela tinha toda e total razão em tudo. A culpa me corroía por dentro, me assolava e não

consegui mais ficar de pé. Me joguei na cadeira e passei as mãos pelo cabelo, uma mão parecia apertar meu estômago, o medo, a mágoa, o arrependimento, vários sentimentos juntos tomando conta de mim.

Senti vontade de chorar, mas não haviam lágrimas. Estava oco por dentro, cansado, arrasado.

Não sabia quanto tempo havia se passado, minha mente estava longe, ainda revivendo tudo daquele dia, a forma como me senti ao entrar na sala de Frank e ouvi a voz de Kiara ao telefone com Lorenzo, todas as imagens que criei deles dois sendo

felizes juntos, dela me largando, rindo do meu sofrimento.

E eu agora, sentado na sala de espera de um hospital, porque havia agido como um idiota, um homem sem escrúpulos.

Talvez, não houvesse saída para mim.

— Rei Dominick. — O médico Rodolph entrou na sala e eu me levantei no estante seguinte.

— Como Kiara está?

— Kiara... Por que a Rainha se estressa tanto? Eu avisei que isso não poderia acontecer novamente, Rei Dominick. — Falou, me olhando de cima a baixo.

Tive vontade de socá-lo, mas me segurei.

— Eu quero saber como ela está. Não preciso dar satisfação de nada para o senhor.

— Desde o momento em que paciente e bebê correm riscos, sim, o senhor tem de me dar alguma satisfação, ao menos um motivo para que eu possa saber o que está acontecendo.

— Ela se estressou muito hoje, doutor. Mas, por favor, nos tire dessa aflição. — Dallah pediu, parando ao meu lado. — Como Kiara e o bebê estão?

— A pressão dela aumentou

novamente e isso é muito perigoso. Já é a segunda vez em menos de um mês e eu estou pensando, seriamente, em mantê-la internada até o fim da gestação. No momento ela está bem, a pressão está abaixando e a Rainha já acordou. Vou mantê-la em observação por 48 horas, para observar de perto esse pico de pressão. Ela e o bebê estão bem, mas fiz uma bateria de exames e logo o resultado estará nas minhas mãos, para estudar melhor o caso.

— Eu posso vê-la?

O médico me avaliou, como se pesasse se eu merecia ou não ver a minha esposa. Minha esposa!

Reconsiderarei a vontade de socá-lo.

— Sim. Mas se a Rainha não quiser falar com o senhor, por favor, retire-se do quarto. Ela não pode ficar ainda mais nervosa.

Assenti e passei por ele. Fomos juntos até o terceiro andar e paramos em frente ao quarto onde Kiara estava.

Respirei fundo, tentei acalmar o meu coração e entrei.

Kiara estava deitada na maca, um braço ligado ao soro por uma agulha. Parecia que eu havia retrocedido no tempo, como se estivesse voltando àquele dia em que ela havia descoberto tudo.

Naquela época eu tinha um peso no meu coração, um peso tão grande que jamais conseguiria descrever. Mas hoje...

Hoje era muito pior.

Eu nunca pensei que chegaria ao ponto de machucar a minha Kiara. Ela era tão importante para mim, ela era meu mundo todo, eu mataria por aquela mulher, eu faria qualquer coisa para salvá-la, para protegê-la. No entanto, ela estava em uma cama de hospital por minha culpa.

Porque eu havia sido um troglodita que a assustou tanto que a pressão dela havia disparado. Eu

fui um monstro ao ponto de colocar em risco a vida da minha esposa e da minha filha.

Que tipo de homem eu era? O que eu poderia falar em minha defesa?

Olhando para ela, percebi que eu não poderia falar nada. Não poderia fazer nada porque eu havia errado, havia ultrapassado todos os limites.

— Kiara.

Ela abriu os olhos e me fitou. Vi uma miríade de sentimentos que tocou no fundo do meu coração, que me massacrrou. Não havia raiva, não havia ódio, havia apenas... Dor,

mágoa, uma tristeza infinita.

Eu havia quebrado a minha mulher.

— Anjo... — Me aproximei a passo largos e parei em frente à sua maca. Os olhos dela se arregalaram. — Meu Anjo...

Levantei a mão para acariciá-la, para tocar em seu rosto, mas Kiara se rastejou na cama até ficar longe o bastante de mim. O bipe do aparelho que controlava os seus batimentos cardíacos havia disparado ao meu lado.

Engoli em seco, pavor cobrindo todas as minhas células.

— Kiara... Está com medo de

mim?

Como ela poderia não estar? Olhe ao redor, olhe onde ela está! E por culpa de quem? Culpa sua, a culpa é totalmente sua, você a atacou, você a assustou, a cobriu de pavor. Claro que ela está com medo de você!

Minha mente sempre foi a minha pior inimiga. Ser massacrado por ela de novo me deixou ainda mais quebrado. Me matou por dentro.

— Kiara, por favor...

— Eu quero ficar sozinha. — Murmurou, como se não soubesse como falar comigo.

— Não, Kiara, por favor. Olhe

para mim, ainda sou eu. Seu Dominick, sou eu, eu não vou embora.

— Eu não posso...

— Não pode o quê?

— Não posso confiar mais. Não posso mais fazer isso.

— Kiara. — Senti minhas pernas tremerem e não sabia como proceder. O que ela queria dizer com aquilo?

— Eu quero o divórcio, Dominick.

— O quê?

— Dominick, será que não percebe? O que aconteceu hoje...

— O que aconteceu hoje foi um

erro. Kiara, eu errei, eu sei que errei, eu errei muito, mas, por favor... Por favor, não faça isso. Não desista de nós dois, por favor!

Ela me olhou com os olhos repletos de lágrimas. Havia uma dor infinita dentro dela, uma dor que eu não sabia por onde deveria começar para curar.

— Não foi um erro. Você sabia exatamente o que estava fazendo, Dominick. — Não havia raiva em sua voz.

Eu preferia sua raiva. Eu sabia muito mais lidar com a raiva, com o ódio, do que com toda aquela mágoa.

— Não, eu não sabia! Eu fiquei louco, eu fiquei cego de ciúmes.

— Por quê? Meu Deus, Dominick, se o telefone de Lorenzo estava grampeado, então você ouviu a conversa. Em nenhum momento eu dei brechas para Lorenzo, pelo contrário. Eu deixei muito claro o quanto eu te amava, eu deixei claro que eu tinha esperanças quanto a nós dois.

— Eu não ouvi. — Murmurei, minha garganta se apertando em um choro que estava prestes a se romper, mas eu deveria ser forte. — Eu saí da sala assim que soube que você estava conversando com

ele. Não suportei saber que você havia ligado para ele escondido de mim, eu imaginei um monte coisas... Kiara, eu fui um idiota. Eu nunca senti isso, nunca senti ciúmes de ninguém antes, o que eu senti hoje... A fúria que senti... Me deixou cego, eu não sabia o que estava fazendo.

— E o pânico que me atropelou foi algo que eu nunca pensei que iria sentir. Não vindo de você. — Ela falou e fechou os olhos, suas lágrimas caindo. — Eu ainda posso sentir suas mãos em mim, a forma como gritou comigo, a raiva nos seus olhos... Dominick, isso está me aterrorizando.

Suas lágrimas caíam sem cessar. Cada uma delas eram como adagas finas cortando o meu coração. Eu havia pensado que magoá-la com o leilão era o ápice da culpa que eu poderia carregar. Mas olhando-a agora, a forma como ela estava acabada em cima daquela cama, a forma como havia perdido a esperança em mim, em nós dois, me provou que não. Me provou que eu tinha sido capaz de ir ainda mais longe, de magoá-la ainda mais, de nos fazer sofrer ainda mais.

— Eu sinto muito. — Falei, ignorando tudo e pegando seu rosto em minhas mãos. Kiara estremeceu

e abriu os olhos, me fitando. Limpei suas lágrimas. — Eu sinto muito por ter sido tão idiota, por ter passado de todos os limites.

— Eu também sinto muito...

— Mas não desiste de nós dois... Kiara, eu prometo, eu prometo que vou mudar. Eu relaxei, sabe? Eu pensei que você estava voltando para mim e relaxei, eu achei que tudo ficaria bem e que eu não precisaria me esforçar mais... Mas agora eu entendi, eu vou me esforçar. Eu vou fazer por merecer você, o seu amor, a nossa filha... A nossa família de volta. Eu juro.

— Dominick, eu não sei se eu

posso suportar mais...

— Você pode, pode sim. —
Falei, tocando em seu rosto, suas bochechas e lábios. Meu coração batia forte em meu peito. — Você é tão forte, você é a mulher mais forte que eu já conheci. Qualquer outra teria desistido na primeira vez em que eu fosse grosso, arrogante, mas não você. Você esteve do meu lado desde o começo, você me amou. Você me ensinou o que é amar, Kiara. O que é querer ser alguém melhor.

— Você quer ser alguém melhor?

— Sim, eu quero.

— Por mim ou por você?

Olhei para ela, pesando suas palavras. Dentro de mim, eu já sabia a resposta.

— Por mim. Eu quero ser alguém melhor por mim, para poder ser um homem melhor para você.

Ela ofegou baixinho e levantou a mão sem o soro, levemente, até tocar em meu rosto. Soltei o ar pela boca, me sentindo leve, apenas por ter o seu toque na minha pele.

— Eu não quero te dar esperanças falsas, Dominick. Eu estou muito magoada, ainda estou chocada com tudo o que houve. — Disse, passando a ponta dos dedos

pelo meu rosto. — Eu só quero que faça uma coisa.

— Eu faço qualquer coisa, Kiara. Faço de tudo.

— Faça o que prometeu. Se torne um homem melhor por você, melhore por você. E assim, você vai melhorar não só por mim, mas pôr tudo a sua volta.

— E você? O que vai fazer? Vai me deixar?

O queixo dela tremeu e, me pegando totalmente de surpresa, ela abriu um sorrisinho que me encheu de gás, de esperança. Por mais que chorasse, ainda sorria.

— Onde estarei? Eu estarei

aqui, Dominick. Eu quero ajudar você, mas eu não vou mais bater de frente, não vou mais exigir nada, eu quero deixar você livre. — Seu polegar acariciou a minha sobrancelha, e meus olhos se encheram de lágrimas. — Estamos agindo como adolescentes imaturos, sabia? Um querendo dominar o outro e assim não vamos a lugar algum. Quero que você cresça por si mesmo e, se for para ficarmos juntos, iremos ficar no momento certo, no momento em que estivermos crescidos o suficiente.

Minhas lágrimas caíram e molharam meu rosto. Fiquei com

vergonha daquilo, mas percebi que não deveria. Eu tinha que estar ali de peito aberto. Aquela situação havia me mostrado a realidade. Eu teria que crescer, pois nada seria me dado se eu não merecesse.

— Obrigado por ter fé em mim.

— Eu te amo. E enquanto eu te amar, sempre terei fé em você.

Assenti e senti meu coração desacelerar lentamente. Eu iria crescer, estava na hora de abrir os olhos e parar de olhar apenas para mim, como Kiara havia falado mais cedo.

Eu iria mudar e merecer aquela mulher de volta.

Capítulo 11 – Kiara

*“Não precisamos nos apressar,
pode demorar o quanto quiser
Estou aguentando firme e meu
coração está em casa
Com minha mão atrás de você,
eu te segurarei se você cair
Sim, apenas te amarei como a
mulher que eu amo”
The Woman I Love (Jason
Mraz)*

Abri os olhos lentamente,
observando Dominick terminar de
colocar a bota d'ouro no

pulso esquerdo. Observava o céu nublado pela janela e quando terminou, se virou para mim, pegando-me no flagra. Um pequeno sorriso se abriu em seus lábios e eu comtemplei, sem conseguir encontrar algo para dizer.

— Bom dia. — Saudou, aproximando-se de mim.

Apoiou-se na cama e se abaixou até encostar os lábios em minha testa, beijando-me.

— Como está se sentindo?

— Bem... Alguém está agitada hoje. — Murmurei com a voz ainda rouca pelo sono, sentindo um tremor leve na minha barriga.

O sorriso de Dominick se expandiu. Pousou a mão em minha barriga e um riso nervoso escapou por seus lábios, enquanto sentia nossa filha chutar cada vez mais forte.

— Ela está animada... É bom saber que esse clima moribundo de hospital não atinge o humor dela.

— Nem as burrices e idiotices que o pai dela faz. — Completou.

Assenti de leve, lembrando-me do momento de terror que eu havia passado. Apesar de ainda estar receosa, de sentir a bile subir toda vez que me lembrava, parecia uma recordação distante. Era como se

Dominick e eu precisássemos daquilo. De um susto, algo que nos mostrasse que estávamos agindo errado um com outro, que precisávamos crescer.

Precisávamos de um basta e recomeçar.

— Eu vou ter que sair agora pela manhã, tenho uma reunião que não consegui adiar, mas Dallah está lá fora e vai ficar aqui com você até eu voltar... Tudo bem?

— Tudo bem.

Ele me olhou e vi sua expressão mudar, suas sobrancelhas se franzindo.

— Eu passei a noite toda em

claro fazendo algo que nunca fiz antes, Kiara.

— O quê?

— Eu orei. — Murmurou, pousando a mão de leve em uma mecha do meu cabelo. — Eu orei, agradei a Deus por ter me dado uma mulher maravilhosa, agradei por você ter me dado mais uma chance. E pedi para que *Ele* me ajudasse a mudar. Espero que tenha ouvido minhas preces, porque fiz com todo o meu coração.

— Então *Ele* ouviu. Eu tenho certeza que ouviu.

Ele assentiu e voltou a beijar minha testa, murmurando ainda na

minha pele:

— Eu te amo com tudo de mim.

E se afastou, saindo do quarto logo em seguida.

Olhei ao redor e passei a mão pela minha barriga, sentindo a bebê finalmente se acalmar. Sorri de leve, lembrando que precisava começar a pensar em nomes. E precisava, também, confirmar se era mesmo uma menina, apesar de sentir que sim, era uma garotinha.

Ouvi a porta se abrir de leve e vi Dallah colocar a cabeça para dentro. Sorriu de leve para mim e entrou, fechando a porta atrás de si.

— Bom dia! Espero que não se

incomode por Dominick ter me chamado para ficar com você...

— Tudo bem, Dallah e bom dia para você também.

Era óbvio para mim que ela ainda não sabia como se comportar na minha presença e nem como deveria falar comigo. Por isso, me sentei na cama e olhei para ela, que estava rígida ainda perto da porta.

— Dallah.

— Sim... O quê?

— Não precisa ficar assim.

— Assim como? Ah, meu Deus, estou te incomodando, não é? Eu sabia que não era uma boa ideia ficar, talvez eu devesse chamar

Norah para ficar em meu lugar...

— Não, eu estou feliz por você estar aqui.

Ela me olhou, momentaneamente chocada.

— Está?

— Sim, estou. — Sorri para ela.
— Eu senti muito a sua falta durante todo esse tempo e depois da nossa conversa de ontem...

— Que Dominick tão cavalheiramente interrompeu. — Revirou os olhos.

— Sim, que Dominick tão cavalheiramente interrompeu, eu percebi que você tinha razão. Se eu estivesse em seu lugar, eu acho que

faria o mesmo. Não cabia a você me contar nada. Eu só fiquei muito magoada porque não esperava que você também soubesse de tudo, mas agora eu estou melhor, estou lidando melhor com tudo isso e quero sua amizade de volta. Apesar de tudo, você sempre foi uma boa amiga para mim e eu também te considero como minha irmã.

— Ah, Kiara...

Vi seus olhos cheios de lágrimas antes dela caminhar em minha direção e me abraçar pelo pescoço. Retribui seu abraço, percebendo que não valia a pena estender mais aquela dor. Poderíamos voltar a nos

falar, reconstruir a nossa amizade, agora de forma verdadeira e justa.

— Obrigada, Kiara. Eu estou tão feliz! — Dallah sorriu, soltando-me.

— Eu também estou... É um recomeço para todos nós.

— Quando você diz “todos” eu fico espantada, sabia?

— Por quê?

Ela se sentou na poltrona que ficava próximo a cama e me fitou, colocando uma mecha do cabelo para trás.

— Ontem à noite, quando Dominick voltou para sala de visitas para avisar que você estava

bem e que passaria a noite aqui, eu não acreditei. Pensei que o expulsaria a pontapés depois do que ele fez, mas ele disse que você deu uma nova chance a ele. — Ela parecia incerta sobre continuar, mas continuou, firme. — Por quê? Eu não entendi o porquê de você ter dado uma chance tão rápido a ele.

Olhei para ela e pensei no que responder. Não sabia como explicar meu ponto de vista, muito menos colocar em palavras a calma que tomou meu coração na noite passada, enquanto via o desespero latente de Dominick e ainda sentia medo dele.

— Eu percebi certas coisas, Dallah. — Murmurei, desviando o olhar. — Percebi que estávamos fazendo tudo errado, sabe?

— Como assim?

— Eu não sei como explicar, mas vou tentar. — Voltei a encará-la e percebi o quanto sentia falta daquilo. De simplesmente conversar com ela. — Eu queria coisas imediatas. Eu queria que Dominick fizesse tudo ao mesmo tempo, queria que ele mudasse, que ele se arrependesse, que ele acabasse com a máfia. — Ri de mim mesma, agora mais calma, percebendo o quão estúpida era

aquela ideia. — Queria que enxergasse o absurdo que havia feito, para que eu pudesse perdoá-lo, mas percebi que não é assim.

— E como é?

— Ele não tem que mudar por mim, Dallah, tem que mudar por si mesmo, porque ele quer. Dominick estava muito focado em fazer tudo o que eu queria e se esqueceu dele. Quando lembrou de si mesmo, de sua real personalidade, explodiu daquela forma ontem. E eu, que queria tudo muito rápido, percebi que nenhuma mudança acontece na velocidade da luz. Eu tenho que parar, esperar, ajudar Dominick e

não exigir nada dele, entende?

— Hm... — Por um momento, pensei que Dallah diria não. Mas logo ela sorriu e assentiu. — Sim, eu entendo! Você quer ensiná-lo a ser alguém melhor? É isso?

— Quase isso. Dominick foi criado da forma errada, tendo tudo o que sempre quis, acima do certo e do errado. Quero que ele perceba que a vida real não é assim, que devemos separar as coisas e ter senso, entende?

— Entendo. Entendo e te admiro, Kiara, porque se fosse comigo, eu já teria levantado dessa cama e esbofeteado a cara dele!

Senti muita vontade de fazer isso ontem! — Falou, revoltada, cruzando os braços.

Eu ri, balançando a cabeça.

— Eu poderia fazer isso, mas aí eu estaria sendo infantil como venho sendo desde o início. Eu preciso mudar também, Dallah, aparar as arestas do meu senso de justiça, olhar para dentro de mim e do meu relacionamento com Dominick. Eu o amo, o amo muito. A raiva que senti dele no começo já abrandou, o que restou foi a mágoa, que eu acho que vai ser curada com o tempo, principalmente quando eu ver de verdade que Dominick está

mudando, se tornando alguém melhor.

— Você acha que agora ele vai levar isso a sério? Porque, quando você descobriu tudo, eu lembro que ele também prometeu que mudaria.

— Eu acho que agora ele viu que tem que se tornar alguém melhor. Se ele não mudar, Dallah, não terá mais saída para nós dois a não ser o divórcio.

— Ah, não! Meu Deus do céu, não fala uma coisa dessas! — Falou, levantando de repente e colocando a mão no peito. — Olha, Kiara, pode bater no Nick, querer fazer ele mudar, dar uma porrada na

cabeça dele para ele acordar, mas pedir o divórcio não! Você não pode ir embora, não pode deixar o Nick e... A gente. Nós amamos muito você, Kiara, você não imagina o quanto.

— Eu também amo muito vocês, vocês são a minha família, Dallah.
— Murmurei, emocionada, porque era a verdade.

Eles eram a família que nunca tive, já que sempre foi só eu, minha mãe e Lorenzo depois da morte do meu pai, quando eu ainda era uma criança.

— Então, você não pode simplesmente pedir o divórcio e ir

embora... Não se preocupe, o Dominick vai mudar. Pode contar comigo, darei vários puxões de orelha nele, se for preciso.

Nos olhamos e, de repente, estávamos rindo como sempre acontecia em nossas conversas. O clima ficou visivelmente leve e divertido e continuou assim por toda a manhã, enquanto eu beliscava o café da manhã e era examinada pela enfermeira, e depois pelo médico.

Pela primeira vez desde que eu descobri tudo, me senti realmente leve, sem o peso grande da traição para carregar nas costas. Era como

se, finalmente, eu tivesse ultrapassado aquele limite e me livrado da carga emocional que estava me obrigando a carregar, aquela carga onde eu me privava de sorrir, porque estava ocupada demais apenas sofrendo, aquela carga em que tudo se tornava cinza, porque eu sempre me obrigava a jogar tudo na cara de Dominick e aumentar a dor em nós dois.

Agora não.

Agora tudo era mais tranquilo, uma confiança se instalou dentro de mim e me fez crer que, sim, ainda havia mágoa em meu coração, eu ainda estava decepcionada, mas

não precisava agir como uma louca, eu precisava apenas enfrentar a tempestade, crescer ao lado de Dominick e, se fôssemos para ficarmos juntos no final da caminhada, ficaríamos.

Porque estaríamos fortes, maduros, esperançosos. E o nosso amor estaria ainda mais forte.

Dominick

— Ela quer que eu seja alguém melhor. — Murmurei, observando o copo de uísque a minha frente. —

Não sei como fazer isso, mas prometi a ela que serei. O que eu faço?

Não pensei que precisaria voltar ali, não depois de ter colocado o plano dele em prática. Mas lá estava eu novamente, naquela casinha repleta de livros, tomando um gole do uísque envelhecido de Giorgio de Piel. Ele estava sentado na minha frente, com o cenho franzido.

— Dominick... Você chegou aqui, se sentou, tomou o uísque e só falou isso... Não posso te ajudar se não me contar tudo o que está acontecendo.

Olhei para ele, me perguntando qual era a necessidade de reviver toda aquela dor. Mas entendendo também que ele não poderia me ajudar se eu ficasse quieto. E ele era a minha última opção.

— Ela descobriu tudo.

— Cheguei a essa conclusão. Mas está na hora de você me falar o que esse “tudo” envolve. Tem a ver com a sua ida a Rússia antes de ela ter aparecido em Orleandy?

Balancei o líquido âmbar no copo e ri, sem humor.

— Eu a comprei na Rússia.

Foi a primeira vez na minha vida que eu vi Girorgio de Piel ficar

surpreso. O conhecia desde criança e ele sempre foi muito senhor de si, calmo, nunca se abalava, nem mesmo com a explosão do meu pai, ou as vezes em que eu o havia ignorado, expulsado da minha casa. Mas agora não. Agora ele estava visivelmente surpreso, olhos arregalados, havia aberto a boca duas vezes para falar algo e nada saía.

— Dominick... Eu sabia que era algo grave, mas... Como assim você a comprou?

— A comprei em um leilão de mulheres. Vai me dizer que nunca ouviu falar sobre isso, Giorgio?

— Claro que já ouvi, por isso estou chocado. Isso se chama tráfico, Dominick, tráfico humano. Como pôde se meter em algo assim?

— Não vi nada de mais.

— Não viu nada de mais? Por Deus, o que fizeram com você quando era criança? Que tipo de ensinamento lhe passaram?

— Se você perguntar para o seu saudoso e falecido amigo, Rei Patrick, ele com toda a certeza não saberá responder. Até porque, não foi ele quem me criou, o máximo que fez foi passar ensinamentos sobre como ser a porra de um bom

Rei. — Comentei, ácido. — E acho que eu não aprendi tão bem... Que tipo de Rei compra uma mulher como... Como se fosse um pedaço de carne? — Me perguntei, usando as palavras de Kiara e percebendo o impacto delas pela primeira vez.

— Sempre soube que toda a sua infância refletiria na sua vida adulta, por isso, sempre tentei me aproximar, criar um vínculo com você, para que eu pudesse te orientar, já que seu pai não o fazia. Mas você me afastou conforme foi crescendo, foi criado por Anna e Norah que faziam tudo o que você queria. Não posso falar mal delas,

elas não poderiam agir de outra forma, você era o príncipe e elas lhe deviam respeito. Mas nunca imaginei que elas não foram capazes de passar o básico para você, como certo e errado.

— Elas passaram, claro que passaram! Norah e Anna foram as únicas que se importaram em passar algo para mim, Giorgio. Mas eu não quis aprender. — Suspirei e larguei o copo, agora vazio, sobre a mesinha de centro. Passei as mãos pelo cabelo, perdido. — É errado eu não me arrepender do que fiz?

— Não se arrepender de comprá-la?

— Sim.

— Depende... — Ele ponderou por alguns segundos, coçando o queixo. — Por que você não se arrepende?

— Não é óbvio? Se eu não a tivesse comprado, não teria conhecido o amor da minha vida. Se eu não a tivesse comprado, outro teria e sabe-se Deus o que aconteceria com ela! Mas Kiara não entende, ela quer que eu me arrependa, mas eu não consigo me arrepender. Por mais monstruoso que tenha sido meu ato, eu não fui um carrasco com ela. Eu a coloquei em um palácio, a desposei, a

transformei em uma Rainha. Eu a ameí. Eu a amo com tudo de mim, Giorgio. Me arrepender de tê-la comprado é como me arrepender de amá-la.

— Não, Dominick... Você está enxergando tudo por uma óptica errada.

— Como?

— O seu ato foi realmente monstruoso, como você mesmo disse. Mas se arrepender não quer dizer que você vai deixar de amá-la se o fizer. Quer dizer que, se você tivesse a oportunidade de voltar atrás, faria diferente, entende?

— Como eu poderia fazer

diferente, se a conheceria no mesmo lugar, em um leilão de mulheres?

Giorgio me olhou sério e tomou o último gole de seu uísque, repousando o copo sobre a mesinha.

— Dominick, se você pudesse tirar a mágoa do coração da Kiara, você o faria?

— Claro! Com toda a certeza do mundo, eu faria qualquer coisa.

— E se pudesse prevenir uma mágoa... O faria?

Olhei para ele sem entender muito bem a pergunta, mas depois um clarão iluminou minha mente.

Pensei na noite de ontem, na besteira que fiz, cego de ciúmes. E percebi que, se naquele momento eu soubesse o quanto iria magoá-la, no mal que faria a ela, teria parado. Teria me impedido de seguir em frente, porque jamais iria magoá-la de proposito, consciente do que estava fazendo.

— Sim, claro que se eu pudesse, não iria magoá-la.

— Então, sabendo que a comprar iria magoá-la... Você o faria de novo?

Olhei para ele me perguntando que tipo de poder era aquele que ele detinha, que me fazia enxergar

tudo sob um ponto de vista diferente. Nunca havia pensado daquela maneira. E soube dentro de mim que não, não o faria novamente. Não a compraria se eu soubesse o quanto isso iria magoá-la, o quanto abalaria o nosso relacionamento.

— Não, eu não a compraria. Eu faria tudo de outro jeito, não sei, a roubaria de lá, a salvaria de verdade, mas não a compraria porque sei o quanto isso a machucaria.

— E algo sobre essa decisão influenciou na forma como você a ama?

— Sim. — Respondi sem pensar muito. Giorgio me olhou confuso. — Me mostrou que meu amor é capaz de tudo, que ele só cresce a cada minuto. Salvá-la é um ato de amor, não é?

Giorgio assentiu, sorrindo.

— Isso. Mas não diminuiu seu amor. Entende a diferença?

— Entendo e agora consigo perceber um pouco mais sobre tudo.

— Agora, termine de contar sobre tudo o que houve.

Olhei para ele, mais confiante e falei sobre tudo, revivendo cada momento. A pior parte foi falar

sobre o que havia acontecido na noite passada, a forma como quase a machuquei, como o seu pânico cresceu ao ponto de fazê-la apagar. Falei sobre tudo com um nó se formando em minha garganta e quando terminei, me senti insuportavelmente cansado. Era uma miríade de sentimentos que me arrebatava, tomava, sugava tudo dentro de mim.

— Kiara é uma mulher incrível.

— Foi a primeira coisa que ele falou depois de tudo o que contei.

— Ela teve muita sabedoria, Dominick.

— Eu sei o quanto incrível ela é.

Eu entrei naquele quarto de hospital achando que era o fim, pensei que ela jamais conseguiria me perdoar e, de repente, ela disse que estava tendo fé em mim, que eu precisava mudar e crescer e ela também. Mas como? Na minha opinião ela já cresceu o suficiente, mas como eu farei isso? Não sei mudar essa merda de homem que eu sou, Giorgio, por mais que eu tenha prometido a ela. E eu sei que se eu não mudar... Ela vai me deixar. Vai me deixar para sempre.

— Nada acontece da noite para o dia, Dominick. Você precisa ter paciência. Por mais que seja um

homem formado, uma parte sua ficou na infância, a parte que absorve coisas simples como o certo e o errado, até que ponto podemos fazer algo só para ter o que queremos. É nessa parte que você tem que focar. Você precisa crescer, Dominick, precisa entender e praticar.

— E você precisa me ajudar.

— Eu?

— Sim. Você não disse que sempre esteve disposto a me ajudar, a me ensinar? Chegou o momento, Giorgio.

— Não, Dominick, o meu momento já passou. — Falou,

sorrindo de leve.

— Não entendo... Você disse que sempre me ajudaria.

— E sempre ajudarei. Mas ajudarei no que eu tiver de ajudar e te fazer crescer não cabe a mim. Cabe a mulher incrível que você tem como esposa. Ela está disposta a te ajudar em tudo e você deve aproveitar isso. Será um momento só de vocês dois, irão se aproximar mais e você vai se tornar um homem adulto, um homem completo.

Olhei para ele, sabendo que tinha razão. Era claro que tinha. Kiara realmente queria me ajudar,

ela havia falado isso, mas pensei que Giorgio teria uma solução mais rápida. Como eu era idiota, claro que não havia uma fórmula mágica que me faria mudar em segundos. Percebi que eu seria uma criança aprendendo a andar, se a cada dia eu praticasse mais com a pessoa certa, em breve eu estaria caminhando sozinho.

A pessoa certa era Kiara e como não seria? Ela, mais do que ninguém, tinha fé e esperança em mim. E eu mudaria. Mudaria para ser o homem certo daquela vez.

— Você tem razão... Obrigado, Giorgio.

— Sempre que precisar eu estarei aqui, Dominick.

Saí de lá com o corpo e a alma mais leve, me sentindo mais preparado para encarar a longa caminhada que teria pela frente. Cheguei ao hospital driblando os jornalistas que se matavam para ter uma foto minha ou de Kiara e fui até seu quarto, ansioso para vê-la.

Bati na porta com o meu coração pulando rápido no peito e a abri, encontrando uma Kiara sorridente, com Arthur em seu colo e Dallah sentada na poltrona.

— Tio Nick! Vem cá, olha, a bebê está se mexendo! — Arthur

falou, animado, as duas mãozinhas espalmadas na barriga de Kiara. — Isso é muito legal!

— Ela está mexendo, querido? — Perguntei, tirando o casaco do meu terno e colocando-o sobre o sofá no canto do quarto. Dei um sorriso a Dallah, que me olhou como se eu fosse uma outra pessoa e me aproximei de Kiara, dando um beijo em sua testa. — Tudo bem?

— Sim e com você?

— Estou bem melhor agora.

Sorri e me aproximei de Arthur, beijando seu cabelo antes de colocar a mão sobre a barriga de Kiara. Senti a ondulação na minha

palma e meu sorriso se expandiu.

— Não é muito legal?

— É muito legal, Arthur. —

Murmurei, olhando-o. — Você sabe que será como um irmão para ela, né? Que vai ter que cuidar dela, olhar por ela, vai expulsar os garotos quando quiserem namorar com ela.

Falar aquilo me fez pensar que eu teria uma filha menina. E o bônus seria lidar com garotos. Não gostei do pensamento, não saberia lidar com aquela merda, ia expulsar todos eles.

— Eu sei, tio Nick, eu vou cuidar dela direitinho. Não vou

deixar ela namorar ninguém.

— Isso mesmo, querido, vamos protegê-la dos garotos.

— E bater em todo mundo que quiser beijá-la. — Falou, sério demais. Me segurei para não rir.

— Ah meu Deus, coitada da minha filha. Vai sofrer na mão de vocês.

— Não vai não, tia Kiara. Eu vou fazer ela feliz.

— Vai, querido?

Ele balançou a cabeça, assentindo e soltou uma risada infantil ao sentir a ondulação de novo.

— Bom saber que minha

sobrinha terá dois cães de guarda.
— Dallah falou, se levantando. —
Arthur, vamos lá fora tomar um
sorvete com a mamãe?

Ele quase pulou do colo da
Kiara, todo animado. Ajudei-o a
sair e o vi pegar mão de Dallah.
Estavam quase saindo do quarto
quando Arthur parou e se virou,
olhando para a barriga da Kiara.

— Tia, como a bebê foi parar aí
dentro?

Dallah ficou rígida, Kiara ficou
vermelha e eu soltei uma
gargalhada que veio do fundo da
garganta, sem conseguir me conter.

— É muito simples, Arthur, a

sua tia Kiara e eu ficamos pelados e...

— Não! Ah meu Deus, Arthur, depois a mamãe te explica isso. Vamos. — Dallah falou e tirou Arthur correndo do quarto.

Continuei rindo e Kiara me olhou incrédula, começando a rir junto comigo. Era a primeira vez em muito tempo que tínhamos um momento tão descontraído. Fiz uma nota mental de agradecer a Arthur.

— Não acredito que você ia falar aquilo para ele.

— Uma hora ele terá que aprender...

— Mas ele só tem cinco anos,

seu doido!

Ela sorriu e balançou a cabeça, linda demais. Percebi que era verdade o que havia falado para Giorgio. Meu amor por Kiara se expandia cada vez mais.

— Kiara, eu quero que me ensine. — Murmurei, chamando sua atenção.

— Te ensine? O quê?

— Me ensine a ser um homem melhor. Para mim e para você. — Me sentei na cama e peguei sua mão, entrelaçando nossos dedos. — Me ajude nisso, por favor.

Vi o momento em que Kiara sorriu e seus olhos se encheram de

lágrimas, emocionada. Me controlei para não me emocionar também.

— Eu vou fazer. Vou te ajudar, Dom.

Ali, depois de muito tempo, eu ousei ter esperança. Uma esperança de verdade, de que tudo daria certo daquela vez, de que iríamos ficar juntos da maneira certa.

De que, finalmente, começaríamos a ser feliz de verdade.

Capítulo 12 – Dominick

*“Levante-se agora e encare o
sol*

*Não irei colocar meu rabo entre
as pernas, nem fugir*

*É hora de fazer o que deve ser
feito*

*Ser um rei quando chegar o
fim”*

The Man (Aloe Blacc)

Era a primeira vez que eu ia em uma consulta de verdade ao lado de Kiara.

E sim, eu estava nervoso.

Havia se passado uma semana desde sua saída do hospital e as coisas melhoraram um pouco entre nós. Conseguíamos conversar sem haver discussão, ela passava mais tempo no primeiro andar do castelo, principalmente no jardim de verão com sua mãe, a enfermeira, Dallah e Arthur.

Eu observava tudo de longe, morto de vontade de chegar perto, de apenas me sentar ao lado dela e pegar sua mão, sentir seu toque entre meus dedos, enquanto ela continuava a conversar com quem quer que fosse. Nem exigiria seu olhar em mim — a quem estou

querendo enganar? Eu não estou em posição de exigir coisa alguma —, queria apenas tê-la ao meu lado, sentir seu cheiro, observá-la de pertinho.

Por isso estava nervoso agora.

Pois estava ao seu lado, *realmente* ao seu lado, depois que saímos do hospital. Estava me odiando naquela posição de homem sempre nervoso, incerto, como se estivesse na corda bamba e qualquer movimento me fizesse cair, me tirasse do jogo, mas percebi que não tinha como ser de outra maneira. Que talvez eu errasse um pouco, mas que iria

acertar.

Estava lutando para acertar.

— Obrigado por ter me deixado vir. — Murmurei ao seu lado, minha mão coçando para tocar a sua.

Kiara se virou para mim e sorriu, seus lindos olhos azuis dentro dos meus.

— Eu fiquei surpresa quando me perguntou se poderia me acompanhar.

Eu realmente perguntei.

Pensei que não teria ninguém ao meu lado nessa jornada de ser um bom homem e reconquistar Kiara, mas me enganei quando Dallah se

aproximou de mim ontem e disse que Kiara tinha uma consulta hoje, que havia pedido para ela lhe acompanhar. E, como estava aprendendo a ser um bom homem não só para Kiara, mas para mim e para tudo a minha volta, agradeci a ela por ter me contado e fui até minha esposa, que estava sozinha no jardim.

Minhas mãos suavam, mas eu sabia representar e me sentei ao lado dela, fingindo uma calma que estava longe de sentir. Kiara me olhou surpresa, mas soltei tudo de uma vez, perguntando se poderia acompanhá-la na consulta. Já estava

preparado para ouvir um não, na verdade, vivia desconfiando de que a qualquer momento Kiara virasse e dissesse que havia desistido de me esperar, que estava de saco cheio de mim e da minha demora.

Mas, surpreendendo-me como sempre, Kiara apenas me olhou e disse sim, parecendo estar realmente feliz.

— E eu fiquei surpreso por você ter dito sim.

— Eu não poderia falar outra coisa, não quando você é o pai e vive lendo livros sobre gestação para cima e para baixo. — Falou, rindo.

— Está zombando de mim?

— Ah, eu não ousaria, Vossa Majestade.

Meu coração pulou no peito quando seu sorriso alegre e seus olhos brilhantes se fixaram em mim. Ela estava *feliz* ao meu lado, feliz de verdade, como sempre esteve antes de descobrir a verdade.

Pensei em falar mais alguma coisa para manter o nosso diálogo, mas o carro parou e tivemos que descer. O consultório estava fechado para nós dois, como sempre foi quando Kiara vinha sozinha. Agora ela não viria mais sozinha, nunca mais.

Superando todas as minhas expectativas, Kiara segurou minha mão depois de ter saído do carro. Apertei sua mão pequena e quente na minha e fomos em direção ao elevador que nos levaria ao consultório de sua médica. Era tudo muito calmo e organizado, a sala de espera era bonita, pintada em tom rosa pastel, a decoração com fotos de gestantes.

A secretária se aproximou de nós e ofereceu café e chá, que recusamos prontamente. Apesar de tentar disfarçar, ela olhava para mim com surpresa. Eu a entendia, não esperava que eu fosse junto

com Kiara, não quando ela passou os cinco meses de gravidez indo sozinha.

O mesmo aconteceu quando a doutora Savannah saiu de seu consultório e nos fitou ali, juntos e de mãos dadas. Surpresa passou pelo seu rosto, mas logo ela sorriu e nos convidou para entrar. Seu consultório era também pintado em tom rosa pastel, havia uma grande mesa de vidro, onde ela se sentou em sua cadeira branca. No canto ao meu lado esquerdo, havia uma maca e os aparelhos de ultrassom. Tudo muito bem arrumado e moderno. Gostei de imediato.

— É um prazer recebê-lo aqui, Vossa Majestade. Fico feliz que tenha arrumado um espaço na sua agenda para vir a uma consulta com sua esposa. — Falou a senhora e senti a alfinetada.

Pensei em retrucar, havia um esporo frio na ponta da minha língua, mas retrocedi antes que pudesse falar algo desagradável que, possivelmente, acabaria com meu clima com Kiara.

— Também é um prazer conhecê-la, doutora. Muitos compromissos me mantiveram afastados do palácio, mas agora nada mais vai me afastar da minha

esposa e da minha filha.

— Filha? Mas ainda não sabemos o sexo. — Falou e apesar de sorrir, senti que me analisava.

— Sou um pai sensetivo.

Kiara me olhou e vi que prendia o riso. Estava achando aquilo engraçado. *Pestinha*. Pensei, ao olhar para ela.

— Muito bem, papai sensetivo. Por que não me explica o motivo de eu ter de largado meu consultório cheio na semana passada, para ver sua esposa que estava internada, pela segunda vez, em um hospital?

— Além de ser seu dever como uma médica que está sendo paga

para acompanhar um paciente? — Perguntei, cansado de ser bonzinho. Ela estava sendo desaforada. Que tipo de médica era aquela que Dallah arrumou para Kiara?

— Dom... — Kiara murmurou, apertando minha mão. — Savannah, como eu disse, eu apenas passei por um estresse muito forte, mas não vai voltar a se repetir.

Doutora Savannah, uma mulher na casa dos quarenta anos, me olhou atentamente, como se pesasse se deveria levar aquela discussão adiante ou não. Não me intimidei e percebi que minha simpatia por ela acabou antes mesmo de ter

começado.

— Certo. Vamos medir sua pressão e fazer a pesagem, Kiara.

Pensei em retrucar novamente e falar que ela tinha que chamar Kiara com mais respeito, mas era óbvio para mim que Kiara havia sido a primeira a dar brechas para toda aquela intimidade. Não era do feitio dela gostar de ser chamada de Vossa Majestade ou de Rainha Kiara.

A pressão de Kiara estava normal e seu peso estava ótimo para uma mulher que estava no sexto mês de gestação. Fiquei satisfeito, enquanto a via sumir no

banheiro para tirar o vestido que usava e trocar pelo avental para fazer a ultrassom.

Quando voltou e se deitou na maca, não esperei um segundo antes de ir para o lado dela e segurar sua mão. A médica falava algo que eu não estava interessado em ouvir, enquanto espalhava uma espessa camada de gel sobre a barriga da minha esposa. Percebi que estava maior desde a semana passada e fiquei tentado a tocar.

Mais do que isso, fiquei tentado a me abaixar e conversar com a barriga dela. Não entendi aquele desejo, tudo bem, sabia que o bebê

poderia ouvir, os livros me disseram isso, disseram até mesmo que os pais deveriam manter um diálogo com o bebê ainda na barriga, mas pensei no quão ridículo eu ficaria estando cara a cara com sua barriga, falando com um bebê que não poderia me responder.

Idiotice.

Eu sabia que era idiotice porque, assim que tivesse oportunidade, essa seria a primeira coisa que eu iria fazer. Conversar com sua barriga. Porque eu amava aquela criança, não sabia como aquilo fora acontecer, mas amava.

Sentia isso em meu coração.

Uma imagem disforme apareceu na tela e meu coração disparou, enquanto via o bebê aparecer. Estava ali, de pernas abertas daquela vez, as mãos se agitando. Sorri sem conseguir me conter e apertei a mão de Kiara, que também sorria.

— De perninhas abertas. Vamos ver se pai sensitivo está certo, antes que esse bebê esperto se esconda da gente. — Savannah falou, movendo o aparelho na barriga da Kiara.

A imagem mudou um pouco e se focou em um outro lugar que não

consegui entender. Mas o suspiro da doutora me chamou atenção.

— Corretíssimo, Vossa Majestade. O senhor terá uma princesinha em seus braços daqui a três meses.

Kiara me olhou com os olhos cheios de lágrimas, brilhando de emoção. Sorri para ela e levei sua mão a minha boca, beijando-a. Estava feliz, feliz como nunca pensei que ficaria.

— Vamos ouvir os batimentos cardíacos...

Aquele som incrível preencheu a sala e era o coração da minha filha batendo forte, rápido, provando-me

que tudo aquilo era real. Ela existia e estava ali, linda, saudável, me trazendo uma felicidade que nunca pensei que fosse capaz de sentir. Como um ser tão pequeno, indefeso, que ainda nem estava em meus braços, conseguia mexer tanto comigo?

— Ela está perfeita, muito saudável, está com 600 gramas e 25 centímetros. Não poderia estar melhor. — Savannah disse, sorrindo. Quase gostei dela. Quase.

A doutora estendeu lenços de papel para Kiara se limpar e eu os peguei, passando em sua barriga. Como se soubesse que

precisávamos daquele tempo sozinhos, ela se afastou para sua mesa, começando a escrever algo no computador.

— Está feliz?

— É tão óbvio assim? — Respondi, limpando sua barriga com cuidado. — Nunca estive tão feliz.

— Eu consigo ver em seus olhos. Eu também estou muito feliz, Dom. Vamos ter uma menininha.

— Eu me sinto tão culpado pelo o que disse no dia em que você descobriu tudo. — Murmurei. Não queria estragar nosso clima, mas precisava falar aquilo que me

angustiava. — Ainda mais agora, que estou tão feliz por nossa filha existir.

Kiara me olhou, seu sorriso diminuiu um pouco, mas não saiu de seu rosto. Percebi que era um sorriso de compreensão.

— Realmente se arrepende?

— Sim, Kiara. Me arrependo muito. — Olhei para sua barriga já limpa e descartei os lenços, envolvendo minha mão em seu ventre. — Ela já ouvia tudo naquela época, deve me odiar por tudo que falei.

— Ela não deve ter escutado, mas se escutou, já te perdoou, Dom.

Porque você se arrependeu de verdade, ela deve conseguir sentir na forma como você acaricia minha barriga. — Ela colocou sua mão sobre a minha. — As palavras machucam, me machucaram muito naquela época, mas existem palavras e ações que curam as feridas. Você está curando gradativamente.

— Curando? Como, se venho cometendo mais erros do que acertos?

— Errar e acertar faz parte do aprendizado. Vai chegar uma hora, que você não errará mais.

Olhei para ela, para aquela

mulher que tinha mais fé em mim do que eu mesmo e me perguntei o que eu havia feito para merecer alguém como ela. Uma pessoa tão forte, tão boa, que tinha tanta esperança e tanto amor.

— Obrigado por tudo, Anjo. Eu te amo.

— Eu também te amo, Rei Dom.

E sorriu. Sorriu para mim, me fazendo um homem ainda mais feliz.

— Precisamos pensar nos nomes.

— Sim, precisamos! Eu não tenho ideia de nenhum.

Eu tinha... Mas estava com vergonha de falar.

— Temos tempo para resolver, tenho certeza que ideias virão. —
Falei, pegando em sua mão e ajudando-a a se levantar.

— Obrigada, Dominick.

— Pelo o quê?

— Por ter vindo até aqui, por estar se esforçando. Eu te amo ainda mais por isso.

Assim que chegamos no palácio, Kiara se despediu de mim e subiu para ficar com a mãe. Quase perguntei se eu poderia acompanhá-la, não queria perder sua

companhia, mas tive receio de acabar com todo o clima bom que se instalou entre a gente e apenas a observei ir, as portas do elevador se fechando e a tirando das minhas vistas.

Havia cancelado todos os meus compromissos daquele dia e passar o dia inteiro sem fazer nada não me pareceu uma boa ideia. Havia uma papelada que eu precisava analisar no meu escritório e estava prestes a ir até lá quando vi Arhtur descer a escada e vir em minha direção.

Uma ideia louca se instalou na minha mente e eu ri, me abaixando para abraçar Arthur.

— Tio Nick, vai passar o dia aqui?

— Vou sim.

— E vai ficar brincando comigo?

— Eu tenho uma ideia melhor, Arthur.

— Que ideia?

— Que tal se fizermos um bolo de chocolate para Kiara?

Ele me olhou com aqueles olhinhos azuis que brilhavam e sorriu.

— Com calda de chocolate?

— Isso!

— Sim! Sim, vamos fazer! Vem tio, Nick, vamos para a cozinha.

O segui, segurando sua mãozinha tão pequena. Era uma ideia louca e eu estava lutando para não rir. Quando chegamos a cozinha, a conversa entre Norah, Anna e Andy morreu. Elas olharam para nós e Norah foi a primeira a falar:

— Precisa de alguma coisa, Vossa Majestade?

— Sim... Eu preciso que deixem a cozinha por algumas horas.

— Como? — Anna perguntou, sem entender.

— O tio Nick e eu vamos fazer um bolo de chocolate com calda de chocolate.

— De novo isso? Meu Deus,

primeiro a Kiara faz bolo, agora o Rei? Esse castelo está ficando de cabeça para baixo... — Andy disse e depois olhou para mim, assustada. Prendi a vontade de rir. — Oh meu Deus, me desculpe, Vossa Majestade, eu não...

— Está tudo bem, Andy, apenas obedçam e saiam... Quando terminamos, chamamos vocês.

Anna pensou em retrucar, mas virou as costas e saiu junto Norah e Andy. Arthur riu para mim.

Olhei para a cozinha me perguntando o que eu estava fazendo ali. Os empregados me obedeceram e saíram, mas estava

pensando seriamente em voltar atrás e pedir ajuda de Norah. Não sabia nem por onde começar, na verdade, não sabia nem onde ficavam guardadas as coisas que eu supostamente teria de usar.

— Não se preocupe, tio Nick. Eu sou o rei dos bolos de chocolate com calda de chocolate. — Arthur falou, me despertando.

Ele andou rapidamente pela cozinha e pegou uma grande tigela de alumínio, colocando na minha mão.

— Coloque isso em cima da mesa. Vou pegar os ovos, a farinha, o chocolate... — Começou a falar e

eu olhei para ele, aturdido. Ele tinha realmente cinco anos? — Tio Nick! Anda, tio Nick, vamos trabalhar!

Certo... Vamos trabalhar.

Espero que esse bolo dê certo, senão, seria mais uma coisa a acrescentar na minha lista de desculpas para Kiara.

Coloquei a tigela em cima da mesa e segui Arthur, pegando a cesta de ovos das mãos dele e um saco de farinha. Ele se encarregou do chocolate e açúcar, enquanto eu abria a geladeira para pegar uma garrafa de leite. Se ele não me falasse, pegaria água, com certeza.

— Pronto, tio Nick. — Disse, terminando de colocar as coisas na mesa.

Olhei para tudo aquilo sem nem saber por onde começar.

— Olha, a tia Kiara disse que a gente tem que misturar os secos primeiro...

— Secos?

— Isso. Açúcar, farinha, chocolate...

— Entendi, isso é fácil.

— Sim, é fácil demais.

Abri o pacote de chocolate e coloquei o conteúdo dentro da tigela, enquanto Arthur subia na cadeira para ficar mais alto e abria

o saco de farinha. Ele colocou mais da metade do saco e disse que estava bom, antes de despejar o açúcar todo na tigela.

— Agora a gente mexe assim...

— Falou, pegando uma colher e mexendo tudo. — Tio Nick, quebra os ovos, por favor? Essa parte é nojenta.

Ri dele e peguei os ovos. Quebrei um dentro da tigela onde ele mexia os “secos”.

— Tio Nick, agora que a gente tá sozinho, o senhor pode me falar como a bebê foi parar na barriga da tia Kiara, né?

Uma gargalhada escapou por

minha garganta, enquanto eu quebrava o quarto ovo dentro da tigela.

— Por que quer tanto saber disso, Arthur?

— Porque eu não entendo como um bebê pode começar a crescer dentro de uma barriga... Alguém tem que colocar ele lá.

— Bom... Eu vou explicar, mas não sei como falar isso. — Murmurei, quebrando o sétimo ovo. Será que era ovo demais? — Uma mulher e um homem começam a namorar. E aí, quando você começa a namorar alguém, Arthur, você sente vontade de abraçar e beijar

essa pessoa. Só que os adultos não fazem só isso, eles fazem sexo também.

— Sexo?

— Sim, sexo é quando uma mulher e um homem namoram pelados.

— Tipo, se abraçam pelados?

— Isso mesmo.

Dez ovos. Meu Deus, será que já não estava bom?

— Precisa de mais ovos?

— Precisa, tio Nick. Depois a gente coloca o leite. — Disse ele, mexendo tudo. — E o que o bebê tem a ver com tudo isso?

— Quando um homem e uma

mulher fazem sexo e eles não usam camisinha...

— Camisinha? Como assim, camisinha?

Meu Deus... O que eu estava falando para aquele garoto?

— Camisinha é um negócio que o homem coloca no pau... No pênis dele, para quando for namorar com uma mulher, não passar doenças para ela e nem engravidá-la.

— Ah... Aí, se não usa a camisinha o homem e a mulher fazem um bebê?

— Isso mesmo. — Falei, aliviado, terminando de colocar o último ovo. Vinte no total.

— Então, eu não posso abraçar uma mulher se estivermos pelados? Só se eu usar camisinha? — Perguntou, me observando despejar a garrafa de leite dentro da tigela.

— Sim, mas você só vai fazer isso quando estiver adulto, Arthur. Crianças não fazem isso.

— Ah, que bom, tio Nick. Porque eu não quero ser pai agora. — Disse, como se fosse um adulto.

Olhei para ele e ri, vendo-o mexer tudo na tigela. Virou uma massa estranha, um pouco líquida demais para mim, mas Arthur já havia feito muitos bolos com Kiara. Deveria saber o que estava

fazendo.

— Mas, tio Nick... — Ele me chamou atenção e me olhou, atento. — E os espermatozoides?

— O quê? — Perguntei, assustado. De onde ele havia tirado aquilo?

— O meu pai disse que a tia Kiara engravidou, porque o espermatozoide fecundou o óvulo dela e foi para o útero. Mas eu não entendi nada.

Dimir e seu jeito escroto de explicar as coisas para o filho.

— Arthur, esqueça o que o seu pai disse, ok? Você entendeu o que eu expliquei?

— Entendi.

— Então, esqueça a explicação do seu pai, ele não sabe de nada.

Arthur riu para mim e eu para ele, como se tivéssemos a mesma idade. Eu só não saberia dizer se eu tinha cinco anos como ele, ou se ele tinha trinta anos, como eu.

Despejamos tudo sobre uma forma e eu acendi o forno, colocando o bolo lá dentro, torcendo para que ficasse bom. Partimos para a calda, colocando mais leite, mais açúcar e mais chocolate e levando ao fogo. O assunto espermatozoide e gravidez estavam esquecidos.

Enquanto a calda ficava pronta, o cheiro doce do chocolate empestava o ar. Segundo Arthur, o bolo ficava quarenta e cinco minutos no forno e logo ficou pronto. Quando o tiramos e olhamos para nossa obra prima, fiquei satisfeito. Estava bonito e com cara de bolo de chocolate.

Jogamos a calda por cima e partimos um pedaço, colocando-o em um prato bonito.

— Arthur, você pode levar para a tia Kiara para mim? Depois me diga se ela gostou.

— Por que você também não vai, tio Nick?

— A tia Kiara não quer me ver agora, mas depois você me conta o que ela disse.

Ele me olhou com um dedinho batendo nos lábios, como se pensasse seriamente sobre o assunto. Logo depois sorriu e me olhou, animado.

— Você pode ficar escondido, tio Nick, como um espião! A tia Kiara nem vai te ver.

Pensei em recusar, mas logo vi que era uma boa ideia. Se eu ficasse na porta do quarto dela, escondido, ela não me veria. Concordei com ele e fomos em direção ao elevador. Ele colocou o

código e subimos rapidamente até o terceiro andar.

Estava tudo calmo e silencioso, a porta do quarto de Kiara estava aberta e uma luz vinha lá de dentro. Fiquei à espreita, perto da porta, feliz porque conseguia vê-la em cima da cama, lendo um livro. Arthur piscou para mim e entrou com o bolo em mãos.

— Tia Kiara! Olha o que eu e o tio Nick fizemos para a senhora.

Kiara se levantou e olhou para o prato boquiaberta.

— Você e Dominick?

— Sim!

— Fizeram bolo de chocolate

para mim?

— Sim. Com calda de chocolate também. — Falou, todo orgulhoso. — Come, está muito bom.

Kiara sorriu para ele e pegou o prato de suas mãos. Partiu um pedaço e colocou na boca. Quase morri do coração quando ela arregalou os olhos e engoliu com força, como se fosse a coisa mais ruim que ela já havia comido.

— Nossa...

— Está ruim? — Arthur perguntou, decepcionado.

— Não, não, meu amor, está maravilhoso. Muito bom.

— Hm... Eu não sei. Eu acho que

está mentindo, tia Kiara. Deixa eu provar um pedaço. — Falou ele, tirando um pedaço pequeno com os dedinhos. Comeu e fez uma cara ainda pior do que a da Kiara. — Nossa, meu Deus do céu, tio Nick, isso tá muito ruim!

Ah, não.

Kiara se levantou da cama e se aproximou da porta. Foi impossível me esconder e logo ela me viu. Franziu os olhos e uma ponta de um sorriso apareceu em seus lábios.

— Ah, não... Entreguei o espião. — Arthur falou, caminhando até chegar à minha frente. — Tio Nick, desculpa.

— Está tudo bem, Arthur. —
Falei, desviando meu olhar para
Kiara. — Espero que esteja tudo
bem.

— Olha, o bolo tá muito ruim. A
gente deve ter feito alguma coisa
errada.

— Acho que colocamos muito
ovo, Arthur.

— Colocaram quantos ovos?

— Vinte. — Murmurei, sem
saber o que fazer.

— Meu Deus... — Kiara falou,
rindo baixinho.

— E também colocamos um
pacote de açúcar e chocolate... E o
leite todo. — Arthur disse.

— E acho que esqueceram do fermento, o bolo não cresceu.

— Caramba, tio Nick... E agora?

— Agora você desce e vai lá na Norah, diga a ela para voltar a fazer o que estava fazendo antes da gente atrapalhá-la.

— Tá bom. Tchau, tia Kiara.

Ele saiu correndo do quarto e eu olhei para Kiara, sem saber ao certo o que dizer. Ela riu e pegou em minha mão, levando-me de surpresa para a sua cama. Nos sentamos e vi quando ela partiu um pedaço do bolo e levou a minha boca.

— Não. Se está ruim, eu não vou

comer.

— Vai sim, espertinho. Abra a boca.

Abri e ela enfiou o garfo. Mastiguei. Quase vomitei. Era mais do que ruim, era uma mistura de massa grudenta com açúcar demais, ficava pastosa na boca. Engoli com força, desejando um copo d'água.

— Meu Deus, não sabia que estava tão ruim. — Murmurei, vendo Kiara rir. — Ria mesmo, esfrega na minha cara que eu sou péssimo na cozinha.

— Você é péssimo na cozinha. — Falou, ainda rindo. — Mas o que vale mesmo é a intensão.

— Eu pensei que um bolo de chocolate iria te alegrar ainda mais. A ideia de me esconder foi do Arthur.

— Eu amei, apesar de ter ficado ruim. — Disse, sorrindo. — Amei o bolo e amei te ver ali, escondido. Não iria entrar?

— Não. Ia apenas observar e ir embora.

Kiara arqueou uma sobrancelha para mim e sorriu docemente.

— Dom, você sabe que esse negócio de código não te impede de vir aqui em cima, não é?

— Como assim?

— E a escada? Por mais que a

porta da escada esteja trancada aqui no terceiro andar, você poderia muito bem pegar a cópia das chaves e abrir a porta.

Olhei para ela, surpreso. Nunca havia pensado naquilo.

— Verdade... Eu nunca pensei nisso, juro.

— Estou percebendo. — Disse, olhando-me. — Devo confessar que sempre fiquei na expectativa de achar você escondido por aqui. Às vezes eu acordava no meio da madrugada, pensando que você poderia estar aqui, me observando dormir.

— Pode ter certeza que eu o

teria feito se tivesse pensado nisso antes. — Falei, rindo, mas me dando conta do que ela havia falado. — Você queria que eu viesse aqui?

— Sim. — Sussurrou. — Eu queria.

A forma como falou aquilo, como me olhou, fez uma conexão direta com meu pau. Porra, eu a desejava tanto! Morria de saudades do seu corpo, do seu calor, da sua boceta agarrando meu pau. Mas precisava agir com calma, qualquer passo em falso e ela me afastaria novamente.

— Mantereí isso em mente de

agora em diante.

Pisquei para ela e me levantei. Precisava fugir dali, uma ereção gigante me massacrava, marcava a minha calça e se eu não quisesse cometer uma loucura, teria que ficar longe dela.

— Dominick.

A voz dela me parou. Lutei comigo mesmo para não me virar, pois, se o fizesse, iria agarrá-la. Mas contra todas as possibilidades, foi Kiara quem me agarrou.

Me abraçou forte pelas costas, suas mãos em meu peitoral, sua cabeça perto do meu ombro. Me cheirou e gemeu baixinho, se

contorcendo.

— Fica comigo... Eu preciso de você.

— Kiara... — Murmurei de olhos fechados. — Não posso fazer isso, se fizermos amor você vai se afastar de novo e...

— Não vou. Eu juro, eu prometo, Dom.

Porra, porra!

Me virei para ela e segurei seu rosto entre minhas mãos, beijando-a com tudo de mim. Entrelacei minha língua na dela, descii minhas mãos por seu corpo, suas costas, apertei sua bunda. Queria fíncar meus dentes ali, mordê-la, sugar sua pele,

transar com ela sem ter hora para acabar. Meu corpo me implorava por aquilo, minha mente me seduzia, mas meu coração, mesmo louco de amor, me alertou.

Ainda não era hora. Se eu queria fazer aquilo direito, eu precisava ser forte. Por nós dois.

— Não, Anjo... — Murmurei em seus lábios, sentindo seus dedos em meu cabelo. — Eu preciso estar bem comigo mesmo e você precisa confiar em mim.. Não podemos transar assim, porque quando terminarmos, ainda seremos como duas crianças aprendendo a andar.

— Não, Dom, por favor...

— Eu prometo recompensar cada segundo de espera. — Falei, mordendo seu lábio inferior antes de me afastar.

Kiara olhou para mim, chocada, os olhos dopados de desejo, os lábios inchados e entreabertos, pele vermelha e os mamilos duros no tecido do vestido.

Porra, meu pau latejou. Quase mandei tudo se foder e fui até ela, mas fui forte. Não poderíamos fazer amor enquanto não tivéssemos resolvido tudo, enquanto eu ainda não tivesse crescido o suficiente e ela confiasse em mim.

— Eu te amo com tudo de mim,

Kiara.

Me virei e saí, louco para ficar,
louco para voltar e jogá-la na cama.

Mas a espera valeria a pena. Eu
tinha certeza.

Capítulo 13 – Kiara

*“Seu amor é mágico, é como eu
me sinto*

*Mas eu não tenho palavras
para explicar agora*

*Essa é a graça das expressões
da paixão*

*Mas existem milhares de jeitos
para explicar*

Para dizer como eu sinto

*Mas eu estou sem palavras, sem
palavras*

É como você me faz sentir”

Speechless (Michael Jackson)

O sol bateu no meu rosto, me despertando junto com minha filha que se mexia agitada na minha barriga. Estava começando a perceber que a bebê ficava agitada na hora de dormir e adorava me acordar pela manhã, chutando e fazendo meu estômago protestar com fome.

Sorri de leve e passei a mão pela minha barriga, lembrando-me da cena de Dominick e Arthur no meu quarto no dia anterior. Apesar do bolo ter ficado muito ruim, amei a intensão dos dois, de fazer um

bolo para mim. Só me perguntava se era realmente um bolo ou uma omelete de chocolate com muito açúcar, já que haviam colocado 20 ovos.

Os dois juntos era uma dupla e tanto, mas seria melhor se conseguissem se manter longe da cozinha.

— Logo mais serão um trio... —
Murmurei para minha barriga, desejando que Dominick tivesse com nossa filha, a mesma interação que tinha com Arthur.

Me levantei e fui em direção ao banheiro, sentindo meus seios mais pesados. Não poderia fingir que

não estava frustrada por Dominick ter me deixado sozinha no auge do meu desejo, mas depois que minha irritação passou, eu senti orgulho dele. Consegui enxergar a situação pelos seus olhos e vi que ele tinha razão. Se tivéssemos ido para cama, seria algo momentâneo, visto que eu não estava preparada para perdoá-lo e ele não havia crescido o suficiente.

Mas a quem eu queria enganar? Seu ato ontem me mostrou que ele estava muito mais responsável do que eu pensava, pois tinha certeza que se fosse o Dominick de antigamente, teria me atacado sem

pensar duas vezes. Ele estava pensando com mais clareza, estava mais responsável do que eu, que quase o ataquei no dia anterior.

Lembrar disso me fez rir. Meus hormônios estavam me deixando louca.

Terminei meu banho e me arrumei, decidida a fazer algo diferente naquela manhã. Não queria mais tomar café ali, isolada, tendo apenas minha mãe e a enfermeira de companhia. Sentia vontade de me sentar à mesa com todos, ouvir a voz animada de Arthur, conversar com Dallah, e, principalmente, me sentar ao lado

de Dominick. Sentia até mesmo falta de ver Dimir, por mais que ainda não conseguisse o perdoar, não sabendo que ele havia sido o responsável por levar Dominick àquele lugar para me comprar.

Decidida, fui até o quarto da minha mãe e comuniquei a enfermeira que iríamos tomar café da manhã na sala de jantar, junto a todos. Minha mãe estava animada naquele dia e sorriu para mim, enquanto descíamos no elevador.

Assim que chegamos ao primeiro andar, fomos em direção a sala de jantar. Todos conversavam, mas pararam quando viram a mim e

a minha mãe. Dominick foi o último a erguer os olhos e vi como ficou surpreso ao me ver, antes de se levantar e vir em minha direção.

— Kiara... Aconteceu alguma coisa?

— Não. — Falei, subitamente tímida. — Eu só pensei em descer e tomar café com vocês. Posso?

Vi Dallah sorrir abertamente para mim junto com Arthur. Dimir também sorriu um pouco e Dominick me olhou ainda surpreso, piscando algumas vezes antes de sorrir. Acho que se perguntava se não estava vendo alguma miragem.

— Claro que sim, não precisava

nem perguntar, Kiara. — Falou rápido, dando uma olhada na minha mãe e na enfermeira. — Espere um segundo.

Observei seus passos rápidos até a mesa. Afastou a cadeira do lado de Dimir e foi em direção a minha mãe, arrastando sua cadeira de rodas até o lugar vago. Thomas saiu do fundo da sala e arrastou a cadeira ao lado da minha mãe para que a enfermeira pudesse se sentar.

— Por favor, Thomas, pegue mais louças e talheres para Sra. Emily, a Sra. Park e a Rainha.

— Sim, Majestade. — Thomas respondeu, afastando-se

rapidamente.

— Venha.

Com a mão em minhas costas, Dominick me levou até o meu lugar de costume, ao seu lado, que estava vazio como se estivesse sempre esperando por mim. Me sentei depois que ele arrastou a cadeira e se sentou à cabeceira da mesa, olhando fixamente em meus olhos.

Todos voltaram a comer e Arthur começou a falar com minha mãe, enquanto Thomas colocava as louças em cima da mesa. Dallah também começou a falar com Dimir e senti a mão de Dominick em cima da minha, chamando minha atenção.

— Estou muito feliz em tê-la aqui conosco, Kiara. — Murmurou e sorria. O homem que quase nunca mostrava os dentes estava sorrindo, todo contente.

Sorri também, porque era contagiante.

— Eu também estou feliz por estar aqui. — Falei, apertando seus dedos de leve.

Thomas colocou uma taça com salada de frutas na minha frente, que fazia parte da minha dieta. Comecei a comer, faminta, enquanto olhava ao redor. Estávamos perto do Natal, na verdade, faltavam apenas alguns dias e vi que tudo no

castelo estava da mesma forma, como se uma data tão importante não estivesse tão próxima.

— Por que não decoraram o castelo para o Natal? — Perguntei em voz alta, para ninguém em específico.

Mas Dominick me respondeu:

— Nunca decoramos o castelo.

— Por quê?

Ele deu de ombros, me olhando.

— Nunca foi importante.

— Mas é Natal... É uma data importante.

— Eu também acho que é uma data importante, mas o Rei Patrick nunca permitiu comprar algo para

decorar o castelo. E Dominick também não demonstrou interesse em comprar algo esse ano.

— Vocês ao menos passam o Natal aqui, Dallah, sempre vão para casa do tio Joseph.

— E você? Também vai para casa do seu tio? — Perguntei, olhando para ele.

— Não. Eu não passo o Natal em Orleandy desde os meus dezesseis anos. — Falou baixo, acho que só para eu ouvir.

— Por quê?

— Não é uma data muito comemorativa para mim, Kiara. — Falou e me olhou, sussurrando. —

Eu faço aniversário na véspera de Natal.

Aquilo me pegou de surpresa e, de repente, eu entendi o seu desânimo com aquela data. Não era por ele ser frio ou por não gostar do Natal, e sim porque era algo muito mais profundo e significativo. Não era apenas véspera de Natal, mas era o dia em que ele fazia mais um ano de vida e, consecutivamente, que sua mãe fazia mais um ano de morta.

Por isso o castelo ficava sem vida, sem decoração. Creio que sempre foi assim, durante toda a sua vida, já que seu pai o culpava

pela morte da antiga Rainha. Como iria comemorar mais um ano do filho ou o próprio Natal, se a mulher que amava completava mais um ano de morta? Ou como iria passar para Dominick o ensinamento de que o Natal era importante e de que seu aniversário era um dia maravilhoso, quando não sentia nada pelo filho, a não ser ódio?

Percebi que Dominick não era só carente de afeto. Ele era carente de tudo, de amor, de compreensão, de pequenas coisas como comemorar o Natal e o próprio aniversário. Será que um dia já

havia recebido algum presente do misterioso Papai Noel? Será que sabia a verdadeira importância daquela data? Na verdade, a dupla importância, tendo em vista que era seu aniversário também?

Eu sabia a resposta. E isso doeu forte dentro de mim.

— Quando iria me contar? — Perguntei, percebendo o momento em que todos saíram da sala de jantar, como se soubessem que precisávamos ficar sozinhos.

— Não iria contar. Não é uma data que eu goste muito de comemorar.

— Mas deveria. É seu

aniversário, Dominick, deveria comemorar sim. Não acredito que não iria me contar.

— E o que você iria fazer? Me dar um presente caro e desejar um feliz aniversário que todos sabem que jamais será realmente feliz? — Perguntou, olhando-me seriamente. — Estou saturado disso.

Eu o entendia. O entendia profundamente e a única coisa que queria naquele momento era abraçá-lo. Pegar a criança que havia dentro dele, que estava perdida e esquecida dentro dele e dar todo o amor que existia dentro de mim.

— Me desculpa. — Ele murmurou, tocando minha mão em cima da mesa. — Não quis ser rude com você.

— Você não foi. Foi apenas sincero e eu te entendo. — Falei, me levantando. Vi a surpresa em seus olhos quando me aproximei dele e fiz menção de me sentar em seu colo, esperando apenas que ele afastasse a cadeira da mesa, o que fez rapidamente. Me acomodei em suas coxas e acariciei seu rosto, sorrindo. — Então o meu Rei ficará mais velho na quinta-feira?

Ele sorriu de leve e assentiu, balançando a cabeça. Parecia até

meio tímido.

— E não iria contar para sua Rainha. Isso me magoou. Agora eu preciso correr atrás de um presente...

— Não precisa de presente, Kiara...

— Precisa sim. — Falei, olhando ao redor. — Preciso também de guirlandas, piscapiscas, bolinhas coloridas e uma gigantesca árvore de Natal.

— Quer imagens de Papai Noel para colar na parede também? — Ele caçoou, sorrindo de lado.

— Seria maravilhoso.

Ele riu e balançou a cabeça,

voltando a me olhar.

— Não precisa de nada, nem ao menos iremos passar o Natal aqui, vamos para casa do tio Joseph e...

— Não. Nós vamos passar o Natal aqui sim. Vamos fazer uma ceia linda, enfeitar o castelo, cantar parabéns. Pode deixar que eu me encarrego do bolo, por favor.

— Assim você me ofende!

Não consegui impedir a risada que escapuliu por minha garganta.

— Não foi minha intensão, Rei Dom.

Ele riu também e tocou em meu cabelo. Prendi minha respiração quando senti sua mão livre

espalmar minha barriga,
acariciando.

— Eu te amo, Kiara. Se eu puder apenas olhar para você no dia 24, eu já estarei completo.

— Você nunca teve uma festa ou ceia aqui no castelo?

— Nunca. — Falou, franzindo o cenho. — Sempre íamos para casa do tio Joseph, quer dizer, me arrastavam para lá, pois meu pai não saía do quarto no dia 24. Nem ao menos aparecia para me dar os parabéns. — Ele riu sem humor. — A quem estou querendo enganar? Ele não falava comigo normalmente, nesse dia então, eu

simplesmente não existia para ele. Ou talvez existisse, já que ele estava mergulhado no luto por minha causa.

— Isso é tão triste, Dominick... Eu sinto muito. — Murmurei, tocando em seu rosto. — Mas precisamos mudar isso, você não acha?

— Mudar?

— Sim. Seu pai não está mais aqui e você não está mais sozinho. Você tem a mim, somos uma família e podemos sim trazer alegria para esse dia tão especial. É o dia do seu nascimento.

— E da morte da minha mãe.

— Mas eu tenho certeza que ela fica muito chateada, observando sua tristeza. Ela te deixou aqui para ser feliz, Dom, não para se enrodilhar em um mar de lamentação e luto.

Ele me observou atentamente, como se pesasse minha ideia.

— E o que você sugere?

— Sugiro que comecemos pela decoração. Já montou uma árvore de Natal?

— Nunca.

— Então, é por onde devemos começar. — Falei, vendo sua expressão séria demais. — Por favor!

Me olhou pelo o que pareceu uma eternidade, antes de suspirar e assentir, se dando por vencido.

Sim, eu havia vencido aquela batalha, mas ainda tinha mais coisa pela frente.

O pinheiro de Natal chegou no final da tarde. Era lindo, enorme e cabia perfeitamente no hall de entrada. Arthur pulou e gritou, todo feliz e Dallah sorriu para ele, pegando-o no colo para tocar as folhas. Assim que o pinheiro foi posicionado, corri para o escritório

de Dominick e entrei sem pedir licença.

— Chega de trabalho por hoje. Temos uma árvore para montar. — Falei, indo até ele e tirando o documento de suas mãos.

— Kiara, eu estou ocupado agora...

— Nada disso, você concordou. Não pode voltar atrás agora, não depois de eu ter conseguido um pinheiro em cima da hora e ter feito Anna e Norah correrem atrás de enfeites.

Coloquei minhas mãos na cintura e bati o pé, esperando. Com um suspiro resignado, ele se levantou e

veio a mim. Não esperei por ele e sai na frente, mas parei quando senti um tapa ardido na minha bunda.

— Você me bateu? — Perguntei, virando-me para ele, chocada.

Ele riu e passou por mim, falando alto:

— Está muito mandona para o meu gosto, Rainha. Tem que aprender a se comportar...

Senti vontade de dar um tapa em sua bunda também, mas apenas ri, seguindo-o. Arthur já abria as caixas com os enfeites, encantado com as bolinhas vermelhas e douradas. Como eu era a única que

parecia que ter alguma experiência com aquilo, deixei Arthur colocar as bolas na parte debaixo da árvore e dei umas bolinhas para Dominick colocar em cima, enquanto eu cuidava do meio.

Para não se tornar uma tarefa chata, coloquei uma música de Natal para tocar e comecei a cantar junto, vendo Arthur balançar a cabeça no ritmo da música e Dominick rir para mim, balançando a cabeça. Estava calado, mas vi como seus olhos brilhavam a cada bolinha que ele pendurava.

A árvore estava ganhando cara de Natal. Dominick foi ficando

cada vez mais entusiasmado e terminou a parte de cima, ajudando-me no meio. Em determinado momento, senti ele atrás de mim, seu peitoral roçando em minhas costas. Suspirei quando senti sua respiração em minha orelha.

— Está tudo bem? — Perguntou, cara de pau.

— Tudo ótimo. — Murmurei, entrando na brincadeira.

— Acho que essa bolinha está um pouco torta, Anjo. — Falou, colocando uma mão na minha cintura, encostando-se mais em mim. — Se colocá-la no outro galho, ficará melhor.

Respirei fundo e o fiz, seu calor abraçando meu corpo, me tentando.

— Assim?

— Isso, perfeito.

Então, deu um beijo demorado em meu pescoço e se afastou, como se não tivesse feito nada de mais. Demorei alguns segundos para perceber que ele não voltaria, que estava apenas brincando comigo. Aquilo não se fazia com uma mulher grávida!

Quis matá-lo, mas me lembrei do espírito natalino e deixei passar, voltando a prestar atenção na árvore. Continuamos a decorar, Arthur contava como um adulto a

história que sua professora contou sobre o Natal e o mais impressionante, era ver que Dominick realmente prestava atenção, como se nunca houvesse escutado sobre o nascimento de Jesus Cristo.

Foi uma cena linda de se ver, que ficou empatada com a cena dos olhos brilhando de Dominick com a árvore pronta, com pisca-piscas e tudo.

— Só falta uma coisa. — Falei, pegando a estrela dourada.

— Eu posso colocar? — Arthur perguntou, animado.

Dominick sorriu e o pegou no

colo. Dei a estrela para ele e o vi colocar no pinheiro, terminando nossa obra-prima. Estava lindo, perfeito.

— Ficou muito legal! — Arthur falou ao ser colocado no chão. — Vou chamar minha mãe e meu pai para ver.

E saiu correndo em disparada, sumindo de nossas vistas. Quando voltei a olhar para Dominick, vi que ele me olhava com um lindo sorriso no rosto.

— Como você consegue fazer isso? — Perguntou, se aproximando de mim.

— Isso o quê?

— Me fazer tão feliz com coisas tão simples? — Tocou o meu rosto e meu coração galopou no peito. — Nunca pensei que poderia ser tão feliz montando uma simples árvore de Natal. Mas então, cheguei à conclusão de que não estou assim apenas pela árvore, mas sim por você se importar comigo ao ponto de estar aqui, ao meu lado, me apoiando como se eu não tivesse sido um traidor estúpido.

Já não sorria mais e vi a culpa duelando com a felicidade em seus olhos.

— Estamos crescendo juntos, lembra? — Perguntei, tocando em

sua mão no meu rosto. — Eu prometi a você que jamais iria te abandonar, Dominick. Lembra?

— Sim, mas isso foi antes de você descobrir tudo.

— Mas a promessa ainda está de pé. Eu não vou te abandonar, eu estarei aqui, esperando, te apoiando, até estarmos prontos de verdade um para o outro.

— Você é uma mulher incrível... Eu te amo, Kiara.

— Eu também te amo, Rei Dom.

Senti algo se mexendo ao meu lado e abri os olhos, assustada,

vendo Dominick deitado ao meu lado, a cabeça no meu travesseiro, os olhos dentro dos meus. Um pequeno sorriso se abriu em seus lábios e eu suspirei, dando-me conta de que já havia amanhecido.

E que era quinta-feira. Véspera de Natal e seu aniversário!

Um sorriso gigante se abriu em meu rosto e me joguei em seus braços, apertando-o fortemente.

— Parabéns! — Falei em seu ouvido, abraçando-o pelo pescoço. Senti que ele sorria. — Oh meu Deus, Dom, parabéns! Sei que é uma baboseira que todos falam, mas é do fundo do meu coração. Eu

te amo tanto, quero tanto que você seja feliz...

Não entendi o que estava acontecendo comigo. Eu estava feliz, mas também chorava, sentida, porque sabia que aquele não era um dia feliz para ele e que por mais que eu tentasse, uma parte sua sempre estaria triste, enterrada em um poço de escuridão que seu pai o havia enfiado.

— Quero tanto que você se sinta bem e amado, que enxergue que esse dia pode ser sim maravilhoso, porque foi o dia que você veio ao mundo... E por mais que você sinta, por mais que a voz de seu pai

sempre martele em sua cabeça, você não tem culpa... Você era apenas uma criança, era e ainda é inocente e sempre será. Seu pai era um homem cego de paixão, que ficou amargurado pela vida e queria alguém para culpar. Infelizmente esse alguém foi você, mas nada do que ele disse é verdade e essa é uma data feliz. Eu tenho certeza que sua mãe está sorrindo para você de onde ela estiver, porque ela te amava tanto, que te deixou aqui. E eu te amo tanto que sou incapaz de te deixar. Você é muito amado, Dom. Você é amado demais.

Parei de falar e senti algo molhando meu ombro. E então, vi os ombros de Dominick tremerem de leve. Meu coração se encheu de pesar ao reconhecer que ele estava chorando. Não falei mais nada, apenas o abracei com força e deixei que chorasse em meu ombro, acariciando seu cabelo, compartilhando da sua dor. Me sentia uma estúpida por não conseguir fazê-lo feliz naquele dia tão importante.

— Eu não mereço alguém tão boa quanto você. — Ele sussurrou em meu ombro, a voz rouca pelo choro.

— Não fale isso, Dom... Você merece muito mais. Merece ser feliz.

Ele tirou o rosto do meu ombro e me olhou com os olhos marejados, o rosto molhado pelas lágrimas. Não sentia vergonha em me mostrar aquele seu lado tão vulnerável.

— Você me faz feliz.

— Eu queria ser capaz de te fazer feliz... Mas não consegui te fazer feliz hoje. — Falei, tocando em seu rosto. Eu ainda chorava também.

— Como não? Hoje é o aniversário mais feliz de toda a minha existência.

— Mas você está chorando, Dom... Está triste.

— Não... Eu deixei a minha tristeza sair. — Disse, limpando as lágrimas com a ponta dos dedos. — Agora estou pronto para aproveitar meu dia ao seu lado e ao lado de todos.

— Todos? — Perguntei sem entender, mas senti meu coração bater mais forte.

Os olhos de Dominick brilhavam.

— Minha mãe sempre teve o desejo de abrir os portões do castelo e dividir a ceia com o povo de Orleandy, mas nunca foi capaz

de fazer isso. Quando Norah me contou, eu achei essa ideia absurda, mas durante essa semana... Eu não consegui pensar em outra coisa. Esse desejo tomou conta de mim, Kiara e tomei uma decisão.

— Que decisão?

— Falei com Norah e Anna e toda a equipe da cozinha e pedi para que fizessem um banquete. Falei com Wayne e a equipe de segurança e todos já estão arrumando tudo, cuidando de cada parte, para receber toda a cidade Erminway e as cidades próximas, pedi para que avisassem a todos, mandei ônibus para buscar o

peçoal que mora mais perto da capital. — Disse, animado. — Todos vão ceiar conosco, Kiara. Eu quero compartilhar a minha primeira e verdadeira ceia de Natal com todo o meu povo.

Era como estar diante de um outro homem, mas, ao mesmo tempo, estar diante do mesmo homem que eu amava e conhecia. Porque eu sabia, eu sempre soube que Dominick tinha aquela aura boa dentro de si, só precisava ser trabalhada e a florada.

Feliz demais, me sentei e abracei, sem saber o que dizer.

— Meu Deus, Dom... Isso é tão

maravilhoso!

— Eu sei. É também uma forma de manter minha mãe aqui, perto de mim. — Falou, abraçando-me também.

— Ela sempre esteve aqui, Dom, eu tenho certeza. E deve estar muito feliz.

— Eu espero que ela esteja. E você, está feliz?

— Como não poderia estar? Estou muito feliz! E você? Está feliz?

— Sim, mas falta algo para eu ficar completo.

— O quê?

— Deite-se.

Obedeci sem pensar duas vezes, confusa e curiosa. Sem entender, vi Dominick levantando minha camisola de seda devagar. Pensei que queria sexo, até desejei isso com todas as minhas forças, mas tudo ficou em suspenso quando ele parou com a camisola abaixo dos meus seios e se deitou, ficando cara a cara com a minha barriga.

— Oi, meu anjo. — Falou para minha barriga e pousou a mão ali em cima. Meu coração batia rápido demais. — É a primeira vez que falo assim, abertamente com você e entendo se estiver de mal comigo, mas quero me explicar. Você fez

exatamente como a sua mãe, chegou e foi tomando meu coração devagar, ocupando cada espaço até tomar tudo. Me arrependo do fundo do meu coração por um dia ter falado ou desejado mal a você. Como eu poderia? Eu sou um dos responsáveis por você estar aí agora, protegida na barriga da mamãe, sendo amada por ela e por mim. Porque eu te amo, anjinho, eu te amo muito.

As lágrimas caíram dos meus olhos sem parar. Eu esperei por aquilo, ansiei e tudo, mas nunca imaginei que um dia iria realmente acontecer.

— Estou muito ansioso para vê-la, pegá-la em meus braços, sentir seu cheirinho e ver se você tem os olhos azuis de sua mãe. Sei que será uma miniatura dela e mal posso esperar tê-la comigo. A força dela você já tem e agradeço por isso, pois nem sempre eu sou um homem sensato, mas estou aprendendo. Estou aprendendo para ser um homem melhor, um marido melhor e um pai perfeito. Vou ser para você o que eu nunca tive, Pequena, pode ter certeza. Eu te dou a minha palavra, porque meu coração... Você já roubou para si, assim como sua mãe. — Acariciou

minha barriga e a beijou. Sorrimos abertamente quando uma ondulação tomou minha barriga. — Eu te amo. Te amo muito.

— Nós também amamos você.

E era verdade. Amávamos aquele homem, que não era perfeito, cometia falhas, errava, mas que lutava bravamente para acertar.

O Salão do Palácio foi enchendo rapidamente e o sorriso não saía do meu rosto. No começo o povo estava acanhado, sem saber como

se comportar, mas então, surpreendendo a todos, Dominick foi ao palco e discursou, falando que queria que todos se sentissem em casa, pois aquela ceia era para todos nós, para comemorarmos juntos.

Fiquei tão orgulhosa e tive que me conter para não pular em cima dele e beijá-lo. Todos os moradores de Erminway, capital de Orleandy, estavam ali, bem como o povo das cidades mais próximas. Petiscos eram servidos, enquanto o relógio avisava que faltavam meia hora para meia-noite.

Ainda era aniversário de

Dominick e fiz um gesto de cabeça para Dallah, que foi avisar ao pessoal da cozinha que podiam entrar com o bolo.

Dominick estava ao meu lado, a mão em minha cintura. Observava a todos com satisfação e sorri ao ver sua cara de surpresa quando viu o bolo grande, com várias velas em cima. O garçom deixou a mesa de rodinha com o bolo no centro do salão e eu puxei Dominick para perto. Arthur e as outras crianças vieram correndo e logo ele gritava, animado:

— Eba! Vamos cantar parabéns para o tio Nick!

E as palmas começaram. Dominick estava com os olhos arregalados, quase temi que ele não gostasse, mas um sorriso se abriu em seu rosto quando começamos a cantar parabéns. Ele estava relaxado como nunca havia visto antes e aproveitou, cantando parabéns junto com todo mundo.

Quando terminou, ele apagou as velas depois de algumas pessoas gritarem que ele tinha que fazer um pedido. Quando terminou, se virou para mim e me abraçou.

— Eu sei que isso é arte sua.

— E eu sei que você gostou.

— Eu amei. — Falou, beijando-

me levemente nos lábios.

De repente, todos começaram a fazer a contagem regressiva. Não sai de perto de Dominick e nem ele de mim, nossos lábios ainda grudados, quando todos gritaram “feliz natal”.

— Feliz Natal, meu amor... —
Sussurrei entre seus lábios, abraçando-o.

— Feliz Natal, Anjo. —
Murmurou antes de se ajoelhar e beijar minha barriga, sem se preocupar se alguém via ou não. —
Feliz Natal, querida.

Quando se levantou, voltei a abraçá-lo pelo pescoço, feliz

demais.

— Eu te amo muito.

— Eu te amo com tudo de mim,
Kiara.

— Então aceite meu presente. —
Falei em seu ouvido.

— Presente?

— Sim. Faça amor comigo essa
noite.

Ele se afastou e me olhou, sério
e feliz ao mesmo tempo, aquele
brilho nunca deixando seus olhos.

— Te amarei com tudo de mim,
Kiara.

E o meu Natal se tornou ainda
mais completo depois da sua
promessa.

Capítulo 14 – Kiara

*“Então, querida, agora
Me abrace com seus braços de
amor*

*Beije-me sob a luz de mil
estrelas*

*Apoie sua cabeça sobre meu
coração palpitante*

Estou pensando alto

*Talvez, tenhamos achado o
amor bem aqui, onde estamos”*

*Thinking Out Loud (Ed
Sheeran)*

Observei alegremente Dominick

conversando com três homens, ambos simples, comerciantes de pequenos estabelecimentos que ficavam em uma das cidades perto de Erminway. Não sabia sobre o que falavam, mas percebi que Dominick prestava verdadeira atenção, o que me deixou animada.

Ele não estava brincando quando disse que iria se tornar um homem melhor em tudo.

Eu também já havia conversando com um bocado de gente, no começo as pessoas não sabiam como se portar ao nosso redor, mas eu deixei claro que era como todos eles, o que não deixava de ser

verdade. Apesar de agora ser uma Rainha, eu não havia nascido em berço de ouro e já havia sentido na pele a dificuldade que aquelas pessoas, provavelmente, passavam.

Enquanto olhava ao redor, percebi que aquele havia sido, de longe, o Natal mais bonito que eu já havia participado. Apesar da minha memória falhar para acontecimentos mais recentes, eu conseguia me lembrar perfeitamente dos meus Natais de quando eu era mais jovem. Todos na vila onde eu morava se juntavam e faziam uma ceia, éramos felizes, mas ali... Ali minha felicidade se duplicava,

porque dois mundos totalmente distintos estavam se encontrando em uma data onde o amor e a paz eram um dos principais significados.

Satisfeita, me levantei com a bexiga apertada e fui em direção ao banheiro. Ultimamente o banheiro era minha segunda casa, sempre sentia vontade de fazer xixi. A bebê estava animada naquela noite, parecia comemorar conosco e estava fazendo festa em minha barriga, o que me fazia rir de vez em quando.

Fui ao banheiro e me aliviei. Lavei as mãos, ajeitei meu cabelo e

sai do banheiro, levando um susto ao dar de cara com Robin parado ali, perto do banheiro masculino. Ele se virou e sorriu amigavelmente para mim.

— Você quase me matou do coração! — Falei, rindo de leve ao colocar a mão no peito.

— Sinto muito, Rainha, não foi a minha intensão.

— Para de besteira, sabe que pode me chamar de Kiara.

— Sim, eu sei, estou apenas brincando. — Falou, olhando-me.

— Você está incrível grávida, Kiara. Parabéns.

— Obrigada, Robin. Você está

sumido... Não o vejo desde o dia em que fui a sua companhia.

— Muitas viagens. Eu fechei um contrato com o Bolshoi e com isso, estou viajando muito para Rússia.

— Jura? — Murmurei, sentindo um calafrio. Rússia não significava uma boa coisa para mim. — Eu não sabia, parabéns.

— Obrigado. Minhas meninas estão em polvorosa, porque tem uma grande possibilidade de algumas irem para o Bolshoi.

— Isso é incrível! Tenho certeza que elas estão radiantes.

— Com certeza. — Ele sorriu de leve e olhou ao redor, como se

estivesse se certificando que ninguém estava nos vendo.

— O que foi?

— Kiara... Eu tenho algo para entregar a você, mas, por favor, você tem que prometer para mim que só irá abrir quando estiver sozinha. E que irá esconder isso com você.

— Por quê? O que é?

Ele abriu o sobretudo preto que usava e tirou um grande envelope de dentro dele, me entregando. O envelope estava cheio, como se tivesse muitos papéis dentro dele.

— Você vai entender o que é assim que ler o que tem dentro dele.

Por favor, Kiara, prometa-me que vai tomar cuidado. Ninguém pode ter conhecimento sobre esse envelope, entendeu? Nem Dallah, nem Dimir... Nem Dominick. Principalmente Dominick.

— Você está me deixando nervosa, Robin. O que tem dentro desse envelope?

— Eu não posso falar mais nada agora, seria muito perigoso se eu falasse mais alguma coisa aqui. Então, vamos fazer assim. Depois que você ler tudo o que tem aí dentro, você vai me ligar. — Falou, me dando um cartão preto. — Esse cartão é meu número pessoal. Me

ligue e marcaremos um encontro, eu vou esclarecer tudo para você, certo?

Olhei para o cartão em minha mão, perguntando-me que loucura era aquela. Quando aquela conversa havia saído de um tom simpático para algo tão sério e misterioso?

— Tudo bem. — Assenti, colocando seu cartão dentro do envelope. — Prometo ser cuidadosa.

— Eu confio em você e espero sua ligação.

Dito isso, ele se virou e entrou no banheiro, deixando-me sozinha

no corredor. Pisquei algumas vezes, aturdida, mas logo saí dali e fui em direção a minha mesa. Dobrei o envelope e o guardei dentro da minha bolsa, certificando-me de que ninguém prestava atenção em mim. Quando coloquei a bolsa em cima da mesa, senti uma mão no meu ombro e consegui conter o susto, sentindo o cheiro de Dominick penetrar minhas narinas.

— Onde você estava? Te procurei por todo o lugar e não a encontrei.

Me levantei e me virei para ele, que estava sério, mas relaxado, como raramente via-o.

— Havia ido ao banheiro. —
Falei, abraçando-o pela cintura.
Meu corpo estava trêmulo.

— Está tudo bem? Está sentindo
alguma coisa?

— Não. — Murmurei, encostada
ao seu peito. — Só estou um pouco
cansada. Poderíamos ir embora?

— Claro. — Puxou meu rosto
para o dele com a ponta dos dedos
e vi um sorriso nascer no canto da
sua boca. — Estou ansioso pelo
meu presente.

Não consegui conter o sorriso
que se abriu em minha boca e fiquei
na ponta dos pés, até dar um selinho
nele.

— Eu também estou ansiosa para te dar meu presente.

Ele riu e esfregou o nariz pelo meu rosto até chegar ao meu ouvido, onde sussurrou com a voz rouca:

— Dar literalmente, Anjo...

— Pervertido.

— Gostosa.

— Tarado!

— Só por você.

Piscou para mim quando se afastou e eu peguei minha bolsa, decidindo que o que quer que estava dentro daquele envelope, iria esperar. Aquela noite era para ser especial e seria, nada poderia

estragá-la.

Dominick

Nunca acreditei muito em felicidade, até porque, o que era felicidade para uma pessoa, não era necessariamente felicidade para outra.

Na minha cabeça, felicidade era algo desnecessário. Mas, a quem eu queria enganar? Dentro de mim eu sabia que eu sentia uma profunda inveja de quem era feliz. Eu sentia inveja de Dimir e Dallah e do amor deles, que os faziam feliz. Sentia

inveja de Norah e de seus filhos, porque eles tinham uma mãe carinhosa e eram felizes. Sentia até mesmo inveja do meu segurança, Johnson, pois inúmeras vezes eu o havia visto flertando com alguém, rindo com alguma mulher e isso me enervava, porque ele conseguia ser feliz e eu não.

Mas, agora, tudo era diferente. Eu tinha em meus braços a mulher que eu amava, que estava me ensinando a ser um homem melhor, que estava realmente me mostrando que eu deveria mudar para ser feliz. E eu estava gostando daquele novo Dominick. Do Dominick que curtiu

seu aniversário e o Natal pela primeira vez, do Dominick que abriu as portas do seu castelo para conhecer o seu povo, do Dominick que aproveitou uma festa de verdade, que conversou com alguém de verdade, que sorriu de verdade.

Que estava sendo *feliz* de verdade.

Sorri e beijei o cabelo de Kiara, enquanto o elevador nos levava para o meu quarto. Eu confiava nela e ela confiava em mim. Eu sabia que aquela noite não seria como na nossa última vez, que ela acordou e me tratou mal. Eu sabia que, ao

acordarmos, continuaríamos a ser o que éramos, continuaríamos a lutar pelo nosso amor, pela nossa felicidade.

Quando as portas do elevador se abriram, não esperei nem mais um segundo e a peguei em meus braços. Kiara soltou um gritinho e riu para mim, passando os braços pelo meu pescoço. Caminhei com ela até o meu quarto e fechei a porta com o meu pé, colocando-a no chão.

Kiara estava linda. Usava um vestido vermelho, que se moldava totalmente ao seu corpo, deixando evidente que carregava nossa filha. Olhei para ela com orgulho de mim,

de ter uma mulher tão linda ao meu lado. Tão linda por fora e por dentro.

— O que foi?

— Só estou pensando que sou um filho da puta sortudo. — Ela franziu o cenho, me fazendo sorrir. — Sortudo por ter uma mulher maravilhosa, linda e gostosa. Sou o homem mais feliz do mundo.

— Como você é bobo! — Falou, revirando os olhos e rindo para mim.

Me aproximei dela devagar e moldei sua cintura com as minhas mãos. Já sentia o tesão tomando conta de todo o meu corpo e meu

pau pulsou, como se soubesse que, em breve, desfrutaríamos do corpo dela.

— Sou sim um homem bobo. Bobo e totalmente apaixonado por você.

Kiara largou a bolsa em cima da poltrona e envolveu os braços em meu pescoço, sorrindo.

— Então somos dois bobos. Porque eu também sou totalmente apaixonada por você, Rei Dom.

— E eu agradeço a Deus todos os dias por isso. — Encostei minha testa na dela e fechei os olhos, me permitindo sentir seu aroma. — Obrigado por esse dia e noite

fantásticos. Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

— Foi só o primeiro. A partir de hoje, iremos comemorar seu aniversário, o Natal, a Páscoa, todos os dias que tivermos que comemorar. Chega de pagar por algo que você não teve culpa, Dominick. Está na hora de você viver.

— Viver de verdade. Porque eu apenas sobrevivi durante toda a minha vida. Precisei encontrar você para viver, Kiara.

Ela sorriu e eu não dei tempo de falar mais nada, tomando sua boca na minha. Suguei seus lábios

devagar, apreciando, molhando, moldando aos meus até sentir sua língua tocar a minha. Foi como fogo tocando a gasolina. Por mais que nos amassemos, por mais que eu quisesse ir devagar, sempre que meu corpo entrava em contato com ela, o tesão me comandava.

E acontecia o mesmo com Kiara.

Meu pau já latejava duro na cueca, quando levei minha mão as suas costas e descii o zíper lentamente, ainda beijando sua boca. Kiara gemeu e levou a mão a minha camisa branca, desabotoando rapidamente. Ela estava afobada e esfregava os mamilos duro no meu

peitoral, quase não conseguindo desabotoar minha camisa.

Ri entre seus lábios e me afastei um pouco, colocando a mão em seu ombro.

— Tanta pressa, Anjo.

Ela me olhou e corou de leve, sorrindo e olhando para suas mãos, que ainda trabalhavam em minha blusa.

— Olhe para mim. — Ordenei e ela olhou, ficando ainda mais corada. — Está com vergonha de mim?

Balançou a cabeça, negando.

— Então, o quê?

— Não é de você... É de mim.

— De você? — Ela assentiu. —
Por quê?

— Do meu desejo... —
Murmurou, terminando de
desabotoar minha blusa, desviando
o olhar para baixo. — Acho que é
culpa dos hormônios, eu penso em
sexo toda hora.

Sorri e puxei seu rosto para
mim.

— Em sexo apenas, ou em sexo
comigo?

— Com você. Com quem mais
seria?

Arqueei uma sobrancelha e
arranquei seu vestido de uma só
vez, descendo as mangas pelos seus

braços, vendo-o cair aos seus pés. Ela gemeu e eu salivei ao ver seus seios no sutiã sem alças, tão lindos e grandes por causa da gravidez.

A virei de costas para mim e soltei o sutiã, deixando-o cair no chão. Encostei-me em suas costas, esfreguei minha ereção em sua bunda, abaixando-me um pouco para ficar da sua altura. Quando envolvi seus seios em minhas mãos, Kiara soltou um gemido baixo, esfregando-se em mim.

— Não seria com ninguém, Anjo. Porque ninguém nunca, jamais, irá encostar em você, irá beijá-la, fodê-la... — Falei em seu

ouvido, puxando os mamilos com a ponta dos dedos. — Você é minha, Kiara. Toda minha!

— Só sua. — Falou e guiou minha mão direita pelo seu corpo, parando apenas quando estava em sua calcinha. Entendi o que queria e cheguei sua calcinha para o lado, tocando em sua boceta molhadinha. — Eu só fico assim para você, Dom. Só para você.

— Você está encharcada, querida... — Gemi em seu ouvido, tocando em seu clitóris inchado. — Porra, eu preciso ter essa boceta na minha boca. — Afastei-me, tirando as abotoaduras do meu pulso. —

Tire a calcinha e sente-se na poltrona, agora. Abra bem as pernas para mim.

Kiara obedeceu, tirando a calcinha rapidamente e indo até a poltrona a minha frente. Sentou-se e colocou as pernas em cima dos braços da poltrona. Estava linda, corada, os seios grandes, a barriga de grávida e boceta brilhando para mim. Era a porra da visão do paraíso.

Tirei meus sapatos e meias, logo depois a calça e cueca, ficando nu. Vi quando Kiara mordeu os lábios e olhou para minha ereção, meu pau babava na ponta e brilhava de leve.

Toquei-me, indo até ela. Estava tão linda como uma deusa e meu coração pulou forte no peito, não só pelo tesão que me corroía, mas pelo amor que o tomava. Ali eu percebi que por mais que o desejo estivesse no comando, eu deveria ter calma, eu deveria desfrutar daquela mulher.

Deveria amá-la e venerá-la, usar aquela noite para me redimir. Eu iria me redimir pelo resto da minha vida.

Parei a sua frente e me ajoelhei, pegando seu pé direito. O beijei devagar, sem tirar meus olhos de Kiara, que estava ofegando de leve.

Subi por sua perna, panturrilha e quando cheguei ao joelho, parei e peguei seu outro pé, fazendo o mesmo. Não era algo realmente sensual, meus beijos eram carinhosos, mas eu sabia que ao tocar na parte de trás de seu joelho o desejo a atacaria. Sorri de leve ao ver sua bocetinha brilhando ainda mais, a forma como se movia e apertava o braço da poltrona com as mãos.

Beije a parte interna da sua coxa esquerda, depois da direita e plantei beijos em sua virilha, subindo pelo monte de vênus e chegando a virilha do outro lado.

Esfreguei meu nariz ali, sentindo seu aroma mais íntimo, onde só eu tinha o direito de cheirar, beijar, tocar, amar... Era tudo meu. Apenas meu.

— Kiara... — Murmurei e meu coração bateu forte. — Eu te amo.

— Eu também te... Oh meu Deus! — Ela gemeu alto quando fechei minha boca em seu clitóris, pegando-a de surpresa.

Tocou em meu cabelo e o puxou próximo a nuca. Eu continuei a sugá-la, puxar seu nervo para dentro da minha boca, até que o deixei escapar e abri minha língua sobre ele, descendo até sua

abertura que piscava incontrolavelmente. Kiara se movia na poltrona, querendo esfregar a boceta em mim e eu deixei, sentindo sua lubrificação molhar meu nariz, boca e queixo, me enchendo dela por todas as partes.

Quando voltei a ser o dono da situação, controlei sua cintura com as mãos e enfiei minha língua em sua abertura, comendo-a. Tirei e enfiei repetidas vezes, ouvindo Kiara gemer o meu nome, falar coisas desconexas. Ela estava muito sensível e senti que seu orgasmo estava se construindo quando ela prendeu minha língua

dentro da sua boceta e soltou. Aproveitei e subi a boca para o seu clitóris, onde movi em um ritmo constante, sem parar.

— Isso, Dom...

Ela choramingou baixinho e seu corpo tremeu violentamente abaixo de mim. Continuei a movimentar minha língua, até que ela gritou e agarrou minha cabeça, gozando alucinadamente. Suas pernas tremeram e seu clitóris pulsou em minha língua. Quando acabou, Kiara tentou me expulsar dali mais fui firme e desci até sua entrada, recolhendo seu gozo em minha boca, saboreando seu gosto.

Quando me levantei e olhei para ela, Kiara estava de olhos fechados, rosto vermelho e respiração ofegante. Totalmente satisfeita. Não esperei um segundo a mais e a recolhi em meus braços, indo com ela até a cama e colocando-a deitada nos travesseiros. Finalmente abriu os olhos e me olhou, sorrindo.

— Voltou a Terra, querida... — Murmurei, deitando-me ao seu lado.

— Sim, você realmente me levou a um outro mundo...

— É uma das minhas responsabilidades. — Pisquei,

passando a mão pelo seu rosto. —
Eu quero viver para isso, Kiara...

— Para o quê?

— Para te fazer feliz, te amar, te fazer gozar dessa forma... Eu te amo. Quando falo que te amo com tudo de mim, é a verdade. Te amo com cada parte do meu ser. Não sei se eu conseguiria viver em um mundo onde você não estivesse.

— Dom... — Ela murmurou e eu vi seus olhos se enchendo de lágrimas.

Me levantei e fui para o meio das suas pernas. Ela se abriu toda para mim, o cheiro da sua excitação tomando conta das minhas narinas.

Toquei em sua barriga de leve, antes de me apoiar com uma mão e a outra levar o meu pau a sua boceta, movendo a glândula de cima para baixo.

— Eis aqui o seu Rei... — Murmurei, entrando lentamente, sem nunca tirar meus olhos dos dela. — Submetido ao seu amor... — Entrei mais um pouco e Kiara gemeu, lágrimas molhavam seu rosto. — À espera da redenção.

— Ah, Dom... — Ela arfou e eu sabia que era pelo que eu falei e por ter entrado inteiramente dentro dela.

Olhei em seus olhos e me

movimente para frente e para trás, lento, arfando ao senti-la tão molhada, tão quente e apertada. Suas mãos estavam em minha cintura, apertando, enquanto eu estava ajoelhando e metia dela, tomando cuidado com sua barriga. A prova do nosso amor e da nossa união se formando ali.

— Eu te amo tanto... — Ela gemeu, pegando-me de surpresa. — Eu te amo mais do que tudo, Dominick... Sempre amei e sempre vou amar.

— Sim, querida... — Gemi, aumentando os movimentos.

Kiara fechou os olhos e eu meti

mais rápido, meus olhos em seu rosto, seu corpo, nossos sexos se unindo. Gemidos escapavam por seus lábios. Sua boceta me apertava e eu levei meu dedo ao seu clitóris, movendo-o em círculos, lento, mas sem parar de meter rápido em sua boceta que me enlouquecia.

Meu peito parecia que ia explodir, assim como meu pau dentro dela, minhas bolas pesadas. Rebolei dentro dela e Kiara ofegou, abrindo os olhos e encontrando os meus. Tirou as mãos da minha cintura e as levou aos seus seios, apertando os mamilos como eu fazia, gemendo para mim. Era a

visão do paraíso e mordi os lábios, voltando a estocar dentro dela, acariciando todos os seus nervos.

— Assim... Ah, Dom, eu vou gozar...

— Eu sei, Anjo... Goza para mim, vem comigo.

Suas costas se arquearam e eu aumentei os movimentos, moendo meu pau dentro dela, meu dedo acariciando seu clitóris molhado e inchado. Kiara me apertou em seu interior, fazendo um raio passar por minha coluna até minhas bolas. Quando ela começou a gozar, eu fui junto, esporrando com força dentro dela, juntando nossos fluídos.

Ainda tremíamos quando nosso orgasmo passou, deixando nossos corpos leve. Kiara sorriu para mim, os olhos cheios, lotados de amor. Senti minha garganta apertar, mas me segurei, feliz e emocionado ao mesmo tempo com o caminho que estávamos trilhando.

Eu a amava tanto.

Porra, ela era a minha vida inteira.

Saí devagar de dentro dela e me deitei ao seu lado, puxando-a para mim. Beije seus lábios com carinho, acariciando sua língua com a minha, enquanto sentia seus dedos percorrerem meu couro cabeludo.

— Eu te amo. — Ela murmurou
em meus lábios, os olhos nunca
deixando os meus.

— Eu te amo.

A amava. E sempre iria amar.

Capítulo 15 – Kiara

*“Eu encontrei um homem em
quem eu posso confiar
E, cara, eu acredito em nós*

*Estou presa em você
Estou presa em você”
Bound To You (Christina
Aguilera)*

— *Como você está aí dentro?*

Era uma voz... Uma voz conhecida. Estava perto e ao mesmo tempo, longe demais.

— *Está se comportando?*

Precisa ficar quietinha, sua mãe ainda está dormindo. Porra, eu amo quando você mexe assim! Droga, desculpa, eu não devo xingar. Você é só uma bebezinha e ainda é uma menina. Seu pai é um ogro.

Minha barriga ondulou e ouvi uma risada. Então, despertei. Não, não era sonho. Era realidade. Era Dominick conversando com a nossa filha. Reprimi um sorriso e fingi ainda estar dormindo, querendo ouvir tudo.

— Eu li muitos livros... —
Falou, roçando a ponta dos dedos minha barriga em círculos. — Eles

explicam muitas coisas, sabia? Agora eu sei que você já tem quase todos os órgãos formados, sei que quando você nascer, vai dormir a maior parte do tempo. Sei que tenho que colocar você para arrotar depois que você mamar e que você vai me acordar de madrugada. Mas, sabe, Eva, eu quero ser um bom pai para você e um bom marido para sua mãe. Eu amo vocês duas. Você acha que eu estou no caminho certo?

Ele ficou em silêncio, como se esperasse uma resposta.

— Vamos fazer assim. Se você concordar comigo, mexe uma vez,

se não concordar, mexe duas vezes, tudo bem? Então, acha que estou indo pelo caminho certo? Leve em consideração que eu estou me esforçando, por favor.

Surpreendentemente, uma única ondulação tomou a minha barriga. Tudo o que eu queria fazer era sorrir, mas me segurei.

— Oh... Fico feliz que esteja do meu lado, Eva! — Ele riu e meu coração acelerou. Eva? — Você gosta desse nome? Eva? Eu amo esse nome, eu só consigo pensar em chamá-la assim. Mas estou com medo de falar para sua mãe e ela não gostar.

Eu já amava. Realmente, amava do fundo do meu coração.

— Sua mãe é tão linda, Eva. Espero que você puxe a ela. Eu amo seus olhos azuis e seu cabelo avelã. Na verdade, eu espero que você a puxe em tudo, porque a única coisa que seu pai tem de bom, é a beleza. Sabe, apenas um rosto e um corpo bonito? O resto é tudo fodido, mas eu estou me esforçando para mudar. Quando você nascer, eu serei um homem ainda melhor do que sou hoje, eu prometo, querida. — Um beijo em minha barriga e eu lutei para não chorar.

Você é muito mais do que um

rosto e um corpo bonito, Dom...

— Fique quietinha agora, eu vou lá embaixo pegar o café da manhã da sua mãe. Vocês devem estar com fome, não é? Eu volto logo.

Outro beijo em minha barriga e outro em meus lábios, bem leve. Ouvi passos, a porta do quarto se abrindo e depois se fechando. Abri os meus olhos de leve, olhando ao redor e vendo o quarto agora vazio, a coberta cobrindo apenas as minhas pernas. Sorri abertamente e toquei minha barriga.

— Eva... Eu também amo esse nome, querida. Mas nada de falar para o seu pai. Vamos fazer uma

surpresa para ele. Finge que eu não sei de nada. — Murmurei, rindo.

Continuei deitada e olhei ao redor, o cheiro de Dominick espalhado por todo lugar. Eu amava aquele quarto, o nosso quarto, onde fizemos amor pela primeira vez, onde, provavelmente, concebemos Eva, onde nos amamos naquela noite. Era como se nossa história estivesse escrita em cada parede daquele lugar.

Fechei meus olhos rapidamente quando ouvi a porta do quarto se abrir. Ouvi algo ser colocado na mesinha de cabeceira e logo um movimento na cama. Em seguida,

beijos espalhados por todo o meu rosto.

— Anjo... Acorde, querida...

Sorri e abri meus olhos, dando de cara com o homem que sabia acelerar meu coração como ninguém. Eu sabia que, provavelmente, eu teria me apaixonado por Dominick mesmo se eu o tivesse conhecido de outra forma, porque ele era simplesmente apaixonante, todo ele. Desde de seu semblante sempre sério, até a forma como ele andava e se portava, como um verdadeiro Rei.

— Bom dia! — Sorriu, beijando-me nos lábios. — Trouxe

o seu café.

Me sentei, vendo-o pegar a enorme bandeja de cima da mesinha de cabeceira. Estava linda, repleta de frutas, torradas, queijos, um bule com café e uma jarra de suco, assim como minha sala de frutas. Mas o que realmente me chamou a atenção, foi a rosa branca, enfeitando tudo.

— Norah me ajudou a montar a bandeja. Na verdade, ela colocou quase tudo enquanto eu fui ao jardim colher a rosa. Não entendi porque ela tinha um sorriso bobo no rosto quando eu voltei. — Falou e eu ri com a sua expressão de falso

menino inocente.

— Talvez porque ela esteja feliz. — Murmurei, olhando-o.

— Hm... Feliz?

— Sim. Porque ela sabe que esse lindo e poderoso Rei, não sairia de sua cama, pediria ajuda para montar uma badeja de café da manhã e muito menos colheria uma rosa, se não fosse para dar tudo isso à sua bela e amada Rainha.

— Bela e amada Rainha, é?

— Sim.

— Você tem razão. — Disse, pegando um morango e levando-o à minha boca. — Eu não faria isso se não fosse pela minha bela e amada

Rainha. A mulher que roubou o coração do lindo e poderoso Rei.

— Do charmoso Rei. —

Brinquei, mordendo o morango.

— Do irresistível Rei.

— Do maravilhoso Rei.

— Do estupendo Rei! — Falou, rindo e me olhando. — Que antes tinha apenas adjetivos, mas, que agora tem sentimentos. Sentimentos verdadeiros e únicos.

— Sentimentos?

— Sim.

— Por quem?

— Pela Rainha. Pela mulher da minha vida, a única que foi capaz de me fazer enxergar que eu não era

nada mais do que um ser vagando no mundo. Agora eu sou um homem. Eu sou um homem que está terminando de vagar pelo mundo e está voltando para casa.

Olhei para ele, para aquele homem que as vezes era apenas um menino e não consegui mais ficar tão longe. Me esgueirei pela cama e o abracei, sentindo seus braços me puxarem para seu colo, onde me sentei entre as suas pernas, de lado. Minha cabeça repousada no seu coração.

— Sua Rainha o espera em casa, Rei Dom. O espera ansiosamente.

— Não... — Ele puxou meu

rosto para cima com os dedos em meu queixo. — Você é minha casa.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas ao beijá-lo. Não tinha palavras para descrever o que aquele homem fazia comigo e com o meu coração.

Sem falar mais nada, ele se esticou um pouco e pegou minha salada de frutas, colocando uma colherada na minha boca. Comi de bom grado, saboreando, principalmente quando senti o sabor do mel ali no meio.

— Com fome?

— Muita. Fiz muitos exercícios ontem à noite...

Domincik riu e me deu mais um pouco, seu olhar divertido mudando para um olhar luxurioso.

— Então alimente-se bem, pois planejo mais exercícios para você.

Olhei-o com desejo, minha boceta pulsando e meus mamilos ficando eriçados.

— Vejo que seu corpo concorda com meus planos.

— Pode ter certeza que sim.

Sorri e ele continuou a me alimentar pacientemente, como se tivesse prazer em me dar algo para comer. Sorria para mim e não precisávamos de palavras, conversávamos pelo olhar, um

mundo de sentimentos ao nosso redor.

Quando terminou, puxei a bandeja para mais perto de nós e Dominick pegou mais um morango, comendo.

— Você está feliz? — Perguntei, meus olhos atentos nele.

— Muito. Como poderia não estar? A noite de ontem foi perfeita e essa manhã está sendo ainda melhor, com você em meus braços. É como se tudo de ruim estivesse bem longe do nosso alcance. — Seus dedos tocaram meu rosto e eu me inclinei para ele, amando seu toque. — Eu amo isso.

— O quê?

— Que você esteja aqui, confiando um pouco mais em mim. Que você não me abandonou, quando tudo a empurrava para ainda mais longe de mim.

— Eu não poderia abandonar, Dominick. Você está dentro de mim, totalmente. Se eu fosse embora, tudo de mim continuaria aqui.

— Se você fosse embora, tudo de mim iria com você também.

— Eu te amo e não vou a lugar algum.

— Eu te amo e nada no mundo será capaz de te afastar de mim. Nunca mais.

Sorrimos e nos beijamos. Meu desejo era de me sentar em seu colo e colocá-lo dentro de mim, fazer amor com ele, mas Dominick ainda estava tomando seu café da manhã e eu esperei, resolvendo me comportar.

Ele mastigava uma torrada, quando falei:

— Você sabe que deve ser o principal assunto nos jornais do país, não é?

— Não só do país, mas do mundo. Dimir me mostrou um exemplar do The New York Times, onde uma foto nossa estava na capa, falando sobre a abertura do castelo

para a noite de Natal.

— Eles são tão rápidos, não é?

— Os jornalistas? Sim. Não fiz nada disso para chamar a atenção deles, mas fico feliz que eles tenham se surpreendido. É difícil você surpreender alguém com uma notícia boa. Não hoje, quando apenas tragédias assolam o mundo todo.

— Verdade. Por isso eu estou tão orgulhosa de você. E os moradores de Orleandy também.

— Eles gostaram muito da festa, não é?

— Sim, os olhos de todos eles estavam brilhando. — Sorri,

lembrando-me. Mas, de repente, um outro acontecimento da festa tomou a minha mente. — Você sabe que Robin também estava lá, não é?

— Sim, eu sei. Eu o vi na mesa do meu tio Joseph. — Murmurou, franzindo o cenho. — Por quê?

— Eu o encontrei por acaso. — Falei, sabendo que eu estava prestes a fazer o que meu coração estava me mandando. Confiando em meu marido.

— Como assim?

— Eu estava saindo do banheiro e ele estava prestes a entrar no banheiro masculino. Ele me desejou feliz natal e disse que fechou um

contrato com o Bolshoi... Você sabia disso?

— Não. Quer dizer, eu ouvi meu tio Joseph comentar que ele estava na Rússia, em uma temporada de balé no Bolshoi, mas não estranhei, pois ele sempre está lá. Como sabe, ele se formou no Bolshoi, mas não sabia que havia fechado um contrato com eles.

— Segundo ele, sua companhia está em parceria com o Bolshoi e algumas das bailarinas podem ir para Rússia, dançar lá. Mas, logo depois disso, ele me deu um envelope.

— Envelope?

— Sim. Um envelope grande e cheio e disse que para que eu abrisse escondida de todo mundo, até mesmo de você. Na verdade, principalmente de você. E também me disse para que eu ligasse, logo depois de ler o que está no envelope.

— E onde está esse envelope?

— Vou pegar.

Me levantei e fui em direção ao sofá onde joguei minha bolsa. Peguei o envelope de dentro dela e voltei para cama, encontrando um Dominick sério demais e que aparentemente, havia perdido a fome, já que havia colocado a

bandeja na mesinha.

Me sentei na cama e abri o envelope, tirando tudo o que havia lá dentro. Percebi que eram documentos antes mesmo de lê-los, mas havia também uma carta.

Dominick pegou um documento e eu peguei outro, percebendo que já havia visto aquilo antes. Era o documento sobre a minha venda.

— Oh meu Deus... — Murmurei, levantando meu olhar do papel. Dominick também me olhou, sério, mas surpreso. — Dominick... Como ele conseguiu isso?

— Eu não sei! Porra, eu não faço a mínima ideia! — Falou,

furioso.

Pegamos os outros documentos e vi que eram a mesma coisa. Seis deles, no total. Enquanto Dominick lia tudo, enfurecido, eu peguei a carta e abri. O reconhecimento da letra atingiu o meu coração como uma flecha.

Não era uma carta de Robin.

— O que é isso?

— Uma carta. — Falei. — De Lorenzo.

— O quê?

Tudo ficava cada vez mais confuso, mas me pus a ler a carta em voz alta, na esperança de que algo ficasse claro para nós dois.

“Kiara

Sei que está confusa e sei que sabe que quem escreve esta carta sou eu, Lorenzo. Como pôde ver, dentro deste envelope tem seis documentos sobre a sua venda à Dominick, mas tudo tem uma explicação.

Não posso falar por escrito, é muito arriscado, mas posso adiantar que aí estão todos os documentos que poderia comprovar que Dominick te comprou. Eu também apaguei dos arquivos todos os documentos digitalizados e não se preocupe,

nenhum de nossos documentos vão para nuvem.

Também apaguei todas as imagens de Dominick na casa aqui na Rússia, assim como imagens suas e seus documentos, que comprovavam sua passagem por aqui.

Robin irá explicar o porquê de tudo isso.

Só peço que não tenha medo e que confie em nós. Sei que jamais irá confiar em mim, mas acredite em tudo o que Robin lhe disser e não deixe que ninguém saiba sobre esse envelope e o meu contato com você.

*Por favor, não conte a ninguém,
é realmente muito perigoso.*

Cuide-se.

Lorenzo”.

Quando terminei, vi que Dominick estava de pé, andando de um lado para o outro. Raramente o vi tão nervoso como daquela forma.

— Mas que porra é essa? Desde quando Robin e Lorenzo se conhecem?

— Eu não faço ideia. — Falei, me levantando e parando na frente dele. — Mas uma coisa é certa, Robin sabe muito bem sobre tudo. Sobre a minha venda, sobre o

tráfico, sobre a máfia. Mas por que ele quis que eu descobrisse sobre tudo naquela época? Por que Lorenzo apagou tudo sobre você e eu? Tem alguma coisa muito estranha nessa história, Dominick.

— Sim, com certeza. E eu vou descobrir o que é. — Falou, tocando em meu rosto. — Tome um banho e me encontre no escritório assim que estiver pronta, certo? Vou levar todos esses documentos e a carta para Dimir dar uma olhada.

— Tudo bem.

Seu toque em meu rosto suavizou seu olhar e fez meu coração pulsar.

— Por que me contou? Robin

deixou claro que não podia contar a ninguém.

— Conteí porque você é meu marido, é o homem que eu amo e que eu estou aprendendo a confiar novamente. Prometemos confiar um no outro, Dom e esconder isso de você seria ir contra a tudo o que estamos lutando tanto para construir.

Algo que se assemelhou a um sorriso se abriu em seus lábios.

— Obrigado por isso. — Falou, tocando os lábios nos meus. — Eu te amo com tudo de mim, Anjo.

— Eu te amo muito mais. — Murmurei, beijando-o em seguida.

Estávamos reunidos no escritório e aquela foi a primeira vez, desde que descobri tudo, que fiquei tão próxima a Dimir. Ele olhava cada um dos documentos e depois leu a carta, franzindo o cenho.

— Eu não estou entendendo nada. — Murmurou, olhando para Dominick e eu. — Eu nunca soube da ligação do meu primo com nenhum deles.

— E não passa pela sua cabeça o que eles estão tentando fazer? —

Perguntei, ainda mais confusa.

— Não, eu não faço ideia. A única coisa que sei é que desses documentos, um é verdadeiro e o resto são cópias. Agora, o porquê de Lorenzo ter apagado tudo e ter lhe enviado isso, não entra na minha cabeça.

— Muito menos na minha. Não faz o mínimo sentido tudo isso! Muito menos a ligação de Robin com Lorenzo.

— Bem, só tem um jeito de descobrirmos. — Falei, vendo o olhar de Dominick cair sobre mim.

— Não. Você não vai ligar para Robin, eu já não confiava naquele

filho da puta, agora então, tudo piorou.

— Mas, Dominick...

— Não tem, “mas”, Kiara! —
Falou, raivosos.

— E como vamos saber o que tudo isso significa? Se ele me disse para não contar para ninguém, isso quer dizer que ele não vai explicar nada para outra pessoa que não seja eu.

— Kiara tem razão, Domincik.

— Eu vou até ele e ele vai me explicar tudo isso.

— Vai mesmo? Como? Na base da porrada como você fez na última vez que foi à companhia dele?

— O quê? — Perguntei, confusa.

— Como assim? Você bateu em Robin, Dominick?

Ele me olhou como se pesasse me contar a verdade ou não.

— Sim, eu o fiz. Na época em que ele falou aquele monte de merda para você.

— Oh meu Deus...

— Kiara, por favor, isso já tem muito tempo e ele mereceu! Por que diabos ele tem que se meter tanto na nossa vida? Na verdade, por que está fazendo isso agora? — Perguntou, mesmo sabendo que nenhum de nós tínhamos a resposta.

— Eu vou até lá e vou falar com

ele.

— Dominick, por favor, seja inteligente e pare de pensar com os seus ciúmes. — Dimir disse, sem se alterar. — Se Robin fosse contar algo a você, já teria vindo aqui e falado tudo. Ele não vai contar nada, entende isso?

— E o que você quer que eu faça, Dimir? Que eu deixe a minha mulher, que está grávida, ir ao encontro do idiota do seu primo, que está metido até o pescoço com a porra de uma máfia de domínio mundial? Você perdeu a porra da cabeça? Não vou deixar Kiara se arriscar assim!

Por um lado, Dominick tinha razão. Poderia ser perigoso, não sabíamos quais eram as intenções de Robin e muito menos o que ele estava planejando. Mas, também não poderíamos ficar no escuro daquele jeito. Precisávamos saber o que tudo aquilo significava.

— Dom, olhe para mim. — Murmurei, pegando seu rosto em minhas mãos. — Precisamos saber o motivo de Lorenzo ter me enviado todos esses documentos e ter apagado qualquer rastro nosso. Se Robin está disposto a me explicar, eu vou lá saber o que ele quer.

— Você vai?

— Sim, eu vou.

— Ótimo. Então diga a esse filho de uma puta que eu vou com você. E não há nada e nem ninguém que será capaz de mudar isso. Se ele tem algo a explicar, o fará na frente de nós dois.

Suspirei, mas assenti e peguei meu celular. Disquei o número que estava no cartão que Robin havia me dado e ele atendeu no quarto toque, sua voz enchendo o escritório com o meu celular no alto falante.

— Alô?

— Robin? Sou eu, Kiara.

— Kiara! Se está me ligando, é

porque abriu o envelope.

— Sim, ela abriu. — Dominick falou, me impedindo de prosseguir. — E você tem muito a explicar a nós dois, Robin.

Ouvi o suspiro de Robin do outro lado da linha.

— Não sei porque eu pedi para que isso não fosse do seu conhecimento. Kiara, por que falou com ele? Será que não sabe o tesouro que você tem nas mãos? Isso poderia colocar Dominick na cadeia.

Arregalei os olhos, por um momento não entendendo o que ele havia acabado de dizer. Dominick

me olhou de cenho franzido, como se só se desse conta daquilo naquele momento.

— O quê? Está louco? Eu não quero colocar Dominick na cadeia! De onde tirou isso?

— Eu estou percebendo. — Murmurou do outro lado da linha.

— Bem, quando podemos nos encontrar? Sei que estão confusos e quero explicar tudo o que está acontecendo.

— Hoje à noite, aqui no Castelo.

— Domincik, é Natal. Porque não deixamos para amanhã...

— Eu falei hoje, Robin. Estamos te esperando.

— Tudo bem. Até mais.

— Até. — Murmurei, desligando logo em seguida.

Domincik se levantou e, sem olhar para mim ou para Dimir, murmurou:

— Eu preciso ficar um pouco sozinho.

E saiu do escritório, batendo a porta atrás dele. Meu coração se acelerou e me levantei, pronta para ir atrás dele, quando senti o toque de Dimir em meu braço, me impedindo.

— É melhor não, Kiara.

— Mas... Eu não entendo. Quero saber o que está acontecendo com

ele.

— Eu sei que quer, mas quando Dominick fala que precisa ficar sozinho, é porque ele realmente necessita disso. Não é nada com você e sim com ele, pode ter certeza disso.

Olhei para a porta, pensando duas vezes antes de seguir o conselho de Dimir, quando sua voz me trouxe de volta a realidade:

— Aproveitando que estamos aqui, eu... Eu quero te pedir perdão, Kiara. — Falou, fazendo-me olhar para ele. — Do fundo do meu coração, quero te pedir perdão. Eu me sinto tão envergonhado de ter

impulsionado Dominick para esse mundo, de um dia ter me envolvido nesse mundo de tráfico de mulheres. Nunca comprei nenhuma, mas eu era um apreciador de quem comprava, achava divertido e agora eu entendo o quanto isso é horrível. Eu tenho um filho e sei que essa máfia financia também o tráfico de crianças e apenas morro ao pensar que poderia ser Arthur naquele lugar. Também já amo essa princesinha em sua barriga e entro em desespero ao pensar que ela poderia ser uma daquelas mulheres. Por isso eu peço perdão.

Olhei para ele, sem saber o que

dizer.

— Eu gosto muito de você, como uma irmã, Kiara e agradeço por tudo que tem feito por Dominick. Ele é meu primo, é meu melhor amigo e você só fez bem a ele desde o dia em que pisou nesse castelo. Eu entendo se não puder me perdoar um dia, mas agradeço do fundo do coração por não ter desistido do meu primo. Ele te ama mais do que a si próprio e ver que vocês estão caminhando juntos, me faz ter esperanças.

— Dimir... — Murmurei, procurando palavras. — Minha mágoa por você diminuiu muito,

assim como por Dallah e por Dominick. No começo era tudo muito grande, muito feroz, mas agora acalmou. Ainda assim eu não consigo realmente perdoá-lo, mas vamos caminhar para isso, assim como estou fazendo com Dominick. Vamos aos poucos e um dia nós chegaremos lá.

Ele sorriu e assentiu para mim, estendendo a mão, que eu apertei de bom grado.

— Obrigado, Kiara.

Sorri de leve para ele e assenti, saindo do escritório logo em seguida. Pensei em procurar Dominick, mas segui o conselho de

Dimir e esperei, indo até minha mãe com o coração na mão.

Preocupada com Dominick e ansiosa pela explicação que Robin nos daria àquela noite.

Capítulo 16 – Kiara

*“Se você quer todas as respostas
para as suas perguntas*

*E você parece não encontrar o
amor de graça*

*Se você está olhando para a
direção certa*

Então, querido, procure por mim

*Veja, não posso fazer a palavra ser
mais leve*

*Eu só preciso que você me
encontre*

*Mas se você é orgulhoso demais
para seguir rios
Como você encontrará o mar?"*

River - Emeli Sandé

Já passavam das sete horas da noite, quando tomei coragem e fui até o quarto de Dominick, onde ele havia passado o dia todo, recusando ver alguém e até mesmo a refeição que Thomas o havia oferecido. Dimir havia me dito que ele precisava daquele tempo sozinho e eu respeitei. Pensei que seria por algumas horas, mas

quando vi o dia se despedir e a noite chegar, comecei a me perguntar o que havia acontecido de errado.

Ou o que eu havia feito ou dito de errado.

Pois não entrava na minha cabeça que ele estava sozinho porque apenas precisava pensar. Alguma coisa havia acontecido.

Bati na porta do quarto e recebi o silêncio de volta. Quase voltei atrás e me afastei, mas percebi que não adiantaria simplesmente sair, quando a preocupação assolava meu peito. Girei a maçaneta e entrei no quarto, encarando a sala de estar

vazia, assim como a cama, o banheiro e a sacada.

Mas a porta do calabouço estava aberta e comecei a descer as escadas sem pensar duas vezes. Quando cheguei lá embaixo, o vi em sua poltrona, sentado, encarando o chão e segurando uma taça de vinho vazia.

Eu tinha certeza que ele havia ouvido os meus passos pelo calabouço, havia sentido a minha presença ali, mas não se moveu um segundo sequer. Ainda mais preocupada, me ajoelhei a sua frente e toquei em sua coxa, apertando de leve.

— Dominick... O que houve?

— Nada. — Murmurou, sua voz distante e rouca.

— Se nada tivesse acontecido, você não estaria aqui durante todo o dia, sozinho. Me diga o que aconteceu. Você sabe que pode contar comigo e confiar em mim.

Ele finalmente me olhou e vi um mundo de sentimentos em seu olhar. Havia uma dor tão grande que eu me perguntei como ele conseguia carregar.

— Dom...

— Por que você ainda está aqui, Kiara? Por que está me dando mais uma chance?

— Como assim?

— O que eu fiz foi tão errado...

— Murmurou, balançando a cabeça. — Eu conversei com Giorgio de Piel há algumas semanas.

— Giorgio de Piel?

— Sim, por incrível que pareça. E ele me ajudou muito. — Falou, voltando a me olhar nos olhos. — Ele me explicou porque tudo isso aconteceu entre nós. Ele me disse que se meu pai tivesse me tratado melhor, quando eu era criança, eu me tornaria um adulto melhor e, consecutivamente, eu poderia ter conhecido você de outra maneira,

sem todo esse peso para carregarmos. Mas isso não aconteceu e eu a comprei. E agora, temos um mundo nos dividindo.

— Dominick...

— Eu gostaria de saber como seria se tivéssemos nos conhecido de outra forma. — Disse baixinho, passando a ponta dos dedos pelo meu rosto. — Se tivéssemos começado esse relacionamento de uma maneira comum, sabe? Como as pessoas geralmente fazem. Queria saber como viver sem esse peso todo nas minhas costas, sempre me culpando pelo o que eu fiz. Sem essa divisão em meu

interior, que uma hora fala que eu fiz bem em comprar você, porque se eu não o fizesse, outro teria feito. E, em outra hora, me repudia, mostrando-me o monstro que eu fui.

Minhas pernas doíam por estar ajoelhada, mas nada doía mais do que o meu coração, compreendendo todo o seu dilema.

— Eu quero te perguntar algo e quero que seja totalmente sincera comigo, Kiara.

Ele me olhava com atenção, mas, mesmo assim, seus olhos pareciam chorar.

— Você quer que eu me entregue a polícia?

Olhei para ele sem conseguir realmente acreditar no que ele havia dito. Meu cérebro havia capitado sua mensagem, mas não compreendido.

— O quê?

— Quer que eu me entregue a polícia?

— Como você pode me perguntar isso?

— Eu sou um criminoso, Kiara. Uma porra de um criminoso que compactuou com algo horrível. Eu comprei você e o dinheiro está alimentando vários outros crimes. Kiara, vamos ter uma filha e eu passei a porra desse maldito dia

pensando que poderia ser a nossa filha no seu lugar! Ela poderia ter sido sequestrada e então, teria maníacos como eu, dispostos a compra-la! Esse tipo de crime existe, porque existem loucos como eu à solta por aí, que gastam milhões para comprar uma mulher como se fosse um simples objeto de decoração!

Ah meu Deus... O que estava acontecendo com meu Dominick?

— Dominick, por favor, preste atenção...

— Não, Anjo, preste atenção você. — Ele disse, colocando a taça vazia no suporte da poltrona e

segurando meu rosto em suas mãos. — Ontem eu tive a oportunidade de conhecer de perto todo o meu povo. E me sento envergonhado em de ter nas minhas mãos a chance de liderar cada um deles, cada um daqueles trabalhadores honestos, pais de famílias. Que tipo de homem eu sou para comandar um país, quando compactuo com um crime que acaba com milhares de famílias ao redor do planeta? Eu não tenho esse direito, Kiara, eu não mereço isso!

— Ah, Dom, não fale assim... — Murmurei, pegando seu rosto em minhas mãos também. — Você

merece sim, você é um Rei maravilhoso, Dominick, você é um homem maravilhoso.

— Não, eu não sou.

— Claro que é! Você é um homem maravilhoso apenas por se importar. Por se importar comigo, com todo esse crime bárbaro e com todo o seu povo. Você não tem que colocar em dúvida a sua capacidade de governar, porque você sabe que é bom nisso. E muito menos deve colocar em dúvida o seu destino. Eu não quero que você se entregue a polícia, pelo amor de Deus, eu nunca quis!

— Mas...

— Não tem “mas”. Você não consegue enxergar mais? Não se lembra do que disse quando eu descobri sobre tudo? Você errou muito em se envolver com isso tudo, Dom, mas, ao mesmo tempo, você me salvou. Você me salvou do que poderia ter sido um destino cruel, onde outro poderia ter me comprado e me escravizado, me maltratado e até mesmo me matado. Você jamais seria capaz de fazer algo como isso. Olha tudo o que fez por mim. Você me amou com todo o seu coração, Dominick.

— Mas e se eu não tivesse me apaixonado? Não creio que seu

seria um homem melhor do que os outros. Eu te comprei com o intuito de ter uma submissa leal a mim, Kiara. Eu queria te trazer para esse lugar... — Ele disse, olhando ao redor. — Usar cada maldita coisa em você. Queria uma mulher obediente, uma escrava, que obedeceria cada ordem minha, que seria a esposa e a Rainha perfeita.

— No entanto, eu não fui nada disso. — Falei, puxando sua cabeça para mim. — E mesmo assim você me amou. Nós não temos que nos prender nos “e se”, Dominick, nós temos que viver o presente.

— Esse presente cheio de dor e

lamentações, onde eu me arrependo de cada ato que cometi?

— Se arrepende de amar também?

Ele me olhou chocado, como se não acreditasse na minha pergunta.

— Não! Nunca!

— Então você não se arrepende de cada coisa que fez e sim dos seus erros e isso não é um crime.

— Mas o que eu cometi foi um crime.

— Mas nem por isso você deve pagar na cadeia. Você está se redimindo completamente, será que não percebe? Nem todos que vão para a cadeia, estão arrependidos

do que fez. Muitos saem e fazem novamente, então, será que realmente vale a pena ser preso? Isso não muda o seu coração ou quem você é por dentro, Dominick. É apenas uma forma que o homem criou para conter o outro, para castigar por seus atos. Mas isso não vale de nada se você não se arrepende de verdade. Mas você se arrepende e é isso que importa. Você está se transformando em um homem melhor, que consegue enxergar seus erros, mas também tem de começar a enxergar suas qualidades.

— E eu tenho?

— Claro que sim. Para começar, um homem ruim não é capaz de amar e você me ama. Um homem ruim não iria para outro país para buscar a mãe doente de sua esposa, um homem ruim não amaria sua família e não faria um bolo de chocolate com um menininho de cinco anos de idade. — Sorri, vendo seus lábios se curvarem um pouco. — Um homem ruim não se esforçaria para ser um “bom pai de menina”. Um homem ruim não teria nem metade do meu coração. E você o tem por inteiro.

Sem conseguir mais ficar de joelhos, me levantei e me sentei em

seu colo, a sua frente, minhas pernas em sua cintura.

— Eu te amo. E não quero que você se entregue a polícia. Eu nunca quis. Eu quero que você se entregue para mim e me deixe amar você com tudo o que eu tenho. — Falei, sentindo minha garganta travar. — Ah, Dom... Você é o homem da minha vida.

— Anjo...

Ele ia começar a falar, mas coloquei meus dedos em seus lábios e olhei em seus olhos, sentindo meu coração e minha mente em sincronia.

— Eu perdoo você. —

Sussurrei, lágrimas molhando o meu rosto.

Dominick abriu a boca sem saber o que dizer. Seus olhos estavam dentro dos meus, mas eu senti sua intensidade, seu amor e sua incompreensão. Assim como eu no começo da conversa, ele parecia não ter entendido o que eu havia dito.

— O quê?

— Eu perdoo você. Eu perdoo você com todo o meu coração e toda minha alma, Rei Dom. Meu Rei Dom.

— Kiara...

Ele ia falar algo novamente, mas

não deixei, tomando seu rosto no meu e beijando seus lábios. Ele ainda estava em choque, mas segundos depois enfiou a língua na minha boca, beijando-me intensamente. Só soube que ele também chorava quando senti suas lágrimas em meus dedos e gemi entre o beijo, que tinha gosto de amor, saudade e, finalmente, paz.

Estávamos inteiros novamente.

Suas mãos desceram pelo meu corpo, parando em minhas pernas, onde ele levantou meu vestido até que ele saísse do meu corpo. Sorri para sua expressão sexy e ainda duvidosa, sentindo sua ereção entre

minhas pernas.

— Dom, daqui a pouco Robin está chegando...

— Foda-se Robin, eu quero apenas amar você! — Falou, ofegante, colocando minha calcinha para o lado e tocando meu clitóris já molhado. — Você tem certeza do que disse? Kiara...

— Total certeza... — Gemi, rebolando em seu colo. — Eu te amo, Dominick, eu perdoo você, com todo o meu coração.

— Oh meu Deus... — Murmurou, tirando a mão de mim e levando a sua calça, abrindo o zíper e colocando o pau duro para

fora.

Me apoiei em seus ombros e ele colocou a minha calcinha para o lado novamente com uma mão e guiando seu pau para dentro de mim com a outra. Gemi quando ele entrou aos poucos e eu me abaixei, indo até o fundo.

— Oh meu Deus, Kiara, eu esperei tanto por isso, eu... Porra, eu te amo tanto, Anjo! — Rugiu com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu também te amo, querido... Te amo muito.

Minha barriga nos mantinha um pouco afastados, mas mesmo assim, fazíamos amor. Me movi em cima

dele, sentindo seu membro grande e grosso dentro de mim, acariciando-me e tocando-me em todos os lugares.

Dominick tocava minha pele, meus quadris, meu clitóris, seus lábios em meu pescoço e minha boca, encontrando-me nos movimentos sincronizados, me fazendo ofegar de prazer. Tudo parecia tão perfeito! Não, na verdade, tudo era perfeito porque ele era meu e eu era dele e nada, nunca, iria mudar isso.

A vida poderia nos pregar peças, mas jamais iria separar nossas almas.

Me movimenteí mais rápido, sentindo seu polegar esfregar o meu clitóris. Tudo dentro de mim se remexia, meus mamilos estavam pesados e desejosos e quando ele apertou o bico com força, joguei minha cabeça para trás e comecei a gozar, sentindo-o vir junto comigo.

Tremores tomavam conta de nossos corpos, enquanto tudo ficava em suspenso e o calabouço era recheado com nossos gemidos e cheiro de sexo. Podia sentir minha boceta pulsando e seu pau ainda grosso e duro dentro de mim, quando voltei a encara-lo.

Ali eu vi o motivo de tê-lo

perdoado. Aquele homem que havia se arrependido com toda a sua alma, que havia entendido que errou e estava, agora, lutando para acertar. Que tipo de mulher seria eu, tão fria, ao ponto de não conseguir enxergar sua mudança e todo o seu amor por mim?

Como se soubesse o que eu estava pensando, Dominick acariciou meu rosto e olhou em meus olhos, dizendo:

— Eu te amo com tudo de mim, Anjo. E jamais irei desperdiçar o perdão que você me deu. Dessa vez é para sempre.

— Eu também te amo. —

Murmurei e repeti: — Dessa vez é para sempre.

Dominick.

Olhei para Kiara e sorri, acariciando seu braço. Não conseguia parar de toca-la e muito menos de ouvir a sua voz em minha mente.

“Eu perdoo você”.

Como simples palavras conseguiam mexer com todo o meu coração e minha mente? Eu não sabia dizer e nem conseguia acreditar que eu realmente as ouvi.

Não depois de ter lutado tanto para conseguir aquilo.

Ter seu perdão não queria dizer que eu iria relaxar. Na verdade, era um incentivo a mais para continuar a construir aquele Dominick que eu estava gostando tanto. Aquele homem mais simpático, carinhoso, caridoso, que realmente se importava. Aquele Dominick mais humano.

Depois de um dia recluso e intenso, onde pesei toda a minha vida e as minhas ações, eu estava, finalmente, relaxado. E era por causa dela, como sempre. Quando Robin chegou, lutei comigo mesmo

para não sorrir do nada, lembrando dos nossos momentos no calabouço e no chuveiro, onde a amei de novo e a fiz gozar para mim, ouvindo os seus gemidos e murmurando o quanto a amava. Apenas fiquei sério e me sentei ao lado de Kiara, abraçando-a e colocando-a bem perto de mim.

Ele se sentou à nossa frente e Dimir se sentou na outra poltrona.

— Bem, não vamos enrolar isso. — Falei, olhando-o. — Você pode começar a se explicar, Robin.

Ele suspirou e nos olhou, começando a falar:

— Eu venho pesquisando sobre

a Black House já faz, mais ou menos, dois anos.

— Dois anos? — Dimir perguntou, confuso.

— Sim, desde quando Rachel, minha namorada, sumiu sem explicação. No começo, eu e os familiares dela achávamos que era um sequestro e que iriam nos procurar para pedir dinheiro pelo resgate, já que somos ricos, mas isso não aconteceu. Eu soube da existência da Black House alguns meses depois, quando a polícia parou de procura-la e todos nós achávamos que ela estava morta. Alguns dos meus amigos falaram

sobre a Black e até mesmo me convidaram para ir em uma noite, mas eu recusei, desacreditando que aquilo acontecia. Mas, então, lembrei-me do desaparecimento de Rachel e fui até lá, noites depois.

“Participei de um leilão e, apesar de tudo ser discreto e não ter visto nenhum dos outros clientes, um amigo que foi comigo, explicou-me o que acontecia. Explicou-me que eles sequestravam as mulheres e as submetia a uma droga que apagava qualquer memória do cérebro delas. Aquilo me deixou tão chocado e raivoso ao mesmo tempo! Principalmente

quando percebi que minha Rachel poderia ter passado por tudo aquilo”.

— Eu me lembro de Rachel. — Dimir disse, pensativo. — Ela era uma boa menina, o desaparecimento dela nos pegou totalmente de surpresa.

— Sim, você não faz ideia.

— Tudo bem, mas o que isso tem a ver com a sua ligação com Lorenzo? — Perguntei, cansado de enrolação.

— Bem, eu continuei a pesquisar sobre a Black House e me juntei com um amigo meu, russo, que tinha uma suspeita sobre a Black House.

Tudo é muito fechado e não tínhamos provas para prender nenhum deles. A polícia já bateu lá uma vez, mas abriram toda a mansão e tudo se parecia como uma casa comum de pessoas muito ricas. Cheguei à conclusão de que as meninas só vão para lá quando é noite de leilão.

“Eu estava quase desistindo de investigar tudo, quando conheci Kiara e ouvi a conversa do meu tio. Tudo ficou muito claro para mim, já que eu o vi na Rússia e, dias depois, você chegou com ela em Orleandy, desmemoriada e contando uma história ridícula.

Quando conversei com Kiara em meu escritório, fiz de tudo para plantar a semente da dúvida nela e consegui, mas não foi o suficiente. Até que, algumas semanas depois, com a ajuda do meu amigo que é policial, eu descobri que Kiara é natural da Inglaterra e peguei o endereço de onde ela morava”.

— Oh meu Deus... — Kiara murmurou, parecendo chocada.

— Eu fui até a vila onde você morava, Kiara e conversei com a Sra. Brighton, que cuidava de sua mãe. Eu disse que era um antigo amigo seu, bailarino e queria saber sobre você e ela me disse, muito

consternada, que você havia virado Rainha de Orleandy e havia abandonado sua mãe e seu namorado. Eu perguntei sobre o seu namorado e ela me disse que ele estava morando na Rússia e trabalhando lá, que seu nome era Lorenzo. Foi como juntar dois mais dois. Pedi o celular dele e ela me deu o número. Quando liguei para ele, falei que queria falar sobre você e ele desconversou, mas aceitou me encontrar quando liguei uma segunda vez.

— E então? — Perguntei.

— Bem, em nosso encontro, na Rússia, ele me disse que sabia

quem eu era, que sabia que eu era próximo a Dominick e, consecutivamente, próximo a você. E me disse que estava trabalhando em um plano. Um plano para acabar com a Black House e toda a máfia.

— O quê? — Dimir riu, incrédulo. — Por que ele faria isso? Ele é um dos caras mais altos lá dentro, trabalha direto com o chefe.

— As coisas não são mais como antes. Ele continua trabalhando direto para os chefes, mas agora a Black House também faz tráfico de crianças. E ele disse que isso foi demais para suportar. No começo

eu não acreditei. Não iria cair na lábia dele, ele poderia muito bem me entregar para os chefes e eles me matariam em um piscar de olhos, mas quando ele disse que estava junto com o meu amigo russo, que é policial, eu comecei a acreditar.

— E por que vocês me enviaram os documentos de Dominick?

— Bem, eu já desconfiava que você sabia de tudo, na casa do meu tio não existe outro assunto a não ser a crise no casamento de vocês dois. Não enviei para você descobrir tudo do nada, na verdade, quem quis enviar foi Lorenzo. Ele

me disse que havia uma dívida eterna com você e que não iria entregar Dominick a polícia, não quando você disse a ele no telefone sobre o quanto amava Dominick.

“Por isso ele quis te enviar todos os documentos e as cópias e apagou tudo sobre você e Dominick nos arquivos. Como ele toma conta dos documentos, ele está entregando tudo ao meu amigo e, muito em breve, a Black House e várias outras máfias ligadas a ela, explodirão. Será um choque mundial, eu tenho certeza e tudo vai dar certo. Principalmente agora que eu descobri por quem Rachel foi

comprada e que existem possibilidades de ela estar viva”.

Olhei para ele, direto em seus olhos, disposto a achar uma falha, algo que demonstrasse que ele estava mentindo. Mas tudo o que vi foi uma verdade limpa, o que me surpreendeu profundamente. Ele não queria acabar com o meu casamento. Ele queria nos mostrar que estava lutando para acabar com aquela máfia.

— Isso é incrível, Robin! — Kiara murmurou ao meu lado e vi que ela sorria. — Vocês irão acabar com todo esse crime terrível!

— Não diria acabar, mas,

destruindo a Black House, é o começo para a destruição de todo o resto. — Falou, olhando para nós dois. — Sabe, no começo, eu realmente queria que vocês terminassem. O que você fez foi monstruoso, Dominick, mas quando você me disse que a amava, eu acreditei. E fiquei muito feliz por vocês dois.

— Pensei que você quisesse me colocar na cadeia.

— Não, eu pensei que Kiara queria o fazer, mas me enganei profundamente. Ela te ama demais e jamais faria isso com você.

Lorenzo fez uma ótima escolha

quando decidiu entregar todos esses documentos nas mãos dela.

— Sim, ele fez. Agradeça-o por mim.

— Talvez ele queira falar com você.

— Mas eu não quero falar com ele. Não tenho nada a falar com Lorenzo, Robin. Deixe isso claro para ele.

Olhei para Kiara e senti meu peito inflar de amor. Aquela mulher sabia como mexer comigo.

— Está certo, eu entendo você e ele também entende.

— Quero deixar claro que Orleandy está à disposição para

ajudar vocês em tudo o que precisarem, Robin. — Falei, vendo-o me olhar com surpresa.

— Sêrio?

— Sim. Eu me arrependi de tudo o que fiz e também torço muito para toda essa máfia acabar. Mas quero que tudo seja sigiloso, não posso arriscar envolver o meu nome, pois sei que poderiam fazer algo contra mim e até mesmo contra Kiara e essa é a última coisa que eu desejo.

— Pode ficar tranquilo, nada será dito, assim como espero ter o sigilo de vocês. Essa conversa não pode sair daqui.

— Não sairá, você tem a minha

palavra.

Ele assentiu e se levantou.

Despediu-se de todos e saiu, Dimir o acompanhou até a porta. Quando encarei Kiara, a vi leve e sorridente, totalmente feliz.

— Tudo está se encaixando, Dominick. Tudo está se acertando. Não é incrível?

A abracei e sorri, beijando seus lábios.

— Sim, é incrível, Anjo. O mundo está em sintonia conosco.

— Isso me enche de esperanças para o ano que está vindo... Vai ser um ano repleto de felicidade e paz.

— E amor. — Completei,

voltando a beijá-la.

Sim, amor. Porque depois que eu o provei, nunca mais iria o querer fora da minha vida.

Capítulo 17 – Dominick

*“Seu amor é brilhante como
sempre*

*Até mesmo nas sombras
Amor, beije-me*

Antes que apaguem as luzes

Seu coração está brilhando

Estou me chocando em você

Amor, beije-me

Antes que apaguem as luzes”

XO (Beyoncé)

Era a primeira vez em semanas,
que Kiara me permitia ficar ao seu

lado, tocando-a, mexendo em seu cabelo, ou apenas ficar com ela encostada em meu peito.

Era a primeira vez, em toda a minha vida, que eu me permitia ficar ao lado de uma pessoa por inteiro. Sem culpa, sem amargor, sem uma legião de sentimentos ruins, sem um coração frio e uma alma corrompida para carregar.

Percebi que o perdão de Kiara não a trouxe somente para mim, mas trouxe toda a minha vida de volta, onde eu decidi, de uma vez por todas, que eu deveria deixar o meu passado de lado e enxergar apenas o futuro. Eu tinha escolhas sérias

para fazer e as fiz em segundos, sem ao menos olhar para trás. Porque o passado me deixava preso ao Dominick amargo e cheio de dor, que descontava nos outros a sua fúria, o seu desamor.

O Dominick do presente era totalmente o contrário. Ele estava preso em uma esperança que vinha de dentro, que alimentava todo o amor que sentia por sua esposa, que alimentava ainda mais a outra esperança, que era a de ser um homem melhor, um marido melhor e um ótimo pai de menina.

Como eu poderia escolher o passado, tendo um presente que

sempre me pareceu inexistente, mas que agora estava escancarado para mim? Como eu poderia escolher o Dominick ignorante do passado, ao Dominick amoroso do futuro?

Sorri comigo mesmo, afundando meu rosto no cabelo de Kiara. Não precisava pensar muito. Eu queria o presente e o futuro. Queria estar em qualquer lugar onde eu pudesse merecer a minha esposa, o seu amor e o seu perdão. Onde eu pudesse merecer minha filha, minha pequena Eva que se formava no ventre de sua mãe. Eu queria ser merecedor.

E seu seria merecedor.

— Por que ficou tão calado de

repente? — Kiara perguntou, movendo-se no sofá para me olhar. — Está sentindo alguma coisa?

— Sim.

— O quê? Está passando mal?

Neguei, balançando a cabeça e sorrindo para ela, que franziu o cenho.

— Não. Estou sentindo meu coração, Kiara. Eu nunca o senti antes, era como se eu não o tivesse, mas desde o dia em que eu te vi pela primeira vez, eu o senti. Agora eu sinto esperança e amor. Só você é capaz de plantar esses sentimentos dentro de mim.

— Ah, Dom... — Ela sorriu e

passou a mão pelo meu rosto, deixando-me encantado. — Você também planta esses sentimentos dentro de mim. Sempre plantou. Por isso eu fiquei aqui, mesmo magoada e, na hora da raiva, com vontade de ir embora, porque o amor e a esperança que eu nutria por você, sempre foi maior do que qualquer outro sentimento.

— E eu vou fazer valer a pena esses sentimentos, Anjo.

— Você já faz.

Ainda sorrindo, se aproximou de mim e me beijou. E eu retribui, abrindo minha boca para receber sua língua, que veio ávida em

direção a minha. Seus beijos sempre mexiam comigo, sempre me faziam perder o controle, mas precisei me segurar para não a agarrar ali, no sofá e fazer amor com ela.

— Dom... Eu estou com desejo.

— Murmurou com os lábios ainda nos meus.

Desejo, Dominick. Não por você, mas por alguma comida estranha, controle sua libido.

— Pode falar... Onde terei que ir agora para buscar o que você quer?

Ela sorriu e escondeu o rosto no meu peito. Senti sua pele quente sob o tecido da minha camisa.

— Kiara?

— Você terá que ir a um lugar sim, mas vai ter que me levar também.

— Como assim? — Não entendi e puxei seu rosto em minha direção, vendo o quanto ela estava corada.

— Explique-me o que você quer, por que está tão vermelha?

— Porque eu não sei como pedir isso...

— Você sabe que pode me pedir o que quiser.

Ela olhou para baixo e torceu as mãos no colo, nervosa.

— Eu quero ir ao calabouço...

— Murmurou, levantando o olhar.

— Quero ser sua submissa, Rei Dom.

Senti meu pau pulsar ferozmente dentro da calça e percebi que ele foi a única parte do meu corpo que não entrou em choque com o seu pedido. Eu poderia esperar qualquer coisa, mas não aquilo, muito menos dito daquela forma tão explícita, já que só usávamos o calabouço quando eu decidia que queria ir até lá. Quando percebi que eu tinha que dar alguma resposta, me ajeitei no sofá e olhei para ela, depois para sua barriga muito saliente.

— Anjo... É um desejo e tanto,

mas... Eu não acho que será possível realizá-lo. Você está grávida, pode ser perigoso. Não quero correr esse risco.

Sem se importar com o lugar onde estávamos, Kiara se moveu no sofá e sentou-se no meu colo, sua bunda se acomodando no meu pau que havia ficado duro rapidamente com o seu pedido e o desejo explícito em seus olhos. Quando me senti duro em sua bunda, Kiara sorriu.

— Eu confio em você, sei que jamais faria algo para me machucar.

— Nunca, não propositalmente, mas... E se eu perder o controle? —

Murmurei, tocando suas coxas com minhas mãos.

Porra! Só Deus sabia o quanto eu queria levá-la ao calabouço, por mais que essa não fosse uma prática muito cristã.

— Você nunca perde o controle e o não fará agora. — Disse, movendo-se lentamente no meu colo, enquanto espalhava beijinhos por minha mandíbula.

— Kiara...

— Por favor, Dom... Eu estou tão molhada... É um desejo de grávida, você não pode negar.

— Está molhada?

— Sim...

— Então, me deixe sentir.

Pensei que ela iria negar, até porque, estávamos na sala e alguém poderia entrar a qualquer momento, mas não. Ela apenas abriu as pernas para mim e levou minha mão ao meio de suas coxas, subindo até que meus dedos tocaram em sua calcinha. Eu senti o quanto a seda estava úmida e desejo veio forte e latente no meu sangue, concentrando-se no meu pau. Rapidamente coloquei a calcinha de lado e toquei em seu clitóris molhado e inchado, pronto para mim.

— Anjo, você está tão pronta...

— Murmurei, mordendo o lóbulo da sua orelha, deixando meu polegar circular sobre seu clitóris.

— Então, você quer ir ao calabouço?

— Sim...

Belisquei seu clitóris com força e ela ofegou alto, tentando fechar as pernas.

— Sim o quê?

— Sim, Rei Dom! Por favor...

— Me diga o que você quer... Como você quer... Quero detalhes.

Enfiei meu dedo médio em sua abertura e deixei o polegar esfregar seu clitóris. Ela se movia em meu colo e tive que segurar sua cintura

com a outra mão, firme, para que não se movesse, ou eu iria acabar gozando na calça com sua bunda roçando no meu pau.

— Quero que bata na minha bunda...

— Com o quê? Minha mão? Meu chicote?

— Os dois! — Gemeu, abrindo mais as pernas, enquanto meu dedo entrava e saía na sua boceta quente e apertada. — Quero que me morda...

— E depois?

— Quero que belisque meus mamilos...

— Hm, Anjo, terei tanto prazer

em fazer isso... — Murmurei em seu ouvido, sentindo o interior da sua vagina apertar o meu dedo, seu orgasmo se construindo.

— E quero que meta em mim... Quero que me foda, Rei Dom, bem duro.

— Muito duro, querida, eu o farei... — Sussurrei, acariciando seu clitóris com força. — Goze para mim.

Seu clitóris ficou duro enquanto suas paredes vaginais amassavam meu dedo. Lutei comigo mesmo para não jogá-la no sofá, abrir suas pernas e meter meu pau duro e dolorido em sua boceta, enquanto a

sentia se desfazer para mim, gozando em meu dedo, seu corpo trêmulo e gemidos contidos que saíam da sua boca.

Suas pernas tremiam quando tirei meu dedo da sua boceta e continuei a tocar em seu clitóris, até que ela estivesse sensível demais para suportar o toque. Quando fez menção de fechar as pernas, tirei minha mão do meio das suas coxas e a coloquei sentada no sofá, enquanto levava meu dedo sujo de sua excitação à minha boca. Seu gosto me fez ficar ainda mais excitado e meu pau pulsou na calça, que estava estufada ao seu limite,

quase estourando o zíper.

Kiara sorriu adoravelmente ao ver o que havia feito comigo e pressionou as coxas uma na outra, ficando excitada novamente. Suas bochechas estavam vermelhas.

— Vou te levar ao calabouço, Kiara. — Murmurei e vi seus olhos brilharem. Me aproximei dela e toquei meu polegar molhado de sua excitação, em sua boca, mexendo em seus lábios. — E quando chegarmos lá, você vai se ajoelhar na cama como uma boa menina e vai me chupar até me fazer gozar, ouviu, Anjo? Vai mamar bem gostoso no meu pau.

— Sim... — Olhei duro para ela e vi um sorriso brincando no canto da sua boca. Meu pau pulsou forte quando ela chupou meu polegar, mordendo na ponta do dedo ao me soltar. — Sim, Rei Dom.

Sorri e coloquei uma almofada em meu colo, enquanto voltava a abraçar minha esposa.

— Dominick!

A voz estridente de Dallah me fez tirar os olhos de Kiara. Ela entrou na sala como um furacão de cabelo loiro, calça jeans e blusa branca. Seu rosto estava vermelho. Arthur e Dimir vieram logo atrás dela.

— O que houve? — Perguntei, pensando se deveria me preocupar ou não.

— Como... Pelo amor de Deus, você teve a coragem de falar todas aquelas coisas para o Arthur?

— Que coisas? — Kiara perguntou.

— É... Que coisas?

— Sobre... Sobre como a Kiara ficou grávida!

— Ah... Isso? Eu não disse nada de mais.

Como sempre, Dallah fazia escândalo por coisa pouca. Tranquilo, voltei a me encostar no sofá e coloquei minha mão sobre a

barriga de Kiara. Eva estava quieta, talvez estivesse prestando atenção na gritaria de sua tia.

— O quê? Como você tem a coragem de dizer que não foi nada de mais?

— O que foi que ele disse?

— Falou tudo, Kiara!

— Como “tudo”?

— Tudo!

— O tio Nick só disse que os adultos fazem sexo. Que namoram pelados e se não usar camisinha, a mulher fica grávida.

Kiara se virou para mim boquiaberta e eu franzi o cenho. O que eu havia feito de tão errado,

afinal?

— Dominick... Eu não acredito!

— Falou, parecendo chocada, mas vi que ela queria rir. — Como você pôde falar isso para um menino de cinco anos?

— Eu só expliquei. Ele estava curioso, se eu não falasse, ele iria arrumar um outro jeito para saber.

— Mas não era para ter falado assim! Meu Deus! Agora meu filho já sabe o que é sexo!

— Dallah...

— Não tem nada de Dallah! — Falou, furiosa. — Isso está errado! Imagina o que ele vai falar para os amiguinhos na escola? Aí os

amiguinhos vão contar para os pais, e os pais virão me matar... Eu vou colocar tudo nas suas costas!

Ri, balançando a cabeça.

— Ótimo, assim todos os meninos serão responsáveis, não é, Arthur?

— Sim, olha, mamãe... — Arthur se aproximou dela e pegou em suas mãos, como o bom menino que era. Me perguntava se ele apenas fazia aquilo para cativar a atenção das mulheres. Talvez já fosse um conquistador nato. — Não precisa se preocupar. Eu sei que só adultos podem fazer sexo e eu nem quero fazer isso agora, também não quero

ser pai agora, tá bom?

— Oh meu Deus... — Kiara, suspirou, sorrindo.

Eu disse. Ele era um conquistadorzinho abusado.

— Sem contar que eu abri a cabeça dele. Dimir foi falar que o meu espermatozoide fecundou o óvulo da Kiara e assim ela engravidou...

— Ora, mas eu só disse a verdade! Biologicamente, foi isso que aconteceu.

— Ah, meu Deus... E o que aconteceu com a cegonha? — Dallah murmurou, jogando-se no sofá.

— Ficou ultrapassada, pelo visto... — Kiara riu.

— É... Só quero ver qual vai ser a sua explicação para o caso da sua filha perguntar como a mãe dela ficou grávida, senhor Dominick. Eu vou estar aqui, sentadinha, só para ver o que você vai falar.

Olhei para ela sem saber o que dizer. Não havia pensado naquilo. Mas, certamente, minha filha não teria uma explicação tão aberta quanto eu dei a Arthur.

Talvez a história da cegonha fosse voltar, afinal.

— Minha filha é uma menina, nada mais natural que ela pergunte

isso a mãe dela, assim como o Arthur perguntou ao pai e depois para mim.

— Ah, Dom, mas você já está tão familiarizado com o assunto. Vou deixar você explicar para ela.
— Kiara disse, piscando para mim.

Dallah riu alto junto a Dimir e eu estreitei os olhos para Kiara, aproximando-me de seu ouvido.

— Vou lembrar disso quando estivermos no calabouço. — Falei, vendo suas coxas se apertarem. Quando me afastei, me levantei e puxei Kiara para minha frente, tampando minha ereção. — A conversa está ótima, mas minha

esposa e eu iremos subir. Tenho tempo para pensar em uma explicação mais adequada para uma menina, até minha filha ter idade o suficiente para me perguntar.

— Mas por que a bebê não pode saber do mesmo jeito que eu? — Arthur perguntou, olhando-me sem entender.

— Porque meninas não precisam saber de tudo, Arthur. O segredo de tudo sempre fica com os homens. — Dimir disse, piscando para ele.

— Na verdade, é porque os homens são machistas, meu filho.

Queria ir embora logo, a bunda da Kiara roçando em meu pau

estava me deixando louco, mas a pergunta de Arthur me fez voltar a realidade.

— Ah... Então a bebê nunca vai namorar pelada?

Kiara riu na minha frente e eu olhei para Arthur, sentindo meu coração falhar uma batida.

— Só quando ela tiver idade para isso, querido. — Dimir disse, rindo.

— Quando ela tiver trinta anos, no mínimo! Só depois de casada!

— Falei, sério. Que porra de conversa era aquela?

Minha filha nem havia nascido ainda e eu já estava preocupado

com quem iria transar com ela. Talvez fosse melhor matar o merdinha desde agora.

Sem dar chances para mais perguntas que poderiam estragar minha noite, murmurei um boa noite para todo mundo e sai da sala com Kiara na minha frente. Ela ainda ria quando entramos no elevador.

— O que é tão engraçado?

— Você e seus ciúmes de pai. — Disse, encostando-se na parede do elevador. — Isso é lindo.

— E engraçado, suponho? — Perguntei, colocando meus braços ao lado da sua cabeça, cercando-a.

— Sim... Um pouco.

— Hm... Quero ver você sorrir assim quando o meu pau estiver na sua boca, Anjo. — Murmurei, roçando meus lábios nos dela. Quando as portas do elevador se abriram, me afastei e sai com ela. — Tire toda a roupa e ajoelhe-se na cama.

Vi pela minha visão periférica que ela me obedecia, enquanto fui ao bar e me servi de uma dose de uísque. Quando me virei, ela estava linda, ajoelhada na cama com as coxas afastadas, o cabelo solto cobrindo um seio e a barriga linda e grande, brilhando para mim. Era a grávida mais linda e sexy que eu já

havia visto.

Terminei meu uísque e tirei meus sapatos e minhas meias. Caminhando até ela, fui desabotoando minha camisa até parar a sua frente com o dorso nu, a camisa indo ao chão.

— Desabotoe e tire minha calça e a cueca.

Ela mordeu o lábio, excitada e levou as mãos a minha calça, desabotoando com um pouco de dificuldade, com as mãos trêmulas. Enquanto fazia o que mandei, deixei minha mão vagar pelo seu braço e chegar ao seu ombro, onde coloquei o cabelo para trás e deixei seu seio

aparecer. Estava lindo e cheio demais por conta da gravidez, algumas veias apareciam aqui e ali, o mamilo estava grande e inchado, realmente pedindo para ser sugado, mordido, beliscado, como ela havia me pedido.

Senti minha calça descer junto com a cueca e meu pau saltou em riste, firme, grosso, a glândula inchada e brilhando. Sem que eu precisasse ordenar, Kiara abaixou e colocou meu pau em sua boca, chupando apenas a glândula que estava ainda mais sensível. Deixei um gemido rouco escapar por minha garganta e ouvi o gemido

dela, abafado, quando belisquei seus mamilos com força, não para machucar, mas para que o choque se concentrasse ali e se espalhasse por seu clitóris.

Ela ficou mais ávida e desceu a boca pelo meu pau, mamando do jeito que sabia que eu gostava. Quando a glândula passou por sua garganta, deixei um pouco do meu controle se esvaír, enquanto dava um último beliscão em seus mamilos e em seguida, prendia sua cabeça com minhas mãos, metendo em sua boca.

Deixei meu pau entrar e sair repetidas vezes e o tirei de sua

boca, vendo-a respirar tropegamente, antes de procurar pelo meu pau e colocá-lo na boca, chupando esfomeada. Eu adorava aquilo, adorava a forma como ela me chupava com desejo, porque queria, porque gostava de ter meu pau em sua boca, me dando prazer. Não era uma obrigação, ela fazia porque amava aquilo.

Ter esse conhecimento me fez ficar ainda mais excitado, sentindo minhas bolas pesarem. Como se soubesse daquilo, Kiara pegou minhas bolas em sua mão e massageou, masturbando-me com a outra, enquanto deixava a boca se

concentrar na glândula, passando a língua pela pele fina embaixo. Senti o raio do orgasmo subir por minhas bolas e joguei a cabeça para trás, sabendo que eu estava perto.

— Isso, Anjo... Vou gozar bem gostoso para você, Kiara... — Rugi, rouco, puxando seu cabelo na nuca.

Ávida, ela acelerou o movimento da mão em meu pau e sugou a glândula, enquanto o primeiro jato de sêmen ia direto para sua garganta, seguido de outro e outro, que me fez gemer alto, alucinado. Ela bebeu tudo sem engasgar e gemeu baixinho no final, chupando todo o meu pau ainda ereto, até que

o deixou sair limpo de sua boca.

Com uma expressão satisfeita, ela limpou os cantos da boca que estavam sujos e lambeu os dedos, sem tirar os olhos de mim.

— Você é perfeita, Anjo... —
Murmurei, tocando seus lábios com os meus.

A beijei, deixando minha língua passear por sua boca e reconhecer meu gosto. Kiara gemeu em meus lábios e tocou meu rosto, meu cabelo, meus ombros, enquanto eu tocava em seus seios, moldando-os em minhas mãos. Quando me afastei, seu olhar estava dopado com o tesão que parecia consumi-

la.

Estendi minha mão e ela pegou, saindo da cama com a minha ajuda. A levei ao centro do quarto e a deixei ali, parada, enquanto ia a parede e acionava o botão que fazia o mosquetão que estava no teto, descer. Quando estava em uma altura que julguei ser perfeita, parei e fui em direção as minhas cordas, pegando a mais macia e voltando para onde Kiara estava.

— Me dê suas mãos. — Mandeí e ela obedeceu sem hesitar. Amarrei as mãos juntas, rapidamente, em um nó firme e as levei para o alto, onde amarrei a

corda no mosquetão. Não iria suspendê-la ou algo do tipo. Iria apenas prendê-la ali para que pudesse realizar alguns dos pedidos que havia me feito na sala. — Então, Anjo... Você quer palmadas, chicotadas e mordidas?

— Sim, Rei Dom...

Contornei seu corpo e parei atrás dela, deixando-a sentir meu corpo em suas costas, meu pau duro pressionado em sua bunda. Cheirei seu cabelo e os coloquei para o lado, para ter acesso a seu pescoço.

— E por onde eu devo começar?

Ela tremeu e suspirou, jogando ainda mais a cabeça para o lado.

— Pelas mordidas...

— Hm... Boa menina.

Sem esperar por algum de seus suspiros, cravei meus dentes em seu pescoço e mordi rápido, forte, ouvindo seu gemido alto de prazer. Suguei a pele deixando-a marcada, para que todos pudessem ver que ela era minha e descii os dentes por seu ombro, mordendo o espaço entre o ombro e o pescoço, sentindo o sabor da sua pele.

Descii, mordendo as costas, toda a linha da sua coluna, deixando meus dentes cravarem e meus lábios sugarem. Kiara gemia, se remexia e gritou quando mordi com

força a carne da nádega direita, deixando meus dentes ali por mais tempo, já que a carne era mais farta. Lambi com prazer, rugindo quando suguei e mordi mais abaixo, deixando vermelho e dolorido. Meu pau pulsou com o gosto da sua pele invadindo minhas papilas gustativas e fui para outra nádega, onde mordi, lambi e chupei até estar satisfeito com os pontos vermelhos que cobriam seu pescoço, ombro, costas e bunda.

Deixei minha língua vagar pelas nádegas e gemi, descendo minhas duas mãos em sua bunda, o barulho seco dos tapas enchendo o

calabouço silencioso.

— Afaste as pernas. — Mandeí, rouco, vendo que me obedecia. — Mais!

Abriu até onde teve altura e fiquei ainda mais excitado ao sentir o cheiro forte da sua excitação. Louco de tesão, dei mais dois tapas na sua bunda, antes de abrir as nádegas e lamber desde de seu cóccix até o seu cuzinho. Kiara gemeu, tentou fechar as pernas, mas dei um outro tapa ardido em sua nádega e ela relaxou, deixando-me lamber o seu buraquinho quente, que havia começado a piscar para mim.

— Depois que a nossa filha nascer... — Falei alto, esfregando meu nariz por sua nádega. — Eu vou preparar esse cuzinho e vou comer bem gostoso, Kiara. Vai ser uma delícia ter meu pau todo enterrado aqui dentro. Você quer isso?

— Sim, Rei Dom. Quero tudo.

— Gemeu, excitada.

— E você terá tudo, querida...

Voltei a lambeir seu cuzinho e desci a língua até chegar na sua boceta, onde penetrei sua entrada que estava encharcada. Kiara soltou o meu nome em um grito de prazer quando belisquei seu clitóris com

meus dedos, fazendo seu corpo se contorcer em prazer. Eu poderia levá-la facilmente ao orgasmo ali, mas a queria estalando de antecipação sob meu chicote, por isso, me levantei e fui a grade de punição, pegando meu chicote marrom de cerdas macias.

Ela lambeu os lábios ao me ver e eu sorri de leve, chegando perto dela. Levantei o chicote e passei as cerdas pelo seu pescoço, descendo lentamente para os seios. Como estava grávida e eu não queria exagerar, não iria chicoteá-la ali, por isso, dei a volta em seu corpo e parei nas suas costas, dando a

primeira chicotada em sua bunda já vermelha e sensível.

Não esperei para ouvir seus gemidos e acertei outra chicotada, o barulho do estalo preenchendo o quarto junto com seus gemidos chorosos de prazer. Chicoteei suas pernas, descendo até a panturrilha direita e subindo pela perna esquerda. Meu pau já doía de antecipação e quando cheguei ao meio de suas pernas abertas, mirei e subi o chicote de uma só vez, deixando que as cerdas acertassem sua boceta, a ponta das cerdas batendo em cheio em seu clitóris.

— Oh meu Deus, Dom!

Seu grito de prazer me despertou e fez meu pau pulsar incontrolável. Não poderia aguentar mais.

Largando o chicote no chão, fui para sua frente e a beijei com força, enquanto desamarrava suas mãos do mosquetão e tirava o nó de seus pulsos. Já livre da corda, a peguei em meus braços e a levei para cama, deitando-a e me deitando atrás dela. Kiara sabia o que eu queria e como queria, por isso, levantou a perna para que eu pudesse apoiá-la com o meu braço e, um segundo depois, eu estava dentro dela, enterrando-me até o fundo.

Foi como entrar no paraíso. Sua boceta quente e escorregadia se abriu para me comportar e me apertou logo depois, toda excitada. Kiara gemeu alto quando me movi, para frente e para trás, entrando e saindo, massageando todos os seus pequenos nervos. Coloquei meu braço embaixo da sua cabeça e enterrei meu rosto em seu pescoço, gemendo e lambendo sua pele, enquanto metia.

— Era isso que queria, Anjo? Desse jeito?

— Sim... Sim... Oh meu Deus, Dom!

— E queria assim? — Perguntei,

puxando seu cabelo na nuca com força com uma mão e batendo em seu clitóris com a outra, metendo mais forte. — Duro. Não foi assim que pediu?

— Sim, quero assim...

— Eu vou te dar, querida... Vou te dar tudo. Quero que goze muito para mim.

Ela gemeu algo incompreensível e jogou a cabeça para trás, movendo-se como podia para me acompanhar. Eu sabia que ela estava perto de gozar, por isso, continuei a meter sem pausa, sem diminuir o ritmo, até que ela gritou e tremeu, gozando, apertando-me

com força dentro de si.

Continuei a me mover até sentir que ela estava sensível demais e sai de dentro dela. Vi quando ela me olhou sem entender, pois, eu não havia gozado. Sorri de leve e sai de trás dela. A acomodei deitada na cama e abri suas pernas, me colocando ali no meio, meu pau tão duro e brilhante por conta do seu orgasmo.

— Dom... O que foi?

— Você pediu para que eu te fodesse bem duro, Anjo e eu fiz...

— Murmurei, correndo meu pau ao longo da sua vagina, desde seu clitóris até sua entrada. — Agora

eu vou fazer amor com você.

A penetrei devagar, enquanto ouvia seu suspiro e via seu sorriso amoroso para mim. Só Deus sabia o quanto eu amava aquela mulher. Mordê-la, dar palmadas ou até tê-la sob meu chicote me excitava muito, me deixava louco.

Mas nada no mundo inteiro, seria melhor do que apenas estar dentro dela, fazendo amor com ela, enquanto olhava em seus olhos.

Nada significava tanto para mim.

Desci minhas mãos por suas coxas e comecei a me movimentar devagar, deixando-a se acostumar comigo novamente, até que comecei

a aumentar o ritmo das estocadas. Seus olhos brilhavam para mim com o mais puro amor e admiração e me perguntei se eu era merecedor de tudo aquilo, enquanto fazia amor com minha esposa.

Mas ela era minha, certo? E eu era dela... Talvez, no fundo, eu já soubesse a resposta. Eu era merecedor daquele amor. Assim como ela merecia todo o amor do mundo.

Deixei meu polegar esfregar seu clitóris e nossos gemidos se misturaram, enquanto eu sentia a espiral de prazer tomar conta do meu corpo e do corpo dela. Sua

boceta cremosa já me apertava, ordenhando meu pau daquele jeito que sabia me enlouquecer, fazendo-me aumentar o ritmo, metendo com mais força.

Quando ela jogou a cabeça para trás e gozou chamando meu nome, eu me entreguei. Olhei para ela, para o seu corpo, para os nossos sexos unidos e deixei meu orgasmo explodir, gozando forte dentro dela, enfiando bem fundo para que nada escapasse.

Meu corpo sofria com os espasmos e ela também, que tremia embaixo de mim, jogando as coxas para os lados, como se não pudesse

mais sustentá-las. Ainda fiquei dentro dela mais um pouco, meu pau pulsando lá no fundo da sua boceta, mas quando ela abriu os olhos e me fitou, eu sabia exatamente o que eu tinha que fazer.

Sai de dentro dela devagar e me deitei ao seu lado, tomando seus lábios nos meus, beijando-a com tudo de mim. A beijei sem parar, sentindo seu gosto, a textura da sua língua, ouvindo seus suspiros e sentindo suas mãos em mim. Acariciei sua barriga e quando me afastei, ela sorriu.

— Eu te amo muito, Dom.

— Eu te amo com tudo de mim,

Anjo.

Capítulo 18 – Dominick

*“Eu me seguro em seu corpo
E sinto cada movimento que
você faz*

*Sua voz é calorosa e suave
Um amor que eu não poderia
abandonar”*

*The Power Of Love (Céline
Dion)*

Aquela virada de ano foi diferente de todos os que eu já havia tido. Em meus trinta e um anos de vida, aquela era a primeira

vez que eu estava animado para ver a chuva de fogos em frente ao Teatro da minha mãe, onde o povo se reunia em meio à festa que havia ali todo final de ano.

Lembro-me que, um pouco antes da meia-noite, fiquei um pouco longe, observando como Kiara dava atenção a sua mãe, que sorria animada com a festa. Uma coisa que eu havia aprendido com a mãe de Kiara, era que sempre tínhamos motivos para sorrir, independentemente da situação em que estivéssemos.

Ela era cadeirante, totalmente depende de uma outra pessoa e não

se lembrava sobre quase nada sobre a sua vida. E ainda assim, ela sempre sorria. Sempre estava com aqueles olhos azuis dóceis e cheguei à conclusão de que Kiara havia herdado dela toda a sua docilidade e amabilidade.

Aprendi a amar ainda mais a minha sogra por isso.

Em certo momento, Kiara olhou para mim e sorriu. Havíamos voltado ao que éramos antes, mas sem todo aquele peso da mentira pairando sobre mim, a ponto de explodir a qualquer momento. Sorri de volta para ela e, segundos depois, ela estava na minha frente,

linda em seu vestido branco que evidenciava a sua gravidez bem avançada.

Faltavam apenas dois meses para nossa filha nascer.

— Eu adoro esse brilho nos seus olhos. — Ela disse, sorridente.

— Meus olhos estão brilhando?

— Sim, estão.

— Isso não é um pouco gay?

Ela riu, jogando a cabeça para trás. Seu cabelo longo roçando em meus dedos, que estavam abertos no final das suas costas.

— Não, isso não é gay. Isso é maravilhoso.

— Bem, então, devo informar

que meus olhos estão refletindo os seus. — Falei e ela me olhou com uma sobrelanceira arqueada. — Porque não há nada mais brilhante nessa noite, do que os seus olhos azuis, Anjo.

— Eu acho que você está tentando me encantar. Saiba, senhor, que meu marido é um homem muito ciumento.

— Ele é?

— Com certeza. Ele me amarraria com seu cinto em uma parede e chicotearia a minha bunda se me visse aqui com o senhor.

— Nossa... Ele é um homem de sorte. — Murmurei, me

aproximando e passando meus lábios em sua bochecha, até chegar a sua orelha. — Eu adoraria estar no lugar dele nesse momento.

— Adoraria?

— Com certeza. Eu também iria amarrá-la na parede com meu cinto e surrar sua bunda... Depois eu ia me abaixar e lamber toda a sua bocetinha molhada.

— E depois? — Perguntou, ofegante.

— Depois eu me levantaria... — Prendi o lóbulo da sua orelha em meu ouvido, até sentir seu corpo mole no meu. — E esfregaria meu pau duro em toda a sua bunda

vermelha, até escorregá-lo entre suas nádegas e passear até sua boceta apertadinha. Eu te comeria com força e faria você gozar muito, querida.

Apenas a visão daquela imagem na minha mente, fez o meu pau ficar duro dentro da calça. Kiara ofegava em meu ouvido e percebi que eu tinha que me controlar, ou iria virar o ano dentro dela, enterrado no fundo da sua boceta.

Pensando bem, até que não era má ideia. Realmente, era uma ótima ideia.

Sorrindo de leve, me afastei, vendo como seu rosto estava

vermelho. Ela estava pronta para ser fodida.

— Mas, como a senhora é casada, não poderei fazer nada disso. Deseje-me sorte, pois irei procurar alguma mulher que esteja disposta a ser minha essa noite.

— Meu marido não precisa saber.

Porra, porra!

Que caralho de mulher quente. Seu joguinho estava acabando comigo.

— Como? — Perguntei, olhando no fundo dos seus olhos.

Ela sorriu.

— Você sabe... Uma mulher

precisa cometer uma loucura de vez em quando.

— E você quer cometer essa loucura comigo?

— Se você soubesse o quanto eu estou molhada, não estaria me perguntando isso.

Pequena provocadora. Senti meu pau pulsar com sua voz baixa e sexy entrando em meu ouvido. Sem falar mais uma palavra, peguei em sua mão e andei pela extensa sala reservada do Teatro. Passamos por alguns convidados mais íntimos, até que saímos da sala e fui em direção a outra, onde eu sabia que era o escritório.

Entramos e passei a chave na porta, trancando-a. Quando me virei para Kiara, ela já estava próxima a mesa, ofegante. Atrás dela, a visão de toda a cidade através dos enormes vidros da janela, me fez perceber que aquela havia sido minha melhor decisão.

Quando os fogos explodissem, eu estaria dentro dela. Quando o ano fosse embora, eu estaria dentro dela. Quando o ano novo chegasse, eu ainda estaria dentro dela.

Não havia forma melhor de brindar o ano novo.

— Anjo... Só posso avisar, que depois que eu estiver dentro de

você, você nunca mais terá olhos para outro homem.

— Eu já não tenho.

— Ótimo. — Falei, lambendo os lábios. — Vire-se de costas e levante o vestido para mim. Mantenha-o erguido até deixar essa bunda linda de fora.

Obediente, ela fez o que mandei, levantando o vestido branco até deixar a bunda de fora, coberta apenas por um pedaço de renda que sumia entre as suas nádegas. Só aquela visão já havia contribuído para que meu pau começasse a babar na ponta.

Excitado demais para aguentar o

aperto da calça em minha ereção, desfiz o fecho e abaixei o suficiente junto com a cueca, apenas para que meu pau pulasse duro e grosso para fora. Me aproximei dela lentamente e quando minha glândula molhada tocou em sua bunda, seu corpo estremeceu e um suspiro escapou dos meus lábios.

— É uma pena que eu não tenha um chicote aqui, Anjo... — Falei, segurando a base da minha ereção para que pudesse esfregar meu pau ainda mais em sua bunda.

— Não tem problema, você pode usar as mãos.

Sorri, esfregando meu nariz em

seu cabelo. Kiara não cansava de me surpreender.

Sem que ela esperasse, estalei uma palmada forte em sua bunda, na nádega direita. Ouvi seu gemido e senti a forma como seu corpo estremeceu, ao ponto de ela ter que se apoiar na mesa com uma mão, enquanto segurava o vestido com a outra.

— Assim?

— Isso. — Respondeu, jogando um pouco o corpo para frente e empinando a bunda para mim. — Quero mais.

— Mais?

— Sim... Por favor.

— Ah, Anjo... Eu adoro quando você implora. — Murmurei, estalando dois tapas na nádega esquerda, esquentando sua pele. Sentir o estalido em minha palma fez o meu pau pulsar, como se um raio tivesse o atacado. — Adoro sentir sua pele na minha mão.

— Eu adoro seus tapas na minha bunda... — Gemeu, sua voz se perdendo quando dei um outro tapa, atravessando as duas nádegas.

Dei mais um na nádega direita e outro na nádega esquerda, meu corpo implorando para penetrá-la e estocar em sua boceta até gozar. Dei um tapa mais abaixo, na junção

de suas coxas e Kiara abriu as pernas, gemendo para mim. Aproveitando o fácil acesso, penetrei dois dedos em sua boceta, sentindo-a me sugar com força.

— Porra, como você está molhada! — Gemi, abaixando-me.

Precisava do seu gosto na minha língua.

Ainda com meus dedos dentro dela, deixei minha língua pincelar seu clitóris inchado, fazendo-a gemer e estremecer. Sabia que eu tinha pouco tempo, logo o ano viraria, por isso, parei de penetrá-la com os dedos e substitui por minha língua, penetrando-a o

máximo que eu podia.

Kiara abriu ainda mais as pernas e eu segurei nas bandas quentes de sua bunda, abrindo-a para poder enfiar ainda mais minha língua, acariciando suas paredes vaginais até tê-la piscando ainda mais para mim, louca para gozar.

Sem poder me estender mais, me levantei e rodeei seu pescoço com a minha mão, enquanto guiava meu pau para sua abertura com a outra. Quando a glândula penetrou sua boceta, tive que fechar os olhos ao sentir sua quentura apertada e convidativa, que se abria para me acomodar.

— Isso, Anjo... Me deixa ir até o fundo... — Gemi em seu ouvido, abrindo espaço em sua boceta até chegar ao final, minha glândula no fundo do seu interior. — Gostosa demais, porra, Kiara... Você me deixa louco de tesão, querida. — Rugi, saindo e entrando em uma estocada lenta, que a fez gemer alto para mim. — Só você me deixa assim, baby, com o pau tão duro que me faz perder o controle.

— Eu adoro quando você perde o controle comigo... — Murmurou com a voz esganiçada.

Gemi em seu ouvido, começando a meter forte dentro dela. Kiara

gritou e eu tirei minha mão de seu pescoço para tirar o cabelo de sua nuca. Queria sua pele livre para que eu pudesse morder, sugar e lambe, enquanto fazia amor com ela, enquanto a comia tão gostoso por trás.

Eu sabia que o mundo continuava a girar e festejar do lado de fora, mas ali, dentro daquele escritório, era a nossa bolha. Era o nosso mundo particular, onde estávamos juntos e sendo apenas um.

Meu pau pulsou com força e eu sabia que estava perto de gozar, de perder o controle. Kiara também

está próximo, era como se todo o nosso sistema andasse junto, dependendo um do outro. Mordi sua nuca e ouvi seu gemido alto, chamando por mim, enquanto estourava lá fora os primeiros fogos da noite.

Nosso primeiro ano juntos.

Literalmente juntos.

Precisando olhá-la, sai de dentro dela e a virei, tirando rapidamente tudo da mesa para poder sentá-la ali em cima. Assim que o fiz, Kiara abriu as pernas e tocou em meu pau, guiando-me para o meio de suas pernas, para dentro dela. Gememos juntos quando a penetrei, olhos nos

olhos, nossas bocas praticamente unidas.

Não dissemos nada, enquanto eu voltava a meter com força, buscando o nosso orgasmo. Sua boca estava aberta em busca de ar, seus olhos brilhando e seu rosto vermelho e suado. Eu estava exatamente do mesmo jeito, quando senti sua boceta me apertar e começar a gozar, fazendo-me esporrar dentro dela, bem no fundo.

Estávamos gozando e nos declarando em silêncio, nossos olhos e nossos corpos conversando entre si, sem que precisássemos de palavra. Sem querer, eu percebi que

foi aquilo que eu sempre almejei em toda a minha vida. Ser amado sem precisar de palavras.

Nossos corpos ainda tremiam quando parei de me mover. Ainda fiquei ali, dentro dela, sentindo seu canal inundado pelo nosso prazer. Não pisquei e nem Kiara piscou, não nos movemos, mas o sorriso dela fez com que o meu coração batesse ainda mais acelerado.

— Feliz Ano Novo, Rei Dom.

— Murmurou baixinho, tocando meu rosto com a ponta dos dedos.

— Obrigada por fazer de mim a mulher mais feliz do mundo.

— Feliz Ano Novo, Anjo... —

Sussurrei, sorrindo de volta. — Obrigado por não ter desistido de mim. Esse ano que está nascendo poderia facilmente ser mais um ano amargo para minha vida, mas não foi, porque você está aqui. Porque você, desde sempre, teve mais fé em mim do que eu mesmo e conseguiu me enxergar além de todas as merdas que eu fiz, além de toda a mágoa e decepção que eu lhe causei. Esse ano será diferente, será um ano feliz, Kiara. Eu prometo.

— E eu acredito.

— Eu te amo com tudo de mim.

— Eu te amo com todo o meu

coração.

Há algumas semanas, mesmo antes de Kiara ter me perdoado, eu já vinha planejado um presente para o seu aniversário.

No começo, nada parecia ser bom o suficiente. O que eu poderia dar a ela? Uma joia? Descartei no primeiro momento, porque joias era algo que ela tinha de sobra, já que eu havia decidido que queria que ela usasse todas as joias que eram da minha mãe. Sem contar que, quando alguém queria dar um

presente para uma mulher rica, sempre dava joias.

E eu não queria ser aquele que caia na mesmice. Era como se eu estivesse com preguiça de procurar algo mais interessante.

Pensei em fazer uma viagem com ela. Mas, como ela ainda não tinha me perdoado, também descarte a ideia. E ela estava grávida, uma viagem às pressas não era recomendado. Pelo menos, era isso que estava escrito nos livros que eu havia lido.

Talvez eu pudesse chamar todos os moradores da Vila onde ela morava e lhe fazer uma festa

surpresa. Será que ela gostaria?

Cheguei à conclusão que sim, ela gostaria. Mas seria apenas isso? Nada a mais?

Lembro-me que estava no meu closet, remoendo isso, quando olhei para a parte que ficava suas roupas. Ainda tinha algumas peças ali. Talvez eu pudesse lhe dar alguma roupa, pensei. Mas então, eu vi as sapatilhas que Robin havia dado a ela.

E surgiu a brilhante ideia na minha mente.

Contei com toda a ajuda possível, principalmente de Dallah, que se mostrou tão animada quanto

eu. Dimir também me ajudou e contatamos todo o pessoal que necessitávamos. Tudo tinha que ficar pronto às pressas, até porque, faltava pouco para o aniversário dela.

E agora, estando aqui, no presente que eu queria tanto dar a ela, cheguei à conclusão de que havia feito a escolha certa. Olhei para tudo com orgulho, a ansiedade me massacrando, enquanto repassava a mensagem de Dallah na minha mente, dizendo que estava a caminho com Kiara.

Era seu aniversário, dia 03 de janeiro e saí de casa antes de ela

acordar. Tenho certeza que deve ter ficado desapontada comigo, apesar de não ter comentado que seu aniversário estava próximo. Ela esperava que eu me lembrasse. E como eu poderia me esquecer?

Desde o dia em que tive sua ficha em minha mão, depois de tê-la comprado, aquela data não havia saído da minha mente.

Dimir estava no andar de cima com o pessoal e ali, onde eu estava, do lado de fora, estava tudo silencioso. Por isso, ouvi o exato momento em que o ronco baixo do motor do carro se desligou. Ouvi também a porta se abrindo e Kiara

e Dallah saindo, conversando sobre algo aleatório.

Quando saí do lugar onde eu estava, Kiara me olhou surpresa e franziu o cenho. Eu sorri de leve para ela e me aproximei, dando um beijo leve nos seus lábios.

— O que está acontecendo? — Perguntou, olhando de Dallah para mim.

— Oi para você também, Anjo.

Ela sorriu, envergonhada e murmurou:

— Oi... Agora, alguém pode explicar o que está acontecendo?

— Ele pode explicar melhor do que eu, por isso, estou indo lá para

dentro. Depois nos encontramos.

Dallah piscou e desapareceu dentro do prédio de três andares. Do lado de fora, na calçada cercada por alguns seguranças, tudo era calmo. Por ser uma área mais tranquila da cidade, havia poucos olhares curiosos sobre nós, apesar de eu saber que, com toda a certeza, havia algum paparazzo escondido por ali.

— Então... Por que estamos parados em frente a esse prédio?

— Você está curiosa hoje. — Falei, divertido. — Olhe para cima.

Com o cenho ainda franzido, Kiara olhou para cima, onde havia

um pano de seda vermelho tampando a fachada do prédio. Olhei para o segurança e confirmei que ele podia acionar as cordas que tirariam o pano, meu coração pulsando forte em meu peito pela ansiedade.

Ele falou algo em um rádio e, segundos depois, o pano de seda saiu dali, revelando uma fachada em letras douradas e cursivas, onde lia-se:

“Escola de Balé Rainha Kiara Rose Andrigheto Domaschesky”.

Vi o momento em que Kiara colocou a mão na frente da boca aberta, como se não pudesse

acreditar no que estava vendo. Sem conseguir me segurar mais, abracei-a por trás e deixei minhas mãos abertas sobre a sua barriga, sussurrando em seu ouvido:

— Feliz aniversário, Anjo.

— Oh meu Deus! — Falou com a voz abafada, sem tirar os olhos da fachada do prédio. Quando finalmente se virou para mim, seus olhos estavam arregalados e cheios de lágrimas. — Dominick, isso é...

— É o meu presente de aniversário para você. — Falei, limpando as lágrimas que começaram a cair sem controle. — Não chore, Anjo... Eu pensei que

esse presente iria deixá-la contente.

— Brinquei.

— É uma escola de balé!

— Sim.

— Com o meu nome!

— Sim.

— Para mim...

— Sim. — Ri, vendo o quanto ela estava chocada.

— Eu não posso acreditar... Meu Deus, Dominick...

— Você não gostou? — Perguntei, ficando receoso.

E se ela houvesse odiado? Achado exagerado demais? E se ela não quisesse ter uma escola de balé?

— Eu... Meu Deus... — Ela se virou de novo para o prédio, e depois para mim. Parei de sorrir, pronto para ouvir sua negativa. — Eu não tenho nem palavras para expressar o tamanho da minha felicidade.

Foi como se tivessem tirado um peso de mil toneladas de cima do meu coração. O alívio me engolfou, enquanto Kiara se jogou em cima de mim e me abraçou pelo pescoço, sorrindo em meu ouvido.

— Eu amei, eu amei! Dominick... Você está realizando o sonho da minha vida.

— Como?

— Esse sempre foi o meu maior sonho... — Falou, afastando-se um pouco. — Ter uma escola só minha, poder ensinar tudo para minhas crianças.

— Mas... O seu sonho não era entrar para o Bolshoi?

— Sim, também, mas eu via o Bolshoi como uma parte do caminho para chegar ao meu maior sonho. Na minha cabeça, eu precisava passar por lá primeiro, juntar o meu dinheiro e abrir uma escola de balé para mim. Mas nunca, em toda a minha vida, eu pensei que seria algo tão lindo e tão grande, olha o tamanho desse

prédio! — Ela sorriu, voltando a olhar para frente. — E muito menos imaginei que teria um “Rainha” na frente do meu nome. Nem o seu sobrenome tão forte atrás do meu simples Kiara Rose.

Olhei para ela sem saber o que dizer. Eu havia realizado o sonho da minha esposa, de forma inconsciente. Quando pensei no presente, nunca imaginei que seria algo tão importante para ela.

Sorrindo, peguei em sua mão e levei a minha boca, beijando e chamando sua atenção.

— Você não imagina o quanto eu estou feliz ao ouvir isso. É o seu

primeiro aniversário em que estou ao seu lado, o primeiro de muitos e eu espero que em todos eles, eu consiga colocar esse brilho de felicidade em seus olhos.

— Só de olhar para você, os meus olhos já brilham de felicidade. — Falou e ficou vermelha de repente, desviando os olhos de mim.

— O que foi?

— Nada.

— Fale... Sabe que não precisa esconder nada mim.

— É que... Bem, olha o que você me deu no meu aniversário e o que eu dei a você? Uma árvore de Natal

para ser enfeitada... — Murmurou, parecendo estar realmente envergonhada por aquilo.

— Hei, olhe para mim. — Falei, sério, puxando seu rosto para o meu. — Kiara, você me deu muito mais do que isso. Será que não percebe?

— O quê?

— Você não me deu apenas a minha primeira árvore de Natal, em trinta e um anos de vida, para enfeitar. Você me deu muito mais. Você me deu o meu primeiro aniversário de verdade, onde eu tive uma festa linda e de verdade, onde eu me senti amado pela

primeira vez em toda a minha vida. Você me deu um Natal inimaginável, onde eu jamais terei palavras para explicar tudo o que senti. Você me fez dar um outro significado à essa data que sempre foi escura e pesada para mim, recheada de dor. Você me deu tudo que eu, inconscientemente, desejei. Você me deu seu amor da forma mais verdadeira possível. E esse foi o melhor presente que eu já recebi em toda a minha vida.

— Ah, Dom... — Ela me olhou com os olhos marejados. — Meu Deus, eu te amo tanto. Eu não sei como pode caber tanto amor dentro

do meu coração.

— Eu sei como pode, porque seu coração não está sozinho. Está junto ao meu e junto ao da nossa filha. — Falei, acariciando sua barriga com a minha mão. — Somos apenas um, Kiara.

— Somos apenas um. — Murmurou, antes de colocar a mão sobre a minha e encostar os lábios nos meus.

Entramos no prédio e Kiara ficou encantada com tudo, desde o lobby onde ficava o local para as recepcionistas, até a decoração de tudo, sempre com fotos de balé

espalhadas pelo local.

Há apenas alguns dias Dallah havia me contado que usou Robin como ajuda, para poder guiar a decoradora e os engenheiros que modificaram as salas. Eu havia comprado o prédio já erguido, mas uma grande reforma foi feita para que ficasse tudo adequado.

Fiz uma nota mental de agradecê-lo, quando o visse.

Fomos para o segundo andar, onde ficavam as salas, todas aparelhadas e com todo o suporte, tudo pronto para ser usado. Enquanto Kiara via tudo com os olhos repletos de felicidade, deixei

claro para ela que a escola só seria aberta depois que ela saísse de licença maternidade. Ela entendeu e acatou, apesar de eu ver em seus olhos que, se ela pudesse, abriria a escola hoje mesmo e convidaria todos para ter uma aula com ela.

Era necessário também que ela mesmo passasse por algumas aulas, para voltar a pratica. Quando ela disse que conversaria com Robin, me segurei para não ser contra a ideia. Apesar de ele estar ao nosso lado e de nunca ter tido a intensão de nos prejudicar totalmente, eu ainda era um pouco adverso a ele. Demoraria para que eu confiasse

cem por cento.

Depois de tudo explorado no segundo andar, fomos até o terceiro e último, onde ficavam mais algumas salas e seu escritório em um espaço reservado. A levei lá primeiro e ela quase gritou de alegria ao ver o seu “cantinho”, como havia dito assim que entrou. Sorri ao ver a felicidade genuína em sua expressão.

Saindo de lá, fomos as salas e quando chegamos a última, fiquei atento em sua expressão, que mudou totalmente quando a luz se acendeu e todos gritaram “surpresa”.

Não foi muito fácil convencer a

todos da Vila para vir a sua festa de aniversário. Por mais que a Sra. Brighton tenha explicado a eles que Kiara não abandonou a mãe, alguns ficaram receosos de acreditar em meu convite de ir a Orleandy, com tudo pago, desde passagens aéreas a acomodações por uma semana no país.

Mas, depois de muita negociação com o conselheiro que enviei a Londres, eles acataram e vieram. E, agora, estavam em cima de Kiara, abraçando-a com cuidado por causa de sua barriga.

Ela me olhou com os olhos marejados de novo, sorrindo

abertamente, enquanto era abraçada. Li em seu olhar o que ela queria me dizer. Era o agradecimento mais bonito que já havia visto, com a felicidade estampada em seu rosto e em seus olhos.

Também estavam ali a mãe da Kiara, Dallah, Dimir, meu tio Joseph e tia Elizabeth, Norah, Anna, Andy e até mesmo Thomas, eu consegui convencê-lo a ir até lá. Todos a amavam, não tinham como recusar o convite.

Depois de ser abraçada por todos, veio Arthur, correndo e sorridente. A abraçou forte pela

cintura e colocou a cabeça em sua barriga, rindo abertamente de algo. Quando olhou para Kiara, disse:

— Tia Kiara, a bebê mexe muito, né? — Falou, espalmando a mão na barriga da Kiara, gargalhando. — Olha como ela mexe, ela deve estar dançando.

O silêncio da sala foi rompido pela gargalhada de todos, o que fez Arthur rir ainda mais e abraçar Kiara pela cintura novamente.

Quando me aproximei, ele piscou para mim, vendo-me abraçar Kiara pelos ombros.

— Você está cumprindo com a promessa, tio Nick.

— Que promessa?

— Aquela que você me fez antes de casar com a tia Kiara... De fazê-la sorrir. — Ele sorriu, me surpreendendo com sua memória. — Eu amo vocês dois. Eu gosto mais quando vocês estão felizes.

Ele continuou a rir abertamente e então, saiu, indo em direção a mesa de doces. Esse garoto conseguia me surpreender a cada momento, com sua boca esperta e seu coração sempre aberto.

— Eu também gosto mais de quando estamos felizes. — Kiara, murmurou, virando-se para mim. — Obrigada por tudo isso, Dominick!

Eu estou tão feliz, tão emocionada...
É um dos melhores dias da minha vida.

— Também é um dos melhores dias da minha vida, Anjo.

Feliz, beijei-a na boca, antes de ouvir Dallah chamando-nos para cantar parabéns. Bati palmas com gosto, sorrindo ao lado da minha esposa, sabendo que eu era o cara mais feliz do mundo.

Capítulo 19 – Kiara

*“Eu disse que eu não vim aqui
para deixar você*

Eu não vim para perder

Eu não vim acreditando

*Que nunca ficaria longe de
você*

Eu não vim aqui para descobrir

*Que há uma fraqueza na minha
fé*

*Eu fui trazida aqui pela força
do amor*

Love By Grace (Lara Fabian)

Um mês depois

O sol brilhava fraco fora do carro, enquanto sentia meu corpo enroscado no de Dominick. Eu estava tão feliz! Pela primeira vez saíamos juntos para comprar roupinhas para nossa filha e estava sendo um passeio incrível.

Foi engraçado ver Dominick, aquele homem alto e forte, com aquela cara séria, em meio a vestidinhos rosas e o pior, realmente ponderando qual ficaria mais bonito na sua filha. As vendedoras, apesar de nos tratar com respeito, quase babava em cima dele, ficavam encantadas com

o seu jeito carinhoso comigo, sempre me abraçando, passando a mão na minha barriga, preocupado se eu estava bem ou não.

As lojas foram fechadas para gente, e saímos de lá cheios de sacolas, com um Dominick bem-humorado, que ria de qualquer coisa. E eu? Eu estava nas nuvens, mas feliz do que poderia imaginar que estaria um dia.

— Johnson, entre no estacionamento dessa loja, por favor. — Falou, fazendo-me olhar para ele. Sorria, travesso.

— O que está aprontando?

— Nada. Só quero comprar

algumas roupas para minha esposa. Posso?

— O senhor está muito bonzinho hoje, Rei Dom.

Ele riu e passou a ponta do nariz em meu rosto, suspirando em meu ouvido.

— Depois eu cobro o preço da minha bondade, no quarto, Rainha.

Sorri, ficando vermelha e excitada enquanto o carro parava. Demoramos alguns segundos, enquanto Wayne saía do outro carro e ia à loja, avisar que o Rei e Rainha queriam fazer compras e que precisávamos de privacidade.

Assim que ele voltou, saímos e

entramos na loja, sendo recebidos pela gerente. Ela nos mandou ficar à vontade e Dominick realmente ficou e pegando alguns vestidos do cabide, julgou aqueles que eu gostaria. Quando terminou, me pegou pela mão e pediu para que a atendente nos levasse até o provador.

— Prove esses. — Falou, me dando os vestidos que cabiam perfeitamente em meu corpo de grávida, mas que eram sexys ao extremo.

Sorrindo, excitada, entrei no provador e peguei o primeiro vestido. Era vermelho, longo e

lindo, com uma fenda no meio da coxa. Muito sensual.

Olhei-me no espelho e vesti-me. Sorri, ao pensar que sonhei com aquele momento durante toda a minha gestação. O dia em que sairíamos juntos para comprar roupas para o nosso bebê. E agora, meu sonho estava se realizando.

E estava sendo melhor do que eu havia imaginado que seria.

Com o vestido já em meus ombros, tentei fechar o zíper que estava nas minhas costas, mas não alcancei o fecho até o final.

— Dominick, pode vir aqui, por favor? — Sorri, travessa, sabendo

o que deveria estar passando pela cabeça dele. — Preciso de ajuda para fechar o vestido.

Ouvi um barulho do lado de fora do provador e fechei os olhos, ainda sorrindo. Pude sentir a porta do provador sendo aberta atrás de mim e um frio delicioso tomou minha barriga, enquanto sentia o zíper do meu vestido ser fechado.

— Nunca pensei que iria reencontrá-la em um momento tão... Íntimo, *ma chère*.

— Lorenzo! — Gritei, mas o som foi abafado pela sua mão que tampou completamente minha boca.

Tentei escapar dali, mas a porta

estava fechada e sua mão segurou firme minha cintura, imobilizando-me. Senti meu coração bater forte no peito, o medo me deixando tonta.

— Quieta, não grita! —
Sussurrou em meu ouvido, olhando em meus olhos pelo espelho. Dominick! Onde estava Dominick? — Confie em mim, eu não quero te fazer mal, mas você precisa ficar quieta.

Ainda tampando minha boca, ele tirou a mão da minha cintura e levou ao bolso, tirando um telefone dali. Me debati, querendo escapar, mas sua voz ao telefone me chamou atenção.

— Ela não está no provador, deve ter escapado ou visto alguma movimentação, também não está na loja. Procurem aos arredores.

Desligou e mexeu novamente no telefone, levando-o novamente a orelha.

— Ela está aqui, estou saindo com ela.

Desligou.

— Kiara, preciso que preste atenção. — Sussurrou, olhando-me pelo espelho. — Você vai trocar esse vestido e vai sair junto comigo da loja e vamos entrar no meu carro...

— Não! — Falei, mas saiu

abafado novamente.

— Sim. Preste atenção, você precisa confiar em mim, eu estou junto com a polícia aqui. A máfia está atrás de você e de Dominick. — Senti meus joelhos fraquejarem e ele me segurou forte pela cintura novamente, amparando-me. — Vou tirar a mão da sua boca, por favor, não grita.

Ele fez o prometido e eu puxei o ar pela boca, desesperada.

— O que você está fazendo aqui? Onde está Dominick? Me solte, eu quero sair daqui, fica longe de mim!

— Kiara, por favor! — Ele

deslizou o zíper do meu vestido novamente e me olhou com atenção. — Troque de roupa, estou te esperando aqui fora. Não faça alarde!

Um segundo depois, eu estava sozinha dentro do provador. Olhei ao redor, procurando minha bolsa, precisava ligar para alguém, era óbvio para mim que Dominick não estava mais ali fora me esperando, algo havia acontecido com ele, ele jamais me deixaria sozinha.

Mas, foi só olhar para a bancada dentro do provador, que me lembrei que havia deixado minha bolsa do lado de fora, com Dominick.

Desesperada e com as mãos trêmulas, me troquei e coloquei meu vestido, me aproximando do espelho e virando-me de frente para a porta. Eu não podia confiar nele! Não podia ir a qualquer lugar com Lorenzo.

O que eu faria? Se eu sáísse, ele estaria ali, pronto para me pegar. Vi o botão que chamava uma das atendentes da loja, mas se ela entrasse ali, ele poderia muito bem fazer algo com ela. Mas, que chances eu tinha? Era a minha única opção. Ela entraria ali e eu diria que aquele homem estava me perseguindo. Com certeza os

seguranças seriam acionados, e logo estaria livre de Lorenzo.

Com isso em mente, fui até o botão para acioná-lo, mas quando estava prestes a apertá-lo, a porta do provador se abriu e Lorenzo apareceu. Seus olhos vaguearam de meu rosto para minha mão e eu congelei.

— Kiara, por favor... —
Murmurou, revirando os olhos. —
Vamos logo, precisamos sair daqui.

— Não vou a lugar algum com você!

— Não é uma opção! Ou você vai comigo ou a máfia virá pegar você. Eu já consegui despistá-los,

mas preciso te tirar daqui e colocá-la em um carro onde você será escoltada pela polícia para um lugar seguro!

Meu coração batia forte. Via a seriedade em seus olhos, mas como eu poderia confiar?

— Lorenzo...

— Kiara, não podemos perder mais tempo. Vamos, agora!

Sem me dar chances de escolhas, ele me pegou pelo braço e me tirou do provador. Olhei ao redor e tudo estava vazio.

— Onde está Dominick?

Lorenzo me olhou, parecendo ponderar se me respondia ou não,

enquanto saíamos da loja, sua mão agora em minhas costas. Olhando ao redor e procurando Dominick, percebi que tudo parecia normal. E pela vestimenta de Lorenzo, ele poderia ser facilmente considerado como meu segurança pessoal.

— Lorenzo, me diga onde está Dominick, ou eu juro que vou fazer um escândalo no meio dessa loja!

Olhando-me mais uma vez, ele se aproximou e cochichou em meu ouvido:

— A máfia sequestrou Dominick.

Foi como levar um soco no estômago. O ar pareceu escapar dos

meus pulmões, enquanto minhas pernas fraquejavam. Um medo tão grande assolou meu coração, me deixou tão desesperada, que na minha cabeça aquilo pareceu ser impossível. Não poderia ter acontecido! Dominick não poderia ter sido sequestrado.

Apenas não!

— Kiara... — Lorenzo me segurou e me virou para ele, olhando em meus olhos. — Seja forte, por favor.

— Você está mentindo para mim!
— Quis gritar com força, mas a única coisa que saiu foi um sussurro fraco e aterrorizado.

— Não estou, *chère*, eu queria estar, mas não estou. Sinto muito por isso.

— Com licença. — Uma atendente da loja nos interrompeu, simpática. — Vossa Alteza está se sentindo mal? Não quer se sentar e tomar um copo d'água?

— Ela só está um pouco tonta, mas irei levá-la agora mesmo ao Castelo. Sou seu segurança pessoal.

— Ah sim, desejo melhoras, Rainha.

Ao menos consegui responder, aturdida demais. Apesar de eu não querer acreditar, tudo me levava a crer que Lorenzo estava falando a

verdade. Para começar, Dominick jamais sairia da loja e me deixaria sozinha. Se algo realmente não tivesse acontecido com ele, ele estaria ali, agora, provavelmente batendo em Lorenzo por estar me tocando.

Mas como, como ele havia sido sequestrado dentro da loja? Aquilo não era possível, alguém iria ver!

— Como ele foi sequestrado? — Perguntei a Lorenzo, enquanto saíamos da loja.

Senti Lorenzo me puxar ainda mais para ele, enquanto andávamos mais rápido pelo estacionamento.

— Lorenzo, me responda!

— Eu vou responder quando estivermos em lugar seguro, Kiara. Eu preciso de toda a minha concentração agora.

Eu ia retrucar, mas a figura de um homem robusto, vestindo um terno negro e fumando um charuto, apareceu na nossa frente, interrompendo nossos passos. Ele olhou para Lorenzo e depois para mim, de cima a baixo, sorrindo de lado. Um arrepio frio passou pela minha espinha, me fazendo mal, enquanto eu sentia Lorenzo ficar tenso ao meu lado, apertando o braço em minha cintura.

— Lorenzo... — O homem

murmurou, tirando o charuto da boca. Olhei ao redor, vendo o estacionamento calmo, vazio além de nós três. Todos os meus seguranças, assim como os carros do palácio, haviam sumido. Pensei seriamente em correr. — Sabia que você jamais iria me decepcionar.

— Eu a encontrei quase agora, Orel.

— E por que não ligou avisando?

— Eu iria ligar quando chegássemos aqui, longe da vista de todos, já que eu estou sem os seguranças.

— Bem pensado, garoto. —

Orel falou, aproximando-se. Instintivamente me aproximei mais de Lorenzo, o medo começando a me tomar. Orel riu. — Você realmente está buscando proteção em Lorenzo? Tola. Não sabe que foi ele quem trouxe você para mim?

Não respondi. Ele se aproximou mais, até estar a centímetros de mim e levantou a mão, passando a ponta dos dedos pelo meu rosto. Pensei seriamente em atacá-lo, bater nele, mas eu tinha de manter a calma. Por mim, por Dominick e por nossa filha.

— Você é uma coisinha tão linda. Foi a joia mais cara que já

vendi. Duzentos e cinquenta milhões. Dominick é realmente um Rei generoso. Pena que é burro.

— O que você fez com ele? — Perguntei, surpresa pela minha voz ter saído tão segura.

— Ainda nada. Vou deixar para fazer na sua frente. Será um espetáculo maravilhoso, você vai ver. — Riu e levou um telefone até a orelha, ainda olhando para mim. — Ela está aqui.

Desligou e Lorenzo ficou ainda mais tenso, puxando-me. Quis sair de perto dele. Ele havia mentido! Disse que estava ao lado da polícia, mas armou tudo aquilo para

me entregar aquele homem que, provavelmente, era o chefe de toda aquela máfia. Eu sentia nojo. Nojo dos dois e um medo que estava começando a crescer em espiral dentro de mim.

— Tem certeza que precisa levá-la, Orel? Kiara está grávida, com quase nove meses de gestação. Acho que ela seria apenas um peso morto e, pelo que sei, peso morto é desnecessário.

— Você está mesmo me dizendo o que eu devo ou não fazer? Pensei que em todos esses anos de trabalho, você já houvesse descoberto quem manda aqui,

Lorenzo. E que odeio ser contrariado.

— Eu só estava dando a minha opinião...

— Dispenso. — Sorriu de novo, olhando para ela. — Olhe para ela. É minha garantia.

— Garantia de quê? — Perguntei, vendo um carro grande entrar no estacionamento.

— De que o seu maridinho devolverá os documentos que me roubou. Não acha estranho que, dentre milhares de documentos, apenas o que envolve o nome dele, desapareceu? Ele está armando algo, eu sei, querida Kiara, mas eu

sou mais esperto e sempre chego na frente.

Ele sorriu e tocou em meu rosto novamente, apenas a ponta dos dedos. Quando tirou os dedos asquerosos da minha pele, arfei com vontade de vomitar. Mas tudo ficou em suspenso quando um tapa forte e ardido tomou o lado o direito da minha face, deixando-me tinta, a dor explodindo.

— Ele vai aprender que não se deve, nunca, mexer com algo tão poderoso quanto eu. — Falou, raivoso. — Levem-na.

Vi quando ele se afastou e entrou no carro que estacionou a poucos

metros de nós. Três homens altos e fortes aproximaram-se de Lorenzo e eu.

— Vai com eles, eu vou acionar a polícia e descobrir para onde irão levá-la.

— Não! — Sussurrei de pavor, meus olhos enchendo-se de lágrimas.

— Eu não posso fazer mais nada, Kiara, ele me pegou de surpresa estando aqui a minha espera. Se eu não o obedecer agora, ele vai perceber que eu estou contra ele e mandará um dos seguranças me matar. E então, ninguém mais poderá descobrir onde vocês estão.

Confia em mim, eu estou do seu lado e do lado de Dominick.

Olhei para ele e vi a verdade em seus olhos, quando senti duas mãos me afastarem dele com brutalidade. Vi quando Lorenzo apertou o maxilar e fechou a mão em punho, como se lutasse consigo mesmo para não me tirar dali.

— Vamos dormir um pouquinho, donzela. — O homem falou em meu ouvido.

Arregalei os olhos quando senti um pano na frente do meu rosto. Me debati, lutei comigo mesmo para não respirar, pois eu sabia que apagaria logo depois, mas meus

pulmões queimavam pelo esforço. Sem conseguir me conter, respirei e senti meus sentidos se apagando aos poucos, até encontrar a escuridão.

Uma dor infernal tomava conta da minha cabeça e piorou quando eu abri os olhos. Estava deitada em algo duro e gelado e quando olhei ao redor, não vi nada além de paredes de concreto, uma porta de ferro há alguns metros de mim e uma luz fluorescente que estava presa ao teto. O lugar era quadrado e apertado, deixando-me

claustrofóbica.

Estava deitada no chão, meu vestido estava sujo de poeira e rasgado no ombro, fazendo com que a alça caísse. Com medo, me sentei e encostei-me na parede, tocando em minha barriga com as duas mãos, sentindo vontade de chorar.

Por que aquilo estava acontecendo conosco? Não havíamos feito nada! Dominick não havia roubado documento algum, eles foram simplesmente entregues a nós por Lorenzo, que com certeza não mediu as consequências de seu ato. Ou talvez tivesse medido. Quem sou eu para tentar defender

aquele homem que havia me entregado a máfia, para ser vendida?

Ele poderia falar mil vezes que estava do nosso lado, que queria acabar com a máfia, mas a minha desconfiança sempre estaria acima da minha vontade de querer acreditar nele.

Queria saber onde Dominick estava, se estava bem, o que eles haviam feito com o meu amor. Também queria ficar quieta no meu canto e proteger a mim e a minha filha, que estava quietinha em minha barriga, mas como eu faria isso? Como teria esse sangue frio?

Percebi que minha coragem era maior do que o meu medo, quando me levantei e fui em direção a porta de ferro. Ao menos tentei abri-la, sabia que estava trancada, por isso, bati com toda a minha força, chocando minha mão no ferro enquanto gritava:

— Abra a porta! Eu quero ver meu marido! Por favor, alguém abra essa maldita porta!

— Calminha, donzela, por que está tão brava? — Ouvi uma voz atrás da porta e me afastei, com medo. — Eu vou abrir a porta.

O barulho da tranca não trouxe o alívio que eu pensei que sentiria.

Me afastei mais um pouco e vi a porta sendo aberta. Um homem grande entrou, vestindo uma roupa preta, o cabelo raspado. Ele era bruto, os olhos eram negros e me olhava com uma fúria assassina.

— Você fica uma delícia com esse ombro de fora. — Falou, sorrindo de lado ao me ver encostar na parede, longe dele. — Sempre tive muito tesão por grávidas, sabia? E você... Está me deixando louco.

— Nem pense em tocar em mim!

— E você vai fazer o quê? Vai gritar? — Ele riu e se aproximou a passos largos, cercando-me. Vi que

tinha uma algema de ferro em suas mãos. — Pode gritar o quanto quiser, donzela. Eles podem até escutar, mas ninguém virá te salvar. — Quando passou a mão pelo meu rosto, senti vontade de vomitar. — Sei do tipo de sexo que seu marido gosta. Dominador, não é? E você, a submissa... Não posso julgá-lo, meu pau fica duro apenas em pensar em como você ficaria debaixo de um chicote... Sua pele vermelha, assim como o seu rostinho. Pode falar, você ficou molhada com o tapa que Orel te deu? Não é disso que você gosta?

— Jack, deixa para seduzir a

garota depois. Orel mandou levá-la para a outra sala. — Um homem disse, parado na porta.

— Nos atrapalharam, donzela, mas não se preocupe. — Ele sorriu, pegando minhas duas mãos e fechando as algemas nos meus pulsos. — Ainda teremos um longo tempo para ficarmos juntinhos.

O medo me impedia de socá-lo. Medo do que ele podia fazer comigo, com a minha filha ainda dentro da minha barriga. Do que estaria acontecendo com Dominick. Percebi que ficar quieta e não responder ao que eles falavam, me deixava um pouco mais forte. Se eu

me descontrolasse, eles poderiam me bater ou fazer algo pior.

Jack saiu andando e me arrastou junto pelo braço, apertando-o com força. O homem que estava parado fechou a porta atrás de nós. Atravessamos um longo corredor também de concreto, um pouco mais escuro do que a sala onde eu estava. Tudo era silencioso e a única coisa que eu ouvia era o pulsar rápido do meu coração, quando paramos em frente a uma porta semelhante à da sala onde eu estava.

Jack pegou um molho de chaves e tirou uma, abrindo a porta. Assim

que entramos, eu senti meu coração bater ainda mais forte, reconhecendo aquele cheiro que tomou conta das minhas narinas. Quando vi Dominick, senti algo ruir dentro de mim.

Ele estava preso perto da parede, seus pulsos amarrados a duas correntes de ferro, uma de cada lado, deixando seus braços abertos. Estava sem camisa e vestia apenas a calça. Quis correr até ele, precisava tocá-lo, abraçá-lo, mas Jack me impediu, segurando firme em meu braço.

— Aqui, vadia!

A voz dele despertou Dominick,

que até aquele momento olhava para Orel a sua frente. Quando me fitou, vi a força em seus olhos, sua determinação se esvair, dando lugar ao medo.

— Kiara... — Murmurou e virou-se para frente, balançando-se nas correntes. — Você falou que ela ficaria lá! Seu filho da puta, você disse que não iria trazê-la! — Gritou, furioso.

— Dominick, você deveria saber que nossa relação de confiança acabou no momento em que você me traiu. — Falou, tranquilo. — Se eu não posso confiar em você, você também não

deveria confiar em mim.

— Ela está grávida!

— Eu consigo ver, pode ter certeza. — Riu, balançando a cabeça. — Querida Kiara... Você pode ir falar com seu marido. Jack, solte-a.

Assim que Jack me livrou do aperto, eu corri até Domincik e toquei em seu rosto com as minhas mãos algemadas. Ele me olhou com um brilho de desculpa no olhar, mas não falei nada, apenas toquei meus lábios nos dele. Só percebi que eu chorava quando minhas lágrimas escorreram pelo meu pescoço e um soluço escapou por minha garganta.

— Anjo, eu sinto muito... Sinto muito. — Murmurou entre meus lábios. — Você está bem? Eles não fizeram nada com você?

— Eu estou bem e você?

— Também estou e vou ficar até conseguir nos tirar desse lugar.

— A culpa não é sua, Dom...

— Eu ao menos sei porque estamos aqui. — Falou, mexendo-se nas correntes. Eu sabia que ele deveria estar louco para me tocar. — Mas eu vou nos tirar daqui, eu prometo. Não vou deixar que nada aconteça a vocês.

— Chega! — Orel disse.

Ignorei e dei outro beijo em

Dominick, sentindo sua língua na minha, um medo atroz de perdê-lo tomando conta de mim. A próxima coisa que senti foram duas mãos puxando meu cabelo com força, afastando-me de Dominick com uma brusquidão tão grande, que um grito de dor saiu da minha boca.

— Não encosta nela porra! — Dominick gritou e se sacudiu nas correntes quando me jogaram no chão, sem delicadeza alguma. Senti o ar me faltar, levando a mão à minha barriga. — Kiara! Kiara!

— Estou bem.. — Murmurei, olhando para ele. Seus olhos estavam em mim, arregalados.

— Vamos começar. — Orel falou e vi o que segurava. Era uma correia longa, onde terminava com pequenas tachas de ferro. Senti o meu medo se duplicar. — Por que você não me explica o que vem passando na sua mente nos últimos meses, Dominick?

Dominick observou com os olhos de gavião Jack se aproximar de mim e puxar pelo cabelo, até que eu estivesse ajoelhada no chão. Meu corpo doía e minha cabeça parecia que iria explodir a qualquer momento, mas fiquei quieta, chorando em silêncio.

— Dominick?

— Eu não sei do que você está falando.

— Não sabe? — Orel riu e balançou a cabeça. — Talvez você precisa de um incentivo para se lembrar.

O golpe veio de surpresa. Só percebi que eu havia sido atingida quando cai de cara no chão, a dor explodindo na minha têmpora. Foi um tapa tão forte, que o sangue começou a descer pelo canto dos meus lábios. Jack me puxou novamente pelo cabelo e me manteve de joelhos. Mal conseguia abrir os olhos, enquanto via um Dominick embaçado se movimentar

na minha frente, falando algo que eu não conseguia compreender muito bem.

Levei alguns minutos para conseguir ouvir direito.

— Toque nela mais uma vez, apenas mais uma e eu juro que mato você! — Dominick rugiu, olhando para Jack, que ria.

— Vai? Gostaria de saber como você fará isso.

— Não tenho tempo para ameaças que não serão cumpridas. — Orel falou. — Dominick, estou esperando uma resposta.

— Eu não sei, porra! Não sei do que você está falando!

Soltando um suspiro resignado, Orel me olhou.

— Talvez você possa me esclarecer, Kiara. — Falou, perto de Dominick. — O que seu marido está planejando contra nós?

Sobre o que ele estava falando? Minha cabeça doía e parecia estar prestes a dar um nó. Algo pulsava no meu ventre, fazendo uma dor tomar conta da minha cintura.

— Eu... Eu não sei...

— Nossa, parece que vocês dois estão precisando de algum incentivo para abrirem as malditas bocas! — Grunhiu, parecendo irritado. Mas, depois, deu um

sorriso satisfeito. — Isso é ótimo! Assim, teremos mais tempo para brincar.

Dominick ainda estava me olhando, mas eu não consegui manter meus olhos nele, apenas na correia que Orel mantinha na mão. Ele a girou uma, duas, três vezes e se encaminhou em volta de Dominick, até parar nas suas costas.

— Não... — Murmurei, mas tudo o que ouvi em seguida foi estalido forte da correia se chocando nas costas de Dominick. — Oh meu Deus, não! Dom...

Eu realmente quis me mover até

ele, fiz toda a força do mundo para me levantar, mas Jack me prendeu pelo cabelo e minhas pernas pareciam pesadas, moles, a dor em meu baixo ventre aumentando a cada maldito segundo. Gritei, me debati, as lágrimas embaçavam minha visão, mas eu conseguia ver que Dominick mantinha os olhos em mim, sem expressar reação alguma, como se não tivesse acabado de apanhar.

— Um dominador apanhando que nem uma mulherzinha... Isso é algo muito bom de se ver. Obrigado por me convidar para esse espetáculo, Orel. — Jack falou,

rindo.

— Também estou gostando. Confesso que me dá um prazer sem igual pegar um traidorzinho de merda e fazer isso, torturá-lo até que ele me diga o porquê de se virado contra uma pessoa tão boa como eu.

— Eu não sei onde você quer chegar, porra! Não estou entendendo nada!

A correia se chocou contra Dominick de novo, tão forte quanto da primeira vez. Senti o pavor me engolfar com tanta força, que meu corpo se balançou, quase caindo ao chão outra vez.

— Pare com isso, por favor! —
Implorei, buscando o ar pela boca.

— Por que ela tem que estar aqui? Tire-a daqui, porra!

— Mas ela faz parte do pacote...
Veja o quanto ela mexe com você...

— Orel falou, sua voz me deixando ainda mais enjoada. — Talvez, se Jack tocá-la sem toda essa violência, você fale algo, não é?

— O quê? — Dominick perguntou, voltando a me olhar. — O que quer dizer?

— Jack teria um imenso prazer de desfrutar do corpo da sua esposa. Devo confessar que eu também. Mesmo grávida, ela

continua linda.

— Não... — Murmurei, ouvindo as correntes de Dominick se moverem.

— Não ouse! Se um de vocês tocar em um fio de cabelo dela, eu juro que acabo com vocês! Eu não tenho nada em mente, nunca tive, nunca quis me meter com vocês, mas vou ao inferno e acabo com a porra dessa máfia com as minhas próprias mãos! — Gritou, com raiva. — Sou a porra de um Rei, vocês não imaginam o poder que eu tenho!

— Nós somos uma máfia russa, você não imagina o poder que nós

temos. — Orel falou, sem se abalar.

Orel e Dominick ficaram medindo forças pelo olhar. Mesmo abalada, com dor, tremendo, eu vi que aquilo poderia piorar. Que Orel não tinha um pinga de humanidade, assim como Jack e que os dois poderiam acabar com Dominick e eu ali, naquela sala e ninguém iria fazer nada para nos salvar.

Tirando forças de não sei onde, comecei a colocar minha cabeça dolorida para funcionar. Consegui chegar à conclusão de que Orel iria nos torturar até falássemos o que ele queria ouvir. Mas, a questão era, o que ele queria ouvir?

Dominick e eu não havíamos feito nada, apesar de esse ser o meu desejo assim que descobri tudo, nós nunca nos metemos com a máfia.

Não tínhamos nada que pudesse mexer com eles, ou colocá-los em risco...

Na verdade, tínhamos.

Olhei para Orel, que ainda olhava para Dominick, exigindo que ele falasse alguma coisa. Me mexi no chão e o olhar dos dois pousaram em mim.

— É sobre os documentos? — Perguntei em voz baixa, sem aguentar mais ficar sobre meus joelhos.

— Boa garota. Sabia que iria se lembrar da conversinha que tivemos mais cedo. — Orel disse, dando aquele sorriso gelado. — Por que você roubou os documentos, Dominick?

— Roubei? Está louco? Eu não roubei nada!

— Ah, claro que não. Provavelmente você pagou a um dos meus homens para fazer o serviço sujo para você, mas isso não tira a sua culpa. Eu quero saber o porquê. Você já estava com a sua mulher ao seu lado, vivendo a sua vida, prestes a ser pai. Por que diabos teve de se meter onde não

era chamado? Nunca pensei que teria esse tipo de problema, principalmente com você, um homem aparentemente inteligente e esperto.

Dominick riu sem humor, balançando a cabeça. Não olhava mais para mim.

— Você é realmente um idiota, Orel.

— Sou? — Orel riu, desacreditado.

— Sim, com toda a certeza. Gostaria de informá-lo, que você pegou as pessoas erradas. Kiara e eu não somos os traidores ou algo do tipo. O verdadeiro traidor está

muito mais perto do que você imagina.

— O que quer dizer?

— O cara que você confia tanto, que trabalha lado a lado com você, foi quem te traiu. Lorenzo. Ele te traiu.

Orel olhou para Dominick e depois para mim, antes de soltar uma gargalhada.

— Impossível! Lorenzo é o meu homem de confiança, ele jamais faria isso!

— Pois ele fez.

— Eu não acredito! Foi ele quem entregou a sua mulherzinha para mim. Primeiro para vendê-la

no leilão e depois para trazê-la até aqui, onde você está a vendo agora. Como ele poderia me trair, fazendo exatamente tudo o que eu mando?

— Bom, isso só prova que ele não traiu apenas a você, mas a Kiara também, duas vezes. Ele e Kiara cresceram juntos, sabia? Eles eram namorados, antes de ele levá-la para o leilão.

— Isso não é problema meu!

— Se torna um problema seu quando o homem que você mais confia, tem uma crise de consciência e decide apagar dos seus históricos, que ele colocou a sua própria namorada à venda. —

Dominick disse, olhando-me. Entendi pelo seu olhar o seu pedido para que eu ficasse calada. — Não por minha causa que ele apagou as minhas imagens de seu arquivo e nem sumiu com os documentos, foi por causa de Kiara.

— E os documentos, onde estão?

— Nunca chegaram até nós. —

Murmurei, vendo os olhos de Dominick sobre mim. — A única coisa que recebemos foi uma carta de Lorenzo, onde ele dizia que tinha apagado tudo sobre mim e destruído os documentos. Eu não entrei em contato com ele, nunca quis e rasguei a carta. Não queria

nenhum envolvimento com ele e muito menos com vocês.

Orel me olhou com mais atenção pela primeira vez. Coçou o queixo e deixou a corrediça no chão, aproximando-se de mim. Não sabia se ficava aliviada ou ainda mais temerosa, mas não pude escolher muito. O medo me engolfou quando ele se abaixou na minha frente, tocando em meu queixo com a ponta dos dedos.

— Sai de perto dela, porra!

— Quando me contaram, eu não acreditei... — Falou, olhando-me. — Você realmente se lembrou de tudo? — Assenti, engolindo em

seco. — Isso nunca aconteceu.

— Lorenzo me disse que manipulou o medicamento... Foi aplicado uma quantidade menor em mim, por isso me lembrei de tudo.

— Ele disse isso?

— Sim.

— E por que me entregou você hoje? Não consigo entender.

— Ele não queria que você soubesse que ele havia se voltado contra você.

Ele se levantou e olhou para Dominick e eu.

— Por que eu deveria acreditar em vocês? Podem muito bem estar mentindo.

— Mas não estamos! Por favor, acredite em nós. — Murmurei, a dor em meu baixo ventre se alastrando, me fazendo ofegar.

— Nunca quisemos nos meter com vocês, Orel. Eu não seria burro de entregar algo que eu mesmo estou participando.

— Mas, os documentos...

— Nunca chegaram na gente! Lorenzo realmente deve ter destruído todos eles.

Ele continuou a nos olhar, como se ponderasse se acreditaria na gente ou não. Meu coração batia tão forte, que por um momento, achei que todos poderiam ouvi-lo.

— Jack, solte Kiara e Dominick, depois me encontre lá fora. Mantenha-os trancados aqui na sala. — Falou e saiu logo depois.

Sem uma palavra, Jack tirou as algemas apertadas do meu pulso e foi em direção a Dominick, libertando um braço e depois o outro. Queria muito correr para os braços dele, mas não conseguia me mover, a dor era forte demais. Ouvi as correntes baterem com força nas paredes e a próxima coisa que senti, foram os braços de Dominick a minha volta, agarrando-me com força.

— Anjo, meu Anjo... —

Murmurou, parecendo aliviado.

Ouvi a porta sendo fechada e o abracei, tocando sem querer nas feridas nas suas costas, que sangravam. Sem conseguir me segura mais, chorei, desabando em seu peito, sem saber se chorava de alívio, de pesar, de medo ou pela dor que eu estava sentindo. Só queria fugir dali, queria voltar para casa, queria me esquecer que todo aquele pesadelo estava acontecendo.

— Dom...

— Tudo bem, vai ficar tudo bem, querida...

— Eles te machucaram tanto, eu

sinto muito...

— Não sinta, a culpa não foi sua, está tudo bem, ouviu? — Ele pegou meu rosto em suas mãos no momento em que a dor se tornou tão insuportável, que eu tive que me curvar, perdendo o ar. — Kiara! Kiara, o que você está sentindo?

— Muita... Dor...

— Dor... Onde? Onde está sentindo?

— Aqui... — Murmurei, tocando meu baixo ventre, a dor passando, para voltar ainda mais forte. — Nossa filha, Dominick...

Nunca vi um desespero tão latente nos olhos de Dominick,

como naquele momento. Sem falar nada, ele me pegou no colo e me levou para o fundo da sala, colocando-me sentada encostada na parede. Tocou minha barriga e me olhou, enquanto eu sentia um líquido quente descer, molhando minhas pernas.

— Oh meu Deus... Não... — Murmurei, assustada, não podia ser.

Dominick olhou para meu vestido molhado, voltando a olhar em meus olhos. A única coisa que pude fazer foi soltar um grunhido de dor, percebendo pela primeira vez, que aquilo era uma contração. Abri minhas pernas, seguindo o que meu

corpo mandava fazer naquele momento, empurrando. Dominick continuou a me olhar em desespero, a dor parecendo me rasgar, até que ele se levantou e foi em direção a porta, batendo com toda a força.

— Abram a porra da porta, minha mulher está entrando em trabalho de parto! — Gritou, desesperado, batendo na porta. — Alguém, porra! Minha filha está nascendo, abram essa maldita porta!

— Dominick... Dominick, por favor... — Eu o chamava, mas ao menos sabia o porquê, a dor era forte demais para suportar.

— Nós precisamos de ajuda, Anjo, por favor, agente firme! — Gritou para mim, voltando para a porta. — Pelo amor de Deus, a minha filha está nascendo!

Ouvi um estrondo que pareceu ter vindo do lado de fora, mas não conseguia me concentrar. A dor passava e vinha logo depois, muito rápido, uma contração atrás da outra.

Só percebi que Dominick estava novamente perto de mim, quando senti minha calcinha sair do meu corpo. Ele estava entre as minhas pernas e tocou em minha barriga, olhando em meus olhos.

— Anjo, somos apenas você e eu. — Falou, sua voz firme, mas percebi a nota de emoção. — Vamos trabalhar juntos nisso. Você confia em mim?

— Com todo o meu coração...

— Sussurrei, voltando a empurrar.

— Dói muito, Dom, eu não vou aguentar...

— Vai, claro que vai! Eu estou aqui com você, você precisa empurrar quando a contração vier, ok?

— Eu estou empurrando, mas dói muito, Dom... — Falei, tocando em sua mão em cima da minha barriga. — Por favor, salve a nossa

filha. Não... Não deixe que eles toquem nela.

— Não vou deixar. Eles nunca mais tocarão em vocês, Kiara, Eu prometo.

E eu acreditei. Olhei em seus olhos amorosos e determinados e voltei a empurrar, gritando, sem conseguir parar. A dor se tornou mais forte e Dominick falou algo que não consegui compreender. Ouvi mais um estrondo do lado de fora, gritos de homens, mas tudo se apagou novamente quando tive que empurrar, segurando as mãos de Dominick para ter apoio.

Ele sorriu e tirou as mãos das

minhas, abrindo mais minhas pernas.

— Continue, querida, continue...
Eu já posso vê-la.

Continuei a empurrar com tudo de mim, tendo a certeza de que eu seria forte o bastante para trazer minha filha ao mundo, independente de toda aquela situação. Apoiei-me no chão e senti o suor escorrer pelo meu rosto, enquanto trazia toda a minha força à tona, até que eu ouvi.

Era um choro alto, forte e só consegui respirar fundo quando vi a minha filha no colo do meu marido. Dominick tinha um sorriso tão lindo e aberto em seu rosto, olhando para

a filha, que só percebi que ele estava chorando porque vi o brilho das lágrimas em sua bochecha.

Fechei meus olhos e suspirei, guardando aquela cena para sempre dentro da minha cabeça.

— Anjo...

Abri os olhos e vi os dois, o choro de Eva cessando seus olhinhos abertos para o pai. Ergui os meus braços e Dominick a entregou com cuidado. Ela era linda. Apesar de estar suja por causa do parto, eu pude ver seus olhos claros, sua boquinha, seu nariz tão pequenininho. Tinha meus olhos e a boca de Dominick.

— Ela é tão linda... —
Murmurei, passando meu polegar
em seu rosto.

— Linda como você. — Sorriu,
tirando meu cabelo do rosto. —
Obrigado por ser tão forte.

— Obrigada por estar ao meu
lado nesse momento, por não ter
nos deixado sozinhas. Nós te
amamos muito, Rei Dom.

— Jamais as deixaria. — Ele
também chorava de emoção, seu
sorriso ainda brincando nos lábios.
— Só falta dar um nome a ela.

— Eu tenho um perfeito.

— E qual é?

— Eva. — Vi o choque em seus

olhos e sorri, olhando para nossa filha. — Eva Marie Andrigheto Domaschesky.

— Como você...

— Eu ouvi sua conversa com ela... Eu ouvi o nome que você queria dar e me apaixonei de imediato. E achei, também, que talvez você quisesse homenagear sua mãe.

— Eva Marie... — Ele murmurou, como se sentisse o nome e não apenas falasse. Quando abriu aquele sorriso tão lindo, senti meu coração inflar de amor. — Não poderia existir um nome mais bonito para nossa filha. Você me faz

o homem mais feliz do mundo, Kiara.

— Você me faz a mulher mais feliz do mundo, Dominick.

Nos beijamos com amor, seus lábios nos meus depois de toda aquela tempestade que havia nos pegado de repente. Sorri entre seus lábios, mas senti tudo ficar em suspenso quando ouvi a porta sendo aberta. Dominick também e logo se colocou na minha frente, bloqueando minha visão.

— Está tudo bem, Vossa Alteza, eu sou Albert Friench, chefe do FBI. Todos já foram presos e viemos resgatar ao senhor e a

Rainha.

— Precisamos de uma ambulância, minha filha acabou de nascer.

— Temos duas ambulâncias lá fora, senhor. Vou pedir para a equipe entrar.

Ouvi os passos ficando distante e Dominick voltou a me olhar, ele estava sério, mas seus olhos sorriam.

— Acabou, Anjo. Agora vai ficar tudo bem.

— Vai ficar tudo bem. —
Repeti, olhando para minha filha, tendo a certeza de que ficaria.

Capítulo 20 – Dominick

*“Eu não posso tirar meus olhos
de você”*

*The Blower's Daughter
(Damien Rice)*

Olhei para Kiara adormecida em nossa cama com Eva ao seu lado e não pude impedir o alívio que enchia fortemente o meu coração.

Aqueles três últimos dias havia sido uma tremenda loucura. Sentia meu corpo tremer em adrenalina,

raiva e emoção apenas em me lembrar. Ainda sentia o ódio tomando cada canto do meu ser quando fui obrigado a abandonar minha esposa grávida e sozinha no provador da loja e entrar naquele carro repleto de homens mal-encarados.

Homens da máfia.

Que simplesmente chegaram em mim, no provador da loja que estava fechada apenas para minha esposa e eu, e disse que se eu não o acompanhasse, ele iria estourar os miolos da minha mulher.

Exatamente nessas palavras.

Assim como ele havia estourado

os miolos dos meus cinco
seguranças e dois motoristas. E
sumido com os corpos deles.

Eu fui com a promessa de que
Kiara ficaria ali. Com a promessa
de que eles não tocariam em um fio
de cabelo dela. Vê-la de repente na
minha frente, naquele cativieiro, me
fez sentir medo pela primeira vez
naquele dia. Na minha mente, eles
poderiam matá-la ali, na minha
frente e eu não poderia fazer nada
porque estava malditamente
acorrentado na parede.

Jamais conseguirei colocar em
palavras o que senti ao vê-la
ajoelhada ali, a poucos metros de

mim. O que senti quando aquele verme bateu em seu rosto, fazendo-a cair no chão. O que senti ao ver o brilho do desejo nos olhos dele, a forma sádica como olhava para minha Kiara!

Aquilo me doeu mais do que as correias se chocando em minhas costas, abrindo minha carne. Nada no mundo doía mais do que meu coração, do que meus músculos que queimavam para salvar a minha esposa e a minha filha, tão indefesa ainda na barriga da mãe.

Tive que fechar as mãos em punhos, impedindo a raiva de voltar.

*Está tudo bem agora, Dominick.
Está tudo bem.*

O barulho do choro baixinho de Eva me trouxe ao presente. Com delicadeza, a peguei em meu colo e me levantei da cama com ela, tão pequena, mas tão forte. Estava aprendendo mais sobre ela. Ela adorava ficar no colo e não gostava de chupeta. Adorava dormir, mas quando acordava, gostava de olhar em nossos olhos, como agora.

Seus lindos olhos azuis dentro dos meus, como se soubesse exatamente o que eu estava pensando. Ela não tinha apenas a mesma cor que os olhos de Kiara,

ela tinha o mesmo olhar. Aquele olhar penetrante e amoroso, tão calmo, como se quase nada pudesse tirá-la de órbita.

Só a fome. Ela realmente reclama quando tem fome, o que me arranca sorrisos.

Eu já amava antes. Eu a amava muito quando estava na barriga, quando mexia para mim, quando conversávamos. Eu a amava.

Mas nunca pensei que iria amá-la ainda mais quando a visse pela primeira vez. Eu estava desesperado demais, furioso porque ela estava vindo ao mundo e a minha esposa não estava em uma

sala de cirurgia, sendo monitorada por aparelhos de última geração e médicos altamente competentes.

Eu estava nervoso quando me dei conta que Kiara tinha apenas a mim, um cara que só tinha lido alguns livros sobre gestação e que sabia que ela tinha que empurrar quando a contração viesse e que a criança poderia ficar até meia hora presa ao cordão umbilical depois que viesse ao mundo.

Éramos apenas nós dois. Em breve, seríamos três.

Minhas mãos tremiam fortemente e eu tinha que passar para Kiara, uma tranquilidade que eu estava

longe de sentir. Mas isso mudou quando a vi saindo. Quando vi sua cabeça e, minutos depois, seu corpo estava em minhas mãos.

Eu a amava.

Mas ali... Deus! Eu a amei muito mais. Nunca pensei que pudesse caber tanto amor em meu coração.

— Você veio para me provar que eu posso fazer coisas maravilhosas, coisas esplêndidas.

— Murmurei para ela, vendo seus olhinhos começarem a se fechar. —

Eu, um cara tão errado, tão impenetrável, tive a bênção de fazer você e de ter você na minha vida. Nunca, jamais irei

desperdiçar essa chance. Eu amo você, Eva Marie. E vou amar para sempre, com todo o meu coração.

Com cuidado, deitei-me na cama e a coloquei deitada em meu peito nu. Com a mão livre, acariciei de leve o cabelo de Kiara, sabendo que jamais iria ser tão descuidado. Todos estavam presos.

Estranhei quando o policial que apareceu na porta do cativeiro falou que era do FBI, eu sinceramente esperava a Interpol, mas logo soube que aquela havia sido uma união das maiores potências mundiais, para pegar a máfia. E foi muita sorte que Orel, o

dono de tudo, estivesse ali naquele momento.

Ele e toda a sua corja havia sido pega.

Mas eu jamais relaxaria, não quando sabia que eu e minha família estávamos na mira deles.

Cuidaria de todos eles com ainda mais afínco, dobraria a segurança, faria de tudo para protegê-los de qualquer mal.

As feridas nas minhas costas estavam começando a cicatrizar, a dor já não era tanta e me permiti relaxar pela primeira vez naqueles três dias, fechado os olhos com minha filha em meu peito e minha

mulher em meus braços.

Kiara

Era lindo observar Dominick com Eva no colo, colocando-a para arrotar depois de mamar. Me segurava para não sorrir feito uma boba todas as vezes, observando como era encantador aquele homem alto, forte, com um semblante tão sério, ser capaz de ser tão delicado com um pacotinho rosa nos braços, batendo de leve em suas costinhas.

Sabendo que eu acabaria virando uma poça de tanto que eu

estava me derretendo, me levantei e fui ao banheiro, decidida tomar um banho. Ainda estava um pouco inchada da gravidez, mas, como a médica havia me dito, em breve meu corpo voltaria ao normal, ou perto do normal, já que meus peitos estavam enormes e minha bunda havia aumentado. Pelo menos, foi o que Dominick havia me dito.

Falando nele, foi engraçado quando ele caiu em si e percebeu que teríamos que ficar um mês sem sexo. No meio de toda a tensão no hospital, ver seu rosto cair em decepção e preocupação por conta disso, me fez rir, apesar de já sentir

uma falta absurda do seu corpo junto ao meu.

No final, nós dois estávamos sofrendo, mas era por uma boa causa.

Terminei meu banho e sai do banheiro, indo em direção ao closet. Me vesti rápido e penteei o cabelo, contente pelo fato do parto normal me dar a liberdade de ser independente em diversas coisas depois do parto.

Quando sai do closet, vi Dominick sair da sacada, com Eva nos braços.

— Li em um dos livros que é muito bom para o bebê pegar o sol

de antes das dez da manhã. —
Explicou, vindo até mim.

Sorri para ele e me estiquei para
beijá-lo, toda boba.

— Sabia que você seria um pai
maravilhoso.

— Anjo, eu sou maravilhoso em
tudo o que faço.

Vi seu sorriso maroto nos lábios
e ri, revirando os olhos.

— Quando me junto a você
então, percebi que só sai coisas
maravilhosas. A prova é a nossa
filha, tão linda desse jeito.

— Devo concordar.

Ele sorriu e tirou Eva de seu
ombro, colocando-a deitada. Ela

estava linda, adormecida.

— Vamos descer? Arthur está quase arrastando Dallah aqui para cima, louco para conhecer Eva. Ele ainda não se conformou que não pôde ir ao hospital.

— Do jeito que ele é, não duvido nada que não bata aqui na porta. — Falei, rindo.

Abri a porta, segurando o paninho de Eva nas mãos e me virei ao ver que Dominick estava parado no mesmo lugar.

— O que foi?

Ele balançou a cabeça e suspirou.

— Só estou pensando no quão

injusto é ver você nesse vestido e não poder levantá-lo para enfiar meu pau na sua boceta.

— Dominick! — Exclamei, sentindo-me chocada e excitada com seu linguajar.

— Faltam apenas vinte e seis dias. — Murmurou, olhando para Eva. — Vamos contar com o papai, Evinha.

O vi passar na minha frente e ri, chocada demais, fechando a porta atrás de mim.

Entramos no elevador e ele me passou Eva, depois de eu insistir muito. Ela se acomodou em meu colo, mas logo acordou,

reclamando um pouco, olhando fixamente para mim. Sorri para ela e sai do elevador, ouvindo a voz de Arthur antes mesmo de vê-lo.

— A Eva já está vindo?

— Daqui a pouco, filho.

— Mas eles já estão descendo?

Por que eu não posso ver a Eva?

Por que todo mundo já viu a Eva, menos eu?

— A Eva está aqui, Arthur. — Murmurei, aparecendo na sala.

Seu rosto se iluminou quando viu Eva em meu colo. Sabia que ele quase não podia vê-la, por isso, me sentei no sofá, vendo-o correr até mim.

— Arthur, cuidado, sem correr!

— Dallah falou, aproximando-se.

— Olha mamãe! Olha como ela é linda! — Ele sorriu, apontando para Eva. Virei-a mais para ele e Eva parou de me olhar, fixando os olhos nele. — Ela tem os olhos da cor do meu e da tia Kiara, azul...

— Sim, ela tem. — Falei, sorrindo. — Você quer pegá-la?

— Eu posso?

— Pode. Mas tem que sentar aqui, ao meu lado.

— Tá bom. — Ele obedeceu e sentou, olhando-me com entusiasmo. — Pronto, tia Kiara. Agora eu quero pegá-la.

Antes que eu pudesse fazer algo, Dominick se aproximou e a pegou de mim com cuidado, colocando-a no colo de Arthur, que a abraçou com delicadeza. Seu braço estava apoiado no pescoço de Eva e sua outra mãozinha estava em seu corpinho, protegendo-a.

— Ela é tão pequena... — Murmurou, olhando para ela. — Pequena Eva... Eu vou chamá-la de Pequena, porque ela sempre será pequena para mim, né? Eu sou maior e vou protegê-la.

— Sim, você tem que protegê-la, Arthur. — Dominick falou, sorrindo.

Era impossível não sorrir.

— Pequena Evinha... —

Cantarolou, pegando a mão dela.

Eva agarrou seu polegar. — Olha!

Ela tá segurando meu dedo. Eu acho que ela gosta de mim, né?

— Ela gosta sim, Arthur.

— Eu também gosto dela, tia Kiara. — Sorriu. — Eu gosto muito de você, Pequena Eva.

Dallah sorriu e se aproximou, sentando-se ao lado dele.

— Me dê ela um pouquinho, filho?

— Por quê? Não, mamãe, eu a peguei agora...

— Mas ela ainda é muito

pequeninha, não pode ficar muito tempo no seu colo, amor.

— Tá bom... — Falou. — Quando ela vai começar a andar para brincar comigo? E quando ela vai falar meu nome?

— Ainda falta um pouco para isso, Arthur, mas logo ela vai estar correndo com você e gritando seu nome, eu prometo. — Falei, encantada com sua ansiedade.

Ele assentiu e Dallah pegou Eva, que se remexeu em seu colo. Quando ela pareceu olhar para Dallah, fez biquinho e eu logo soube. Ela iria chorar.

— Ah, não... Não chora,

Pequena... — Arthur murmurou, levantando-se e dando o dedo para Eva segurar. Quando seus olhos se encontraram, ela parou de chorar. — Isso. Viu, mamãe, ela queria ficar comigo!

— Devo concordar com Arthur...

— Dominick falou, rindo.

— Eu posso cantar pra Eva a música que eu aprendi com a minha professora? Aí, se eu cantar, a Eva não vai chorar mais.

— Claro, Arthur.

Sorri, sem saber onde eu enfiava todo aquele encanto que eu estava sentindo. Segurando a mão de Eva, Arthur passou a mãozinha livre no

rosto dela, sorrindo antes de
começar a cantar uma música em
um idioma que eu não compreendia;

*“Eu não sei parar de te olhar
Eu não sei parar te olhar
Não parar de te olhar
Eu não me canso de olhar
Eu não sei parar
De te olhar”.*

— Oh meu Deus! — Dallah
murmurou, emocionada. — Filho,
que coisa linda!

— É a música em português que
eu aprendi com a minha professora.
Ela disse que é de uma cantora

brasileira, chamada Ana Carolina!

— E o que quer dizer?

— Quer dizer que eu nunca vou parar de olhar para Eva... — Falou, voltando a olhar para minha filha, que ainda olhava para ele. — Viu, Pequena Eva? Não precisa chorar mais, eu nunca vou parar de olhar para você.

Senti meus olhos encherem d'agua e olhei para Dominick, que sorria com o canto dos lábios, tão admirado quanto eu. Eu sabia que Arthur iria cuidar bem da minha filha, ele era um menino muito amoroso, nunca duvidei disso.

Mas esse tipo de amor tão puro,

sem qualquer resquício de maldade, me pegou de surpresa, me deixou encantada. Era a forma mais clara de amor e quem seria eu para falar algo a respeito?

Eu queria mesmo era que ele olhasse para minha filha para sempre. Que a protegesse.

Ali eu tive a certeza de que ela teria um melhor amigo para sempre.

Capítulo 21 – Kiara

*“Eu serei aquela que apanhará
sua queda*

Sempre que você chamar”

*Whenever You Call (Mariah
Carey)*

Eva sugava rapidamente meu seio, enquanto Arthur corria por entre as flores a nossa frente. O sol havia nos brindado naquela manhã e Arthur estava aproveitando, já que era sábado e ele não teria que passar o dia todo na escola.

Olhei para Eva e sorri, mexendo

em seu cabelo. Faltava apenas alguns dias para que ela completasse um mês e era incrível como ela já havia mudado. Seu cabelo havia crescido um pouquinho e ela já ficava mais tempo acordada, principalmente quando Arthur falava com ela. Eles tinham uma conexão incrível.

Minha mãe a adorava. Sempre que a via, a chamava pelo meu nome, achando que eu ainda era um bebê. Ainda assim era maravilhoso ver o sorriso em seus lábios e seus olhos brilhando.

Dallah e Dimir eram os padrinhos mais bobos que poderia

existir. Ainda me lembro da surpresa nos olhos deles quando Dominick e eu falamos que eles seriam os padrinhos de Eva. Dallah chorou e Dimir sorriu, incrédulo, principalmente quando eu o abracei e sussurrei em seu ouvido que havia o perdoado.

A paz finalmente havia se instalado no nosso lar. Juntamente com a alegria.

Inúmeras vezes eu havia acordado de madrugada e visto Dominick com Eva no colo, conversando com ela. Ou a trocando. Ele adorava dar banho nela e era incrível aquele homem

tão grande com um bebê tão pequeno, em uma banheira rosa, conversando.

Sabia que aquilo também era obrigação dele como pai. Mas eu estaria mentindo se não estivesse surpresa. Eu sabia que Dominick seria um pai maravilhoso. Mas ele estava superando todas as minhas expectativas.

Enquanto isso, o amor por ele e minha filha só crescia.

— Tia Kiara, a Eva já acabou de mamar? — Arthur perguntou, ofegante, sentando-se ao meu lado.

— Ela está quase acabando. Olha, está dormindo.

Ele a olhou, curioso e sorriu.

— Eu quero que ela cresça logo, para gente poder correr juntos no jardim. Vai ser muito legal, não é?

— Vai sim, meu Anjo.

— Aí a gente vai poder brincar de espião. De pique-pega. Eu também vou ensiná-la a mexer no meu tablet, mas vou ficar do lado dela para não cair e quebrar.

— Eu acho que você vai cuidar muito bem dela, Arthur. — Falei, rindo.

— Vou sim. Eu vou poder ensiná-la a tocar violão?

— Claro.

— Que legal! Então eu vou

aprender rápido, para depois ensinar a ela. — Falou, levantando-se. — Agora eu vou lá dentro falar com a minha mãe, tia. Quando a Eva acordar, você me chama.

E saiu correndo, sumindo por entre as flores. Não pude conter o sorriso. Arthur era um menino muito especial, era impossível não amá-lo.

Quando Eva largou completamente o meu mamilo, me levantei e a coloquei para arrotar, o que ela fez minutos depois. O sol já estava ficando forte demais, por isso voltei para dentro, indo em direção ao escritório de Dominick,

onde ele me disse que estaria.

Estava prestes a bater na porta, quando ouvi sua voz explodir ferozmente lá de dentro:

— *Eles são loucos? Olha a porra que eles estão fazendo comigo! Com o meu nome!*

— *Calma, Dominick...*

— *Calma? Como você me pede calma, Dimir? Como essa notícia infeliz vazou assim, tão facilmente?*

Senti meu coração bater forte, ficando nervosa. O que estava acontecendo?

— *Com certeza ele deu um jeito de fazer isso vazar, mas você*

precisa manter a cabeça fria. Logo a polícia estará aqui e...

— O que a polícia vai fazer aqui? — Perguntei, entrando no escritório de uma vez. A visão de Dominick em pé, descabelado, não me passou despercebida. — O que está acontecendo, Dominick?

Ele suspirou e veio caminhando em minha direção. Uma mão foi em direção a cabecinha de Eva e a outra foi em direção ao meu rosto. Seus olhos passearam de Eva até encontrar os meus.

— Não é nada de mais, Anjo...

— Não minta para mim. O que está acontecendo? Eu ouvi seus

gritos.

— Saiu em todos os jornais que a máfia citou o nome de Dominick como um dos clientes.

— E que eu comprei você. — Dominick sussurrou para mim em um tom quebrado.

Meu coração deu um pulo tão forte no peito, que por um momento, temi que ele fosse parar. Olhei de Dimir para Dominick, esperando que eles falassem que era brincadeira. Mas isso nunca saiu de suas bocas.

— Como assim? Eles não podem falar isso, eles ao menos tem provas... Ou tem?

— Ainda não sabemos, não sabemos de nada! — Dominick disse, suspirando. — Kiara, você não deve se preocupar com isso, você ainda está de resguardo, não pode ficar nervosa...

— Eu vou ficar nervosa se eu não souber de nada, Dominick! Minha mente vai criar um monte de possibilidades! — Falei, me afastando dele e indo até o jornal aberto em sua mesa.

Havia uma grande foto nossa, sorrindo. Ao lado, havia uma outra foto de Orel e só em olhar para sua fotografia, senti meu estômago embrulhar. Aquele era um jornal

famoso em Orleandy e a manchete dizia:

“Dono de máfia russa diz que Rei Dominick comprou a Rainha Kiara em leilão de mulheres”.

O The New York Times dizia algo parecido. Mas jornais sensacionalistas faziam piadas:

“Teria o Rei de Orleandy exposto toda a sua autoridade e soberba ao comprar uma mulher em um leilão?”

“Rei de Orleandy ou Rei da Excentricidade? Vossa Majestade compra a mulher mais cara do mundo por duzentos e cinquenta milhões de dólares em um leilão

ilegal".

— Meu Deus... — Murmurei me afastando, sem conseguir ler a matéria. — Dominick... O que vai acontecer agora?

— Eu não sei. Já contatei meus advogados e eles estão a caminho. Os telefones da assessoria de imprensa não param de tocar, Eurick e meu tio Joseph já me ligaram me perguntando o que isso significa e, bem... Eu não quero nem imaginar o que o povo de Orleandy deve estar pensando de mim.

— Você precisa ficar tranquilo, Dominick. Eu tenho certeza que

eles só fizeram isso por vingança, Orel não tem como provar nada.

— Será, Dimir? Eu não posso confiar totalmente no que o Lorenzo disse! E se ele não nos enviou todos os documentos? E se não excluiu todas as filmagens?

— Ele realmente ajudou vocês, Dominick. Ele descobriu onde era o cativeiro e levou a polícia até lá. Ele não seria sujo ao ponto de deixar algum rastro seu para trás, não quando estava tão decidido a ajudar.

— Então por que Orel iria falar isso para a polícia? — Perguntei.

— Pode ter sido um tiro no

escuro, para sujar a imagem de Dominick. Ou pode ter sido apenas para dar um motivo ao sequestro de vocês.

Dominick andou de um lado para o outro, passando as mãos pelo cabelo. Estava tão aflito que partia meu coração. Sua vida estava nas mãos daquelas acusações que não eram falsas.

O pior de tudo era aquilo. As acusações não eram falsas e se houvesse ao menos alguma prova de que ele realmente havia me comprado, Dominick poderia ser preso junto a todos os outros clientes, que estavam sendo presos

aos poucos. Nossa vida estaria arruinada.

Abracei um pouco mais forte a nossa filha e fui até ele, tocando em suas costas. Quando se virou para mim, abraçou-me com cuidado, escondendo o rosto em meu cabelo.

— Eu prometo que nada de ruim vai acontecer, Anjo. Não vou deixar nada nos destruir, eu juro.

— Eles não podem ter nenhuma prova, Dom... — Murmurei e só percebi que estava chorando quando um soluço escapou por minha garganta.

— Não, querida, eles não têm.
— Falou, afastando-se de mim e

limpando minhas lágrimas. Vi a incerteza cristalina em seus olhos. — Eu amo vocês duas com tudo de mim, Kiara.

— Amamos você com todo o nosso coração, Dom.

Ouvimos duas batidas na porta e logo Thomas apareceu, sério como sempre.

— Majestade, John e Peter, seus advogados, acabaram de chegar junto com Alec e Royer, da Interpol e do FBI, senhor.

Olhei para Dominick que olhou apreensivo para mim.

— Vá lá para cima, Anjo, eu vou...

— Não! Eu vou apenas deixar Eva com Dallah e já volto. Não comecem a conversa sem mim.

Dominick ainda ia argumentar algo, mas não lhe dei chance e sai do escritório. Encontrei Dallah na sala da antiga Rainha e ela me olhou, nervosa e apreensiva.

— Kiara, e agora? Meu Deus, agora que estava tudo bem, essa bomba explode!

— Eu sei, também estou nervosa e com muito medo, Dallah, mas preciso estar forte e do lado do meu marido. Você pode ficar com Eva um pouco? Ela já mamou, só deve acordar na próxima hora.

— Claro, estarei no meu quarto com ela e Arthur.

Assenti e dei um beijo na minha filha, antes de entregá-la a Dallah.

— Ore por nós.

— Com toda a certeza. — Dallah murmurou, antes de sair da sala.

Voltei ao escritório e ouvi as vozes dos homens antes mesmo de entrar. Dei duas batidas e abri a porta, vendo os advogados e os policiais me olharem com um pouco de surpresa.

— Minha esposa vai acompanhar a conversa. — Dominick falou, sem o nervosismo

de antes, chamando-me para sentar ao seu lado no sofá.

— Claro, é um prazer finalmente conhecê-la, Rainha. Eu sou John.

— Sou Peter.

Ambos beijaram minha mão, seguidos pelos policiais.

— É um prazer conhecê-la, Rainha. Pena que seja em um momento tão desconfortável.

— Em um momento inadequado, diria eu, já que soube sobre tudo isso por um jornal. Por que diabos eu não soube disso antes?

— Majestade, veja bem... — Alec, da Interpol, disse. — O seu nome foi citado por Orel desde

quando o mesmo foi preso.

— Como? — John interferiu. — E por que meu cliente não soube?

— Nós queríamos investigar a fundo primeiro, antes de trazer isso à tona.

— Nosso cliente tinha o direito de saber que estava sendo investigado! Ele tem total direito a defesa.

— Sim, mas nesse caso, o procedimento da investigação é diferente. Tudo está sendo feito sob sigilo completo, caso o Rei viesse a saber, a notícia poderia se espalhar.

— É tudo tão sigiloso que o

mundo inteiro já está sabendo! Será que não percebem o que estão fazendo? Minha esposa e eu fomos vítimas dessa máfia, não temos nada a ver com tudo isso escrito nos malditos jornais!

— Nós entendemos sua posição, Vossa Majestade...

— Não, vocês não entendem. — Falei, segurando a mão de Dominick. — Se eu houvesse sido comprada, seria a primeira a contar isso ao mundo, não acham?

— Eles drogavam as mulheres e elas perdiam a memória, Rainha.

— Sim, eu sei disso, eu sei da barbaridade que eles faziam. Mas

eu não fui uma delas. — Menti e percebi que aquele era o melhor caminho para salvar o meu marido. — Eu lembro perfeitamente do meu passado, meu marido nunca participou de um leilão de mulheres. É óbvio que tudo isso é mentira.

— Ou os senhores tem alguma prova contra Dominick? — Dimir perguntou, fazendo meu coração pular forte.

Alec e Royer se olharam e voltaram-se para nós. Royer suspirou e disse:

— Não, não temos. Lorenzo nos deu todos os documentos, arquivos,

acesso as câmeras da mansão e não há nada que comprove o que Orel nos disse.

Quase suspirei de alívio, mas me contive.

— Mas precisamos saber de algo e esperamos que seja sincero conosco, Vossa Majestade. — Alec falou, sério. — O que motivou Orel a sequestrá-los? O dono de uma máfia não sai do seu mundo perfeito para sequestrar alguém. Exatamente por isso que ele tem pessoas de confiança que fazem o trabalho sujo.

— Então, ele não disse a verdade para vocês?

— Provavelmente não.

— Orel nos sequestrou porque queria que o nosso país apoiasse a máfia. — Dominick disse, capturando a atenção de todos. — É de conhecimento de todos que, para uma máfia sobreviver, ela precisa de apoio e Orel queria dominar o Continente Europeu. Como Orleandy é uma das maiores potências econômicas mundiais, nosso apoio seria muito benéfico, mas eu rapidamente recusei. Jamais compactuaria com isso. Como viram, ele não se deu por vencido e fez tudo isso conosco. E como se não bastasse, sujou meu nome

perante a todo o meu país e o mundo.

Alec e Royer se olharam novamente e senti meu coração ficar ainda mais acelerado. Eles tinham de comprar aquela mentira, tinham!

— Pensamos em algo parecido com isso, Majestade. — Roger disse. — Orel realmente estava buscando apoio de alguns países e pensamos que ele poderia estar fazendo o mesmo com o senhor. Devo confessar que a acusação dele nos pegou de surpresa, mas está mais do que claro que o senhor nunca participaria de algo tão

estúpido. Pedimos desculpas e queremos deixar claro que faremos um pronunciamento oficial ainda essa semana, deixando claro que as acusações não têm nenhum tipo de veracidade.

— Nós fazemos questão de acompanhar todos os trâmites e fechar de uma vez por todas, esse assunto, senhores. — Peter disse, levantando-se.

Nos levantamos também e Dominick segurou firmemente a minha mão. Estava sério e seu olhar, apesar de mais calmo, ainda tinha um pouco de preocupação.

— Pedimos desculpas mais uma

vez, Majestade.

Dominick apenas balançou a cabeça e Dimir se pronunciou, indo até a porta.

— Eu os acompanho até o carro.

Em apenas alguns minutos estávamos sozinhos no escritório. Dominick soltou o ar que estava contendo nos pulmões e me abraçou, enterrando o rosto em meu pescoço.

— Acabou, Dom...

— Nem tudo acabou... O que meu povo deve estar pensando sobre mim, Kiara? Minha índole está sendo colocada em xeque por conta de algo que eu mesmo criei.

Todos eles terão razão de me chamar de bandido.

— Claro que não, Dom. O homem que me comprou era um. Esse aqui na minha frente é bem diferente e é esse que vai governar esse país.

— Eu continuo o mesmo. Não viu como foi tão fácil mentir?

— Foi muito fácil para mim mentir, também. Sabe por quê? Porque eu não fiz por besteira, eu fiz para proteger o homem que eu amo, que é o pai da minha filha. E você mentiu por nós, Dom, porque nos ama. Não foi por maldade. Foi por necessidade.

Ele moldou meu rosto em suas mãos e sorriu, triste.

— Por que você sempre consegue enxergar o melhor em mim?

— Porque eu amo você. E porque qualquer pessoa consegue ver a sua bondade. É só te conhecer um pouquinho e logo verão seu coração.

— Ah, Kiara... — Suspirou, encostando a testa na minha. — Eu te amo, Anjo.

— Eu também te amo, meu amor.

Seus lábios tocaram os meus com delicadeza, foi um beijo cheio de amor, mas pude sentir a tristeza

fluindo de dentro para fora em Dominick. Ele logo se afastou e beijou minha testa.

— Onde está Eva?

— No quarto de Dallah.

— Vou pegá-la e subir para o nosso quarto, tudo bem? Minha cabeça está latejando, vou me deitar um pouco com ela.

— Está bem. Eu vou ver como minha mãe está.

Ele assentiu e me beijou mais uma vez antes de se afastar. Era como se o peso do mundo estivesse sobre seus ombros. Dominick realmente amava seu povo e se importava com que todos pudessem

estar pensando dele. Ali eu tomei uma decisão.

Eu iria salvar o meu marido.

Capítulo 22 – Dominick

*“Ficará tudo bem
Estarei em casa hoje á noite
Estou voltando para casa”
Home (Michael Bubl )*

Um choro baixinho ao lado do meu ouvido me despertou. Sorri antes mesmo de me virar na cama e abrir olhos para ver uma Eva com a sobrancelha franzida, fazendo o famoso biquinho que antecedia uma forte crise de choro.

A peguei no colo antes que ela começasse seu escândalo e olhei ao

redor. O relógio marcava oito horas da manhã e Kiara não estava na cama. A porta do banheiro estava aberta e a luz apagada, o que indicava que ela também não estava lá, o que era muito estranho. Normalmente eu sempre acordava mais cedo, mas como era sábado, não vi necessidade de sair da cama às seis da manhã, principalmente com todo o escândalo que estava assolando o país sobre mim.

Me levantei com Eva no colo, que começou a chorar de verdade, pelo o que eu pensei que era fome. Era a única coisa que ela realmente reclamava e não parava até se

saciar. Preocupado, coloquei Eva por um instante em cima da cama e coloquei uma camisa, apenas para pegá-la novamente.

Sai com ela do quarto e quase morri de susto ao encontrar Dallah no meio do corredor, indo em direção ao meu quarto.

— O que aconteceu? Onde está Kiara?

— Nick, preciso que tome um banho rápido e se vista.

— Por quê? Onde está Kiara? Ela nunca levanta sem falar comigo.

— Perguntei, confuso, balançando Eva levemente.

— Ela está na sala de reunião

com Dimir e o Joseph.

— Dimir e tio Joseph? Como? O que está acontecendo, Dallah?

— Nick, não fica nervoso, não é de mais, só...

— Quando minha esposa sai da cama sem me acordar e se reúne com o meu primo e meu tio, é porque algo com certeza está acontecendo e eu não quero ser o último a saber. Vou agora mesmo ver o que está acontecendo!

Tentei passar por Dallah, que se colocou na minha frente e Eva chorou ainda mais alto, irritada e com fome. Fiquei ainda mais puto. O que Dallah estava fazendo afinal?

— Nós queremos que você vá até a sala de reunião, Nick, não estamos escondendo nada, mas você não pode simplesmente aparecer de calça de moletom e blusa de algodão, por favor, você é o Rei! Sabe que Joseph vai reclamar de sua vestimenta até sua décima quinta geração, então, para não ouvir um sermão desnecessário, vá tomar um banho, se vestir e nos encontre lá.

Ela tinha razão. Era difícil para mim não ir até ela é exigir que me contassem o que estava acontecendo, mas eu realmente não poderia aparecer naqueles trajes.

Teria de esperar. Talvez eu já pudesse dar aulas sobre como esperar, vinha praticando muito durante aqueles meses terríveis.

— Tudo bem. Eva está com muita fome, você pode levá-la até Kiara para mim?

— Claro, eu vim buscá-la, Kiara sabe que ela acorda essa hora para mamar. — Falou, pegando Eva dos meus braços. — Acalme-se, amor, é a dinda... — Murmurou, em vão. — Não demore, Nick.

Não esperei para vê-la entrar no elevador, estava ansioso e curioso demais. Embaixo do chuveiro, foi impossível frear meu cérebro e

logo comecei a pensar nos possíveis assuntos que Kiara teria a tratar com meu primo e meu tio, mas nada me parecia sério o suficiente para que ela precisasse sair tão cedo de nossa cama e sem me avisar.

Será que ela queria se separar e estava pedindo ajuda a eles? Eu poderia estar sendo absurdo, mas era uma possibilidade, não? Talvez ela tenha percebido que ficar ao meu lado era uma perda de tempo, mesmo depois de tudo o que passamos para ficarmos juntos.

Ou talvez ela tivesse se arrependido de ter mentido para os

polícias na tarde de ontem e queria arranjar uma forma de falar a verdade.

Essas ideias me machucavam e massacravam meu peito e saber que eu ainda as considerava uma possibilidade, mostrava-me que eu ainda sentia medo. Medo de ser deixado pela mulher da minha vida, medo de não ter demonstrado o suficiente todo o meu amor, medo de simplesmente perdê-la.

Ela havia me perdoado, ela disse com todas as letras, mas por que eu não conseguia tirar aquele medo do meu coração? Nossa filha havia nascido, passamos semanas

maravilhosas ao lado na nossa pequena princesa, Kiara sempre me olhava com os olhos amorosos, mas aquele receio de que ela poderia me deixar a qualquer momento, não saía do meu peito e assolava a minha mente.

O que eu iria fazer se ela me deixasse? Se levasse Eva junto com ela? Se me virasse as costas daqui há alguns minutos, quando eu entrasse na sala de reunião? Como eu poderia sobreviver?

Me vesti rapidamente e vi que minhas mãos tremiam ao abotoar a camisa. Era patético, eu, um homem com trinta e um anos, que

comandava uma das maiores potências europeias, tremendo com medo de que sua esposa pudesse estar prestes a deixá-lo.

Mas ninguém jamais conseguiria entender. Ninguém jamais conseguiria compreender o que Kiara significava para mim. Era mais do que um simples amor de um homem para uma mulher, ela era muito mais do que o amor da minha vida. Ela completava o pouco do homem que eu sempre fui em toda minha vida. Ela era meu bálsamo, era meu inferno e meu céu em um único corpo.

Ela era única pessoa que

poderia me fazer parar com apenas um olhar. A única que me balançava com um sorriso. A única que me ensinou o que é ser um homem de verdade, o que é ser humano, o que é errar e aprender. A única que poderia me quebrar ao meio e me consertar como se eu nunca tivesse ficado em pedaços.

Como eu poderia perder essa mulher? Como iria viver sem ela ao meu lado? Não havia Dominick se não houvesse Kiara.

Será que eu não merecia ser feliz ao lado da única pessoa que eu queria ao meu lado? Eu daria tudo, eu daria o meu reino, minha

riqueza, meu poder, apenas para passar o resto da minha vida ao lado de Kiara. De Kiara e da nossa filha.

Fechei a porta do meu quarto atrás de mim e fui em direção a escada, ansioso e nervoso demais para esperar pelo elevador. Subi os degraus rapidamente, me dando conta, pela primeira vez, que eu estava indo em direção ao andar do meu pai, onde não só havia o quarto onde ele é minha mãe dormia, mas também a sala de reunião.

Pisar naquele corredor me deu uma sensação ruim. Quando era criança, eu desobedecia meu pai e

ia até o seu andar, porque era tolo e achava que uma hora ele iria me receber bem, me convidar para entrar no seu quarto e conversar comigo, mas sempre que ele me via ali, ele me batia e me colocava para fora.

Até que eu desisti e me transformei no Dominick que eu era antes de conhecer Kiara. E nunca mais voltei a este andar. Estar aqui, agora, me demonstrou que eu não era tão forte quanto imaginava ser, porque dentro de mim havia o medo de que meu pai pudesse aparecer a qualquer momento, com um cinto na mão, pronto para me castigar e me

expulsar dali.

Olhei ao redor e respirei fundo. Ele estava morto, eu mandava naquele lugar, eu era o Rei e precisavam de mim na sala no final daquele corredor. E foi para lá que eu segui a passos largos.

Entrei sem bater na porta e encontrei Dallah no canto da sala, com Eva adormecida em seus braços. Dimir e tio Joseph estavam próximo a sacada, onde sempre fazíamos alguma anúncio ao povo e, para minha surpresa, Giorgio de Piel estava ali, sentado à mesa. Se levantou ao me ver e veio na minha direção.

Kiara não estava ali e senti meu coração apertar no peito, somente naquela hora ouvindo uma grande movimentação vindo da sacada.

— Dominick, é muito bom revê-lo.

— Onde está Kiara? — Perguntei em um único fôlego e o vi arquear a sobrancelha. — Me desculpe, Giorgio, é que tudo isso está me pegando de surpresa, não estou entendendo o que diabos está acontecendo aqui, embaixo do meu nariz! Kiara vai me deixar, é isso?

Ele riu e tive vontade de socá-lo.

— Dominick, venha comigo.

O acompanhei e fomos em direção a sacada. O que vi fez meu coração tropeçar no peito. Um mar de pessoas tomava conta dos jardins do palácio e fora dele também. A imprensa também estava ali, fotografando e gravando tudo. E Kiara estava em frente ao microfone na sacada, prestes a falar alguma coisa. Não consegui entrar e observei tudo há alguns metros de distância, o medo tomando conta de mim.

Ela iria anunciar que estava me deixando, era tão óbvio! Por que nunca imaginei isso antes?

Engoli em seco quando ela

começou a falar:

— Primeiramente, quero desejar um bom dia a todos e agradecê-los por estarem aqui e por me darem a oportunidade de falar. Como todos vêm lendo nos jornais nos últimos dias, uma rede de mentiras está sendo construída sobre o meu marido e nos espantou que o nosso povo pudesse estar acreditando em tudo o que está sendo dito pela imprensa.

“Meu marido está devastado com tudo isso. E como uma mentira pode nos abalar tanto, não é? Parece que foi perda de tempo acreditar nas outras coisas, quando

inúmeros jornais e revistas publicam o que parece ser a verdade. Mas aquilo não é verdade. O Rei Dominick é inocente e não estou aqui falando como uma esposa que ama seu marido, mas sim como uma mulher que todos os jornais dizem que foi comprada por um homem que eles pintam ser sem escrúpulos e sem humanidade.

“Eu não fui vendida e o Rei Dominick não me comprou. Não há nem mesmo provas de tudo isso que está sendo publicado. A única verdade que existe, é que Orleandy não poderia ter um Rei melhor, Dominick ama seu país e seu povo,

jamais iria ou irá decepcioná-los. E eu, como a Rainha e mãe da futura Rainha deste país, posso afirmar com toda a certeza que estarei ao lado do meu marido, ajudando-o a conduzir esse país com maestria.

“Meu marido e eu nos amamos. Nosso casamento não é de aparências ou apenas para mostrar a vocês, que aqui dentro deste Palácio, há um casal que pode tornar os livros de História ainda mais bonitos. Aqui há amor de verdade, entre pessoas que antes de ter qualquer título ou poder, são apenas um homem e uma mulher. Um homem e uma mulher que se

amam, que começaram a construir uma família, que amam sua filha é que também amam o seu povo. Deixo aqui o meu pedido para que deixem de lado quaisquer dúvidas sobre o Rei e que voltem a acreditar no ser humano incrível que Dominick é. Muito obrigada mais vez por terem vindo e me escutado”.

O mundo pareceu girar mais devagar quando uma salva de palmas e gritos começaram a entrar em meus ouvidos. Não conseguia nem mesmo definir o que eu estava sentindo, apenas registrei com meu olhar Kiara sendo abraçada por

Dimir e depois por meu tio Joseph e então, seus passos vieram em minha direção.

Vi quando Dimir fechou a porta da sacada e observei pela minha visão periférica o momento em que todos saíram, restando apenas Kiara e eu. Uma mulher linda e estonteante, com um sorriso aberto no rosto e um homem em choque, que havia esquecido até mesmo como se respirava.

— Dom... — Ela tocou meu rosto. — Fale alguma coisa.

Eu não conseguia! Minha mente não conseguia encontrar as palavras certas, na verdade, eu não

conseguia acreditar que existiam palavras que pudessem me fazer expressar o que eu estava sentindo.

Vi o sorriso de Kiara diminuir, certamente achando que eu havia odiado que ela havia feito, mas como eu poderia? Aquela mulher que era meu tudo, havia acabado de ir lá fora, gritar para o meu povo e para quem quisesse ouvir, que toda a verdade que estava nos jornais, é uma mentira.

Logo ela que não tinha obrigação de fazer nada, ou talvez ela tivesse a obrigação de fazer o contrário, de ir lá fora e dizer que eu era realmente um monstro que a

havia comprado, ela simplesmente me defendeu. Me defendeu de tudo, até de mim mesmo.

Contra todas as possibilidades, eu senti o amor que eu tinha por aquela mulher, aumentar. Se esticar ainda mais por todo o meu peito, por minhas veias e meu cérebro e me perguntei se eu era realmente merecedor dela.

— Dom... Eu fiz tudo errado? Meu Deus, eu não sabia que você iria odiar tanto, eu só...

— Não. — Murmurei, tocando em seus lábios. — Não fale nada. Só... Só me deixa olhar para a mulher mais incrível do mundo.

Para a mulher que eu amo tanto e que eu nunca pensei que pudesse fazer ainda mais por mim. Não bastou me amar e me perdoar. Você foi lá fora e me defendeu da verdade que poderia acabar de vez com a minha vida. Kiara... Tem certeza que eu mereço você?

— Que pergunta é essa? É claro que você me merece, seu bobo.

— Não creio que eu mereça... Olha tudo o que você fez por mim. E o que eu fiz por você, além de ter estragado a sua vida?

Ela ficou séria de repente e tocou meu rosto com as duas mãos, olhando em meus olhos.

— Nunca mais diga isso, Dominick. Como pode pensar dessa forma? Meu Deus, será que você não vê? Você foi naquele leilão, você me comprou sim, mas, inconscientemente, você me salvou. Você me trouxe para esse palácio e você me amou com tudo de você. Salvou minha mãe, cuidou dela, cuidou de mim, me deu uma família linda, me deu uma filha. Você se deu para mim e não há presente melhor. Eu te amo, Dominick, eu te amo tanto que se fosse preciso, eu mentiria mais mil e uma vezes apenas para salvá-lo. Apenas para tê-lo ao meu lado e nunca mais te

ver sofrer. Eu passaria por tudo de novo, apenas para estar aqui, agora, tão feliz ao seu lado. Não consegue enxergar isso?

— Não conseguia. — Murmurei e, assim como ela, eu também chorava. — Eu entrei nessa sala achando que você estava pronta para me deixar. Ou achando que você iria falar a verdade para todos lá fora. Me perdoa, Kiara, eu tive tão pouca fé em você. Na verdade, eu tive pouca fé em mim, porque não acreditava que eu conseguiria ser feliz de verdade, na minha cabeça, alguma coisa ainda iria tirá-la de mim, mas depois de tudo

o que eu ouvi você falando lá fora, eu tive a certeza de que não, nada tirará você de mim. Somos apenas um, Kiara e agradeço a Deus todos os dias por ter me dado uma mulher tão maravilhosa quanto você.

— Ah, Dom... Eu te amo tanto. —
Sussurrou.

— Eu te amo com tudo de mim, Anjo. Meu Anjo que me protege até de mim mesmo.

Ela sorriu e eu a beijei, sentindo o gosto doce dos seus lábios misturado ao gosto salgado de nossas lágrimas.

Nos entregamos e a puxei para mim pela cintura, sentindo saudade

do seu corpo, do seu gosto, da sua pele. Queria jogá-la em cima da mesa de madeira que estava ao nosso lado e amá-la até a exaustão, mas não podia, não podia porque ela estava de resguardo e...

Não! Porra, não! Acabava hoje! Como pude ser tão estúpido? Nossa filha estava completando um mês e o resguardo havia acabado. Tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo e simplesmente me desliguei. Que tipo de pai e marido eu era?

— Kiara... — Falei, deixando seus lábios. Ela estava vermelha e ofegante. — Acabou!

— Acabou... O quê?

— O resguardo, Anjo. Nossa filha está completando um mês hoje.

Ela abriu e fechou a boca duas vezes, sem saber o que dizer. Percebi que eu não era o único que havia esquecido.

— Oh meu Deus... — Murmurou e eu sorri ao vê-la colocar a mão na cabeça. Um sorrisinho também se abriu a em seus lábios. — Dom, nos esquecemos completamente!

— Sim, mas ainda dá tempo de comemorar... — Falei, me aproximando e tocando em seu rosto. — Estou louco para me enfiar dentro de você, Anjo, mas

quero que seja especial. Então, prepare-se para ser minha hoje á noite.

Ela sorriu e suas bochechas ficaram levemente vermelhas.

— Eu estou preparada há um mês.

Foi impossível segurar a gargalhada que escapou por minha garganta. Aquela era a minha esposa, a mulher que eu conhecia e que eu amava. Sempre espirituosa. Saímos abraçados da sala de reuniões e estava me sentindo tão leve, tão feliz, que caminhar por aquele corredor que se parecia tanto com meu pai, não me causou

calafrios.

Fomos direto para a sala, onde todos estavam reunidos. Tio Joseph, Dimir e Giorgio tomavam um cálice de vinho e Dallah estava sentada no sofá com Arthur, que segurava Eva no colo e falava com ela, que estava acordada.

Kiara pediu licença para ir à cozinha, iria pedir para Norah e Anna fazer um bolo para Eva e eu peguei o cálice que Dimir me deu, tomando um gole antes de falar:

— Fiquem mais um pouco, vamos fazer um bolo para Eva, ela completa um mês hoje.

— Que maravilha, meu

sobrinho. Ela é simplesmente encantadora.

— É sim... Puxou ao pai. —
Falei, rindo.

— Tio Nick, agora que a Eva tem mês, ela já vai falar meu nome?

— Arthur perguntou, chamando a atenção de todos.

— Não, querido, ela ainda é muito pequena...

— Poxa! Quando ela vai falar meu nome? Eu quero que ela fale logo.

Todos rimos com sua ansiedade de criança e Dallah começou a explicar a ele as fases do bebê. Dimir e tio Joseph começaram a

conversar e Giorgio parou ao meu lado, sorrindo de leve.

— Podemos conversar a sós por alguns minutos, Dominick?

— Claro, vamos ao meu escritório.

Pedimos licença e fomos em direção ao escritório. Já sentia falta de Kiara e Eva, mas sabia que tinha que me controlar e gostava de Giorgio. Ele, contra todas as possibilidades, havia me ajudado muito com Kiara.

— Fico muito contente em ver como você está feliz, Dominick. — Falou, sentando-se a minha frente. — Passei minha vida toda querendo

ver esse brilho nos seus olhos.

— Devo muito disso a você, Giorgio, que me aconselhou tanto quando mais precisei. Não tive oportunidade antes, mas quero muito agradecê-lo e pedir desculpas pelo meu comportamento com você. Sempre lhe tratei muito mal e agora eu vejo que você sempre quis me ajudar.

— Não precisa se desculpar e nem agradecer, Dominick. Eu sempre gostei de você como um filho e seu comportamento nunca me magoou, pois sempre soube que era apenas uma defesa. Agora que você encontrou Kiara, sabe do que

estou falando. Ela te ensinou muitas coisas.

— Verdade. E me surpreendeu ainda mais hoje. Não esperava por aquilo.

— Mas é assim mesmo, filho... É como em um jogo de xadrez, a Rainha sempre protege o Rei. — Sorriu e enfiou a mão no bolso, tirando um envelope levemente amarelado pelo tempo. — Bem, antes que você me pergunte o porquê de eu estar lhe entregando isso somente agora, vou esclarecer meu ponto. Eu estava esperando exatamente isso, Dominick. O momento em que você estivesse

amadurecido e feliz, ao lado de uma mulher que te amasse e que você a amasse de volta. Não poderia entregar essa carta para o velho Dominick, aquele homem que ainda tinha uma alma machucada de uma criança rejeitada. Precisava entregar isso para este Dominick na minha frente, que é um homem com o coração calmo e que sabe amar.

— Não estou entendendo... O que é isso? — Perguntei, tomando o envelope que me estendeu.

Ele se levantou e sorriu para mim, colocando a mão no bolso da calça.

— Leia com calma, você vai

gostar. Vou deixá-lo sozinho.

Não tive tempo de responder, pois logo o vi saindo do escritório e me deixando sozinho. Olhei para o envelope e percebi a ponta debaixo um pouco roída, mostrando-me realmente que era bem envelhecido. Abri e tirei um cordão com quatro pingentes pendurados e um papel grosso de dentro, abrindo-o e encontrando uma caligrafia muito bonita.

“Querido Dominick.

*É com muito amor que escrevo
essa carta hoje, pouco antes de ver
seu rostinho pela primeira vez.*

Você, meu menino, foi o sonho mais bonito que já pude realizar. Sempre quis ser mãe e quando soube que esperava você, me senti a mulher mais feliz e abençoada do mundo, porque além de estar com o coração repleto de amor por ti, ainda carregava em meu ventre o fruto do meu mais puro amor.

Sei que não poderei conviver contigo. Quando soube que a gravidez era arriscada, lutei com todas as minhas forças para ter você, para colocar-te no mundo e não me arrependo. Não foi uma escolha, porque dentro do meu coração não havia outra opção.

Sempre, desde sempre, foi você.

Patrick não entende hoje o que faço por você, meu menino, mas um dia ele entenderá. Uma mãe jamais abandonaria um filho. Eu jamais te abandonaria e nunca abandonarei.

Não sei com quantos anos você lerá essa carta, talvez tenha uma ideia deturpada de mim, que escrevo hoje com amor e lágrimas nos olhos, mas pode ter certeza que eu sempre, sempre estarei ao seu lado. Eu cuidarei de você a cada segundo, mesmo que você não me veja.

Eu vou secar cada uma das

suas lágrimas, curar cada uma de suas feridas, acariciarei seu cabelo até que você possa dormir tranquilo. Eu vou brigar, de onde eu estiver, para protegê-lo. E vou guiá-lo pelo melhor caminho.

Quando você vier ao mundo, eu vou respirar até o momento em que eu conseguir colocar meus olhos em ti. E partirei com sua imagem em minha mente, em meu coração. Você está eternizado em mim, meu menino, nunca se esqueça disso.

Infelizmente, não poderei dizer a você pessoalmente, mas quero que saiba desde já, que me orgulho do homem que você irá se tornar.

Você veio de mim, gerei você com todo o amor do meu coração e tenho certeza que você será um homem forte, responsável e amável.

Quero e preciso pedir desculpas desde já, pelo comportamento do seu pai. Ele te ama, meu menino, você precisava ver o brilho em seus olhos quando comuniquei que esperava por você. Mas ele não entende porque um tem de ir e o outro tem de ficar. Ele é um homem amável, mas também pode ser duro quando quer e temo o que fará com você. O que fará de você. Mas eu estarei ao seu lado e jamais te

abandonarei.

Eu te amo, meu filho e por você eu dei a minha vida. E daria infinitas vezes, se assim fosse necessário.

Confio em meu amigo Giorgio e sei que ele te dará essa carta quando achar que você entenderá tudo o que quero dizer. E pode ter certeza que estou muito feliz por você, finalmente, ter essa carta em mãos.

Junta a ela tem esse cordão que montei com todo o amor para você. Cada pingente tem um significado muito importante e quero que preste atenção em sua

mãe:

Esse pássaro é chamado de Fênix e significa renascimento. Lembre-se que pode errar, mas que também pode se reinventar.

O Quartzo Rosa traz amor e relacionamento, ajuda-nos a perdoar a nós mesmos.

A Leopardita nos traz coragem, determinação e força de vontade.

E a Obsidiana Negra trará proteção e lhe centrará para o futuro.

Use esse colar não só como um amuleto, mas para ter a mim ainda mais perto de ti. Deixe-o sempre perto do coração, onde somente as

coisas boas fazem morada.

*Obrigada por ter lido até aqui,
meu menino. Estou muito feliz por
finalmente estar ainda mais perto
de você.*

*Te amo, Dominick e nunca,
jamais, culpe-se por algo que não
temos escolhas.*

Um grande beijo.

Com amor, sua mãe.

Marie

Andrigheto

Domaschesky”.

Foi como receber um abraço de
uma pessoa que estávamos há
muito, muito tempo sem ver. Pela

primeira vez na minha vida, eu me senti acolhido no colo da minha mãe e apenas Deus, sabe o quanto eu quis isso, o quanto eu quis sentir a sua presença, que me foi privada desde... Sempre.

Todas as vezes que meu pai me culpava pela sua morte, era como se estivesse me matando aos poucos. Eu cresci com a ideia de que eu era um assassino desde sempre. Que se eu não tivesse existido, minha mãe estaria viva e feliz com meu pai. Era isso que ele me fazia pensar e acreditar, mas, por Deus, eu era uma criança!

Pela primeira vez eu entendi o

que realmente havia acontecido e só percebi que chorava quando as lágrimas molharam o papel em minhas mãos, que eu dobrei e levei ao peito. Era minha mãe. Minha mãe, a mulher que eu amava sem mesmo ter uma memória real dela. A mulher que deu a vida por mim, que me amava mais do que qualquer outra pessoa.

Meu pai foi um homem egoísta e frio durante toda a minha vida. Mas agora aquilo não me machucava mais, porque eu tinha a certeza que em todas vezes que eu me trancava no meu quarto e chorava, magoado e ferido, minha mãe estava ao meu

lado, abraçando-me, secando cada uma das minhas lágrimas.

Ela havia estado comigo. Havia me protegido e me guiado. Havia me levado em direção ao Anjo da minha vida, minha Kiara. E agora falava comigo, por meio desta carta.

E então, eu entendi o significado da palavra paz.

Eu estava em paz.

Estava em paz comigo mesmo, com meu coração, com tudo o que julguei ser o certo em trinta e um anos de vida. Não, eu não era o assassino da minha mãe. Não, eu não era o culpado. Não, eu não

estava sozinho. Eu nunca estive. Eu tinha sim uma mãe. E ela sempre esteve comigo, nunca me abandonou, ela deu sua vida por mim.

E eu iria agradecer essa oportunidade sendo o homem mais feliz do mundo. E fazendo da minha esposa, da minha filha, dos meus futuros filhos, da minha família e do meu país, as pessoas mais felizes do mundo.

Porque eu era Dominick Andrigheto Domaschesky. O homem que amava sua esposa, sua filha, sua família e seu país.

O homem que amava sua mãe.

E que iria agradecê-la por toda a eternidade, a vida que ela havia me dado.

Capítulo 23 – Kiara

“Eu apenas quero tocar você

E abraçar você

Eu preciso de você

Deus, eu preciso de você

Eu amo você demais”.

I Just Can't Stop Loving You

(Intro) - (Michael Jackson)

— Onde está Dominick?

Todos na sala olharam para mim e Giorgio sorriu, aproximando-se. Dei uma olhada em Eva, que continuava acordada no colo de Arthur e voltei minha atenção para

o senhor de terno que parou a minha frente.

— Ele está no escritório. Acho que precisa de você nesse momento.

— Mas... O que houve?

— Acho melhor você ir lá conferir.

Apreensiva, pedi licença e saí da sala, indo em direção ao escritório. Bati na porta duas vezes, mas o silêncio se perpetuou. Pensei duas vezes antes de entrar, mas a preocupação e a ansiedade tomavam conta de mim e me impulsionaram a abrir a porta.

A cena que encontrei fez o meu

coração parar de bater por alguns segundos. Dominick estava sentado no sofá, segurava um papel junto ao peito e um cordão na outra mão. Seu rosto estava banhado em lágrimas. Apressei o passo e parei a sua frente, ajoelhando-me para ficar na sua altura, minha cabeça rodando ao imaginar o que poderia ter acontecido.

— Dom... O que houve?

Ele abriu os olhos e vi uma miríade de sentimentos ali. Havia dor, carinho, medo... E algo estranho, que não consegui definir.

— O que é isso? — Perguntei, apontando para o papel.

— Uma carta. — Murmurou com a voz falha. — Da minha mãe.

Abri a boca para falar algo, mas ele colocou a carta na minha mão, para que eu pudesse ler. Era algo tão íntimo que, por um momento, pensei seriamente em recusar, mas via em seus olhos que ele queria que eu participasse daquilo. E não pude dizer não.

Pus-me a ler sem parar, sentindo meus olhos marejarem antes mesmo de chegar ao meio da carta. Era algo tão... Puro. Eu sempre soube que Dominick não era culpado por nada, que ele não havia matado sua mãe e ali, naquela carta, ela

confirmava tudo. E ainda deixava claro o quanto ele era amado por ela.

Ali, naquela carta, estava representado o maior amor do mundo. Porque ser mãe é amar infinitamente, é se colocar em segundo plano, é deixar de ser você, para se tornar um ser que era seu. Foi isso que Marie fez por Dominick. Ela se colocou em segundo plano para salvar a vida dele.

Isso era ser mãe.

Porque eu tinha certeza que eu faria exatamente a mesma coisa por Eva, se assim fosse preciso.

Terminei a carta com o rosto banhado em lágrimas e encarei Dominick, finalmente entendendo sua expressão. Aquilo era compreensão. Paz. Ele havia, finalmente, entendido que não era culpado pela morte de sua mãe, que seu pai esteve errado o tempo todo.

Saber que finalmente meu marido estava bem consigo mesmo, me fez sorrir em meio as lágrimas e abraçá-lo. Dominick rodeou minha cintura com força, puxando-me para cima em seu colo, onde me acomodei sentada de frente para ele. Não conseguia soltá-lo. Deus, eu estava tão feliz!

Porque o meu marido também estava feliz.

— Depois de você e Eva, esse foi o melhor presente que já recebi na minha vida. — Murmurou em meu ouvido, seus braços apertando minha cintura.

— Eu sei disso, meu amor. Estou tão feliz por você.

— Não mais do que eu. Ela me amava, Anjo. Ela realmente me amava! Eu não a matei, ela deu sua vida por mim! — Falou, finalmente me olhando nos olhos. — Eu desperdicei esse presente por muito tempo, sendo um homem que eu tenho certeza de que minha mãe não

se orgulhava. Mas, agora, isso mudou. Eu mudei. Sou um homem melhor e vou dar valor à vida que ela me deu.

— Ela sempre amou você, Dominick. Amor de mãe é instantâneo, amamos no momento em que sabemos que há outro ser dentro de nós. — Falei, tocando em seu coração. — Ela, com certeza, tem muito orgulho de você. Assim como eu tenho. Você pode ficar com seu coração em paz agora, Dom, porque a culpa não era e nunca foi sua. Não há culpados.

— Não há.

Em meio as lágrimas, um lindo

sorriso se abriu em seu rosto. Eu já havia o visto sorrir com espontaneidade, com amor, com orgulho, mas nunca o vi sorrir com aquela felicidade que resplandecia em seus olhos.

— Eu te amo. — Ele murmurou. — E eu tenho certeza que foi minha mãe quem me guiou até você, com a ajuda de Deus, claro. Porque ela sabia que eu jamais conseguiria ser realmente feliz, se não tivesse você ao meu lado. Você foi feita para mim, Kiara e o nosso amor é tão forte, tão real, que é capaz de superar qualquer ferida.

Ele fungou e balançou a cabeça,

ainda sorrindo. Suas lágrimas caíam também.

— Sei que nossa história não foi comum. Talvez você quisesse algo diferente, algo normal. O que dei a você foi muito mais. Eu te dei toda a minha parte ruim e você aceitou. Eu te dei a minha pequena parte boa e você aceitou também. Você me aceitou por inteiro, do jeito que sou e aparou o que não era para existir em mim. Você aceitou o Dominick frio, arrogante e sem escrúpulos. Você aceitou o Dominick bom, amoroso e que ainda era uma criança por dentro. Como eu poderia existir nessa vida, se não

houvesse você?

— Dom...

— Não, deixe-me falar. —

Pedi, tocando em meus lábios. —

Eu já perdi muita coisa nessa vida.

Não falo de bens materiais, porque

sempre tive tudo que quis. Eu falo

de amor, de carinho e cuidado. Mas

você... Eu ganhei você. E eu nunca

vou desperdiçar esse presente que

ganhei. Eu ganhei a nossa filha e

Deus sabe que serei o melhor pai

de menina que existe no mundo. E

quando tivermos o nosso filho,

serei o melhor pai de menino do

mundo. Eu serei o melhor marido.

Porque eu valorizarei vocês. Minha

família. A família que eu nunca tive, mas que sempre desejei em algum lugar esquecido do meu coração. Então, quando falo que amo você... Não é simplesmente amar. Meu amor também é gratidão. É alegria. É calor. É tesão. É paz e a certeza de que seremos um, para sempre.

— Eu nem sei o que dizer...

— Não precisa. Eu aprendi a ler os olhos. E os seus estão dizendo tudo.

— O que estão dizendo?

— Que você me ama. — Falou, dando um beijo estalado em minha bochecha. — Que você me adora.

— Um beijo em meu nariz. — Que você é completamente louca por mim. — Um beijo em meu queixo. — E que você também quer viver comigo pelo resto das nossas vidas.

Não precisei responder, ele já sabia de tudo. Exatamente tudo.

Sua língua invadiu minha boca no momento seguinte. O beijeí com tudo de mim, com todo o meu coração, toda a minha alma. Dominick estava mais do que certo, éramos realmente apenas um e assim seríamos para sempre.

Nosso beijo ficou mais exigente. Sentia suas mãos descerem da minha cintura para minha bunda,

apertando com força, até que consegui sentir sua ereção roçando-me, encostando-se diretamente em meu clitóris.

Deus, a saudade que eu sentia dele não havia tamanho!

Senti minha calcinha ficar molhada e meus seios mais pesados, os mamilos pontudos. A excitação me pegava de jeito naquele momento e eu simplesmente não conseguia parar. Soltei um gemido quando senti a boca de Dominick se arrastar pelo meu queixo, até chegar em meu pescoço, onde ele chupou forte, fazendo-me estremecer e minha

boceta se apertar.

— Porra! — Gemeu, rouco, esfregando-me com mais afinco em seu pau duro. — Não podemos continuar, Cristo... Estou morrendo de saudades de você!

— Podemos sim, por favor... Hoje faz um mês... — Murmurei, esfregando-me nele sozinha, minha boca passeando por seu rosto. — Por favor, Dom...

— Não... Anjo, todos estão lá fora.

— Não tem problema, é rapidinho...

Suas mãos fortes me jogaram no sofá e logo senti seu corpo em cima

de mim, acomodado entre as minhas pernas. Seus olhos queimavam tanto, que senti minha pele pegar fogo.

— Você não entende, Anjo... Se eu começar, não terei hora para acabar. — Falou, traçando o nariz pela minha pele. — Eu quero me esbaldar em você, Kiara. Eu quero passar a noite toda te chupando, mordendo, sentindo seu sabor. Quero essa boceta na minha boca a noite inteira, para depois meter o meu pau nela incontáveis vezes. Quero estalar minha mão na sua bunda, quero que goze inúmeras vezes para mim. E não posso fazer

isso aqui. Mas, a noite... Anjo, você não vai se ver livre de mim, nem se implorar.

Senti minha boceta apertar ainda mais de desejo, palpitando sem controle. Eu sabia que ele tinha razão, estávamos tempo demais longe um do outro para nos contentarmos com uma rapidinha no escritório, mas meu corpo gritava pelo dele.

— Não me olhe assim. — Pediu ao ver que eu iria implorar mais. — Eu quero você no calabouço, Kiara. Quero fazer algo novo com você.

— O quê?

— É uma surpresa, mas tenho

certeza que você vai gostar. —
Falou, levantando-se. Sua ereção
marcava completamente a sua
calça. — Vá fazer sala para nossas
visitas, preciso me acalmar um
pouco.

— Eu posso acalmar você, Dom.
— Falei, sentando-me.

Ele chegou perto de mim e parou
na minha frente. Seu pau duro
coberto pela calça ficou a
centímetros de colar na minha boca.
Senti seus dedos em meu queixo,
erguendo minha cabeça.

— Quer me chupar, Anjo?

— Sim.

Ele sorriu e senti minha calcinha

ficar ainda mais molhada.

— Me lembrarei disso mais tarde. — Falou e me soltou. — Agora, vá.

Pensei em falar mais alguma coisa, mas sabia que seria inútil, por isso, me levantei e dei um beijo em seus lábios, antes de sair do escritório.

Cantamos parabéns para Eva ao anoitecer e Arthur era a pessoa mais animada na sala. Todas as pessoas importantes estavam ali, até mesmo Norah, Anna e Andy,

que eu fiz questão que comessem um pedaço de bolo conosco. Arthur apagou a vela e sorriu para Eva, que colocamos perto do bolo para que fingisse que apagava a vela também.

Aquele dia era muito importante para mim. Por mais que houvesse me perdido por conta dos últimos acontecimentos, ter minha filha em meus braços, um mês depois de toda aquela loucura, era algo que me enchia de paz e alegria. Só poderia agradecer a Deus por ter nos protegido e abençoado.

Comi um pedaço do bolo e me sentei no sofá para amamentar Eva,

sempre sob os olhos atentos de Dominick, que me olhava com uma fome indisfarçável. Ouvi até mesmo Dimir rir e murmurar algo, que me fez ficar vermelha de vergonha. Todos sabiam que nosso castigo havia acabado e Dallah também sorria para mim, como se soubesse exatamente o que Dominick e eu faríamos mais tarde.

Eu ri para ela, sem graça, observando Arthur conversar alegremente com minha mãe. Ele a adorava e o sentimento era recíproco. Mamãe, mesmo esquecendo por diversas vezes quem ele era, adorava ficar em sua

companhia. E Arthur, que agora já sabia que minha mãe se esquecia rapidamente das coisas, tinha toda a paciência do mundo ao se apresentar novamente e retomar o assunto com ela.

Olhei ao redor e percebi que aquela era minha família. Não nos resumi apenas a Dominick, Eva e eu, mas sim a Dallah, Arthur, Dimir, minha mãe, Norah, Anna, Andy... Todos aqueles que contribuía para alegrar o meu dia a dia.

Eu os amava do fundo do coração.

Mais tarde, Giorgio veio se despedir de mim. Eva já havia

acordado e estava novamente no colo de Arthur, que falava e falava sem parar, sempre alegre.

— É incrível como ela é a mistura de você e Dominick. — Falou, sorridente. — Que olhos lindos.

— Obrigada. Ela realmente é uma mistura linda de nós dois. — Falei, acariciando de leve sua cabecinha.

Esperei que Giorgio falasse mais alguma coisa, mas quando olhei para ele, vi que apenas observava o modo como Arthur cuidava de Eva. Já não falava mais nada, apenas olhava para ela e ela

olhava para ele, naquela conversa muda que os dois sempre tiveram, desde o dia em que se viram pela primeira vez.

— Giorgio... O que houve?

Ele piscou e voltou a olhar para mim, sorrindo de leve.

— Nada, eu apenas estava observando... Eles se dão muito bem, não é?

— Sim. Se adoram desde o primeiro dia.

— É incrível.

— O quê?

— O amor dos dois.

Voltei a olhar para os dois e senti meu coração bater mais

rápido. O que ele queria dizer com aquilo?

— Claro que sim... Eles são primos, quase irmãos...

— Você sabe que não, querida. — Falou olhando para mim, sereno como sempre. Como se já soubesse de tudo. Às vezes, eu me perguntava se Giorgio era realmente desse mundo. — Mas isso não será um problema, você é uma mulher incrível, vai entender tudo na hora certa.

— O que quer dizer?

— O que está nítido. É um amor puro, Kiara... Não será surpresa para você, quando florescer. — Ele

sorriu e fez um carinho na cabeça de Eva e depois na de Arthur, que sorriu para ele. — Eu preciso ir. Foi um prazer passar essa tarde com vocês.

— O prazer foi nosso... —
Falei, sorrindo de leve para ele.

Acenou a cabeça e se afastou. Eu não consegui me conter e olhei novamente para Arthur e Eva. Apenas duas crianças.

“É um amor puro, Kiara... Não será surpresa para você, quando florescer”.

Cristo... Ele não quis dizer aquilo, certo? Não o que eu estava pensando... Resolvi que eu não

tinha que pensar em nada! Arthur e Eva eram apenas crianças, eram amigos. Se algo a mais viesse acontecer no futuro... Bem, veríamos como ficariam as coisas no momento que acontecessem.

Sofrer por antecipação não fazia parte de mim.

Joseph também veio se despedir de mim e das crianças e logo o palácio estava vazio de visitas. A enfermeira subiu com minha mãe, que precisava descansar, Dimir e Dallah levaram um Arthur contrariado para o quarto, pois o mesmo queria ficar ali, com Eva, o que me fez sorrir e ficar com o

coração um pouco apertado.

O que o futuro guardava para aqueles dois?

— Vamos subir? — Dominick perguntou, pegando Eva do meu colo, que quase adormecia.

Assenti e me levantei, indo com ele em direção ao elevador. Seu olhar continuava sobre mim, sem parar e me sentir arder, todos os meus pensamentos desaparecendo de minha mente.

Em nosso quarto, Dominick fez Eva dormir enquanto eu tomava um banho. Quando saí do banheiro, o vi colocá-la no berço e ligar a câmera da babá eletrônica. Me

olhou como se me devorasse e me estendeu a mão, que peguei de bom grado, indo com ele em direção a escada do calabouço.

Lá embaixo, o mundo pareceu parar de existir. Éramos apenas eu e ele e o tablet na cômoda, que nos alertaria se Eva acordasse, o que eu rezava para que ela não o fizesse por, pelo menos, duas horas.

— Por que colocou o roupão, se sabia que eu iria tirá-lo? — Perguntou, parando na minha frente, desfazendo o nó da minha cintura.

Não respondi e mordi o lábio, excitada e nervosa. Não havia voltado ao meu peso de antes.

Ainda me sentia um pouco inchada demais, apesar da barriga estar praticamente lisa. Sabia que Dominick era meu marido e me desejava, sentia isso, mas como não se sentir um pouco insegura? Eu era uma mulher comum, me sentia daquela forma também e, por mais que tentasse disfarçar, me encolhi um pouco quando o roupão chegou ao chão, deixando-me nua.

— O que foi? — Dominick perguntou, passando a ponta dos dedos pelo meu pescoço, causando-me arrepios.

— Não acho que eu esteja tão bonita...

Dominick arqueou uma sobancelha e deu dois passos para trás, avaliando-me. Senti vontade de me esconder. O que diabos ele estava fazendo?

— Dominick, não me olhe assim... — Pedi, abaixando-me para pegar o roupão de novo.

— Pare. — Ordenou com a voz alta e rouca. Parei no meio do caminho ao me levantar, o roupão preso na minha mão. — Largue-o no chão, onde estava.

— Mas...

— Agora, Anjo.

Obedeci e larguei o roupão no chão, levantando-me. A vontade de

me esconder ainda persistia. Nunca havia me sentido daquela forma, não sabia de onde estava vindo aquela insegurança, mas lutei comigo mesma para ficar sob o seu olhar, que começava a me excitar.

— Sabe o que eu vejo, Kiara?

Neguei com a cabeça e soltei um suspiro ao vê-lo desabotoar a camisa rapidamente e jogá-la ao chão. Havia se descalçado ainda em nosso quarto e quando desabotoou a calça, senti meu coração bater como um cavalo no peito.

— Eu vejo uma mulher linda. —
Falou, e mordeu o lábio ao ver sua

calça ir ao chão, junto com a cueca. Seu pau saltou em riste, duro e com as veias demarcadas. — Gostosa demais. Com o corpo perfeito para mim. — Se aproximou, fechando a distância entre nós. — Toque-me.

Não pensei duas vezes antes de rodear seu pau com a mão, tocando-o de leve.

— Sente isso? Sente o quão duro eu estou para você?

— Sim.

— Então, por que está com vergonha de mim?

— Não sei...

— Eu sei. — Falou, tocando meus lábios com o polegar. — Você

está preocupada demais com o padrão de beleza que é exigido por pessoas lá fora. Mas aqui, somos apenas eu e você. Não importa o que os outros pensam, o que importa é nós dois. Eu amo você e eu te desejo da forma que você estiver. Anjo, eu vou ficar duro para você até o dia da minha morte. Eu não me importo se você está com mais corpo depois da gravidez, na verdade, acho isso incrível. Eu estou amando os seus seios, seu quadril, sua bunda, a forma como a roupa que você usava antes de engravidar, abraça o seu novo corpo, deixando evidente o

trabalho maravilhoso que nós dois fizemos.

Seu polegar se afastou e suas mãos rodearam meus seios, sem apertar. Encheram suas mãos e o contato do meu mamilo com sua palma quente, me fez gemer.

— Porra, Kiara... Você está gostosa demais! — Beliscou de leve meus mamilos e joguei a cabeça para trás, muito excitada. — Eu preciso de você, Anjo, mas vou com calma. Quero desfrutar de você.

— Faça o que quiser comigo, Rei Dom.

Vi seu sorriso de leve e, de

repente, eu estava virada de costas para ele, sendo empurrada violentamente na cama. Seu golpe me pegou de surpresa, mas sorri de sua velocidade e gemi ao sentir sua língua descer por toda a linha da minha coluna.

Contorcia-me sobre a cama e Dominick colocou meus braços para cima, ordenando silenciosamente que eu ficasse ali, daquela forma, quieta. Obedeci e gritei ao sentir seus dentes cravando-se em minha carne, perto da nuca. Senti meus olhos se revirarem e minhas paredes vaginais se apertarem, louca de

tesão.

Havia sentido tanta saudade daquilo. De simplesmente senti-lo no alto do seu tesão por mim, tão louco que não sabia se rosnava, lambia ou me mordia. Chupou minha pele mais embaixo e mordeu, seguindo a linha da minha espinha, deixando-me excitada, com a pele queimando como se tivesse sido marcada a fogo.

Me movi contra a cama, o tesão fazendo meu corpo implorar, louca para roçar meu clitóris na seda negra, mas recebi um tapa seco e ardido, que logo foi substituído pela língua perversa de Dominick,

que lambeu todo o lugar quente, antes de morder minha nádega com força.

Choraminguei, excitada, chamando seu nome em lamúria. Não consegui frear meu corpo e seus estímulos estavam me matando, minha boceta estava tão molhada, que sentia o começo das minhas coxas um pouco meladas. Mordeu minha outra nádega e depois mais embaixo. Deu mais um tapa na junção das coxas e abriu minha bunda, descendo a língua pelo meu cóccix até o meu cuzinho, onde lambeu até penetrar a ponta da língua, que me fez revirar os olhos.

— Dom... Rei Dom, por favor...

— Gemi, sentindo meus olhos encherem-se de lágrimas.

Estava por um fio. Precisa, necessitava, gozar!

Dominick não me respondeu e continuou a dar atenção ao buraquinho apertado, que piscava para ele em aprovação e tesão. Sem conseguir me impedir, comecei a rebolar, esfregando-me nele. Mas meu clitóris continuava longe da fricção, pois Dominick mantinha minhas pernas juntas, impedindo-me.

Ofeguei forte e Dominick apertou minhas nádegas, largando-

me de repente. Olhei em volta e não consegui vê-lo, apenas ouvi seus passos pelo quarto, certamente pegando alguma coisa para usar em mim. Excitada, finalmente rocei meu clitóris inchado no colchão, o mais silenciosamente possível, querendo gemer por estar tão perto de gozar.

— Pare agora, ou juro que não vou deixá-la gozar mais nessa noite, Kiara. — Dominick falou, sério.

Parei na hora, meu corpo protestando e doendo, minhas paredes vaginais palpitando loucamente. Ouvi mais passos e

então, ele estava atrás de mim, tocando em meus braços com delicadeza.

— Vou amarrar seus braços atrás das costas, certo?

— Sim. — Murmurei.

Senti a corda envolver meus antebraços, juntando-os. Dominick trabalhava rapidamente, senti a corda envolvendo minha pele e descendo, até chegar ao meu pulso, sem apertá-lo muito. Ainda assim, não conseguia separar os braços, pois a corda estava mais apertada em cima.

Ao terminar, Dominick me puxou e me colocou de pé. Virou-me para

ele e encontrei sua expressão sexy, que tanto me excitava.

— Estava querendo gozar sem mim?

— Eu... Precisava muito... Me desculpe. — Murmurei, subitamente envergonhada.

— Seu prazer é meu prazer, Anjo. Se eu gozar será por você e se você gozar, será por mim, não pela sua boceta roçando no colchão.

Assenti, olhando para ele, que sorriu de lado, perverso. O vi caminhar até a cama e se sentar, seu pau duro chegando ao seu umbigo, lindo. Fiquei parada no meio do

quarto, sem saber o que fazer.

— Venha aqui, Kiara.

Fui até ele e abri minhas pernas, sentando-me de frente para ele, perto do seu pau. Se estivesse com as mãos soltas, certamente já teria pego seu membro e enfiado em minha boceta. Ainda me olhando, Dominick se deitou e manteve as mãos em minha cintura, me trazendo para perto do seu rosto.

— Não quer esfregar essa bocetinha molhada? — Perguntou, olhando-me debaixo, ainda dominando. — Então, venha. Esfregue aqui, na minha boca.

O tesão me impediu de ser

certinha ou sentir vergonha pela posição tão depravada. Sem pensar muito, cheguei mais perto de seu rosto e Dominick manteve uma mão em minha cintura para me dar apoio e levou a outra a minha boceta, abrindo os lábios e me puxando para baixo.

Assim que senti sua língua golpear meu clitóris, comecei a rebolar em sua boca, gemendo seu nome em alto e bom som. Dominick rosnou embaixo de mim, esfregando sua boca e seu queixo com a barba cerrada em minha boceta, de cima para baixo, golpeando meu clitóris sem dó alguma.

Meu baixo ventre oscilou fortemente. Senti meu clitóris ficar ainda mais duro e excitado e me movi mais rápido, principalmente em sua barba, que arranhava meu nervo e me deixava ainda mais excitada, com o orgasmo batendo fortemente na porta.

Rebolei com sua língua enterrada em mim e comecei a subir e descer, transando com sua boca incansável, com sua língua que permanecia dura e implacável dentro de mim, penetrando-me sem dó, estimulando-me tanto que o orgasmo me pegou de surpresa, me fazendo gritar até sentir a garganta

arder.

Dominick não parava. Agarrou a minha bunda com as duas mãos e abocanhou minha boceta, chupando-me para dentro da sua boca, mantendo meu clitóris preso e fazendo meu orgasmo emendar-se um no outro. Lágrimas escapavam por meus olhos e gritei para ele, sentindo tudo abaixo da minha cintura ficar sensível, mantendo-me em suspenso.

Meu corpo não aguentou e caí para frente. Dominick segurou-me pela cintura, levantando-me para sair de debaixo de mim e logo estava em minhas costas, beijando

minha nuca e seguindo para o meu rosto, minha bochecha e lábios.

Não conseguia abrir os olhos, apenas respirar e sentir o palpitar incessante da minha boceta. Senti seu sorriso em minha pele e suspirei.

— Você não cansa de ser deliciosa. — Murmurou em meu ouvido e quase fugi dele ao sentir seu dedo me penetrar. — Não, quietinha...

— Eu não consigo...

— Acostume-se, Anjo. — Falou, movendo o dedo devagar. Apertei-o e soltei-o dentro de mim, em um massagear incessante. Estava

sensível, mas ainda excitada, como se só fosse descansar depois de senti-lo inteiramente dentro de mim. — Gostosa... Meu pau está ficando cada vez mais duro... Não vejo a hora de estar dentro de você.

— Eu quero chupar você... Por favor. — Pedi, desejosa.

Dominick beijou meu rosto, minha nuca e tirou o dedo de dentro de mim, devagar. Me ajudou a sentar na cama e parou na minha frente, segurando seu pau pela base. A glândula já brilhava com o líquido de pré-goço.

Abocanhei-o com vontade, indo até onde aguentei, preparando

minha garganta para recebê-lo. Dominick gritou e segurou-me pelo cabelo, penetrando-me, até que foi até o fundo e voltou. Era simplesmente delicioso sentir aquela carne quente ali, na minha boca, sentir o contorno das veias, sentir o seu sabor tão íntimo. E saber que eu era responsável por deixá-lo tão duro, me fazia ficar ainda mais excitada.

Voltei para a glândula e rodeei com a língua, chupando só a cabeça e descendo logo depois pelo comprimento, arrastando de leve os dentes. Senti-o pulsar em minha boca, prestes a gozar.

— Chega! — Rugiu, saindo da minha boca e levantando-me, apenas para me virar e fazer meu dorso deitar na cama, minhas pernas mantinham minha bunda e minha boceta para cima, meus pés fincados no chão. Só tive tempo de gritar ao sentir seu pau penetrando-me, empurrando todos os meus nervos. — Isso! Isso... Anjo... Porra, que saudades!

Quis falar que também sentia saudades, mas não pude. Seus movimentos dentro de mim me desnorteavam, só conseguia sentir e sentir. Seu pau me comia com gosto, ia ao fundo e voltava em

movimentos certos, que tocavam todos os meus pontos. Meus nervos estavam a flor da pele e gemi algo incoerente, sentindo-me sensível demais e prestes a gozar de novo.

Dominick parecia estar tão alucinado quanto eu, pois segurava minha cintura e metia sem dó, sem parar, causando-me uma dorzinha gostosa no final da vagina. Tentei rebolar, mas suas mãos me impediram, então, me deixei levar, sentindo minhas paredes vaginais apertá-lo com gosto.

— Vou gozar... — Consegui gritar, começando a morder o lençol de seda, o prazer grande

demais para suportar.

Dominick não disse nada e continuou a meter como um louco, indo e vindo, tão rápido que comecei a gozar em um lamurio que foi abafado pelo colchão. Minhas pernas ameaçavam a falhar, mas Dominick me segurou e começou a gozar no fundo, bem enterrado em mim, gritando meu nome diversas vezes em tons desesperados.

Estávamos desesperados. Sim, um pelo o outro, sedentos de saudades.

Ele ainda pulsava e ejaculava dentro de mim, como se não fosse acabar mais e eu gozava junto, até

que seus movimentos pararam e tudo o que restou foram nossas respirações e o pulsar incessante de nossos sexos.

Respirei fundo e senti Dominick soltar a corda do meu braço rapidamente e logo vinha massageando meus músculos, que pareciam dormentes, assim como o resto do meu corpo. Com sua ajuda, fui para o alto da cama e me deitei de barriga para cima, abrindo as pernas para acomodá-lo em cima de mim.

Sem esperar por mais nada, puxei sua cabeça e comecei a beijá-lo, sentindo meu sabor ainda em

seus lábios, que me beijavam com igual paixão. Nossas almas estavam naquele beijo calmo, como uma brisa depois da tempestade. Sem precisar de palavra alguma, senti-o me penetrar lentamente e assim, se mover.

Estávamos fazendo amor.

Não que não tivéssemos feito antes, mas agora nos amávamos com calma, olhos fechados e bocas unidas, em um amor de corpo e alma. Calmo e sereno.

Ele saiu e entrou lentamente, excitando-me, instigando-me e logo estava gemendo em seus lábios, passando as mãos por suas costas e

seu cabelo, sentindo suas mãos em meu corpo, meu rosto, minha cintura. Rebolei embaixo dele, recebendo-o e amando-o.

Nosso gozo daquela vez veio calmo, em um gemido que engolimos com beijos. Nunca paramos de nos beijar. E quando saiu de dentro de mim, olhei em seus olhos cheios de amor e soube que não havia no mundo, mulher mais feliz que eu.

Capítulo 24 - Kiara

Você sabe que é verdade

Eu te amo

Eu te amo”

I Love You (Ed Sheeran)

Nossa vida começou a caminhar de forma correta e tranquila depois da minha declaração ao povo de Orleandy e à imprensa mundial.

Soube por Robin que Lorenzo havia voltado para Londres e, logo depois do meu pronunciamento, a polícia havia descartado a possibilidade de Dominick estar

envolvido no crime e foi um alívio vê-los reforçar isso na imprensa. A credibilidade de Dominick voltou ao lugar que nunca deveria ter saído e a felicidade voltou a reinar em nossa casa, principalmente depois da carta da sua mãe.

Dominick ainda era o mesmo homem, ainda mantinha a pose de homem sério, mas agora sorria mais, brincava mais e havia aprendido a tratar com mais delicadeza a todos a sua volta, principalmente depois do nascimento de Eva. Ela havia o transformado em um homem ainda melhor.

Agora, com três meses, estava mais esperta e ficava mais tempo acordada. Era incrível como ela adorava ficar no colo de Dominick e prestava atenção em tudo o que ele falava, principalmente quando ele passava o dia fora só chegando a noite. Ela sentia sua falta durante o dia e quando ele chegava e a pegava, ia com ela para a sacada de nosso quarto, ela só saía de lá quando a fome apertava.

E eu?

Bem, eu era a mulher mais feliz do mundo.

Estava realizada na minha vida pessoal, emocional e profissional.

Apesar de ainda não estar dando aula na escola de balé que Dominick havia me apresentado, eu estava começando a selecionar professoras, com a ajuda de Robin.

Por falar nele, olhá-lo me enchia de alegria. Ele finalmente havia encontrado Rachel, sua ex-namorada que havia sido vendida pela máfia. Apesar de estar vivendo uma fase delicada, já que ela ainda sofria com a perda de memória e os abusos que havia sofrido de seu comprador, que estava preso, eles caminhavam juntos.

Robin que fazia tudo por ela. A

levava para psicólogo e psiquiatra, médico neurologista e assim, Rachel, uma mulher linda de olhos verdes e cabelo castanho, voltava à vida.

Ainda assim, Robin conseguia arrumar um espaço em sua agenda para me ajudar. E ver minha escola começando a caminhar, me deixou ainda mais feliz. Havia decidido, desde o começo, que aquela seria uma escola para crianças com poucos recursos, totalmente gratuita. E mais uma vez, Robin me surpreendeu ao falar que faria uma parceria com a minha escola, onde os alunos mais dedicados e mais

velhos, ganhariam bolsas para a sua escola, que era uma das mais renomadas do mundo.

De início, Dominick não havia gostado da ideia. Mas, enfim, ele percebeu que Robin estava e sempre esteve do nosso lado. Que ele não queria nos separar, não queria causar intriga entre nós. Ainda mais agora, que estava com sua amada ao seu lado.

E assim, a nossa vida começou a caminhar da forma certa.

Era dia de levar Eva e Arthur a pediatra e era a primeira vez que Dominick não nos acompanhava, pois tinha uma reunião inadiável.

Dallah e eu estávamos no carro e Arthur estava ao lado de Eva, ambos em suas cadeirinhas. Na frente do banco, havia uma pequena TV que passava desenho, deixando-os entretidos. Mas Eva não largava o dedo de Arthur, segurando-o ali, pertinho dela.

— E o seu mal-estar, melhorou com o chá que Norah fez? — Dallah perguntou, tirando-me de meus pensamentos.

— Sim. Ainda me sinto um pouco enjoada, mas acho que foi a sobremesa de ontem. Havia muito tempo que eu não comia chocolate, por causa de Eva, e ontem abri uma

exceção. Deve ter atacado meu fígado.

— Verdade, eu fiquei assim quando voltei a comer as coisas que havia eliminado da minha dieta por causa de Arthur. Esses pequenos mexem demais com a gente.

— Com certeza. — Falei, olhando para Eva que estava quase pegando no sono, mas despertou ao sentir o carro parar. — Chegamos, crianças!

— Olha, Pequena, chegamos na tia Grace! Ela é muito legal, sempre me dá uma bala quando chego à sala dela. Tem um monte de

brinquedos lá...

Arthur continuou a contar para Eva, enquanto tirávamos os dois do carro. Com o consultório fechado por nossa causa, fomos recebidos pela secretária da doutora, que nos levou direto para sua sala.

Dra. Grace era uma senhora de cinquenta anos, loira, mas que não aparentava sua idade. Era dócil, gentil, mas sabia puxar nossa orelha quando fazíamos algo de errado com as crianças. Nos recebeu com um sorriso no rosto e beijou Arthur e Eva, pegando-a primeiro para examinar.

A pesou, escutou seu peito,

olhou em seu ouvido, mediu seu tamanho e o alívio tomou conta de mim ao ouvir dela que Eva estava saudável e linda, perfeita para seus três meses recém completados.

Logo depois foi a vez de Arthur e estava prestando atenção no que a doutora falava, até começar a me sentir mal de verdade. Uma tontura forte que me fez sentar e apertar Eva em meus braços, com medo de deixá-la cair.

— Rainha, está sentindo alguma coisa? — Grace perguntou, deixando que Dallah vestisse Arthur.

— Uma tontura forte e estou

enjoada... — Murmurei ao entregar Eva a ela, que me olhou com o cenho franzido.

— E isso vem acontecendo há muito tempo?

— Não. Quer dizer, às vezes sinto alguma tontura, mas ontem eu comi demais no jantar e fiquei enjoada. Acho que algo atacou meu fígado e me deixou assim.

— Verdade, doutora. Ela passou mal hoje de manhã.

— Posso fazer uma pergunta pessoal?

— Claro.

— A senhora está fazendo uso de algum contraceptivo?

— Sim, tomo anticoncepcional.

— Mas está tomando desde que Eva nasceu? Ou esperou o resguardado passar para começar a tomar?

— Esperei o resguardado passar. Foi instrução da minha ginecologista, já que eu não havia tomado nenhum anticoncepcional antes da gravidez.

— E só teve relações sexuais depois que começou a tomar o remédio?

Senti o mundo paralisar por um instante, quando a lembrança da primeira noite após o resguardado, tomou a minha mente. Engoli em

seco ao pensar no que poderia estar, de fato, acontecendo.

— Não... — Lembrei de responder e vi Dallah ficar boquiaberta, olhando de mim para a médica.

— Então você pode estar grávida!

— Sim. — Grace disse.

— Não! — Respondi no automático, levantando-me e sentindo-me tonta, sentando logo em seguida. — Não pode ser! Pelo amor de Deus, Eva tem apenas três meses!

— Mas isso é possível, Rainha. A senhora teve relações sem

nenhum tipo de proteção, provavelmente em seu período fértil. É completamente possível.

— Só há um jeito de saber. Precisamos fazer um exame de sangue.

— Então, a tia Kiara vai ter uma outra Eva? — Arthur perguntou, com uma carinha confusa. — Ela namorou pelada de novo? Por que não usou camisinha?

— O quê? — A médica perguntou, espantada e Dallah pegou Arthur no colo.

Quase ri de seu desespero e da pergunta de Arthur, mas estava desesperada demais.

— Nada. Esse menininho fala tudo o que vem na cabeça dele... — Dallah disse, envergonhada. — Já guardei toda sua prescrição na bolsa, doutora... Podemos ir, Kiara?

Assenti e me levantei, a tontura já havia passado por completo, mas me sentia um tanto anestesiada pela possibilidade de estar grávida.

De novo!

Em três meses!

Saímos da sala da doutora e ouvi Dallah bufar ao meu lado, com raiva.

— Eu mato o Dominick! Ele ensina essas coisas para o meu

filho e sou eu quem passo vergonha!

— Eu também mato o Dominick... — Murmurei.

— Por ter te engravidado?

— Eu posso estar esperando um bebê de novo, Dallah! Eva tem apenas três meses! Ela nem está perto de desmamar ainda! Claro que vou matar o Dominick!

— Mas, nesse caso, a culpa não é só dele, amiga... — Ela murmurou e eu bufei, por saber que ela estava certa.

Entramos no carro e fui amamentando Eva, enquanto Johnson, nosso segurança, ligava

para pedir que fechassem a clínica, para que eu pudesse fazer o exame. Como ligamos em cima da hora, eles asseguraram que iriam mandar uma equipe ao palácio e que o resultado sairia em duas horas. Me ligariam avisando e mandariam uma cópia para o meu e-mail pessoal.

Chegamos ao palácio e, como prometido, a equipe já estava a nossa espera. Quase chorei de desespero ao ver o meu sangue sendo tirado, não por medo de agulha, mas por saber que aquilo iria desvendar se eu estava grávida ou não.

Foram as duas horas mais longas

e nervosas da minha vida. Não conseguia ficar parada, andava de um lado a outro com Eva no colo, que estava ficando enjoadinha, por eu estar tão agitada. Parecia ser verdade que a emoção passa para o leite, pois Eva ficou irritada depois de mamar é só conseguiu dormir no colo da minha mãe, que a chamava baixinho pelo meu nome.

Comi por causa de Eva, porque ela precisava de um leite forte, mas vomitei tudo quando a hora se aproximava. Quando o telefone tocou, me sentei temerosa na cama, nervosa e com o estômago embrulhado, apesar de o mesmo

estar vazio.

O resultado não me pegou de surpresa, como o esperado, mas ainda assim eu senti o suor gelado molhar minha palma, nervosa. A mulher ao outro lado da linha ainda falava algo, quando vi Dominick entrar no nosso quarto. Ele parou ao me ver e olhou para o berço, onde viu Eva dormindo, tranquila.

Agradei e desliguei. Dallah apenas leu em meus olhos e na minha expressão e soube qual era o resultado do exame. Saiu sorridente do quarto e Dominick franziu o cenho, aproximando-se de mim.

— Kiara, o que houve? Você

está pálida como papel. — Perguntou, sentando-se. — Quem era ao telefone? É alguma coisa com a Eva?

— Não...

— Então, o que é?

Me levantei e andei pelo quarto, sem saber o que dizer. Como daria aquela notícia? Claro que queria outros filhos, mas não agora, não com Eva tão pequena é tão dependente de mim e de Dominick. Como ele reagiria?

— Kiara! Você está me deixando nervoso! — Levantou, parando na minha frente. — O que aconteceu?

— Estou grávida! — Falei

rápido e fechei os olhos, percebendo que falar em voz alta concretizava tudo.

Esperei que Dominick falasse algo, mas recebi o silêncio como resposta. Aquilo me deixou ainda mais nervosa e quando olhei para ele, vi que me olhava diferente. Não era o olhar de alívio que recebi quando falei que esperava Eva. Era um olhar... Maravilhado.

— Sêrio?

— Sim. — Murmurei, vendo um sorriso se abrir em seus lábios. — Você está feliz?

— Oh meu Deus, Kiara, claro que sim! — Falou, sorrindo de

orelha a orelha. — Você não está?

Balancei a cabeça e senti meus olhos se encherem de lágrimas. Não sabia porque estava chorando, mas sabia que havia uma miríade de sentimentos dentro de mim.

— Eu não sei nem cuidar da Eva direito, como vou cuidar dela e de mais um bebê? Por que você está feliz? Por que me engravidou tão cedo?

Apesar das lágrimas, vi sua expressão de confusão ao me ouvir gritando e soluçando ao mesmo tempo. Quando me abraçou, senti vontade de socá-lo. Mas como eu poderia? Como, quando o amava

tanto e já começava a amar aquela criança dentro de mim?

— Anjo, eu sei que é muito cedo, mas é uma criança, querida, nossa criança, nosso filho ou filha. Sei que deve estar confusa, é muita coisa em cima da outra, Eva ainda está pequena, mas eu estou com você. Sabe disso. Você é a mãe, carrega por nove meses, sente a dor do parto e amamenta, mas eu sou pai e vou ajudar em tudo o que precisar, assim como faço com Eva. Eu amo você, amo nossa Eva e já amo nosso segundo filho. — Falou, tocando minha barriga sem sinal de gravidez.

Quando olhei em seus olhos, me achei uma estúpida. Tudo estava tão claro. Aquele novo bebê chegara para nos unir ainda mais. Apesar de Eva ainda ser pequena e depender tanto de mim, eu tinha Dominick ao meu lado e não havia o que temer. Daríamos conta dos nossos dois bebês. Iríamos amá-los e cuidar deles.

Burra havia sido eu, de me desesperar.

— Eu também já amo muito esse pequeno ou pequena. — Falei, colocando minha mão por cima da sua. — Me desculpa, eu fiquei tão louca... Eu só conseguia pensar que

Eva era pequena e que isso era uma loucura...

— Eu entendo você, Anjo. Mas estou tão feliz! Eu já posso gritar para o mundo que serei pai novamente?

Ri pela primeira vez desde que aquela dúvida fora plantada em minha mente. Assenti e ele riu, dando-me um beijo estalado. Abaixou-se e beijou minha barriga, antes de sair correndo, gritando pelo corredor que seria pai, até que sua voz foi ficando longe.

Me olhei no espelho a minha frente e acariciei minha barriga lisa. Havia um ser ali. De novo. Eu

sentiria as mesmas coisas e ainda nem estava recuperada da gravidez de Eva. Parecia que ainda podia senti-la chutando meu ventre e agora seria de verdade, porque eu seria mãe de novo.

E, apesar do medo, a felicidade estava lá, brilhando, incandescente dentro de mim.

— Eu já amo você. Desculpa pelo medo da sua mãe. Prometo que serei a melhor mãe do mundo. — Murmurei, olhando para minha barriga.

Sorrindo, fui até Eva e a peguei com cuidado no colo, beijando sua cabecinha. Em breve, eu teria dois

bebês para chamar de meu.

Epílogo – Dominick

*“Talvez tenhamos achado o
amor bem aqui, onde estamos
E nós achamos o amor bem
aqui, onde estamos”
Thinking Out Loud (Ed
Sheeran)*

Nove anos depois

— Vamos, querida, força, eu
estou aqui com você!
Kiara soltou um rugido e

empurrou. Estávamos ali há sete horas, eu via em seu rosto que estava cansada, mas faltava muito pouco. Eu já podia ver sua cabecinha em meio a água.

Meu Anjo respirou fundo e fez força mais uma vez. E outra vez. Sorri com a velha emoção tocando meu coração, enquanto levava as mãos ao meio das suas pernas e sentia nosso bebê escorrendo para o meio das minhas palmas. Como me foi instruído, esperei alguns minutos e vi Kiara sorrir e chorar ao mesmo tempo, assim como eu.

— Pode tirar o bebê de dentro d'água, papai. — Falou a

enfermeira, ao meu lado.

Assenti e tirei o bebê. Em poucos segundos o seu choro tomou conta do quarto e sorri, vendo-o pela primeira vez.

— É uma menina. — Murmurei, colocando-a com cuidado no colo de Kiara.

Choramos juntos. Era nossa filha. Nossa terceira criança depois de nove anos.

Me lembro como se fosse hoje do nascimento de Christopher Giorgio, em casa, como agora. Seu segundo nome em homenagem ao homem sábio, que era meu amigo e havia se tornado meu pai de

coração. Veio forte e saudável dentro da piscina, em um parto tranquilo. Fora apenas um pouco mais demorado por conta de ele ser maior, mas tudo correu bem.

Como agora.

E como estava a nossa vida durante esses nove anos? O que enlouqueceu Kiara no começo da gestação de Christopher, a emocionou quando ele nasceu. Juntos, conseguimos dar conta de dois bebês, uma de onze meses e o outro recém-nascido.

Os dois ainda mamando no peito, disputando atenção, mas percebi que tudo com amor e

carinho, se torna mais fácil.

Foi fácil cuidar de dois bebês. Foi fácil amar os dois na mesma proporção. Foi fácil ser pai de família e Rei de um país. Foi fácil porque eu tenho do meu lado a mulher mais incrível do mundo, que me ama, me dá apoio e suporte.

Sem Kiara eu não seria esse homem que sou hoje. Eu não teria visto uma das maiores máfias ser desintegrada na minha frente. Eu não estaria aqui, sendo esse pai que está emocionado com o nascimento da sua filha.

Olhei para Kiara suada e

descabelada, mas ainda assim linda e senti orgulho. Ela era uma mulher forte, que havia perdido a mãe há pouco tempo, mas que sabia como ninguém ser aquilo que eu tanto amava. Aquela mulher linda, amorosa, feliz e com os pés no chão, sempre cuidando de mim e me amando.

Sai da piscina com cuidado e fui para o seu lado. Beijei seus lábios e a cabeça ainda suja de nossa filha, enquanto a médica e a enfermeira terminavam o trabalho de parto. Percebi que, assim como Christopher, nossa bebê era parecida comigo, tinha os olhos

castanhos e o cabelo castanho bem claro e sorri, orgulhoso. A boca era de Kiara e fiquei feliz com aquela mistura.

Mais tarde, com Kiara melhor e nossa filha dormindo, deixei Eva, Arthur e Christopher entrarem em nosso quarto. Os olhos de Eva marejaram e, com seus nove anos recém-completos, ela escondeu o rosto no pescoço de Arthur, que estava com quatorze anos e chorou de emoção.

Christopher, que era muito sério como eu, sorriu todo encantado. Era bonito e alto para os seus oito anos. Kiara estava com os olhos

brilhando e chamou todos eles para se sentarem na cama, perto dela.

— Olhem... Ela não é linda?

— É sim, mãe... Eu posso pegá-la? — Eva perguntou, ainda chorando um pouco.

— Pode, mas com cuidado, querida. — Falei, ajudando.

Eva pegou a pequena com cuidado e beijou sua cabecinha. Sorriu e olhou para mim com aqueles olhos idênticos aos de Kiara. Ela era a cópia exata da mãe, tinha um pouco da minha personalidade, mas de resto, era Kiara em miniatura.

— Ela é tão pequena, pai...

Olha, Arthur, olha, Chris.

— Ela é incrível, Pequena. —
Arthur respondeu, sorrindo.

— Eu gosto da Charlotte. —
Christopher falou, sério, mas com os olhos brilhando.

— Charlotte?

— Sim, mamãe. O nome dela vai ser Charlotte. Eu vou chamá-la de Lottie.

— Lottie. — Eva repetiu, feliz,

— Charlotte, não é? —
Perguntei e Kiara disse que sim, sorrindo emocionada para mim.

Eva Marie, Christopher Giorgio, Charlotte Rose e Kiara. As pessoas que eu mais amava no mundo.

Naquele momento eu olhei para o céu atrás de mim e sorri em direção a Deus. Eu era um homem agraciado com as melhores maravilhas do mundo. Minha esposa e meus três filhos. Minha família.

Nem sempre fui um homem bom e honesto, nem sempre fui certo. Mas Deus havia me dado uma segunda chance quando colocou Kiara na minha vida. E me deu uma terceira chance quando ela me perdoou de coração. E *Ele* sabia que eu jamais iria desperdiçar isso. Essa felicidade toda que habitava meu coração.

Eu havia errado, aprendido e merecido. E agora eu era o homem mais feliz do mundo.

Ainda sorrindo, toquei no colar que minha mãe havia deixado para mim e o beijei. Fechei meus olhos e ouvi a risada dos meus filhos e da minha esposa atrás de mim. Do meu pequeno — já grande — Arthur que eu amava tanto.

E agradei com todo o meu coração por toda aquela felicidade.

Degustação

Doce Amor

O romance de Arthur
e Eva

Sinopse

O mundo do pequeno Arthur Domachescky se tornou mais vivo e alegre quando sua pequena prima Eva, nasceu.

Assim que soube de sua existência, sentiu em seu coração que deveria estar ao lado dela e protegê-la de todo o mal. Seu próprio tio, pai de Eva, lhe deu essa responsabilidade e ele estava preparado.

Só não sabia que seu amor de

primo se tornaria algo tão grande e
significante em seu coração.

Para Eva, Arthur era um
príncipe protetor. Desde cedo ao
seu lado, ela se sentia segura e
feliz, tendo o primo para brincar e
lhe ensinar as músicas que eles
tanto amavam. Mas, no começo da
adolescência, ela percebeu que
algo estava acontecendo.

Não o via apenas como o seu
primo e melhor amigo.

Via-o como o amor da sua vida.

Se amavam e sabiam disso. Mas
eram primos e aquele sentimento
era proibido. Como poderiam lutar
contra uma barreira tão forte, contra

o sangue em suas veias, que os uniam?

Como poderiam viver aquele amor puro, que sentiram assim que se viram pela primeira vez?

Será que seriam fortes o suficiente para encarar o doce amor que o destino preparara para eles?

**Antes do começo de um profundo
amor...**

Prólogo – Eva

"O meu corpo me deixa confusa
Quando o seu olhar no meu se cruza
E do nada um simples gesto nasce
Dentro em volta tudo, tudo muda

Coisas lindas e discretas que só

Quem ama

Pode ler num sorriso

E ir com o vento”

- Coisas (Ana Carolina)

Observei minha mãe passar a

mão pelos cabelos de meu irmão Christopher, beijar o rosto de minha irmã Charlotte e vir até a mim, para me dar um beijo. Em seguida, passou a mão pelos cabelos de Arthur, que estava ao meu lado. Meu pai a observava com os olhos brilhando e eu sorri de leve.

Achava lindo o amor deles, a forma como se olhavam, se beijavam, se acariciavam sem se importar com quem pudesse ver. Era o casal mais lindo que eu já havia visto, apesar do meu pai ser um tanto duro e sério demais as vezes, minha mãe sabia exatamente como contorna-lo. Foram feitos um

para o outro.

Tia Dallah falava pelos cotovelos, como sempre e tio Dimir olhava para ela, prestando atenção em tudo. Christopher, com quinze anos, comia duas panquecas americanas e tomava seu leite concentrado e minha irmã Charlotte, com sete anos, se deliciava com um cereal. Todos pareciam entretidos com alguma coisa e eu só sentia meu coração bater daquela forma estranha.

Daquela forma acelerada e cheia de ansiedade porque Arthur estava ao meu lado.

Como ele podia ser tão bonito?

Adorava seus cabelos loiros, seus olhos azuis claros, seu sorriso, a forma como era alto e forte. Mas, acima de tudo, adorava os momentos que passávamos juntos, a forma como me abraçava, zombava de mim por alguma coisa, ou até mesmo quando ficávamos sentados nos jardins, tocando violão.

Ele era tão inteligente! Cursava Música em Londres, tocava violão e falava português. Eu ainda enrolava um pouco na língua, mas com sua ajuda, estava aprendendo rapidamente. Era paciente, interessado e meu melhor amigo.

E agora eu estava descobrindo

que ele era o meu primeiro amor.

Não conseguia entender como, quando ou porquê isso aconteceu, mas aconteceu. Percebi que gostava dele de outra forma quando ele foi embora pela primeira vez, para estudar em Londres. Foi o pior dia da minha vida. Tinha quatorze anos e ele tinha dezenove.

Nos abraçamos forte no aeroporto, ele secava minhas lágrimas e dizia baixinho no meu ouvido que ia ficar bem e que voltaria nas férias. Eu já tinha entendido aquilo, sabia que iria voltar, mas mesmo assim, meu coração doía por simplesmente vê-

lo partir. Quando o piloto do jatinho do meu pai disse que precisavam decolar, me despedi dele com o coração na mão e chorei por uma semana quando vi que, sim, ele tinha ido. E ali eu vi que meu amor não era como de uma prima, como deveria ser.

Eu o amava, mas era de outra forma. Quando voltou, nas férias, estava ainda mais bonito e chegou cheio de livros, recitando poemas e disse que estava amando o curso. Então, voltou novamente para Inglaterra e me deixou. A saudade foi ainda maior.

Mas nada me preparou para

quando ele voltou pela segunda vez, no meio do ano letivo dele, quando vi uma foto sua e de uma garota muito bonita no celular e ouvi ele dizer para tio Dimir e meu pai que ela queria namorar com ele. Todos riram, até ele mesmo riu, mas eu morri de ciúmes. E não entendi como aquilo poderia estar acontecendo comigo, mas estava.

Então, definitivamente, soube que o amava como homem. Agora, com dezesseis anos e com ele de volta a Orleandy, não sabia como me comportar. O que ele diria se eu falasse sobre os meus sentimentos? Com certeza, me chamaria de louca.

Me odiaria! E contaria tudo para o meu pai que, com toda a certeza do mundo, me mataria.

Estava confusa, cansada, mas cheias de saudades de Arthur. Havia voltado um dia antes e mal podemos conversar. E agora, com a mesa de café da manhã repleta de pessoas, por mais que estivéssemos lado a lado, ainda estávamos distantes.

Mexi sem muita animação a salada de frutas a minha frente e, de repente, senti sua mão por cima da minha debaixo da mesa. Meu coração saltou no peito e olhei para ele, que sorria abertamente para

mim.

— Por que está tão calada,
Pequena?

Pequena.

Sorri ao ouvir aquilo. Havia meses que não o ouvia me chamando por aquele apelido que havia me dado quando ainda era uma criança. Apertei sua mão na minha e dei de ombros, como se eu não pensasse em nada específico.

— Nada, estou bem.

— Não sentiu saudades de mim?

— Senti muitas saudades.

— Não parece! — Falou, levando minha mão aos seus lábios.

Só consegui pensar que queria os seus lábios sobre os meus. —
Depois do café vamos ao jardim?
Sinto sua falta.

Assenti e sorri, sentindo fome dessa vez. Ele sentiu minha falta e queria ficar sozinho comigo. Não poderia estar mais feliz.

Nos sentamos no jardim de primavera, lado a lado, atrás das flores. Estávamos bem longe das vistas de todos e, dessa vez, pude olhar para ele sem precisar disfarçar. Seus cabelos caíam um

pouco sobre a testa e ele mexia no caderno onde guardava as músicas de Ana Carolina, a cantora brasileira por quem ele me fez apaixonar.

Segurou o violão sobre a perna e olhou para mim com a sobrancelha arqueada, sorrindo:

— Escolha a música.

— Coisas. — Falei, sem precisar pensar muito.

Ultimamente, essa música vivia no *reapt* no meu celular.

Ele começou a dedilhar o violão e não tirou os olhos de mim quando começou a cantar. Quando chegou

ao refrão, olhou para mim e eu
sabia que era a minha vez:

*“São as coisas
Com que se constrói o mundo
Esse mundo onde escolhemos
Abrigar o nosso amor
E em meio a tantas coisas
Coisas certas e erradas
E assim o mundo gira
Leva tudo embora e é assim
Que gira o mundo”*

De repente, ele parou de tocar e
me olhou. Primeiro eu olhei em
volta, achando que alguém poderia

estar ali por perto. Mas quando não vi ninguém, pensei que eu tinha errado a letra, mas sabia que não tinha. Ouvia aquela música quase todos os dias. Estava prestes a perguntar o que havia acontecido, quando ele colocou o vilão de lado e se aproximou, sentando na minha frente.

— Está namorando alguém?

Olhei para ele sem entender a pergunta e franzi o cenho.

— Não... De onde tirou isso?

— Mas está gostando de alguém, não é?

— Por que acha isso?

— Por causa dessa música...
Está sabendo a letra direitinho,
tenho certeza que anda ouvindo
todo o dia e fica pensando no
garotinho da escola. — Disse,
rancoroso, revirando os olhos.

— Hei... Está com ciúmes? —
Perguntei, rindo.

— Por que estaria?

— Não sei... Está aí assim, todo
estranho...

— Você ainda não respondeu a
minha pergunta. — Falou, me
cortando e cruzando os braços. —
Está gostando de alguém?

Não sabia o que responder.

Dizia a verdade ou não? Por que ele estava tão interessado? Na última vez que o tinha visto era ele quem estava cheio de pretendentes, não eu.

— Estou sim! — Falei, arqueando a sobrancelha. — E você? Está namorando aquela ruiva que estava no seu celular na última vez que veio aqui?

— Que ruiva?

— Eu vi a ruiva. E lembro de você falando para o tio Dimir e para o meu pai que ela queria namorar com você. Estava todo bobo... Eu sei das coisas, Arthur.

— Fala de Jessy?

— Não sei o nome dela. Você não disse na conversa.

— Ouvindo atrás da porta, né, Pequena? — Sorriu de lado, mas não senti a mínima graça. — Não, eu não estou namorando com ela.

— Por quê?

— Porque não é dela que eu gosto.

— E de quem você gosta?

— De você.

Acho que meu coração parou por um segundo, para logo depois voltar a bater com força total.

— Como? — Murmurei,

piscando.

— É de você que eu gosto, Pequena. — Sussurrou, tocando meu rosto com a ponta dos dedos. — Não deveria... Eu deveria olhar para você como olho para Christopher e Charlotte, como um irmão, mas não é assim. Sei que deve estar achando que sou louco, mas...

— Então eu também sou louca. Porque também gosto de você, da mesma forma que gosta de mim.

Ele continuou me olhando como se eu tivesse falado algo em uma língua que ele não entendia. Mas eu entendia muito bem o que estava

acontecendo ali. Arthur era apaixonado por mim, assim como eu era totalmente apaixonada por ele. Como era possível? Há apenas meia hora eu achava que era uma louca por estar amando meu próprio primo, aquele a quem eu deveria olhar com olhos de uma irmã e, de repente, eu não estava mais sozinha porque ele me amava da mesma forma.

Um enorme sorriso se abriu em meu rosto quando, sem pensar no risco que poderíamos estar correndo, me sentei em seu colo e coleí meus lábios nos dele. Era o meu primeiro beijo, eu ao menos

sabia o que estava fazendo, apenas fiz. Não tive coragem de colocar minha língua, pois não saberia o que fazer, apenas grudei meus lábios nos de Arthur, que sorriu e fechou os braços em minha cintura, me puxando mais para ele.

Por um momento, pensei que ficaríamos apenas daquele jeito, nossos lábios colados em um sorriso mútuo, mas, em segundos, o sorriso morreu e eu senti a ponta da língua de Arthur pedindo passagem para entrar na minha boca. Meu coração bateu mais rápido quando senti seu gosto, quando senti o toque suave da sua língua na minha,

a forma como se moviam em sincronia.

*Meu Deus, eu estou beijando!
Estou beijando Arthur!*

Parecia loucura, mas eu sabia o que fazer. Eu sabia como movimentar minha língua com a dele e estava gostando, gostando ao ponto de sentir meu corpo se arrepiar e meus mamilos ficarem duros. Meu rosto esquentou com o pensamento e a necessidade de mais, de um mais que eu nem sabia o que era. Arthur tinha vinte e um anos, era mais experiente do que eu, com certeza já havia beijado algumas garotas, mas eu o sentia

entregue a mim na mesma proporção.

Até que eu ouvi passos. Passos corridos pela grama alta do jardim. Arthur e eu abrimos os olhos no mesmo instante e, segundos depois, ele me empurrou para fora do seu colo e pegou o violão, colocando-o em cima do volume que se fazia em suas calças. Eu não era uma boba, eu havia sentido aquilo, mas achei que era algo da minha cabeça. Arthur estava excitado. Quase sorri com a constatação, mas então, Charlotte chegou perto de nós, ofegante, toda linda com os cabelos preso em uma maria-chiquinha.

— O que estavam fazendo?

— Como assim? Estamos cantando. — Arthur disse, bem mais controlado do que eu, que estava ofegante e com os mamilos apontados no vestido.

— Mentira, eu não ouvi nada. — Ela era esperta e tinha os olhos atentos com os de meu pai. Olhos castanhos inteligentes. — Por que estão vermelhos?

— Está muito calor aqui fora, Lottie. — Murmurei, puxando-a para mim com as mãos e fazendo-a se sentar ao meu lado. — Onde estão todos?

— Papai saiu com o tio Dimir, Chris está na aula de esgrima, mamãe e tia Dallah estão se arrumando pois irão a escola de balé hoje.

— E você vai fazer o que?

— Eu tenho que me arrumar, pois irei com elas. — Ela me olhou. — Você não vai?

— Não, eu vou ficar aqui com Arthur...

— Claro que ela vai. — Arthur disse, tirando os olhos do violão que dedilhava baixinho.

— Não vou, não.

— Vai sim.

— Ah, vocês são muito confusos! — Charlotte disse, se levantando e batendo a mão nos shorts jeans. Às vezes eu me perguntava se ela realmente só tinha sete anos. — Eu vou me trocar, se você for mesmo, tem que ir lá em cima trocar de roupa.

E então, ela saiu assim como veio, correndo até sumir de nossas vistas.

— Por que quer que eu vá com a minha mãe? — Perguntei, sem entender.

— Eva, isso que aconteceu aqui foi um erro.

— Como assim? Arthur...

— Não pode mais acontecer! —
Falou, me olhando sério.

— Por quê?

— Como “por quê”? Eva,
Charlotte quase nos pegou!

— Mas não pegou.

— Mas *quase* pegou. Já pensou
se fosse o tio Dominick? Meu pai?
Estaríamos ferrados, Eva.

Eva. Ele só me chamava assim
quando estava bravo.

— Arthur, eu gosto de você e
você gosta de mim... Isso não pode
ser errado.

— Nós somos primos! Nunca

iriam aceitar o nosso envolvimento.
— Falou, se levantando com o
violão em punho.

Me levantei e toquei em seu
ombro, fazendo-o se virar para
mim. Por mais sério que estivesse,
ainda era o homem mais lindo que
eu já havia visto.

— Nós nos amamos, Arthur...

Ele deu um sorriso triste e tocou
no meu rosto, olhando em meus
olhos.

— Você só tem dezesseis anos,
Pequena... Vai chegar uma hora que
vai aparecer um outro garoto e você
vai se apaixonar. O que sente por

mim não é amor, Eva.

— É sim! Claro que é! Minha idade não tem nada a ver com isso.

— Eu errei hoje, Pequena. Falei demais. — Murmurou, os dedos passeando pelo meu rosto. Senti vontade de chorar. — Seria melhor se eu tivesse ficado calado.

— Mas você gostou... Gostou do beijo, eu senti, eu... Vi. — Sussurrei, ficando vermelha. Ele sorriu de verdade daquela vez.

— Eu amei o beijo e vou guarda-lo para sempre na minha memória e no meu coração. Mas é só isso, Pequena. Para o mundo,

somos primos, temos o mesmo sangue, ninguém vai permitir que...

— Eu não ligo! Eu não ligo para o mundo, para as pessoas, não ligo se somos primos.

— Mas eu ligo. E é assim que tem que ser, Eva. Não podemos e nem vamos levar isso adiante. — Vi como engoliu em seco. Vi a dor dos em seus olhos antes de ele fecha-los e me dar um beijo na testa. — Vamos continuar a ser o que somos. Primos e melhores amigos.

Então, ele foi embora para Londres. E todas as vezes que voltou, não me permitiu abraçá-lo demais, nem o tocar demais, muito menos falar sobre o que aconteceu naquele dia. Estava realmente disposto a esquecer o que sentia por mim. Mas eu não estava disposta a esquecer o que sentia por ele.

E, mesmo se estivesse, jamais poderia. O meu amor só crescia ainda mais a cada vez que me lembrava dele, a cada vez que ouvia uma música de Ana Carolina, a cada aniversário que eu fazia e ele estava longe, ou a cada

aniversário que ele fazia e estava a milhares de quilómetros distante de mim.

Eu chorava em meu travesseiro todas as noites, agarrada ao urso que ele havia me dado quando eu ainda era uma criança. Por quê? Por que eu tinha de me apaixonar pelo cara que jamais poderia ficar comigo? Por que era tão errado aquele relacionamento?

Vê-lo, sentir seu cheiro, ouvir sua voz, nada parecia o suficiente para mim. Não quando eu o amava mais do que tudo.

Quando abri os olhos naquela semana ensolarada de julho, dois

anos depois do nosso beijo, senti o meu coração bater mais forte. Em alguns dias, Arthur voltaria de uma vez por todas para Orleandy. Tio Dimir e tia Dallah estavam em Londres para a sua formatura e eu nunca fiquei tão ansiosa para revê-los. Porque revê-los significava que eu veria Arthur também.

Mas, então vinha novamente a dor. Ele estaria perto de mim, mas não perto o *suficiente*. Estaria aqui e ao mesmo tempo não estaria, porque ele não poderia ser meu e eu não poderia ser dele.

Eu só tinha que aprender a como poderia conviver com essa

realidade que me matava um pouco
a cada segundo.

Capítulo 1 - Arthur

"Eu e você

Não é assim tão complicado

Não é difícil perceber

Quem de nós dois

Vai dizer que é impossível

O amor acontecer?"

*- Quem de Nós Dois (Ana
Carolina)*

Julho

A observei de longe, em cima do cavalo nos pastos verdejantes do castelo. Senti meu coração galopar,

quase como os trotes do cavalo branco a minha frente.

A saudade era tanta que quase não cabia no meu peito.

Era sempre assim. Viajar, ficar meses longe me deixava agoniado, como se estivesse claustrofóbico. O tempo passava se arrastando, cada segundo era como se fosse uma hora, cada dia era como se fosse um ano.

E cada vez mais eu sentia aquele amor me enchendo, entorpecendo, me deixando tão louco que eu me perguntava se aquilo era normal.

Como um homem poderia amar tanto uma mulher quanto eu amava

Eva?

Será que era assim com todo mundo? Essa coisa tão verdadeira, tão forte, que me ligava a ela a cada dia mais?

Sabia que a amaria com todo o meu coração quando soube que ela estava na barriga de tia Kiara, há dezoito anos. Sabia que estaria sempre ao lado dela, porque eu era criança e muito sozinho e ela seria minha prima. Meu tio Nick disse que eu teria que cuidar dela, como um irmão mais novo.

No começo foi isso que senti. Um amor de primo, de irmão.

Mas então ela cresceu e eu

cresci. E vi que meu amor por ela não era fraternal, era amor de homem para mulher. Desejava abraça-la com mais ímpeto, beijá-la, fazer amor com ela. Mas não podia. Porque ela era minha prima.

Mas agora que voltei, estava decidido. Eva me amava e eu sabia. Eu também a amava e era isso que importava. Ela seria minha e eu seria dela.

— Arthur! — Ela gritou ao longe quando me viu e veio com cavalo branco para perto de mim.

Desceu correndo e eu larguei minha bolsa de couro no chão, correndo até ela, passando pela

grama verdejante sem ver, sentindo o ar no rosto sem realmente sentir. A única coisa que realmente senti foram os seus braços rodeando meu pescoço. Naquele momento meu coração bateu forte, seu cheiro me invadiu e meus olhos se encheram de lágrimas pela saudade, pelo amor, pelo tempo que fui obrigado a vê-la e não podia toca-la, por tudo.

Por ter minha Eva ali, nos meus braços, novamente.

A apertei fortemente, rodopiando com ela e ouvindo sua risada. Não me permitia fazer aquilo há dois anos. Dois anos

inteiros vendo-a ocasionalmente e me controlando, me impedindo de senti-la daquela forma. Por quê? Apenas por que éramos primos? Poderíamos passar por cima disso, *iríamos* passar por cima disso, iríamos ser felizes e viver o nosso amor.

— Senti tanta saudade de você, Pequena. — Sussurrei em seu ouvido, colocando-a no chão.

— Não tanto quanto eu senti. — Ela sorria, mas parecia surpresa. Tinha certeza que não esperava que eu fosse ataca-la daquela forma, não quando eu havia ficado contido por tanto tempo.

Não esperei que falasse mais nada. Iria sanar suas dúvidas de uma só vez e foi isso que fiz quando a beijei. Havia provado dos seus lábios apenas uma vez. Uma única vez que ficou gravada a ferro na minha memória. E agora, estava ali novamente, com ela em meus braços, provando do seu gosto, sentindo sua língua macia na minha, a forma como afundava as mãos em meus cabelos e gemia baixinho em minha boca.

Tudo estava perfeito. A felicidade me invadia novamente.

— Arthur... Arthur, acorda, filho. Chegamos.

A claridade invadiu meus olhos com força e tive que fechá-los até conseguir me adaptar. Quando voltei a abri-los, tive vontade de bufar de frustração, de raiva, de desanimo. Eu não havia beijado Eva de verdade. Fora apenas um sonho. Mais um dos vários que eu tinha desde o dia em que me declarei pela primeira vez, desde o dia em que a beijei pela primeira e última vez.

Me levantei da poltrona e peguei minha mala de mão, saindo do jatinho logo atrás da minha mãe.

Daquela vez, eu havia voltado para ficar e não sabia como iria fazer para evitar Eva. Apesar de ter sido difícil me manter longe dela das outras vezes, eu ficava mais tranquilo porque sabia que iria voltar para Londres em alguns dias. Mas, agora, eu não teria escapatória.

Amava Orleandy, amava meus pais e minha família, mas não queria voltar. Por medo. Porque Eva ficava mais linda a cada vez que a via, mais decidida e inteligente e eu tinha medo de simplesmente não resistir. Eu não havia resistido em provar seus

lábios quando ela tinha apenas dezesseis anos, era apenas uma menina. E agora, com seus dezoito anos, praticamente uma mulher? O que eu iria fazer?

Me despedi do piloto e da comissária de bordo e entrei no carro com minha mãe e meu pai. Minha mãe continuava linda, mesmo um pouco mais velha. Se cuidava e não havia um fio branco em seu cabelo. Meu pai também continuava ativo. Estavam orgulhosos de mim, por eu ter me formado, mas eu não queria saber como ficariam quando soubessem que eu desejo Eva como mulher.

Com certeza, ficariam envergonhados e decepcionados. Não entenderiam. Nem eu mesmo entendia.

Ainda podia me lembrar de Eva falando que me amava. Conseguia me lembrar de seus olhos magoados sobre mim, durante todas as vezes que eu havia voltado ao castelo e a ignorado. Ela é tão nova ainda, talvez nem saiba o que sente. Pode estar confundindo seu amor inocente por mim, por um amor de mulher. E eu, um homem formado com vinte e três anos, deveria me portar como isso, um homem formado. Não como um adolescente

inconsequente, que faz o tem vontade.

A viagem até o castelo foi feita em silêncio, estávamos todos cansados. Quando chegamos, com o céu alaranjado do fim de tarde, soube que havia chegado a hora.

A hora de reencontra-la e controlar a minha vontade de prendê-la em meus braços e não solta-la mais.

Fomos recebidos por tio Nick e tia Kiara. Os dois estavam próximo ao hall e sorriram ao me ver. Tia Kiara foi a primeira a me abraçar:

— Querido, eu estou tão orgulhosa de você! — Falou em

meu ouvido, com a vez embargada.
— Não imagina o quanto estou feliz por você ter se formado como um dos melhores alunos da faculdade e, claro, por ter voltado para casa. Senti muita saudade sua.

— Obrigado, tia, também estou muito feliz. — Falei, sorrindo de verdade. — E também senti muita saudade da senhora.

Ela sorriu e se afastou. Logo senti tio Nick me abraçando também. Ele estava orgulhoso de mim, podia ver em seus olhos quando se afastou.

— Sei que deve ter ouvido inúmeras vezes, mas preciso

repetir, também estou orgulhoso de você, Arthur. Sabe que te amo como um filho e estou muito feliz em ver que você estudou e realizou o sonho de se formar no que queria. Sei que colherá bons frutos do seu esforço.

— Obrigado, tio, assim espero. E também o amo como um pai. — Falei, olhando ao redor. — Onde estão todos?

— Christopher está na aula de esgrima, Charlotte está na aula de francês e Eva está na sala de música, na aula de piano.

— Aula de piano?

— Sim, Sebastian, neto de Eurick, é formado em piano e está

dando aulas para ela. — Tio Dominick disse, abraçando tia Kiara pelos ombros. — Vá vê-los, Arthur. Veja se ele está se dedicando em dar *apenas* aula a ela. Acho que o garoto está a fim da minha filha.

Ouvi meu pai gargalhando atrás de mim e virei para ele, travando meu maxilar. Que porra era aquela?

— Bem, Eva já tem dezoito anos, Dominick. Achou mesmo que ela ficaria solteira para sempre?

— Ela tem *apenas* dezoito anos. Está muito nova ainda.

Todos riram na sala, menos eu. Sem pensar muito, deixei minha

mala de mão perto da escada e pedi licença, indo até o elevador.

Demorou muito para chegar ao quarto andar, que antes era da antiga Rainha, mas que agora havia se transformado em um andar de lazer e descanso. Havia a sala de brinquedos de Charlotte, a sala onde tia Kiara e Eva faziam os exercícios de balé e a sala de música.

Assim que pisei no corredor, ouvi o barulho do piano. Andei até a porta da sala e vi o momento em que Sebastian falou algo no ouvido de Eva, e a fez rir graciosamente, jogando a cabeça para trás. O

barulho do piano havia se silenciado, e só a risada dela ecoava pela sala. Ela estava ainda mais linda do que eu me lembrava, não conseguia vê-la totalmente, mas vi seus cabelos chegando a cintura, seu sorriso lindo.

Sebastian sorria também e quando vi que ele falaria mais alguma gracinha em seu ouvido, pigarreei e entrei na sala. Ele se afastou um pouco e Eva parou de rir, ficando em pé rapidamente, os olhos arregalados em cima de mim. Estava linda em um vestido rosa claro, os olhos azuis brilhando.

— Arthur! Como é bom ver

você, cara. Soube que se formou na faculdade. Voltou de uma vez ou ainda retornará a boemia de Londres? — Sebastian perguntou, chegando perto de mim.

Olhei-o de cima a baixo. Ele tinha a minha idade, mas nunca fomos amigos de fato. Quase nunca o via, só em festas. Tinha os cabelos pretos e olhos negros, um porte atlético, pois praticava hipismo. Ainda assim, eu era mais alto que ele e lutei muito para não estufar o peito e começar a reivindicar Eva como um homem das cavernas. Engoli meu ciúme e minha raiva e apertei a mão dele,

um pouco mais forte do que deveria.

— Voltei para ficar. — Falei, desviando o olhar para Eva, que desviou o olhar de mim. — Não sabia que além de hipismo, também dava aulas de piano.

— Eu me formei há um ano e, conversando com Eva, descobri o desejo que ela tinha de aprender o instrumento. Resolvi ensina-la.

— Mas o nosso tempo acabou... Podemos continuar amanhã, Sebastian? — Eva perguntou.

Sebastian se virou para ela e vi o desejo brilhando em seus olhos, quando passou o olhar pelo seu

corpo. Tive que fechar as mãos em punho para não agarrar o seu pescoço.

— Claro que sim. No mesmo horário eu estarei aqui, Eva. — Se aproximou dela e pegou em sua mão, beijando-a. — É um prazer passar esse tempo com você.

— Eu agradeço por estar me ajudando. — Falou, educada como sempre.

Sebastian sorriu e se afastou. Se despediu de mim e eu esperei até vê-lo entrar no elevador, no final do corredor, para me virar para Eva. Ela estava de costas para mim, pegando seu celular em cima do

piano e eu me aproximei até ficar atrás dela. Quando se virou, vi que prendeu a respiração ao me ver tão perto.

— Desde quando Sebastian está te ensinando a tocar piano?

— É muito bom rever você também, Arthur. Senti saudades. — Murmurou, olhando-me.

— Também senti saudades, Eva, mas acho que você não sentiu tanta saudade assim. Foi fácil romper a nossa promessa e colocar alguém no meu lugar.

— Como assim?

— Você disse que me esperaria para ensinar todos os instrumentos

a você. Lembra? No dia em que embarquei para Londres pela primeira vez.

— Eu me lembro. Mas isso foi antes de você começar a fingir que eu não existia. Desde o dia em que nos beijamos, é como se eu não fosse nada para você, Arthur. Como poderia esperar algo de uma pessoa que me ignora?

Olhei para ela sem saber o que responder. Eu sabia que ela tinha razão. Na verdade, era para eu estar feliz por Sebastian estar ensinando-a a tocar piano, pois eu não teria essa função e, com isso, ficaria ainda mais longe dela. Mas

como eu poderia estar feliz? Eu a amava! Eu sentia ciúmes! E ela ao menos poderia ser minha!

— Não precisamos misturar as coisas... Somos primos, amigos... Eu nunca te ignorei, Eva.

— Nós éramos unidos, Arthur. Fazíamos tudo juntos, um vivia ao lado do outro, mas quando nos declaramos e nos beijamos, você deixou tudo isso de lado. Você ainda falava comigo, mas não me tocava mais, não andava de mãos dadas comigo, nunca mais me chamou para sentar ao seu lado no jardim, enquanto tocava violão. Eu me senti ignorada, eu ainda me

sinto ignorada, me sinto triste e tudo isso por quê? Porque eu te amo de uma forma que eu não deveria. — Falou e vi seus olhos se enchendo de lágrimas. — Mas como eu posso mandar em algo que eu não tenho controle?

— Pequena...

Abaixando todas as minhas defesas, a puxei para mim e a abracei. A sensação de tê-la novamente em meus braços foi incrível. Pude sentir seu cheiro, a textura da sua pele, seu corpo grudado ao meu. Como sempre fez durante toda a nossa vida, Eva escondeu o rosto em meu pescoço e

chorou baixinho. Senti meu coração se partir no peito. Por que tudo era tão difícil?

— Eu estou muito feliz que você tenha voltado... — Ela murmurou e ofegou no final, apertando minha cintura. — Mesmo que não voltemos a ser o que éramos antes, eu estou feliz por saber que vou vê-lo todos os dias, que eu vou poder te observar de longe... Obrigada por não ter ficado em Londres.

— Como sabia disso? Que eu queria ficar lá.

— Tia Dallah comentou para minha mãe e eu. — Falou e se afastou. Não consegui solta-la e

acariciei seu rosto, limpando suas lágrimas. — Eu te amo, Arthur.

— Eva, você ainda é tão...

— Não. Não fale isso, não fale que sou jovem, que sou imatura, apenas não fale. — Disse e sua testa se franziu assim como a do meu tio Nick. Apesar de ser muito parecida com a tia Kiara, ela conseguia ter a personalidade e os trejeitos de ambos. — Eu sei o que sinto por você e não importa o que diga, eu já percebi que isso nunca vai mudar. Eu não sei se no dia em que nos beijamos você estava certo de seus sentimentos, não sei se ainda gosta de mim do mesmo jeito,

mas eu gosto de você Arthur. A cada dia eu te amo mais.

— É um erro, Pequena. Abra os olhos, nós...

— Eu já disse que não importa!
— Enfatizou e se afastou de mim, suspirando. — Seja sincero, Arthur... O que sente por mim?

Vi em seus olhos a necessidade de entender o que acontecia dentro de mim. Eu não poderia julgá-la, em seu lugar, eu também iria querer saber o mesmo. Mas percebi que, para não nos colocar em uma situação arriscada, eu teria que magoa-la. Teria que dizimar as suas esperanças.

— Eu te amo como amo Christopher e Charlotte, Eva. —
Falei, sem desviar meus olhos dos dela. — No dia em que nos beijamos eu era jovem, eu ao menos sabia o que realmente sentia. Sempre tive você ao meu lado e acho que acabei confundindo as coisas. Eu ainda quero ser mais do que seu primo, quero ser seu amigo, mas não ficaremos juntos. Por favor, Pequena, esqueça essa história que criou em sua cabeça.

— Pois, eu acho que está mentindo! — Falou, um pouco abalada por minhas palavras, mas ainda firme. — Se não gosta mesmo

de mim, porque não voltou com uma namorada? Ou uma noiva? Você ficou quatro anos em outro país, Arthur! Não é possível que não tenha se apaixonado por ninguém.

— Eu estive com outras mulheres, Eva, mas simplesmente não eram as certas. Eu tenho apenas vinte e três anos, ainda tenho tempo para achar a mulher da minha vida.

— Mas eu acho que você não ficou com ninguém porque me ama. Eu entendo o seu medo, Arthur, eu entendo todas as suas dúvidas, mas, será que não vê? Juntos somos mais fortes! Juntos podemos ser mais

fortes que qualquer coisa e...

— Eva, chega! — Gritei e ela me olhou com os olhos arregalados. — Nada disso vai acontecer! Não ouviu o que eu disse? Eu não amo você da forma que acredita!

Uma lágrima escorreu pela sua bochecha e me segurei para não pega-la em meus braços e dizer que eu estava mentindo. Magoá-la me matava por dentro.

— Seus olhos me dizem outra coisa, Arthur.

Não falei mais nada, apenas deixei-a ir sentindo-me vazio. Era sempre assim. Quando eu ia embora, meu coração ficava com

ela e agora que ela estava caminhando apressada pelo corredor e sumindo escada a baixo, eu percebi que levava o meu coração.

Sozinho na sala de piano, me sentei no banco onde ela esteve ainda há pouco e deixei uma lágrima solitária escorrer pelo meu rosto. Tudo aquilo era uma grande injustiça, mas, ainda assim, eu olhei para o céu já escurecido e implorei a Deus, mais uma vez, que ele tirasse aquele amor do coração de Eva.

Não me importava em sofrer.
Só queria que ela fosse salva

daquele destino tão cruel.

Capítulo 2 - Eva

*"Quero ter você bem mais que
perto*

*Com você eu sinto o céu
aberto"*

Ruas de Outono (Ana Carolina)

Sentei-me no sofá que ficava abaixo da janela do meu quarto e olhei para o céu, sentindo algumas lágrimas idiotas molharem meu rosto.

Eu sabia que Arthur estava retornando para casa e estava ansiosa. A única coisa que eu

precisava, que eu realmente necessitava, era ver seu rosto. Olhar outra vez em seus olhos azuis. Sentir seu cheiro. Havia acordado contando cada minuto, cada segundo e, quando Sebastian chegou para aula de piano, serviu apenas para me distrair um pouco de toda aquela saudade que parecia me consumir.

Agora, com Arthur de volta, percebi que eu estava sendo muito boba. Apenas olhá-lo não servia de nada. Eu queria abraçá-lo, queria sentir sua pele na minha, queria andar com ele de mãos dadas, ouvir sua voz cantando baixinho em meu

ouvido.

No entanto, a única coisa que eu tinha de verdade, eram as lágrimas e meu coração apertado. Nem mesmo estrelas brilhavam no céu, como se tudo fosse apenas escuridão, não só dentro de mim, mas ao meu redor.

Eu sabia que ele me amava. Eu tinha certeza! Podia ver em seus olhos, na forma como me olhava, no modo como ficou enciumado por conta de Sebastian. Ele se continha por conta dos meus pais e de seus pais, mas será que não percebia que poderíamos lutar contra o mundo?

Que nosso amor era mais forte?

Que, apesar do medo, poderíamos, sim, passar por tudo aquilo e viver a nossa paixão?

Em alguns momentos eu tinha raiva dele. Arthur gostava muito de falar para mim que já era um homem feito, que tinha responsabilidades, que havia percebido que “me amava como uma prima”, mas, na verdade, ele estava apenas se acovardando. Estava se escondendo do amor que sentíamos. Talvez fosse para me proteger, mas, eu estava decidida a mostrar a ele que eu já não era mais uma menina. Eu era uma mulher.

E sabia muito bem o que eu

queria.

Limpei minhas lágrimas e fui em direção ao banheiro. Me olhei no espelho odiando aquele nariz vermelho e pus em meu rosto uma expressão de mulher decidida. Apesar dos meus dezoito anos, eu era diferente da maioria das meninas da minha idade.

A começar pela minha criação. Sendo filha do Rei de Orleandy, meus pais sempre cobraram de mim um comportamento exemplar. Ainda na infância, eu me lembro de ter tido aula de etiqueta, francês, italiano e português. Obviamente, eu tive tempo para brincar e ser

uma criança normal, corria para cima e para baixo com Arthur e Christopher, mas também sabia ser uma dama educada e simpática.

Nunca havia ido a uma balada, nunca havia ido para festa de amigos da escola, nunca havia cometido uma loucura, ou algo que pudesse envergonhar meus pais. Só saía do castelo ao lado da minha mãe ou do meu pai, sempre com seguranças e escoltas. Apesar de viajar muito, nunca sai sozinha para lugar algum. E isso cobrou de mim um amadurecimento precoce, para que eu pudesse entender o porquê de simplesmente não ser “normal”.

Então, eu tinha dentro de mim a certeza de que teria forças para, primeiro, mostrar a Arthur que ele me amava. E, segundo, fazer com que ele ficasse comigo. Em terceiro lugar, para lutar contra os nossos pais e viver o nosso amor.

Tomei banho e me arrumei para o jantar. Enquanto penteava os cabelos, lembrei-me de uma música da Ana Carolina e me levantei para anotar um trecho dela em um papel. Se Arthur estivesse sentado no mesmo lugar sempre à mesa, ao meu lado, eu entregaria para ele disfarçadamente.

Com a música anotada, terminei

de me arrumar e descí para sala de jantar. Encontrei Christopher saindo do escritório, junto com o nosso pai e ambos sorriram para mim. Eram tão parecidos que, quando Christopher se tornasse realmente adulto, seriam facilmente confundidos.

— Vamos receber visitas? — Christopher perguntou, vindo em minha direção. Passou o braço por meu pescoço e me deu um beijo em meus cabelos. — Veja, pai. Está muito bonita e cheirosa. Sebastian vem jantar conosco essa noite?

— Não que eu saiba. — Meu pai murmurou, sério. Não gostava

muito da minha aproximação com Sebastian. — Convidou-o para jantar conosco?

— Não, pai. Chris está de graça, não está vendo?

Christopher gargalhou ao meu lado e olhei para ele, surpresa. Quase nunca ria daquele jeito e percebi que estava feliz demais.

— Por que está tão alegre?

— Não é da sua conta, mocinha.

— Piscou e se afastou.

— Sei que você é mais alto, mais forte e parece ser mais velho que eu, mas quero lembrar que eu ganhei na corrida, querido. Eu sou onze meses mais velha, você tem

que me respeitar! — Falei, fechando a cara, como se estivesse realmente brava.

— Isso é verdade. — Papai falou, sorrindo de lado.

— Mas eu sou o homem da família, depois do meu pai. Ou seja, eu cuido de você, da Lottie e da mamãe. E, só por causa da sua ousadia, vou ficar de olho em você e Sebastian. Se eu ver qualquer aproximação, corto o pintinho dele fora com a minha espada.

— Chris, não fale assim, filho!

— Minha mãe falou, entrando na sala.

— Dessa vez ele tem razão, Eva.

— Meu pai falou, abraçando minha mãe pela cintura. — Filho, eu deixo você corta o pintinho dele fora.

— Dominick!

— Pintinho é tipo pênis, não é?

— Charlotte perguntou, entrando na sala.

Era como eu e minha mãe em miniatura, só que com os olhos de meu pai. Foi impossível conter a minha risada e minha mãe balançou a cabeça, como se não soubesse o que dizer.

— Como você sabe o que é pênis, Charlotte? — Papai perguntou, sério.

— Pai, eu já tenho nove anos! —

Disse, como se fosse um absurdo meu pai não ter se dado conta daquilo. — Tia Dallah me disse, quando eu perguntei porque o homem não tem vagina no meio das pernas. Aí ela disse, que os homens são diferentes, que eles têm pênis. Mas, quando perguntei isso, eu ainda era muito pequena.

— Eu sei o que se chama isso!
— Meu pai disse, com o semblante fechado. — Vingança!

— Vingança? Então, tem outro nome também? Vocês, homens, são muito esquisitos...

— O que é vingança? — Tio Dimir entrou, com tia Dallah ao seu

lado.

Meu coração quase parou ao ver Arthur logo atrás dele.

— A sua esposa! Ela quis se vingar de mim e fica falando coisas para Charlotte!

— Eu? O que eu disse demais?

— Tia, você não disse que o homem tem pênis? Por que meu pai disse que é vingança? Pênis tem vários nomes?

— Querida, é pênis mesmo, vingança é outra coisa. — Minha mãe disse, passando a mão no rosto de Lottie.

— Kiara! Pare de alimentar isso!

— Eu não disse nada demais. Só expliquei algo natural. Daqui a pouco ela está aprendendo isso na escola. Aliás, crianças da idade dela já sabem muito mais do que isso. O meu filho, por exemplo, com cinco anos, já sabia o que era sexo! — Acusou.

Quase revirei os olhos, mas apenas ri. Aquela história era contada a cada discussão entre meu pai e tia Dallah. Não que brigassem de verdade, mas um sempre alfinetava o outro. Vi Arthur rir também e tive que desviar os olhos, se não, era capaz de babar ali, na frente de todo mundo.

— Mas, ele é homem!

— Olha como ele é machista!

— Estava com saudades disso.

Quase pulei para o lado ao ouvir a voz de Arthur quase sussurrada em meu ouvido. Em um segundo ele estava quase do outro lado da sala e agora estava ali, ao meu lado, sorrindo e olhando sua mãe e meu pai baterem boca, enquanto tio Dimir, minha mãe e Christopher riam.

— Tia Dallah não perde a chance de jogar isso na cara do meu pai. — Comentei, sorrindo também.

— Eu sei. Passei a minha infância inteira e toda a minha

adolescência, ouvindo isso. Ela nunca se cansa, mesmo sabendo que um dia eu iria saber o que era sexo de qualquer maneira.

— Cinco anos realmente é muito cedo, devo concordar.

— Ora, mas você me perguntou sobre sexo quando tinha essa idade, Pequena!

Olhei para ele, rindo. Também sorria para mim e senti meu coração falhar uma batida, enquanto minhas bochechas ficavam quentes. Sabia que estava corando e me xinguei internamente, obrigando meu corpo a parar. Eu tinha de ser a mulher decidida ali e aproveitar

aquela oportunidade.

— Mas, eu estava apenas curiosa...

— E eu matei a sua curiosidade.

— Piscou para mim.

— É, você explicou direitinho e bem bonitinho: “sexo é quando um homem e uma mulher namoram pelados. Mas tem que usar camisinha, Pequena”. — Imitei-o, vendo-o gargalhar.

— É uma explicação boba, mas foi assim que seu pai me ensinou. E serviu para matar a nossa curiosidade na época.

— Sim. Hoje eu já sei exatamente o que significa

“namorar pelado”. — Murmurei, balançando a cabeça, lembrando-me de alguns vídeos que havia assistido na internet e alguns livros que havia lido.

— Sabe, é?

— Sim. — Respondi, voltando a olha-lo. Já não sorria mais e eu também parei de sorrir porque sabia que, ao invés de mim, ele com certeza já havia transado. Morava em Londres, estava sozinho, era muito bonito, rico. Mulheres não haviam de faltar. — Ou achou que eu iria acreditar nessa explicação infantil para sempre, Arthur? — Provoquei,

arqueando uma sobancelha.

— Claro que não. Talvez Sebastian esteja te ensinando mais do que apenas piano. — Murmurou, sarcástico.

— O quê? — Sussurrei, sem acreditar no que havia ouvido.

O que diabos ele estava pensando de mim? Que eu era qualquer uma?

— Ah, meu Deus... — Murmurei, rindo de leve, sentindo minha garganta se apertar.

Vi em seus olhos um sentimento diferente, mas não quis ficar ali para ver o que era. Aproveitando que todos ainda falavam alto e

riam, sai da sala sem olhar para trás, indo em direção a sala de jantar. Queria ir para o meu quarto chorar, mas engoli a mágoa e segui em frente.

Quando cheguei perto do meu lugar, Thomas saiu de seu lugar costumeiro para tirar a cadeira para mim, mas ouvi passos rápidos e sua VOZ:

— Pode deixar, Thomas, eu faço isso.

Thomas assentiu e se retirou, indo até a cozinha. Vi Arthur arrastar a cadeira para mim e me sentei, sem olha-lo. Se sentou ao meu lado e me fitou, enquanto eu

olhava para o suporte do prato vazio a minha frente.

— Pequena... Pequena, eu sinto muito, eu não quis dizer...

— Sim, você quis dizer e você disse! — Falei, sem olha-lo. Se o fizesse, iria chorar.

— Não, Pequena...

— Olha, Arthur, eu sei que você deve estar acostumado com as mulheres fáceis de Londres. — Murmurei, sentindo minha voz falhar. — Sei que deveria ter milhares se jogando aos seus pés, querendo ir para cama com você ou com qualquer outro cara rico, mas eu não sou assim!

Olhei para ele consegui enxerga-lo através da cortina de lágrimas que inundavam meus olhos.

— Não sou esse tipo de mulher. Jamais aceitaria que Sebastian se aproximasse de mim para qualquer outra que não fosse me ensinar a tocar aquele maldito piano que me lembra tanto de você! Eu poderia sim namorar com ele, ele é um cara legal, inteligente, parece gostar de mim e, veja só, não é meu primo!

— Sorri, sentindo as malditas lágrimas molharem meu rosto. — Mas, o meu coração escolheu você. Você é o homem da minha vida, meu sonho é me entregar para você

de corpo e alma, apenas para você e mais ninguém. Mas, eu acho que você está tendo uma visão totalmente deturpada de mim. Eu não sou uma vagabunda louca por sexo, se é isso que está pensando.

— Não, Pequena, por favor... — Murmurou, tomando meu rosto em suas mãos. Senti seus polegares enxugarem minhas lágrimas. — Eu jamais pensaria algo assim de você, Eva, nunca!

— Então, por que disse aquilo?

— Porque sou um idiota que só faz e fala merda. — Falou, olhando em meus olhos. — Mas, eu jamais pensaria algo assim você, Eva,

acredite em mim. Eu falei aquilo da boca para fora porque, eu...

— Estava com ciúmes? —

Perguntei, sentindo meu coração bater mais forte.

Fazia sentido, não? Eu vi o modo como ficou quando viu Sebastian e eu na sala de música. Se aquilo não era ciúmes, eu não sabia o que era.

— Não, não foi ciúmes, Eva.

— Não precisa mentir, Arthur.

— Estou falando a verdade. —

Murmurou, tocando em uma mecha do meu cabelo. — Eu me preocupo com você e não gosto muito de Sebastian. Eu tenho medo de que

ele se aproveite da situação, foi por isso que falei aquilo lá na sala. Não foi para ofender você. Tem certeza que ele está sendo profissional?

— Eu não sou burra. Eu entendi muito bem o tom de voz que você usou e não foi de preocupação.

— Eva, por favor, você precisa entender que...

— A única coisa que precisa ser entendida aqui, é que nos amamos, Arthur! E não podemos mais esconder isso!

— Não comece com isso de novo, Eva!

Ri sem humor e me afastei dele, mexendo nos talheres, sem saber

mais o que dizer. O que eu poderia fazer para que Arthur entendesse que tínhamos que ficar juntos? Lembrei-me, então, do trecho da música de Ana Carolina que eu havia anotado. Tirei o pedaço de papel que havia colocado dentro da capa de meu celular e dei para ele, que observava cada um de meus movimentos. Vi o momento em que abriu o bilhete, sem ao menos se preocupar se alguém poderia entrar na sala de jantar ou não.

*“Eu voltei por entre as flores da
estrada
Pra dizer que sem você não há*

mais nada
Quero ter você bem mais que
perto
Com você eu sinto o céu
aberto”

Cantei junto com ele, baixinho, um sussurro tão íntimo e tão nosso, que ninguém jamais conseguiria compreender. Quando voltou a me olhar, vi que tinha lágrimas nos olhos.

— Arthur...

— Não, Pequena, não fale nada.

— Sorriu de leve e pegou minha mão, beijando-a. — O tempo vai se encarregar de cuidar de nós dois.

— Murmurou baixinho, mas consegui ouvir.

— Por que não faz como na música? Por que não tira esse abandono de dentro de mim? Por que simplesmente não fica comigo?

Vi que vacilou. Vi em seus olhos, na sua expressão, na forma como apertou minha mão na sua. Estava prestes a falar algo, quando Christopher entrou na sala de jantar e olhou para nós dois com o cenho franzido:

— O que houve? — Perguntou, olhando-me atentamente. — Eva, estava chorando?

— O quê? Não, eu...

— Estava sim. — Arthur falou, parecendo tranquilo, mas vi a tempestade em seus olhos. — Estava com saudades de mim e se emocionou.

Christopher continuou sério, olhando-nos, mas não dava para saber se havia comprado a conversa de Arthur ou não, pois sempre estava daquele jeito, sério, como nosso pai. Se sentou e continuou a nos fitar:

— Eu acredito. Primeiro porque Eva chora por tudo, segundo porque ela realmente sentiu sua falta, Arthur.

Se eu estivesse bem, iria

provocar Christopher e dizer que era mentira, que eu não chorava por tudo, mas não consegui. Desviei meus olhos dele para Arthur, que ainda me olhava em conflito.

— Eu também senti muito a falta dela, cara. — Murmurou e sorriu de leve.

Engoli em seco e logo vi todo mundo entrar na sala de jantar, sem perceber ao certo que estava acontecendo entre Arthur e eu. Sentaram-se em seus lugares e logo Thomas chegou com as outras empregadas, servindo o jantar.

Forcei-me a comer, aérea, ouvindo superficialmente a

conversa à mesa. Arthur me olhava às vezes, mas me obriguei a ficar focada em meu prato, remoendo e pensando.

Pensando em uma forma de fazê-lo enxergar que nascemos para ficarmos juntos.

Agradecimentos

Há tantas coisas é necessário agradecer. Primeiro a Deus, por ter me escolhido para escrever sobre a história de amor de Dominick e Eva, que são bem mais do que um simples casal. Eles nasceram para provar que, com o amor, tudo é possível.

Companheirismo, amizade, confiança e perdão não vem de uma hora para outra. É preciso lutar

para conquistar cada uma dessas dádivas e Dom e Kiara lutaram com tudo de si, mostraram para todos nós, como o amor tem força em nossas vidas.

Quero agradecer a todas as minhas leitoras pela oportunidade que deram a esse lindo casal. Por terem dedicado algumas horas de seu tempo para lê-los e se encantar com essa história. Sem vocês, nada disso faria sentido.

Lorrane e Luana, vocês são as melhores amigas que eu poderia ter no mundo. Por favor, parem de brigar sobre quem será a Kiara em um filme! Amo vocês.

Meus pais e minha família,
vocês são tudo para mim.

Meninas do Facebook,
Wattapad, WhatsApp... O que seria
de mim sem os comentários e
pedidos de vocês? Vocês são mais
do que especiais, cada uma tem um
lugar guarado em meu coração.

E quero pedir um “obrigada”
especial a você, que está lendo
nesse momento. Palavras jamais
serão capazes de demonstrar toda a
minha gratidão.